

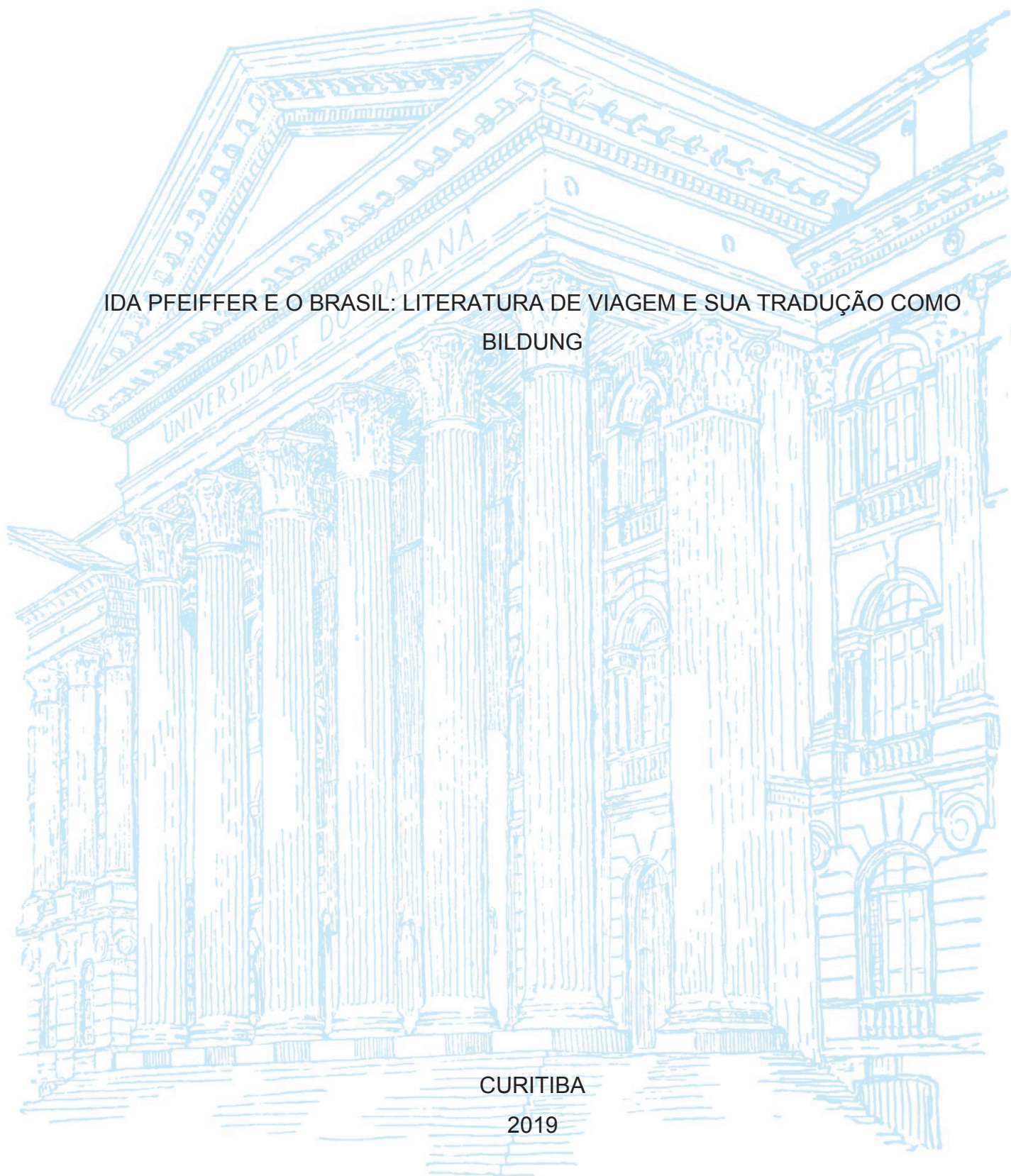
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GISELE JORDANA EBERSPÄCHER

IDA PFEIFFER E O BRASIL: LITERATURA DE VIAGEM E SUA TRADUÇÃO COMO
BILDUNG

CURITIBA

2019



GISELE JORDANA EBERSPACHER

IDA PFEIFFER E O BRASIL: LITERATURA DE VIAGEM E SUA TRADUÇÃO COMO
BILDUNG

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Letras, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Ruth Bohunovsky

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Eberspâcher, Gisele Jordana

Ida Pfeiffer e o Brasil : literatura de viagem e sua tradução como bildung. /
Gisele Jordana Eberspâcher. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Ruth Bohunovsky

1. Pfeiffer, Ida, 1797 – 1858 - Crítica e interpretação. 2. Brasil – Descrições
e viagens. 3. Tradução. I. Bohunovsky, Ruth, 1972 -. II. Título.

CDD – 910.4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **GISELE JORDANA EBERSPÄCHER** intitulada: **Ida Pfeiffer e o Brasil: literatura de viagem e sua tradução como Bildung**, sob orientação da Profa. Dra. RUTH BOHUNOVSKY, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APPROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Fevereiro de 2020.

RUTH BOHUNOVSKY

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

MARIA APARECIDA BARBOSA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

PAULO ASTOR SOETHE

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

A todas que ousaram colocar um pé na frente do outro até chegarem onde queriam.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este não se faz sozinha.

Começo agradecendo a minha orientadora, Ruth Bohunovsky, por ter me incentivado desde o primeiro dia da graduação de Letras.

Agradeço aos membros da banca de qualificação (Prof. Miriam Adelman e Prof. Paulo Soethe) pela ajuda necessária e os membros da banca de defesa (Prof. Paulo Soethe e Prof. Maria Aparecida Barbosa) pela disponibilidade.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Paraná, assim como a secretaria do programa, por tornarem tudo isso possível.

Não posso deixar de agradecer os professores que tive o prazer de encontrar neste caminho. Um país se faz de professores e, se dependesse de vocês, este seria um país muito melhor.

Agradeço também às bibliotecas – e suas equipes. A Wienbibliothek im Rathaus pelo seu incrível acervo de manuscritos, a Biblioteca Pública do Paraná pelos seus livros, e a Biblioteca da Universidade Federal do Paraná e a Biblioteca Municipal de Odense por terem sido meu abrigo durante tantas palavras.

Angélica Neri, Daniel Falkemback, Luiz Abdalla, Paulo Pacheco, Maria Gabriela Gusmão e Emanuele Siqueira: obrigada pelas conversas, apoios e conselhos. O caminho foi mais fácil por que vocês estavam nele. Agradeço também aos familiares e amigos que me apoiaram e, acima de tudo, entenderam minha ausência.

Por fim, agradeço a Alysson Ramos Artuso. Pela companhia, pelas jantas e por todos os ques que tirou deste texto.

Era primavera e me sentei um dia para escrever a respeito do caminhar, mas logo me levantei de novo, porque a escrivaninha não é lugar para se pensar em grandes proporções. (SOLNIT, 2016, p. 21)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pensar por que – e como – traduzir a obra da autora austríaca Ida Pfeiffer (1797–1856) para o português hoje. Viajante e escritora, Pfeiffer esteve no Brasil em 1846 e dedica a esta experiência os capítulos iniciais do livro *Eine Frauenfahrt um die Welt* [A jornada de uma mulher pelo mundo] – um texto que apresenta um relato fascinante de uma viajante ao mesmo tempo que endossa padrões coloniais e imperialistas de preconceito e visão de mundo. Para responder às perguntas acima, é proposta uma contextualização histórica da produção da autora, seguindo o proposto por Mary-Louise Pratt (2003) para interpretar autoras do período imperialista: levar em consideração os limites da produção que lhes eram impostos pela sociedade. Em seguida, é discutida a relação entre *Bildung* (enquanto processo de constante desenvolvimento) e tradução, proposta por Antoine Berman (2002), para pensar como a viagem e a escrita desempenharam uma função de *Bildung* para Pfeiffer e como uma tradução do texto se relaciona a isso. O estudo de Sarah Mills (1991) é usado para fazer uma análise das principais características da obra de Pfeiffer: a narrativa em primeira pessoa com um ponto de vista eurocêntrico, o gênero literário misto entre diário e relato, a ironia recorrente, a criação narrativa do outro, a construção narrativa do preconceito, a recorrente menção ao imaginário europeu, a construção descritiva por meio de comparações e a relação entre espaço físico e narrativo. Também é discutido como, por meio dessas características, o texto de Pfeiffer mostra indícios do processo de *Bildung*. Por fim, é apresentada uma tradução do texto, pensando que a tradução é, em si, uma *Bildung* do texto original, por criar uma nova versão do texto que é permeada por todas essas discussões.

Palavras-chave: Tradução. Relato de viagem. Relatos sobre o Brasil. Ida Pfeiffer. *Bildung*.

ABSTRACT

This work aims to reflect on why – and how – it is possible to translate the work from Austrian writer Ida Pfeiffer (1797-1856) to the portuguese today. Traveler and writer, Pfeiffer was in Brazil in 1846 and dedicates the first chapters of her book *Eine Frauenfährt um die Welt* [A woman's journey in the world] to this experience. The text presents both a fascinating travelogue of a female traveler as well as reinforcement of colonial and imperialistic racism and world views. To answer those questions, a historic contextualization of her production is proposed, as defended by Mary-Louise Pratt (In: Imperial Eyes, 2003) to interpret female writers of the imperialism, in which the researcher must consider the production limitations imposed to them during that time by the society. Secondly, the relation between *Bildung* (as a constant development process) and translation, as proposed by Antoine Berman (In: A prova do estrangeiro, 2002), is presented to think how both travelling and writing were means of *Bildung* to Pfeiffer herself, as well as how a translation of her text relates to this discussion. Sarah Mills research (Discourses of Difference, 1991) is also used to do an analysis of the main characteristics of Pfeiffers work: first person narrative and Eurocentric point of view, hybrid literary genre between diary and description, the recurrent irony, othering, the narrative construction of racism, the constant mention of the European imaginary, the use of comparisons as a descriptive tool and the relation between physical and narrative space. A discussion on how Pfeiffers text presents *Bildung* aspects on itself is also presented. Taking all of this in consideration, a translation of the text is done, seeing the translation as a *Bildung* of the original text, as it creates a new version of the text that is influenced by all of these discussions.

Keywords: Translation. Travelogue. Stories on Brazil. Ida Pfeiffer. *Bildung*.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
1 INTRODUÇÃO	6
2 IDA PFEIFFER E A LITERATURA DE VIAGEM	12
2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA DE VIAGEM.....	13
2.1.1 Alexander von Humboldt	19
2.1.2 Charles Darwin	25
2.1.3 Relação da Literatura de Viagem com o Brasil	26
2.2 LITERATURA DE VIAGEM E VIAJANTES MULHERES.....	31
2.2.1 Condições da Viagem	38
2.3 VIAJANTES MULHERES NO BRASIL	41
2.4 IDA PFEIFFER	48
3 BILDUNG E TRADUÇÃO	62
3.1 CONCEITO DE <i>BILDUNG</i>	62
3.2 <i>BILDUNG</i> E TRADUÇÃO	64
3.3 <i>BILDUNG</i> FEMININA	69
4 LEITURA E ANÁLISE DOS CAPÍTULOS INICIAIS DE “A JORNADA DE UMA MULHER AO REDOR DO MUNDO”, DE IDA PFEIFFER.....	73
4.1 CARACTERÍSTICAS DAS OBRAS DAS MULHERES VIAJANTES	74
4.2 CARACTERÍSTICAS DA OBRA DE IDA PFEIFFER.....	78
4.2.1 Narrativa em primeira pessoa e ponto de vista narrativo	79
4.2.2 Gênero literário.....	82
4.2.3 Humor: ironia	85
4.2.4 A criação narrativa do outro	86
4.2.5 Construção narrativa do preconceito e o pensamento sobre a escravidão	92
4.2.6 Imaginário.....	98
4.2.7 Comparação.....	101
4.2.8 Espaço	105
4.3 TRADUÇÃO (IN)FORMADA	108
5 A JORNADA DE UMA MULHER AO REDOR DO MUNDO.....	111
5.1 PREFÁCIO	111
5.2 CAPÍTULO 1 – VIAGEM AO BRASIL.....	112
5.3 CAPÍTULO 2 – CHEGADA E ESTADIA NO RIO DE JANEIRO	130

5.3.1 Algumas notas estatísticas sobre o Brasil	147
5.4 CAPÍTULO 3 – ARREDORES ESPETACULARES DO RIO DE JANEIRO	148
5.4.1 O morro Corcovado (2252 pés acima do nível do mar)	151
5.4.2 O palácio da família imperial	152
5.5 CAPÍTULO 4 – EXCURSÃO PARA A RECÉM FORMADA COLÔNIA ALEMÃ PETRÓPOLIS. TENTATIVA DE ASSASSINATO POR UM PRETO-MAROON.....	153
5.6 CAPÍTULO 5 – VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL	159
5.7 CAPÍTULO 6 – PARTIDA DO RIO DE JANEIRO. SANTOS E SÃO PAULO. TRAVESSIA DO CABO HORN. CHEGADA EM VALPARAÍSO.....	180
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	194
REFERÊNCIAS.....	196
ANEXO	200

1 INTRODUÇÃO

No dia 29 de agosto de 1846, uma senhora de 49 anos estava a bordo de um veleiro prestes a atravessar a Linha do Equador em direção ao Hemisfério Sul. Muito se falava no barco sobre a travessia e de todas as catástrofes que poderiam acontecer, desde a perda de todos os mantimentos, que estragariam subitamente, a males que poderiam afligir tanto os passageiros quanto a embarcação, com potencial inclusive de prejudicar a continuidade da jornada.

Eu me pergunto como se daria a cena hoje. Os passageiros estariam em um avião rumo a um destino exótico sobre o qual circulam poucas informações. Não há nenhum guia de viagem sobre o país nem informações sobre ele na Internet. Há apenas alguns conhecidos distantes com informações dispersas e poucas obras de cunho mais científico fazendo descrições de natureza, mas pouco sobre a sociedade em si. Já no avião, rumo a esse destino, os passageiros começam a compartilhar todos os terrores que ouviram dizer que aconteceria em determinado momento da viagem. Trocamos um país exótico por um planeta habitado e o avião por uma nave espacial e obtemos o roteiro básico de uma obra de ficção científica – o que aconteceria com nossos personagens quando saíssem do Sistema Solar? E, ainda, como contariam essa história?

No caso da austríaca Ida Pfeiffer, personagem principal do primeiro parágrafo e do resto desta dissertação, viajando no século XIX ao Hemisfério Sul pela primeira vez, a resposta para essa pergunta é a ironia. "Quanto a mim, alegrava-me com as histórias trágicas que poderia apresentar para meus leitores – os via vertendo lágrimas com as narrações dos nossos sofrimentos e eu já me via como uma quase mártir!" (PFEIFFER, 1850, p. 21–22)¹, começa a relatar. Se Pfeiffer sentiu algum medo quando a embarcação *Caroline* trocava de hemisfério, não sabemos. Só sabemos que a experiência continua sendo relatada com humor, mesmo quando a expectativa de proezas heróicas se frustra: "Ah! Tristemente me enganei. Nós todos permanecemos em boa saúde – e nenhum dos marinheiros se afogou em

¹ Todas as traduções de textos de Ida Pfeiffer são da autora da dissertação e referenciados na edição base – a tradução integral no texto traduzido é apresentada no capítulo cinco. Textos citados em outros idiomas são apresentados com traduções minhas no corpo do texto e em sua versão original em nota de rodapé.

exaustão –, o navio não pegou fogo e as provisões não estragaram: apenas continuaram tão ruins como eram antes" (PFEIFFER, 1850, p. 22).

Talvez seja difícil para um leitor de hoje imaginar quão árduo, improvável e incomum era viajar para outro hemisfério na primeira metade do século XIX. Sem a popularização da viagem e do turismo, com custos à época mais altos e informações incertas, a viagem era para os poucos que tinham condições financeiras e coragem. A situação se complica mais quando pensamos que isso foi feito por uma mulher de idade avançada para o período. Todos esses fatores ajudam a explicar um certo apelo que essas narrativas podem ter a um leitor de hoje.

Não foi diferente comigo. Descobri a autora quando trabalhei em um projeto de tradução com a Prof. Dra. Ruth Bohunovsky. Durante um semestre do curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, traduzimos os 11 cartazes que compõem a exposição Kalliope², que conta inúmeras biografias de mulheres importantes para a cultura e a sociedade austríacas – entre elas Pfeiffer. Não bastasse ser viajante e escritora, Pfeiffer veio ao Brasil em 1846 – descobertas que me levaram ao desenvolvimento desta dissertação.

Conforme minha leitura da autora avançava, percebi que falar sobre ela e traduzir parte da sua obra seriam mais desafiadores do que imaginara em um primeiro momento. Se por um lado é empolgante entrar em contato com o texto de uma autora em suas aventuras pelo mundo e ver uma mulher ser protagonista de narrativas normalmente dominadas por homens, é difícil ignorar um tom em suas descrições que hoje seria definido como preconceituoso e racista. Ao observar as diferentes realidades com as quais entra em contato, julga a todos com uma moralidade centrada em um contexto europeu do século XIX – a partir da qual olha para negros e povos indígenas com preconceitos e uma sensação de suposta superioridade. Suas observações são irônicas e etnocêntricas, divertidas e preconceituosas, libertadoras e excludentes. Todas as contradições deixaram sua voz mais e mais complexa e a tarefa de lidar com ela mais desafiadora.

² O projeto contou com outros 10 participantes e o material foi exposto no Instituto Goethe de Curitiba entre os dias 10 e 22 de abril de 2018. Além disso, foi exposto também na Reitoria da Universidade Federal do Paraná, no centro cultural Muma, também em Curitiba, e em instituições de ensino do Paraná e de Portugal. O projeto teve apoio da Embaixada da Áustria, que tem a posse da exposição atualmente para organizar mostras futuras.

Pensando sobre o contexto de produção de várias imagens que ilustram a relação entre brancos e africanos escravizados no Brasil Colonial, Lilia Moritz Schwarcz (2018) defende a necessidade de confiar e desconfiar, ao mesmo tempo, do olhar deixado pelos europeus sobre o país nesse período. Segundo a historiadora, essas imagens seriam fontes documentais de "roupas, costumes, arquiteturas, formas de governo e de lazer, hierarquias, práticas religiosas e culturais" (2018, p. 43). Concomitantemente, carregam o olhar desses estrangeiros sobre o país: "qualquer artista embute imaginação, intenção e engenho no produto que entrega à sua clientela" (2018, p. 44), adverte. Adoto um olhar parecido para a narrativa textual de Pfeiffer: ao mesmo tempo que sua escrita é uma fonte documental importante (a ponto de ter sido uma das fontes usadas por Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*) e um texto literário prazeroso e instigante, vejo em sua construção narrativa várias marcas próprias à realidade da escritora. Acredito e defendo que buscar entender e contextualizar o pensamento de Pfeiffer não seja uma tentativa de justificar ou minimizar seu preconceito, mas sim uma tentativa de entender ou decodificar os mecanismos pelos quais ocorre. A imagem criada do Brasil no passado continua encontrando seus ecos no mundo de hoje; entender esses mecanismos permite evitar incorrer nos mesmos erros, além de nos conscientizar que também estamos presos nos limites que os discursos atuais nos impõem.

Assim, finalmente, chego à minha pesquisa. Um dos objetivos do meu projeto de dissertação foi, desde o começo, a tradução dos sete primeiros capítulos do livro *Eine Frauenfahrt um die Welt. Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Ost-Indien, Persen und Kleinasien* [A jornada de uma mulher pela mundo – Viagem de Viena para o Brasil, o Chile, o Taiti, China, Índia, Pérsia e Ásia Menor], nos quais a autora se dedica a narrar suas experiências no Brasil, a primeira parada da viagem que seria sua primeira volta ao mundo. Ao fazer isso, minhas perguntas de pesquisa são: Por que – e como – traduzir a obra de Ida Pfeiffer para o português hoje?

Começo o percurso com uma apresentação do contexto de produção da obra de Ida Pfeiffer, fazendo um breve histórico da literatura de viagem e apresentando alguns autores centrais do período, como Alexander von Humboldt e Charles Darwin. Faço também um breve levantamento da relação da literatura de viagem com o Brasil. Além disso, proponho uma discussão das obras deste gênero com autoras mulheres. Para isso, parto da leitura decolonial de Sara Mills, que analisa a obra de autoras britânicas contemporâneas a Ida Pfeiffer que visitavam territórios ingleses para pensar

nas possibilidades de leitura dessas obras hoje, considerando o constructo narrativo ambíguo apresentado por elas. Apesar da diferença entre elas (ao contrário das inglesas, Pfeiffer não visitava ou escrevia sobre colônias de seu próprio país natal), o contexto histórico faz com que as considerações sobre a produção literária por mulheres se mantenham válidas. Faço também uma apresentação breve da bibliografia da autora em questão.

No terceiro capítulo, faço uma discussão sobre tradução, pensando principalmente na relação entre o conceito de *Bildung* e tradução proposta por Antoine Berman (2002). Para tanto, uso a definição de *Bildung* como o processo de formação e desenvolvimento, seja do indivíduo, da língua, da nação, entre outros (o conceito será aprofundado no próprio capítulo). Esse processo, considerado constante, pode ser realizado por meio do contato com o estrangeiro. Partindo do pressuposto que a literatura de viagem na cultura germânica dialoga intimamente com o conceito de *Bildung*, pois a viagem em si é um contato com o outro levado ao leitor a partir da escrita, considero que o conceito se aplica à escrita de Ida Pfeiffer – que, aliás, faz referências ao conceito em seu próprio texto. A proposta de Berman em relação a esse conceito é pensar a produção de traduções também como parte de uma *Bildung*, pois possibilita o contato com o outro a partir de seu texto. Assim, se um indivíduo se propõe a um processo de *Bildung* tanto em viagens quanto no contato com uma literatura estrangeira, a escrita de relatos e a tradução literária seriam processos análogos, afinal, possibilitam o contato de leitores com essas experiências. Leitores e leitoras que, eles mesmos, não teriam acesso às excursões. O capítulo explora também os desdobramentos dessas reflexões para a presente pesquisa: como pensar a tradução de um relato de viagem de uma europeia do século XIX que fala sobre nós mesmos, os brasileiros? Podemos pensar em uma *Bildung* também neste caso? É possível aplicar este conceito a uma autora mulher?

Apresento no quarto capítulo uma análise do texto de Pfeiffer, elencando suas principais características narrativas, noções que, junto com a teoria apresentada, fundamentam a tradução. Para isso, passo por temas como narrador, gênero literário, a presença da ironia e como elemento humorístico, a narrativa literária do outro, o preconceito narrativo, a presença do imaginário, a comparação como ferramenta narrativa e o espaço narrativo.

Por fim, apresento a tradução dos sete capítulos (incluindo o prefácio) iniciais do livro *Eine Frauenfahrt um die Welt. Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti,*

China, Ost-Indien, Persen und Kleinasien [[A jornada de uma mulher pela mundo – Viagem de Viena para o Brasil, o Chile, o Taiti, China, Índia, Pérsia e Ásia Menor], nos quais a autora narra sua experiência no Brasil em 1846. Esse recorte do livro se justifica pelo seu maior interesse para os leitores brasileiros, além da necessidade de uma selecionar apenas um trecho da extensa obra, dado o tempo de desenvolvimento do mestrado.

O primeiro capítulo de *A jornada de uma mulher ao redor do mundo* se ocupa da descrição, em formato de diário, da viagem de barco entre a Europa e o Brasil e se encerra com a chegada do navio ao Rio de Janeiro. No capítulo seguinte, *Chegada e estadia no Rio de Janeiro*, Ida Pfeiffer se dedica a narrar sua experiência durante os dois meses que passou no Rio de Janeiro, assim como suas opiniões sobre a sociedade carioca.

No terceiro capítulo, *Excursões pelas Vizinhanças do Rio de Janeiro*, a autora relata alguns passeios que realizou em regiões próximas à cidade, como a colônia alemã Petrópolis e a área do Jardim Botânico. Atualmente, o parque está em uma localização relativamente central na cidade, dado a expansão urbana ocorrida no último século, mas na época de Pfeiffer a distância entre ele, o centro e a região do porto era considerável e constituía uma breve viagem.

Jornada pelo interior do Brasil, o quarto capítulo do livro, narra a excursão de Pfeiffer por regiões "não civilizadas" e seu encontro com os povos nativos do território brasileiro. Durante o caminho, teve a oportunidade de conhecer Herr Beske, um naturalista alemão que morava no interior do Brasil com sua esposa para pesquisar a fauna e a flora locais. A autora teve também uma espécie de panorama dos ciclos econômicos herdados do Brasil Colônia, podendo conhecer uma plantação de cana-de-açúcar, um sítio de mineração de ouro e uma lavoura de café. Em muitas dessas paradas, Pfeiffer era hospedada por donos de fazendas sem pagar nada por isso, dependendo da boa vontade das pessoas que encontrava no caminho. O objetivo da autora era alcançar uma tribo indígena, o que realizou depois de dias de viagem a pé pelo mato. O relato da estadia da austríaca no Brasil se encerra no capítulo cinco, *Travessia do Cabo Horn*, no qual relata sua breve passagem por Santos e São Paulo e sua chegada em Valparaíso.

Em seus textos, Pfeiffer oferece para os leitores suas observações e interpretações de mundo. Ela se põe constantemente na posição de estrangeira que observa outras realidades. A tradução, por sua vez, permite que o leitor brasileiro entre

em contato com o texto e, dada a diferença diacrônica, seja também um estrangeiro num Brasil passado, com hábitos desconhecidos para hoje.

2 IDA PFEIFFER E A LITERATURA DE VIAGEM

Entender Ida Pfeiffer em seu tempo compreende aspectos múltiplos: como mulher, como europeia, como viajante – na Áustria, em barcos, no Brasil, no mundo. Sua história perpassa a de todos os lugares nos quais esteve. Sua imagem como autora também não é homogênea, afinal, como poderia uma "senhora de idade", com uma aparência tão respeitável e até conservadora (como se pode observar no retrato feito em 1856 pelo alemão Franz Hanfstaengl, disponível no Anexo, p. 197), viajar sozinha pelo mundo? Buscar informações sobre o contexto no qual a autora estava inserida é uma tentativa de entender tanto se a autora pode ser vista como uma exceção dos paradigmas do tempo quanto também entender os pontos de divergência e de convergência de todos esses aspectos, tentando assim dar conta, ao menos minimamente, de tantas multiplicidades.

Durante meu percurso para conhecer Pfeiffer, me perguntei várias vezes o limite possível de se conhecer alguém que viveu há dois séculos. Meu primeiro encontro foi, claro, pelas suas obras, com descrições secas e poucas informações diretas sobre si mesma. Depois, através da obra da historiadora austríaca Gabriele Habinger, que dedicou a maior parte de sua pesquisa a viajante, e se tornou uma das minhas maiores fontes bibliográficas sobre a biografia de Pfeiffer. Minha busca me levou, então, à Biblioteca Municipal de Viena, que guarda uma coleção de cartas escritas por Pfeiffer para diferentes destinatários durante suas viagens – um conteúdo que, entre sua letra miúda e apertada e o papel fino e delicado, exige olhos treinados para decifrá-lo. E seus escritos pessoais revelam quase tão pouco quanto seus livros sobre a própria autora. Minha ida para museus etnográficos e de História Natural de Berlim, Viena e Londres serviram para me mostrar um pouco do contexto naturalista e alguns dos itens obtidos por Pfeiffer em suas viagens e vendidos para colecionadores em busca de meios para financiar suas próximas excursões, mas continuam não revelando muito sobre ela.

Fato é que, mesmo com todas as tentativas de conhecê-la, Pfeiffer continua sendo uma pessoa composta de papel e tipografia. Sua imagem só pode ser obtida por narrativas, seja a que ela mesma deixou (o que só pode ser feito levando-se em consideração que seus relatos de viagem estavam submetidos a convenções de gênero literário e limitados tematicamente por expectativas sociais do comportamento feminino, temas que serão discutidos adiante) ou aquelas escritas e criadas sobre ela

depois. Como o que resta dela é textual, é impossível dizer o quanto disso é impreciso, incorreto ou até mesmo ficcional. Compreendendo os limites dessa investigação, me proponho, neste capítulo, a explorar essas narrativas já existentes.

Começo com a viagem. É difícil pensar em um mundo sem viagens ou viajantes. O deslocamento é uma das bases para compreensão da humanidade e seu estar no mundo. Os relatos desses deslocamentos já constam nos nossos textos mais antigos. Mas mesmo que seja um gênero presente em todo o mundo, se relaciona de maneira diferente com épocas específicas. Por exemplo, no período das grandes explorações e no subsequente período colonial, esses textos passam a descrever as partes mais distantes do mundo e relatar movimentos globais de economia e migração. Esses textos são lidos como documentos ou narrativas literárias para leitores que buscam entrar em contato com um estrangeiro exótico ao qual não teriam acesso de outra forma³. Além de tratar desses assuntos, no presente capítulo, destaco autores, como Alexander von Humboldt e Charles Darwin, que, além de serem grandes nomes do gênero, mantêm uma relação cronológica de contemporaneidade com a Ida Pfeiffer. O percurso continua com as viajantes mulheres, autoras que ousaram entrar em um território marcadamente masculino, até chegarmos ao destino final, Ida Pfeiffer.

2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA DE VIAGEM

Um dos desafios da proposta de um breve histórico da literatura de viagem é saber quando começar. O nomadismo, por exemplo, foi mais presente na história da humanidade do que o sedentarismo – ainda que boa parte desta história não esteja mais acessível para nós exceto por estudos de orientação biológica. Mas foi a partir desse deslocamento humano que começamos a ocupar o globo. Relatos de viagem

³ A discussão sobre os relatos de viagem serem considerados ou não literatura é um tanto longa e não se mostrou pertinente para esta dissertação. Adoto, porém, o conceito de Luiz Costa Lima (2006), para quem a literatura é um campo discursivo heterogêneo que pode abarcar formas híbridas, ou seja, textos como os relatos de viagem, originados como documentos histórico-sociais e não sido necessariamente escritos com finalidade poética-ficcional, mas que alcançaram uma dimensão que ultrapassa seu caráter de inscrição primeira. Mary-Louise Pratt, em um dos livros mais centrais para a discussão da literatura de viagem, *Imperial Eyes* (2003), aponta que esse gênero pode ser um documento da exploração artística, um relato de uma aventura marítima, uma exploração científica ou ainda uma possibilidade capitalista – pois defende que, no período de exploração e colonização, esses textos serviam aos propósitos dos colonizadores.

existem nas obras literárias mais antigas, como a *Epopeia de Gilgamesh* (datado a partir de 2100 a.C.) ou a *Odisseia* (cerca de 700 a.C.). A própria Bíblia apresenta histórias de viagens feitas por vários motivos – de fuga de condições extremas à busca pelo lugar ideal para fundação de uma sociedade. Por questões do recorte de interesse do trabalho, não me ocupo em fazer um panorama geral da viagem ou da literatura de viagem. Além disso, tomo como definição de viagem o ato de se deslocar para outro lugar com intenção de retorno para o lugar de origem – fazendo com que o nomadismo ou a migração sejam excluídos do termo. Me dedico então a aprofundar mais a descrição do período de interesse para esta dissertação, que pode ser definido como a época naturalista. Ademais, só conhecemos as viagens que resultaram em algum tipo de registro: ficcional ou factual, em primeira pessoa, documental ou histórico, privado ou público. A narrativa de viagem media todo o conhecimento que podemos ter da viagem em si. Tanto que Ottmar Ette (2018) define os relatos de viagem como uma literatura “sem morada fixa” – ou seja, uma literatura em constante movimento. Isso ressalta um aspecto espacial desse tipo de literatura, que se ocupa da descrição dos deslocamentos e dos novos espaços.

A jornalista portuguesa Sónia Serrano, autora do livro *Mulheres Viajantes* (2017), começa seu livro com um panorama da viagem e da literatura de viagem, afirmando que, apesar da viagem sempre ter existido para a humanidade, ela só começa a ser justificada abertamente com as peregrinações cristãs a locais santos, como Santiago de Compostela. Apesar de apresentar um começo tardio, importa para este trabalho que esse tipo de peregrinação realizada durante a Idade Média gerou uma literatura de viagem de cunho religioso, incluindo textos de autoras. Ainda segundo Serrano (2017), essas viagens começam aos poucos a dar lugar para as Cruzadas. “Não é, pois, surpreendente que a peregrinação tenha dado lugar à Cruzada. A viagem ascética transformou-se numa viagem de conquista de poder. De conquista da terra onde se encontrava a força espiritual”, afirma Serrano (2017, p. 20).

O sentimento europeu de superioridade, já presente na expansão territorial próxima das Cruzadas, se transforma no espírito expansionista que leva às Grandes Navegações: “O Renascimento será caracterizado pelo desejo de exploração e descoberta, de que as viagens marítimas portuguesas são um notável exemplo” (SERRANO, 2017, p. 20). Neste momento começa a configuração de mundo e de viagem de interesse desta dissertação.

A austríaca Gabriele Habinger (2006), em seu estudo sobre mulheres viajantes *Frauen reisen in die Fremde* [Mulheres viajam ao exterior], afirma que, nesse período, elas eram poucas. A literatura produzida durante o período de exploração serve como documentação do que acontece nos cantos mais recônditos do mundo e passa, aos poucos, a responder a outros interesses. A descrição das regiões é usada como base para a colonização, respondendo aos interesses dos colonizadores (o objetivo seria, por exemplo, descobrir quais recursos naturais poderiam ser explorados ou detalhes geográficos relevantes para essa exploração). Por exigir coragem e força, este era um mundo socialmente destinado aos homens.

O período colonial é marcado pelo fim das explorações e pelo início do fluxo migratório de europeus, que passam a ocupar espaços já habitados por povos nativos. Habinger (2006) afirma que, com o avanço na criação de colônias, os relatos de mulheres viajantes se tornam mais frequentes, pois muitas filhas e esposas acompanhavam homens designados a cargos públicos em vários lugares do mundo. O fim das guerras napoleônicas e as inovações tecnológicas do começo do século XIX, principalmente em termos de transporte e comunicação, começam a mudar o mundo das viagens, resultando em dois fenômenos: o turismo de massa e o naturalismo. Segundo Serrano, as inovações tecnológicas "trazem um enorme desenvolvimento das possibilidades de deslocamento do cidadão comum, encontrando-se neste século a gênese do turismo. É por essa altura que começam a aparecer os guias turísticos de grande tiragem" (SERRANO, 2017, p. 22). A primeira agência de viagem, fundada pelo inglês Thomas Cook em 1841, e é o marco para o turismo moderno, que se baseia na noção de viagem com objetivo em si mesma (SERRANO, 2017).

Já o naturalismo tem seu marco inicial um século antes disso. Tomo como base para esta discussão o livro *Imperial Eyes* [Olhos Imperiais] (1992), um dos textos centrais para a discussão dos relatos de viagem a partir uma perspectiva decolonial, da pesquisadora americana Mary Louise Pratt. Neste trabalho, a autora se esforça em ler e interpretar não só os grandes textos da literatura de viagem, mas também o contexto histórico e social nos quais eles estavam inseridos. Pratt se ocupa da intersecção entre as características principais da escrita de viagem e o imperialismo, pensando em uma relação muito próxima entre eles. Uma das perguntas centrais da pesquisadora é: como a viagem e o relato de viagem produziram "o resto do mundo"

para os leitores europeus em momentos específicos da trajetória expansionista da Europa?

Para Pratt, o naturalismo é o momento de emergência da história natural como estrutura de conhecimento – o que acontece de forma paralela ao aumento da exploração interna dos espaços conquistados. No naturalismo, equipes interdisciplinares de cientistas entram em vários países do "Novo Mundo" para descrever e categorizar sua natureza, em contraposição à exploração marítima. O objetivo dessas viagens são o registro de dados e a catalogação do mundo. Pratt defende que essa mudança é o registro de uma transformação do próprio sistema capitalista, afinal, com ela se inaugura uma fase de consolidação das formas burguesas de subjetividade e poder, que buscam em outros lugares materiais com potencial lucrativo. Além disso, naturalistas foram responsáveis pela autoria de muitos livros de viagem nos séculos XVIII e XIX e foram a base para o desenvolvimento do pensamento científico da época.

Pratt aponta também uma data de início desse processo: 1735. O ano é marcado por dois grandes eventos – a publicação do *Sistema Natural*, de Carl Linné, e o começo da expedição de La Condamine. Segundo Pratt (2002, p. 15):

Como me proponho a argumentar, esses dois eventos, e sua coincidência, sugerem dimensões importantes de mudança na compreensão das elites europeias de si mesmas e suas relações com o resto do mundo. (...) A emergência de uma nova versão do que eu gosto de chamar de “consciência planetária” europeia, uma versão marcada por uma orientação para a exploração interna e a construção de um sentido em escala global de aparatos descritivos de história natural.⁴

O naturalista sueco Carl Linné lançou um projeto de grande porte: um sistema a partir do qual seria possível categorizar todas as plantas do planeta, mesmo as que ainda não eram conhecidas pelos europeus. A aceitação desse trabalho pelos europeus foi grande e logo alunos e outros adeptos do sistema começaram a viajar pelo mundo em busca de espécimes para catalogação. Para Pratt, a viagem e a literatura de viagem nunca mais seriam as mesmas depois da publicação do sistema,

⁴ “As I propose to argue, these two events, and their coincidence, suggest important dimensions of change in European elites’ understandings of themselves and their relations to the rest of the globe. (...) The emergence of a new version of what I like to call Europe’s “planetary consciousness,” a version marked by an orientation toward interior exploration and the construction of global-scale meaning through the descriptive apparatuses of natural history”.

tanto que, na segunda metade do século XVIII, "não importa se o objetivo de uma expedição era ou não científico, ou se o viajante era ou não cientista, a história natural teria espaço. Coletar espécies, construir coleções, nomear espécies novas e reconhecer as já catalogadas eram temas comuns nas viagens e seus relatos⁵" (PRATT, 2003, p. 27). A autora defende, ainda, que essa maneira de sistematizar a natureza criou uma consciência planetária eurocêntrica, e a literatura de viagem proveniente dela é tida como uma das práticas mais vitais da história natural.

Já a expedição de La Condamine (conhecida pelo nome de um de seus integrantes, o geógrafo Charles de la Condamine) pretendia determinar o formato da Terra (não se sabia se o planeta tinha ou não um achatamento nos pólos). Especialistas de várias áreas foram enviados para participar do projeto, aproveitando a jornada e pesquisando outros aspectos dos locais visitados. Além de resolver a questão científica (esferóide achatado nos polos) e ser fonte de várias pesquisas, a expedição gerou vários relatos de viagem, sendo um marco para o gênero – vários de seus membros (inclusive o próprio La Condamine) escreveram memórias, diários e outros textos, que foram consumidos pelos leitores durante várias décadas – aumentando a fama da expedição cada vez mais.

A popularização do gênero criou obras que se afastam dos paradigmas científicos e se aproximam de relatos jornalísticos ou narrativos, que aproximam o mundo das explorações científicas de um público geral:

É claro que o empreendimento científico envolvia todo tipo de aparato lingüístico. Muitas formas de escrever, publicar, falar e ler trouxeram o conhecimento para a esfera pública e criaram e sustentaram seu valor. A autoridade da ciência era investida mais diretamente em textos descritivos especializados, como os inúmeros tratados botânicos organizados em torno das várias nomenclaturas e taxonomias. O jornalismo e as narrativas de viagens, no entanto, foram mediadores essenciais entre a rede científica e um grande público europeu. Eles foram agentes centrais na legitimação da autoridade científica e seu projeto global, ao lado de outras maneiras da Europa de conhecer o mundo e estar nele. Na segunda metade do século, os viajantes científicos elaboravam paradigmas discursivos que se distinguiam nitidamente daqueles que La Condamine herdou na primeira metade do século. (PRATT, 2002, p. 29)⁶.

⁵ "Whether or not an expedition was primarily scientific, or the traveler a scientist, natural history played a part in it. Specimen gathering, the building up of collections, the naming of the new species, the recognition of known ones, became standard themes in travel and travel books".

⁶ "Of course scientific enterprise involved all manner of linguistic apparatuses. Many forms of writing, publishing, speaking, and reading brought the knowledge into being in the public sphere, and created

Considerando que a literatura de viagem encontrou inúmeros leitores e se tornou uma indústria rentável, os trabalhos mais subjetivos e *naïve*, como definiu Pratt (2002, p. 87), se consolidaram entre o público e se tornaram uma expressão de um indivíduo dentro das relações coloniais e das fronteiras imperiais. E as narrativas de viagem começaram a apresentar personagens "naturalizando", isto é, agindo como naturalistas (observando animais, coletando amostras, categorizando) causalmente, sendo seus autores cientistas ou não.

Ainda segundo Pratt (2002), o sujeito dessa produção é masculino, laico e letrado – o herói naturalista não é uma mulher. " Sua consciência planetária é produto do seu contato com a cultura impressa e infinitamente mais 'completa' do que as experiências vividas pelos marinheiros"⁷ (PRATT, 2002, p. 30). Isso só mostra o quanto dessa cultura também é narrativa. Pratt acrescenta ainda que a sistematização da natureza tem tanto a função de determinar quem a categoriza e a explora quanto de determinar as autoridades da produção desse conhecimento e de quem pode ter seu trabalho publicado (assim como a autoridade das pessoas que controlam esse processo). O naturalismo responde a funções imperialistas e de acesso de conhecimento. Em essência, " a história natural concebeu um mundo de caos do qual os cientistas produziam ordem"⁸ (PRATT, 2002, p. 30). E a ordem era dada por meio de livros, coleções, mapas – fazendo com que a escrita tenha um papel vital no período.

A seguir, aprofundo a apresentação de dois viajantes especificamente: Alexander von Humboldt e Charles Darwin. Tal escolha se justifica pelas características de seus trabalhos: Humboldt apresenta uma produção marcada tanto por uma busca científica como por uma visão mais romântica do mundo. Foi uma grande influência para a produção de Pfeiffer, com quem chegou a se corresponder. Já Darwin é provavelmente um dos cientistas pesquisadores mais conhecidos e

and sustained its value. The authority of science was invested most directly in specialized descriptive texts, like the countless botanical treatises organized around the various nomenclatures and taxonomies. Journalism and narrative travel accounts, however, were essential mediators between the scientific network and a larger European public. They were central agents in legitimating scientific authority and its global project alongside Europe's other ways of knowing the world, and being in it. In the second half of the century scientific travelers would work out discursive paradigms that sharply distinguished themselves from the ones La Condamine inherited in the first half of the century".

⁷ "His planetary consciousness is the product of his contact with print culture and infinitely more 'complete' than the lived experiences of sailors".

⁸ "Natural history conceived of the world as a chaos out of which the scientist produced an order".

chegou a passar pelo Brasil um pouco antes da austríaca. Embora os diários de Darwin tenham sido publicados em 1839, é impossível saber se Pfeiffer chegou a ter contato com o texto. Mas ele é um exemplo importante para vermos o estado da viagem e da exploração no momento.

2.1.1 Alexander von Humboldt

Andrea Wulf, biógrafa de Humboldt, usa o termo *invenção da natureza* para descrever o efeito dos trabalhos do naturalista alemão. Para Wulf, ele se distanciou consideravelmente do trabalho realizado pelos naturalistas até então, pois foi capaz de ver uma ligação entre diferentes elementos da natureza. Para ele, elementos da flora e da fauna se relacionavam com o clima, as latitudes, longitudes, altitudes etc. Segundo Humboldt, todos os elementos funcionavam em harmonia. Partindo disso, foi capaz também de perceber o que afetava essa harmonia. "Humboldt foi o primeiro a associar o colonialismo à devastação do meio ambiente. Repetidamente seus pensamentos voltavam-se à natureza como uma complexa teia de vida, mas também ao papel do homem no âmbito dessa rede" (WULF, 2016, s.p.). Humboldt se torna, assim, uma voz crítica importante ao colonialismo europeu e seu discurso é usado como argumento dos movimentos de independência de alguns países da América do Sul.

Alexander von Humboldt nasceu em 1769 – mesmo ano que Napoleão – e foi um dos primeiros cientistas a explorar em profundidade a natureza da América Latina. Segundo Wulf, sua infância foi marcada por um distanciamento da família – seu pai faleceu quando tinha apenas oito anos e sua mãe era fria com ele e seu irmão mais velho, Wilhelm. Criados em meio de livros e uma educação muito rígida, os dois se tornaram importantes intelectuais de seu tempo – seu irmão mais preocupado com linguagem e filosofia, enquanto ele estava mais ocupado com as ciências naturais.

O interesse por ciências naturais e explorações surgiu desde cedo, mas obstáculos, de ordem pessoal e política (como as guerras napoleônicas e a política colonial, que normalmente não permitia a entrada de estrangeiros em colônias) fizeram com que suas viagens não começassem tão cedo quanto gostaria. Partiu apenas em 1799 para as colônias espanholas, acompanhado de seu amigo, também cientista, Aimé Bonpland. Os dois ficam cerca de cinco anos viajando por diferentes

cantos de todas as Américas, com foco especial na região noroeste da América do Sul.

Como o governo espanhol tinha uma política fechada em suas colônias, havia até o momento poucos relatos sobre a América do Sul. Logo que volta, Humboldt começa a produzir um conteúdo vasto sobre o tema – um catálogo de botânica, um livro de viagem, uma exposição, inúmeras falas e palestras e seu *Cosmos*, no qual quer dar conta de sua teoria de compreensão do mundo, um total que compreende quase 30 volumes publicados. "A fome por informações de primeira mão sobre a América do Sul era generalizada e intensa, e Humboldt havia se transformado em uma enciclopédia ambulante do assunto. Deu palestras, organizou reuniões, escrevia centenas de cartas, visitou dignitários e permanecia incansavelmente (e, para alguns, exaustivamente) em salões"⁹, comenta Pratt (2002, p. 117).

Humboldt ainda viajaria muito pela Europa e faria uma viagem para a Rússia oriental, mas sua visita à América do Sul foi um dos grandes marcos de sua carreira e de sua vida pessoal. O autor faleceu em 1859.

Os anos entre 1800 e 1850, nos quais são publicados e repercutidos os resultados das pesquisas feitas nesses anos de viagem, são nomeados por Pratt (2002) como "Reinvenção da América", um processo que a autora atrela diretamente a Humboldt. A jornada, para Pratt, teria criado a base para as primeiras décadas do século XIX, com revoltas populares, invasões estrangeiras e guerras de independência que aconteceram em vários lugares da América Espanhola¹⁰. "Em um momento em que as restrições de viagem se afrouxaram e começaram a enviar dezenas de viajantes europeus para a América do Sul, Humboldt permaneceu o interlocutor mais influente no processo de reimaginação e redefinição que coincidiu com a independência da América Espanhola da Espanha"¹¹, afirma Pratt (2002, p.

⁹ "The hunger for firsthand information on South America was widespread and intense, and Humboldt had made himself a walking encyclopedia. He gave lectures, organizes meetings, wrote letters by the hundred, visited dignitaries, held forth tirelessly (and, for some, tiresomely) in salons".

¹⁰ Durante os séculos iniciais da colonização da América do Sul, os reinos de Portugal e Espanha restringiam intensamente o acesso de estrangeiros às suas colônias. No Brasil especificamente, a situação começa a mudar com a vinda da família real para o país, que se torna a sede do império, durante as Guerras Napoleônicas.

¹¹ "At a time when loosening travel restrictions began sending European travelers to South America by the dozen, Humboldt remained the single most influential interlocutor in the process of reimagining and redefinition that coincided with Spanish America's independence from Spain".

111). Humboldt foi, por exemplo, uma influência relevante para Simón Bolívar, futuro líder das revoluções da América do Sul, que o conheceu na Europa quando jovem.

A reinvenção da América começa com uma maneira diferente de se ver a natureza. Uma literatura puramente imperialista está preocupada em como é possível obter lucro máximo com as colônias, enquanto os naturalistas se ocupam em acessar, reconhecer, categorizar e colecionar a natureza. Humboldt, segundo Pratt (2002, p. 120), apresenta a natureza como extraordinária e dramática, "um espetáculo capaz de sobrecarregar o conhecimento e compreensão humanas"¹². A partir de uma natureza assim, repensa as sociedades que estão ao redor dela, criticando e criando a base de reinvenção política no continente.

Mas, além de ser um dos primeiros a terem a chance de explorar a América do Sul e de ter uma visão diferente de outros autores, Humboldt mostra também algumas diferenças de estilo e de escrita em relação aos seus antecessores. Para Wulf (2016), uma das grandes diferenças se dá no livro *A Narrativa Pessoal*, na qual o autor combina um aspecto científico com uma descrição artística da paisagem. "Uma vez que descreveu um continente que poucos tinham visto, Humboldt cativou sua imaginação. Suas palavras eram tão evocativas, escrever o *Edinburgh Review*, que 'o leitor toma parte em seus perigos, compartilha seus medos, seus sucessos e decepções'" (WULF, 2016, posição 3346). A principal reinvenção se dá em termos de descrição da natureza. Se seu projeto começa de maneira similar ao de Lineé, aos poucos sua maneira de interpretar a natureza muda. Para ele, a natureza não era reconhecível, colecionável e categorizável (como era para Lineé), mas dramática, extraordinária, quase incompreensível – um sentimento que fica explícito em sua escrita. Pratt, por exemplo, afirma: "Escritos de viagem no sentido imediato, esses trabalhos não especializados também são experiências discursivas ousadas nas quais, como argumentarei, Humboldt procurou reinventar a imaginação popular da América e, através da América, o próprio planeta"¹³ (2002, p. 119). Ainda, a ênfase de Humboldt na harmonia faz com que muitos críticos o aproximem de uma estética romântica.

¹² "A spectacle capable of overwhelming human knowledge and understanding".

¹³ "Travel writings in the immediate sense, these non-specialized works are also bold discursive experiments in which, as I will argue, Humboldt sought to reinvent popular imaginings of America, and through America, the planet itself".

O pensamento e os escritos de Humboldt foram muito influentes, política- e cientificamente. Ele foi um dos admiradores da obra de Pfeiffer, se correspondendo com a autora e defendendo sua presença nas sociedades geográficas. Como relata Habinger (2008):

Ida Pfeiffer dirige-se então de Hamburgo para Berlim, onde visita Alexander von Humboldt novamente. Enquanto isso, Humboldt descreveu a mulher vienense como "minha Ida" em uma carta ao rei prussiano Friedrich Wilhelm em 1855, e lamenta que ela "permaneceu apenas por alguns dias" durante sua visita. (p.131)¹⁴

Outro material interessante é um recorte de jornal com duas cartas de Humboldt para Pfeiffer (o recorte está disponível Wienbibliothek im Rathaus, sem indicação da publicação original). As cartas datam de fevereiro de 1856 – na primeira, o autor expressa sua admiração e marca um horário para visitá-la (a autora estava então em Berlim). Na segunda, relata o interesse do rei em conhecê-la e propõe novamente uma data de encontro.

¹⁴ “Von Hamburg begibt sich Ida Pfeiffer nach Berlin, hier besucht sie neuerlich Alexander von Humboldt. Die beiden Reisenden verbindet mittlerweile ein herzlicher Verhältnis, so bezeichnete Humboldt die Wienerin 1855 in einem Schreiben an den preußischen König Friedrich Wilhelm als „meine Ida“, und er bedauert, sie bei ihrem Besuch nur „einige Tage besessen“ zu haben“.

FIGURA 3: CARTAS DE HUMBOLT PARA PFEIFFER.

2) in 1V. 147. 954

Kunst, Literatur und Theater.

Zwei Briefe Alexanders von Humboldt an Frau Ida Pfeiffer.

Die Ehren, welche man in Berlin der Frau Ida Pfeiffer erwies, sind bereits mehrfach in verschiedenen Journalen erwähnt worden und um so bedeutungsvoller, als sie von der Zierde der Gelehrtenwelt ausgingen. Ganz besonders interessirten sich für die Reisende Alexander v. Humboldt, Lessius und der Geograph Ritter. Diese Herren ließen keine Gelegenheit vorübergehen, ohne ihr die freundschaftlichsten und ehrendsten Gesinnungen darzulegen, und Alexander v. Humboldt selbst vermittelte es, daß Frau Ida Pfeiffer dem Könige und der Königin vorgestellt wurde. Der ganze Hof, und an der Spitze desselben der vielgereifte Prinz Adalbert, zeigten, so lange ihr Aufenthalt in Berlin dauerte, das lebhafteste Interesse für sie, während die Gesellschaft der Naturforscher und die geographische Gesellschaft sie zum Mitgliede ernannten. Auch wurde ihr vom Könige die goldene Medaille für Kunst und Wissenschaft verliehen.

Welches große Interesse und welche herzliche Zuneigung der ehrwürdige Alexander v. Humboldt für unsere Landsmännin hegte, mögen die beiden nachstehenden Briefe des greisen Gelehrten bezeugen:

Erster Brief.

Wie soll ich Ihnen, hochverehrte Frau, lebendig genug den Ausdruck meines innigen Dankes, ich könnte sagen meine Bewunderung, darbringen. Bewunderung verdient nicht bloß die Ausdauer, Kühnheit, der Reichthum des Gesammelten (es stellt gleichzeitige Zustände zu einer bestimmten Epoche auf dem ganzen Erdkreise dar!), nein, vor Allem die edle Einfachheit der Darstellung, die freien, rein menschlichen Gefühle, das schöne Unbewußtsein eigenen Verdienstes. Sie waren in meinem majestätischen Hochlande von Quito; Sie haben (was so selten ist) den Catopari speien sehen. Dieser neue Ausbruch soll mir Gelegenheit geben, meinen vierten Band des „Kosmos“ mit dem Namen Ida Pfeiffer zu schmücken. Sollten Sie heute (Freitag) Morgen ausgehen, so erfreuen Sie mich, edle Frau, mit Ihrem Besuche zwischen 1 und 3 Uhr; auf jeden Fall komme ich morgen Sonnabend zwischen 1 und 2 Uhr zu Ihnen.

Berlin, 22 Februar 1856.

Berehrungsvoll

Ihr

A. v. Humboldt.

Zweiter Brief.

Nicht bloß die Königin, sondern auch der König wünschen Sie, meine hochverehrte Freundin, zu sehen und Ihnen die Achtung auszudrücken, die Ihrem Muth und der edlen Einfachheit Ihrer Gesinnung, wie der strengen Wahrhaftigkeit Ihrer Darstellungen so allgemein gezollt wird. Die Majestäten wünschen Sie nächsten Donnerstag, 28. Februar, um 1 Uhr im Berliner Schlosse zu empfangen. Möge Ihnen der Tag nicht unangehm sein.

Ueberreichen Sie der Königin ein Exemplar Ihrer letzten schönen Weltreise. Dienstag Nachts. Berlin, 26. Februar 1856.

Ihr anhänglichster

A. v. Humboldt.

Um dos leitores dos livros de Alexander von Humboldt foi Charles Darwin. Segundo Wulf (2016), Darwin fez várias anotações nas suas edições dos livros de Humboldt durante sua viagem a bordo do Beagle.

2.1.2 Charles Darwin

Charles Darwin (1809–1882) ficou conhecido como o cientista que desenvolveu a teoria da evolução e está, provavelmente, entre os viajantes mais famosos. Sua pesquisa só tomou corpo depois de uma longa viagem, na qual observou e comparou a natureza de vários lugares do mundo. E uma de suas paradas foi o Brasil – o inglês esteve no país em 1832, uma data próxima à viagem de Ida Pfeiffer (que vem ao Brasil em 1846).

Darwin fez parte de uma expedição que, assim como a La Condamine, tinha objetivos científicos. Vários dos membros presentes na viagem deixaram seus relatos, mas muitos deles foram esquecidos dada a fama que Darwin obteve com sua produção posterior. Iniciada em 1831, a expedição levou cinco anos para chegar ao fim. No livro *A Viagem do Beagle – A extraordinária aventura de Darwin a bordo do famoso navio de pesquisa do capitão FitzRoy*, o pesquisador inglês James Taylor (2009) faz uma breve história dos anos passados a bordo do barco. Sobre sua passagem pelo Brasil, comenta que Darwin ficou "muitíssimo impressionado com o Brasil. Chegando ao Rio de Janeiro, fez descrições pormenorizadas e permaneceu em terra durante algum tempo" (TAYLOR, 2009, p. 99).

Além da pesquisa que desenvolveria nos anos seguintes e que seria publicada no livro *A Origem das Espécies* em 1859, Darwin deixou também um diário de viagem, no qual registra aspectos mais cotidianos da sua expedição (além de citar frequentemente livros de Humboldt). Sua chegada ao Rio de Janeiro data do dia cinco de abril de 1832:

De manhã, cheguei com Earle [pintor da expedição] aos degraus do Palácio. Depois, vagueamos pelas ruas, admirando-lhes a aparência movimentada e jovial. O plano da cidade é muito regular; as linhas, como em Edimburgo, correm paralelas e se cruzam em ângulos retos. As ruas principais que saem das praças são retas e largas. Observando-se as cores alegres das casas, ornamentadas por sacadas, e numerosas igrejas e conventos, e a multidão que se agita pelas ruas, conclui-se que a cidade é a capital comercial da América do Sul. A manhã foi para mim muito fértil em projetos – e, em Botafogo, Earle e eu encontramos uma casa agradável, que nos proporcionará ótimo alojamento. (DARWIN *apud* TAYLOR, 2009, p. 149).

Mesmo que a narrativa de Humboldt tenha inspirado o jovem Darwin a fazer suas viagens e ver a natureza como um todo em equilíbrio, a maneira elogiosa com a qual o alemão faz suas descrições da América Latina não parece ter influenciado o inglês. Assim como Ida Pfeiffer, Darwin faz um registro pouco positivo dos povos brasileiros, incluindo colonizadores e negros. Esse tema será levantado adiante.

2.1.3 Relação da Literatura de Viagem com o Brasil

O Novo Mundo – ou os territórios já ocupados por povos nativos encontrados e colonizados pelos europeus – só se tornou acessível para a maioria dos europeus por meio de relatos de viagem, já que eram poucos os que de fato viajavam até os novos territórios. Essa produção escrita é, portanto, responsável pela criação da imagem desses locais para os europeus. Nesse contexto, o Brasil se mostra como um caso muito particular. Depois do descobrimento, permanece por muitos anos longe das penas dos escritores, principalmente na época da União Ibérica, durante a qual questões de política colonial proibiram a vinda de viajantes e pesquisadores para as colônias espanholas e portuguesas na América do Sul. Com isso, o continente era pouco conhecido pela maioria dos europeus. Essa seção do trabalho busca, portanto, fazer um breve histórico da relação entre literatura de viagem com o Brasil por meio de uma revisão bibliográfica sobre o assunto. Uma das principais fontes para isso é a obra *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: Antologia de textos (1591–1808)*, na qual o historiador Jean Marcel Carvalho França (2007) apresenta o resultado de seu levantamento de 100 relatos de viagem escritos e publicados no período proposto sobre o Brasil, apresentando também pontos de convergência e divergência entre os diferentes textos.

Mas começo um pouco antes, com o que hoje entende-se como o primeiro relato escrito sobre o país: A Carta de Pero Vaz de Caminha¹⁵.

¹⁵ Trabalhos históricos recentes apresentam importantes revisões sobre o descobrimento do Brasil. Manuel da Silva Rosa, em seu livro *Portugal e o segredo de Colombo* (2019), propõe que a América já tinha sido encontrada muito antes do que o anunciado – e defende ainda que Portugal era muito discreta em relação às suas descobertas. Com isso em vista, é muito provável que a Carta de Pero Vaz de Caminha não tenha sido o primeiro documento sobre o Brasil. Ainda assim, apresento a carta neste momento por ela ainda ser considerada enquanto tal pela maior parte da historiografia literária brasileira.

Alfredo Bosi (2015), por exemplo, define a carta como "uma autêntica certidão de nascimento" do país (p. 14), e a insere dentro do gênero de literatura de viagem: "Espírito observador, ingenuidade (num sentido de realismo sem pregas) e uma transparente ideologia mercantilista batizada pelo zelo missionário de uma cristandade ainda medieval" (p. 14) seriam as características principais do documento histórico.

Já Sílvio Castro (2007) afirma:

A Carta se inscreve na particular expressão cultural portuguesa que se afirmou entre o fim do século XIV e o começo do XVI com as viagens e as descobertas marítimas. Um sentido universalista do comportamento, uma atitude realista diante dos fatos, uma aguda atenção para os menores detalhes, a abertura intelectual em relação ao diverso, a participação racional com os limitados confins do próprio universo conhecido e a correspondente ambição de conquista dos espaços materiais desconhecidos mas desejados, a capacidade de unir o sacro e o profano, o real e o abstrato, são algumas das características da nova cultura portuguesa. Nova em relação àquela típica, mais integrada nas tradições ibéricas, todavia confinada dentro dos limites de um isolamento sofrido por demasiado tempo. (p. 29).

Essas duas descrições, porém, não levam em conta uma informação crucial: embora tenha sido escrita em 1500, o documento permaneceu até 1773 guardado em arquivos reais e teve sua primeira publicação apenas em 1817, quando a família real portuguesa já estava no Brasil. Assim, apesar do peso do texto na história do país hoje – presente na definição de Bosi (2015) –, a carta teve uma relevância consideravelmente menor até o século XIX, pois ficou guardada por mais de 300 anos e, portanto, distante do amplo público leitor¹⁶. Assim, apesar de ser o primeiro relato de viagem sobre o Brasil conhecido e ter um impacto grande na historiografia sobre o Brasil depois da vinda da família real para o país, a Carta não tem um impacto grande na produção de relatos de viagem no período colonial.

Ainda antes do fechamento dos portos, os escritos do português Pero de Magalhães Gândavo também chamam a atenção. Segundo França:

¹⁶ Em termos de um efeito comparativo, as cartas de Américo Vespúcio, ainda que tenham autoria e veracidade questionáveis, tiveram uma circulação muito mais ampla. "As cartas de Vespúcio se multiplicaram feito um folhetim de sucesso. Não se têm, hoje, muitas notícias sobre as edições de então das cartas de Sevilha e de Lisboa. Mas, quando a *"Mundus Novus"*, entre 1503, ano em que já se podia encontrar nos livreiros de Paris numa versão em latim, e o seguinte, treze edições foram tiradas nessa língua. Entre 1505 e 1506, fizeram-se dez edições no alemão. Em 1508, já tinham sido feitas várias edições no holandês" (MARTINS, 1984, p. 19, in: VESPÚCIO, 1984).

(...) No Prólogo ao leitor de *Histórias da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, publicado em 1576, lamentava o pouco-caso com que seus conterrâneos vinham tratando a província de Santa Cruz e observava, não sem preocupação, que os estrangeiros tinham a terra "noutra estima" e sabiam suas "particularidades melhor e mais de raiz" que os próprios lusitanos. (FRANÇA, 2007, p. 91)

Apesar dessas duas menções, poucos escritos sobre o país foram produzidos em Portugal. Os próprios escritos de Gândavo não tiveram uma circulação ampla. Segundo França (2007), a obra parece ter enfrentado "problemas com a censura e foi retirada de circulação, daí – cogita-se – ela nunca ter sido reeditada e ter se mantido desconhecida do público europeu até o século XIX" (p. 96). Com isso, os relatos portugueses sobre sua própria colônia são escassos e de pouca relevância fora do país:

Os lusitanos, em tão extenso período, não publicaram uma única narrativa sobre o país que tenha ultrapassado os limites do pequeno reino e conquistado o público europeu – público, como vimos, ávido por escritos do gênero. Das grandes coleções de viagem, nenhuma saiu pelas prensas portuguesas ou ganhou uma tradução na língua de Camões. Nem mesmo a vasta correspondência jesuíta produzida nos trópicos conheceu edições em língua portuguesa (...). (FRANÇA, 2007, p. 96)

Exceções neste contexto são, segundo França (2007), os escritos na França Antártica (1555–1570), uma tentativa de invasão francesa no Rio de Janeiro, que foram mais disseminados pela Europa, ou ainda o relato de Hans Staden, alemão que veio ao Brasil duas vezes entre 1548 e 1549 em busca de riquezas. Seu livro foi publicado em 1557 e narra suas experiências no país, incluindo descrições de hábitos e costumes indígenas.

Com o fechamento dos portos em 1605, medida que buscava a preservação das riquezas da colônia para o Império Ibérico, a vinda de estrangeiros é limitada, fazendo com que as narrativas sobre o Brasil ficaram ainda mais restritas. As invasões estrangeiras no país são brechas do fechamento: a França Equinocial (1612–1615) e na Nova Holanda (1630–1654). Essas foram tentativas de outros reinos de estabelecerem colônias no território atualmente brasileiro que deixaram escritos (entre relatos de viagem e bélicos).

Durante o período em que os portos permaneceram fechados (até 1808), alguns poucos relatos sobre o país se popularizaram na Europa e criaram a imagem do Brasil e de seu povo para os europeus. Em seu estudo sobre os relatos de viagem

publicados durante o período colonial brasileiro, França (2007) identifica os seguintes padrões

Durante esse longo período, quase dois séculos e meio, as menções ao país em relatos de viagem serão breves, geralmente descreverão uma, duas, no máximo três cidades brasileiras, incidirão majoritariamente sobre regiões do litoral da colônia, farão diminutas referências e serão pouco simpáticas aos índios, trarão muitas informações marítimas e militares sobre os portos portugueses, concederão um enorme espaço às riquezas que eram ou que poderiam ser extraídas do país e, sobretudo, dedicarão especial atenção ao mundo, físico e moral, que os colonos lusitanos estavam edificando no novo mundo. (FRANÇA, 2007, p. 112)

Além desse padrão reconhecível entre as obras levantadas por França (2007), o autor menciona também o pequeno número de publicações e participações em coletâneas de viagem etc. Com isso, a criação de uma imagem de Brasil seria dada com base em alguns poucos relatos, com "descrições [que] primam pela mesmice, primam pela repetição dos mesmos temas, dos mesmos objetos e das mesmas abordagens" (p. 191). A única mudança diacrônica entre estes textos seria uma alteração de foco: se no começo a natureza e os índios estavam em primeiro plano, eles começam aos poucos a dar espaço para a sociedade construída pelos colonos em regiões mais próximas à costa.

Ainda segundo o historiador, as narrativas analisadas por ele mostram um país de extremos: de um lado uma natureza deslumbrante e abundante, por outro o grande problema da sociedade brasileira, simbolizado principalmente pelo colono. "O raciocínio é simples: a terra, em se plantando, tudo dá, no entanto, a qualidade do colono é tal que ela não rende nem a pálida sombra do que renderia – e progrediria – se estivesse nas mãos de um povo ordeiro e trabalhador" (FRANÇA, 2007, p. 283). Outra crítica frequente feita nesses relatos era a presença dos africanos escravizados e "incivilizados", que andavam pelas ruas e traziam um ar de "barbárie" para o país (FRANÇA, 2007).

Com essa descrição feita por França (2007), é possível ver a imagem do Brasil criada por esses relatos – um país de natureza incrível, mas socialmente desestruturado. Considerando o impacto dos relatos de viagem na produção intelectual do período, essa é uma imagem replicada constantemente por obras artísticas, filosóficas etc.

As narrativas de viagem – escritas por homens de países e grupos sociais variados, em estilo pouco cuidadoso e, na sua maioria, produzidas a partir de observações apressadas – criaram, praticamente sem qualquer concorrência, um vocabulário sobre o Brasil para os homens do Velho Mundo, um vocabulário que apresentou poucas variações ao longo dos três séculos que se seguiram à viagem cabralina e que se nutriu, em larga medida, de repetições, de dar a conhecer o conhecido, de reiterar, com pequenas variações, os mesmos temas e os mesmos personagens. Não obstante esse gosto pelas repetições – a "pouca originalidade", diríamos hoje –, tratou-se de um discurso com larga aceitação entre o público culto e que desfrutava, entre esse mesmo público, do estatuto de um discurso verdadeiro, ainda que passível de dúvidas, críticas e contestações. (FRANÇA, 2007, p. 284–285).

Vale ainda mencionar sobre o estudo de França (2007) que apenas 1 dos 100 relatos levantados tem a autoria de uma mulher: Jemima Kindersley, cujo livro foi publicado em 1777. Falaremos mais sobre ela adiante.

Os relatos de viagem começam a surgir com mais frequência quando a política isolacionista começa a se flexibilizar – a corte espanhola, por exemplo, permite a vinda de Alexander von Humboldt para a realização de suas pesquisas na América Latina. Mas a grande mudança aconteceria somente em 1808, quando a família real portuguesa se muda para o Brasil, tornando-o sede do Império ao fugir das Guerras Napoleônicas. Os portos são reabertos e mais estrangeiros têm permissão para entrar no país, fazendo com que as narrativas sobre o país também aumentem.

Existem pelo menos dois exemplos de expedições conhecidas que passaram pelo Brasil já citadas nesse trabalho: La Condamine e o Beagle. Mas mais do que somente listar esses acontecimentos, é importante também pensar como esses relatos escritos por diversos autores estrangeiros tiveram alguma influência no país. Mary Louise Pratt (2003), por exemplo, explora a maneira com que os escritos de Humboldt melhoraram a imagem que vários sul-americanos tinham de seus territórios e criou uma base argumentativa para movimentos de independência. Mas e quanto ao Brasil?

Um dos marcos dessa reabertura foi a Expedição Austríaca no Brasil, que ocorreu entre 1817 e 1835. O então imperador austríaco, Francisco I, era um grande entusiasta das descobertas naturais. "O casamento de sua filha Leopoldina com o sucessor do trono de Portugal D. Pedro I foi uma oportunidade excelente para enriquecer as coleções de História Natural e Etnográficas do Real Gabinete [Austríaco] e enviar uma grande expedição científica para o Brasil", relata Claudia Augustat (2016, p. 83). A equipe envolvia especialistas de diversas áreas, como minerologia ou zoologia. "Além de 9 répteis, 436 insetos, 200 conchas, 1.758 plantas,

110 diferentes sementes, 338 minerais e diversos peixes, a coleção continha também, segundo o inventário do museu, 112 objetos etnográficos" (AUGUSTAT, 2016, p. 84). E esta é a soma dos objetos recolhidos somente num primeiro momento da viagem – conforme avançavam, mais queriam avançar, e a soma final foi muito maior, podendo chegar a mais de dois mil objetos etnográficos.

O noivado da princesa austríaca Leopoldina com D. Pedro I foi um grande motivador da vinda de vários pintores para o país, como Thomas Ender (1793–1875). Além disso, despertou um certo conhecimento e interesse pelo país na Áustria.

Outro marco na expedição de viagem ao Brasil foi a Expedição de G. H. von Langsdorff, realizada de 1822 a 1829. Liderada pelo Barão Langsdorff, um alemão, percorreu 15 mil quilômetros, chegando a pontos recônditos dos atuais Mato Grosso e Amazonas. Com a participação de três pintores distintos, o objetivo era criar um catálogo imagético da natureza do país.

Uma das pesquisas sobre o impacto dessas narrativas na literatura brasileira é o livro *O Brasil não é longe daqui*, de Flora Süssekind (1990). A pesquisadora defende que as narrativas de viagem, pensando principalmente nos registros dos naturalistas, influenciaram a formação do narrador na prosa ficcional brasileira:

É, em especial, com dois gêneros diversos e às vezes associados, a literatura não-ficcional de viagens – sobretudo a que se refere ao Brasil – e o paisagismo – sobretudo o que tematiza vistas e exuberâncias tropicais ou cenas pitorescas do cotidiano ou na 'história' local –, que se constrói essa figuração inicial do narrador de ficção na produção literária da primeira metade do século XIX. (SÜSSEKIND, 1990, p. 20)

Um dos motivos para isso seria a imagem de superioridade intelectual dada aos naturalistas no meio brasileiro, que apenas começava a andar em termos de letramento e academicismo. Com isso, muitas das narrativas conhecidas e consumidas sobre o Brasil fossem produzidas por um olhar estrangeiro em vez de um olhar local.

2.2 LITERATURA DE VIAGEM E VIAJANTES MULHERES

É relativamente fácil encontrar histórias de narrativas de viagem que nos façam acreditar na inexistência de mulheres viajantes – homens são os grandes heróis das explorações. Mas, ao se debruçar um pouco mais sobre o fenômeno, se percebe

que elas não são exceções tão grandes quanto se imagina em um primeiro momento. Mary-Louise Pratt afirma, por exemplo, "os heróis naturalistas não são mulheres – nenhum mundo é mais androcêntrico do que o da história natural (o que não é dizer que não existem mulheres naturalistas)"¹⁷ (PRATT, 2003, p. 56). Também Sônia Serrano (2017), já no preâmbulo de seu livro *Mulheres Viajantes*, avisa: "Desde os tempos mais recuados da história, as mulheres sempre viajaram, fosse a sós, acompanhando pais, maridos, em peregrinação, missão, pesquisa ou pelo simples prazer de viajar. E deixaram testemunho disso" (p. 10). Essas mulheres encararam os desafios de seus tempos para adentrar não só um território masculino – o das viagens –, mas dois. Afinal, só sabemos da existência delas por conta de seus relatos, sendo a escrita também considerada um domínio masculino. "Nenhuma destas mulheres teve uma vida insignificante. Era necessário coragem e força de vontade para afrontar a sociedade e insistir na aventura geográfica que, por motivos diversos, inquietou tantas mulheres cujo destino óbvio era o lar" (SERRANO, 2017, p. 91). Já a historiadora Miriam Lifchitz Moreira Leite (1991), no livro *Livros de viagem (1803-1900)*, no qual discute os livros de viagem sobre o Brasil no período indicado, faz a seguinte afirmação sobre as mulheres viajantes:

A mulher viajante rompia alguns dos padrões mais incorporados e difundidos no século XIX – de condições de vida diferentes entre homens e mulheres. Não apenas a viagem é uma ampliação desmedida do espaço socialmente atribuído às mulheres, como aqueles que escrevem e publicam transgridem outros dois padrões aceitos para a vida feminina – que sejam caladas e sofridas e estabeleçam os elos entre as diferentes gerações da família de que fazem parte. Nos casos em que viajaram com os maridos, ainda assim transgridem essas normas, revelando-se publicamente através dos escritos e delegando aos membros da família que ficaram no país de origem o culto da família e de seus mortos. (LEITE, 1991, p. 100)

Gabriele Habinger (2006), no livro *Frauen reisen in die Fremde* [Mulheres viajam ao exterior], afirma que não é possível pensar e estudar o trabalho dessas mulheres sem contextualizá-las em seu período e condições sociais. As estruturas burguesas e patriarcais enfrentadas pelas viajantes dos séculos XIX e XX influenciaram fortemente suas obras – não somente a parte escrita, mas também a própria maneira de se viajar ou ainda a possibilidade da viagem em si. Para a

¹⁷ "The naturalist-heroes are not women – no world is more androcentric than that of natural history (which is not, of course, to say there were no women naturalists)".

pesquisadora austríaca, um dos pontos mais centrais para se pensar a obra das autoras era a mentalidade burguesa do período, baseada numa separação justificada por supostos fatores biológicos do papel de homens e mulheres na sociedade. Aos homens cabia a produção e o mundo externo, enquanto às mulheres cabia à reprodução e o mundo interno, doméstico. Separados entre esfera pública e privada, eram impostas características de gênero que ditavam o que cabia a cada um. Nesse contexto, tanto a viagem como a publicação da escrita eram vistas como âmbitos da esfera pública – inacessíveis, portanto, às mulheres. Ainda sobre o tema, Habinger afirma: “Não tem poder só quem possui o conhecimento, mas especialmente quem o produz e o aplica”¹⁸ (2006, p. 18). A lógica era cíclica: só homens poderiam lidar com conhecimento e, portanto, só eles teriam acesso a uma educação formal, sendo então capazes de também produzir conhecimento. Como mulheres não produziam conhecimento, considerava-se que não eram capazes de lidar com informações “sérias”, sendo ineptas para a produção intelectual. Mas tudo surge do fato de elas não terem acesso à educação em primeiro lugar, fazendo com que jamais conseguissem produzir conhecimento nos mesmos moldes dos homens. Mantinha-se o *status quo*.

Em termos de viagens, se encontram mulheres viajantes já na Idade Média em um contexto de peregrinação (um dos primeiros escritos femininos sobre viagem são tidos como as cartas de Egéria, sobre quem pouco se sabe, que datam do fim do século VI). O período das explorações, marcados pela aventura da descoberta, tem poucos registros de viajantes mulheres (apesar de eventuais mulheres terem participado da vida dos navios). O período colonial leva mais mulheres ao mar: quando filhas e esposas acompanham homens europeus nomeados a cargos públicos em territórios ultramarinos, muitas das quais deixaram relatos de suas experiências. Mas é justamente o período posterior, a partir do século XIX, que vê as mulheres viajantes surgirem como uma espécie de fenômeno cultural.

Ao refletir sobre o tema, Habinger (2006) enumera motivos para o aumento no número de viajantes mulheres. O primeiro deles é a melhora das tecnologias, fazendo com que as viagens ficassem mais baratas, rápidas e seguras. Isso provoca um aumento não só de viajantes mulheres, mas de viajantes homens também. Em

¹⁸ “Nicht nur, wer über Wissen verfügt, sondern im Besonderen wer es produzieren und anwenden kann, befindet sich in einer Position relativer Macht”.

segundo lugar, todo o contexto de produção de relatos de viagem se tornou um fenômeno que se retro-alimenta: textos já publicados inspiram novas viagens, que geram novos relatos e assim por diante. E essas publicações eram amplamente lidas: durante o século, mais de 10 mil títulos do gênero foram publicados em língua alemã (Habinger, 2006, p. 37) e consumidos amplamente por quem não tinha "coragem, dinheiro ou possibilidade" (idem, p. 61) de viajar, inclusive pelas mulheres (com acesso limitado à educação, os livros tinham também um papel central de educação para elas). Aos poucos, a literatura de viagem escrita por mulheres se torna um fenômeno editorial:

Em 1828, um resenhista irritado da Blackwood's Magazine reclamou da mediocridade da escrita de viagens contemporânea. O catálogo de infratores incluía 'o novato inexperiente', 'o engraçado superficial' e 'a mulher romântica, cujos olhos estão confinados a meia dúzia de salas de estar e que vê tudo através do meio da ficção poética'. Se nota o fato, e não o conteúdo, da denúncia: em 1828, havia mulheres européias suficientes escrevendo sobre viagens para formar uma categoria criticada pelos homens. Alguns deles estavam viajando além das fronteiras da Europa; estava surgindo uma literatura para criar relações especificamente femininas com o expansionismo do norte da Europa, um sujeito doméstico feminino do império e formas de autoridade imperial feminina na zona de contato. Flora Tristan e Maria Graham foram exemplos iniciais de uma série de mulheres viajantes na América espanhola, cujas contas alcançariam alta visibilidade na segunda metade do século.¹⁹ (PRATT, 2002, p. 170)

Outro fator apontado por Mills (1991) para a conquista de mais espaço no mercado editorial é sua própria condição: já saturado de relatos de viagem parecidos entre si, se tornou necessário que o autor ou o texto tivessem alguma novidade ou dificuldade extra para chamar atenção do leitor. Ter uma escritora era um fator exótico, garantindo um espaço para publicação para esses textos. Mills também comenta que, apesar de todas as dificuldades impostas socialmente, muitas mulheres conseguiram viajar e escrever sobre as experiências, seja de forma privada, seja de forma publicada. "Qualquer mulher que publicasse relatos de viagem neste período era

¹⁹ "In 1828 a cranky reviewer in Blackwood's Magazine complained of the mediocrity of contemporary travel writing. The catalogue of offenders included "the inexperienced novice," "the superficial coxcomb," and "the romantic female, whose eyes are confined to some half dozen drawing rooms and who sees everything through the medium of poetical fiction." One takes note of the fact, not the content, of the complaint: by 1828 there were enough European women travel writers in print to form a category for men to complain about. Some of them were traveling beyond the borders of Europe; a literature was emerging to create specifically female relationships to North European expansionism, a female domestic subject of empire, and forms of female imperial authority in the contact zone. Flora Tristan and Maria Graham were early instances in a series of women travelers in Spanish America whose accounts would attain high visibility in the second half of the century".

revolucionária ao mostrar que, ao contrário dos discursos de feminilidade, as mulheres conseguiam, sim, viajar sozinhas sem encontrarem sofrimentos"²⁰ (MILLS, 1991, p. 95), explica. Elas seriam, então, taxadas de "excêntricas" – o que, por sua vez, contribuía em um discurso de tratar seu comportamento como exceção, desmotivando outras mulheres a fazer o mesmo.

Habinger (2004) afirma que a literatura de viagem se tornara um gênero muito amado no século XIX, principalmente para quem não tinha dinheiro, coragem ou condições de viajar, e assumem um papel especial de formação para as jovens do período:

Especialmente mulheres e moças de famílias burguesas, que por conta dos costumes sociais não tinham a possibilidade de deixar a casa e o fogão para trás, faziam parte do círculo de leitores, dispondo assim de uma formação (Bildung), já que tinham tempo de ócio para dedicarem para a literatura.²¹ (p. 29)

Neste contexto, no qual viajar ainda não era um caminho natural, embora já percorrido antes por outras mulheres, as motivações pessoais e circunstâncias de vida faziam com que algumas mulheres se pusessem a viajar.

Barbara Hodgson (2002) enumera algumas das motivações mais frequentes para a viagem entre as autoras pesquisadas: mulheres banidas, as que passavam por uma superação de luto, acompanhando pais ou maridos, por peregrinação, missão e outros motivos religiosos, por questões de saúde e ainda as que viajaram por viajar. "Mas o melhor motivo para viajar pode ter sido sem motivo algum. Ida Pfeiffer passou a infância sonhando com o caminho aberto"²² (HODGSON, 2002, p. 3). Além da viagem em si, a autora também lista os motivos para a escrita dos relatos: "Para justificar seu tempo de lazer convertendo-o em trabalho, para entreter os que estão presos em casa, para financiar futuras viagens ou para expressar seu sincero

²⁰ "Any women who published travel accounts at this time were potentially revolutionary in showing that, in direct contradiction to the discourses of femininity, women could in fact travel alone without coming to harm".

²¹ "Besonders viele Frauen und Mädchen aus burgerlichen Familien, die aufgrund der gesellschaftlichen Rahmenbedingungen kaum Gelegenheit hatten, Heim und Herd hinter sich zu lassen, gehörten zum Kreis der LeserInnen, verfügten sie doch über entsprechende Bildung und hatten vermutlich zum Teil auch die Muße sich der Literatur zu widmen".

²² "But the best reason to travel may have been for no reason at all. Ida Pfeiffer spent her girlhood dreaming of the open road".

interesse em registrar tudo o que viram"²³ (2002, p. 4). A escrita era, em si, uma maneira de driblar a falta de dinheiro para a própria viagem. Sobre a escrita, Serrano (2017, p. 37) afirma:

A maior parte das mulheres de que falo sentiu a necessidade de dar testemunho das suas viagens. Elas escrevem sobre aquilo que vêm, embora mais uma vez estejam a penetrar um mundo que lhes é vedado, o da escrita. É por isso comum que a mulher adopte gêneros literários próximos do confessional e tradicionalmente mais desvalorizados, como as cartas ou o diário, estilos suficientemente lassos para permitir uma suposta narrativa desestruturada. Não lhes era concedido o estatuto de criadoras, apenas lhes era possível esta espécie de encenação da sua vida pessoal enquanto viajantes. A escrita, muitas vezes, não tinha como objetivo a publicação, e nalguns casos as edições são póstumas.

Serrano menciona alguns exemplos da recepção desses textos, muitas vezes considerados simples ou sentimentais. A isso acrescenta: "Era tal o sentimento de inferioridade da mulher que se lançava na escrita, e em particular nos relatos de viagem, que se tornou comum uma introdução justificativa das narrações. Uma espécie de pedido de desculpa pela ousadia de se exibir tão publicamente" (2017, p. 38). Mesmo usando relatos íntimos ou confessionais, os relatos de viagem foram também uma forma das mulheres reivindicarem uma voz pública e serem capazes de analisar o mundo e expressar suas opiniões a partir de um ponto de vista feminino. Embora passem por filtros de gênero narrativos e pedidos de desculpas, muitas vezes entram em temas políticos e polêmicos – e de simples, não têm quase nada.

A pesquisadora Sara Beatriz Guardia (2012), responsável pela organização da antologia de artigos *Viajeras entre dos mundos* [Viajates entre dois mundos], afirma que além da troca cultural presente na viagem em si, as viajantes lidam, invariavelmente, com uma questão de gênero:

Mas, acima de tudo, elas foram e são uma transferência humana de culturas continentais e nacionais, de identidades particularizadas por mentalidades e políticas de gênero, que deixaram sua marca no contexto que tinham que viver. Por outro lado, sua escrita fazia parte de um processo de reafirmação de gênero e de sua pessoa, bem como de sua visão de mundo.²⁴ (GUARDIA, 2012, p. 9)

²³ "To justify their leisure time by converting it into labour, to entertain those cooped up back home, to finance future journeys or to express their sincere interest in recording all they saw".

²⁴ "Pero ante todo, fueron, y son, una transferencia humana de culturas continentales y nacionales, de identidades particularizadas por las mentalidades y políticas de género, que han dejado su impronta

Em seu estudo sobre escritoras viajantes britânicas do período imperialista, *Discourses of Difference: An analysis of women's travel writing and colonialismo* [Discursos da diferença: uma análise da escrita de viagem de autoras mulheres e colonialismo], a pesquisadora Sara Mills defende que a obra dessas mulheres deve ser interpretada considerando-se seu período e as restrições discursivas às quais estão submetidas. Para Mills, essas autoras se inserem de uma maneira ambígua no contexto imperialista: ao mesmo tempo que estão inseridas num imperialismo e apresentam uma visão eurocêntrica do mundo, ocupam nele uma posição marginal e periférica por serem mulheres. Isso por si só já cria mudanças na realização escrita delas:

Por causa de sua socialização opressiva e posição marginal em relação ao imperialismo, apesar de sua posição de classe geralmente privilegiada, as escritoras tendiam a se concentrar nas descrições das pessoas como indivíduos, e não nas declarações sobre a raça como um todo. É na luta delas com os discursos do imperialismo e da feminilidade, nenhum dos quais eles poderiam adotar de todo o coração, e que os levou a diferentes direções textuais, que seus escritos expõem os fundamentos instáveis em que se baseiam. (...) No entanto, essas tensões revelam algumas das contradições e silêncios implícitos na escrita do período.²⁵ (MILLS, 1991, p. 3)

Ida Pfeiffer não se inscreve completamente em um contexto imperialista. Mills estuda escritoras britânicas visitando territórios britânicos, o que não acontece no caso de Pfeiffer²⁶. Apesar disso, considerando principalmente uma aproximação temporal (Pfeiffer é contemporânea aos fenômenos descritos por Mills e antecede um pouco a publicação dos livros das autoras mencionadas por ela em seu estudo), mas também os contextos sociais parecidos (Pfeiffer tampouco tivera acesso a uma educação formal e se inscreve de maneira marginal na produção de seu período), acredito que a relação é possível, a despeito de serem necessárias as ressalvas citadas.

en el contexto que les tocó vivir. Por otra parte, su escritura fue parte de un proceso de reafirmación de género y de su persona, así como de su visión del mundo.”

²⁵ “Because of their oppressive socialisation and marginal position in relation to imperialism, despite their generally privileged class position, women writers tended to concentrate on descriptions of people as individuals, rather than on statements about the race as a whole. It is in their struggle with the discourses of imperialism and femininity, neither of which they could wholeheartedly adopt, and which pulled them in different textual directions, that their writing exposes the unsteady foundations on which it is based. (...) However, these tensions reveal some of the contradictions and silences implicit in writing of the period.”

²⁶ Também houveram tendências colonialistas na Europa de língua alemã, principalmente na África.

O trabalho de Mills continua explorando as respostas críticas dadas aos trabalhos das autoras, assim como as restrições que existiram tanto para a produção quanto para a recepção de suas obras para então chegar nos estudos de caso. Sua pesquisa será retomada no quarto capítulo desta dissertação, quando caberá uma discussão sobre o formato e as características textuais da escrita de viagem. Por ora, cabe apenas ressaltar a hipótese de Mills de que o contexto de viagem e de produção escrita dessas mulheres resulta em textos com características diferentes aos produzidos por autores homens do mesmo período, principalmente no momento de recepção das obras. Gostaria de explorar agora um pouco mais destes contextos, começando com as condições de viagem.

2.2.1 Condições da Viagem

O século XIX apresentou condições melhores e mais seguras para se viajar do que em outros momentos. Ainda assim, os deslocamentos não eram simples e cotidianos. Serrano (2017, p. 50) afirma:

Era um perigo viajar, sim. Enfrentava-se o desconhecido e muitas vezes partia-se com o pressentimento de não mais voltar. 'Fiz meu testamento e tratei de todos os meus assuntos mundanos, de tal forma que no caso de morrer (evento que considero mais provável do que meu regresso em segurança) a minha família encontrará tudo tratado'. Assim escrevia Ida Pfeiffer, em 1842, nas vésperas da sua viagem à Terra Santa, Egito e Itália. Pressentimento gorado, a viajante acabou por dar a volta ao mundo várias vezes.

Grande parte dos perigos e desafios eram, certamente, compartilhados por todos os viajantes. Condições de higiene e alimentação, por exemplo, eram precárias para todos. Mas com frequências mulheres lidavam com condições mais particulares. Por serem menos numerosas nos espaços de viagem, muitas vezes eles não estavam preparados para recebê-las – como locais de hospedagem que não tinham banheiros separados, por exemplo. Além disso, sendo um espaço fortemente masculino, o pudor e a falta de acesso a espaços apropriados podem afetar a maneira com que as mulheres viajavam – tanto que, segundo Serrano (2017) um guia de viagens específico para mulheres foi publicado em 1889. Lillias Campbell Davidson e seu *Dicas para mulheres viajantes* faziam várias recomendações, incluindo quais roupas vestir ou como se portar.

A incerteza e a falta de segurança dos transportes, do itinerário ou ainda da hospedagem eram compartilhadas por todos os viajantes. Sem um sistema de hotéis formado e com vários imprevistos no caminho, as viagens não tinham datas ou itinerários bem definidos, e muito era arranjado no próprio lugar. Viagens raramente tinham um roteiro pré-definido, sendo muitas vezes repensadas e adaptadas conforme o caminho progredia. Questões linguísticas também podiam ser delicadas e com frequência se fazia uso de guias.

Outra questão delicada era de saúde, afinal, os viajantes se expunham a doenças diferentes às dos seus lugares de origem, para as quais não tinham anticorpos; além do mais, muito do que se sabe sobre contágio e cura ainda não havia sido descoberto e desenvolvido. Mas Serrano (2017) afirma que a questão pode ter sido ainda mais delicada para as mulheres, pois não eram tão numerosas em navios, hotéis e outros ambientes de viagem: "a falta de privacidade nos acampamentos, aliada ao excesso de pudor, impediam um asseio frequente" (p. 60), o que causaria infecções. O mesmo vale para a higiene pessoal: "sei, por exemplo, que Ida Pfeiffer, numa travessia de barco até Alexandria, não se lavou ou mudou de roupa durante dez dias. Entre a higiene, o conforto, a virtude e o recato, percebemos quais eram as principais condicionantes para as mulheres no século XIX" (SERRANO, 2017, p. 61).

A segurança era outra questão para todos os viajantes, mas era mais particular para as mulheres que viajavam sozinhas. Além do medo de roubos e acidentes, encaravam o medo de assédio e estupro. Para Serrano, esse medo era grande entre as inglesas vitorianas que, "fruto do rigor de costumes de que eram vítimas em seu país, sofriam especialmente com o medo de perder a virtude" (2017, p. 47). Esse é, segundo a autora, um dos motivos pelos quais era raro que jovens mulheres viajassem, principalmente sozinhas. Mulheres mais velhas, por outro lado, quase perdiam seu estatuto de feminilidade para a sociedade, deixando de ser alvo de "olhares masculinos". Quanto mais ganhavam em rugas, mais ganhavam em liberdade de se locomover pelo mundo.

Há também a questão da vestimenta. Para muitas viajantes, as roupas que lhe eram impostas socialmente (vestidos longos e pesados) não permitiam facilidade de locomoção, além de nem sempre serem apropriadas para o clima do destino da viagem e ainda exigirem grandes e numerosas malas para armazenamento. O problema tinha ao menos duas soluções: procurar roupas locais, mais leves e condizentes com o clima, ou a opção por vestimentas masculinas (tornando-as menos

identificáveis como mulheres nos espaços públicos e, em alguns contextos sociais, lhes proporcionando maior segurança). Mas até isso era visto com maus olhos para as viajantes do XIX e algumas do XX: "o fato de adotarem roupas masculinas representava uma ameaça para a estrutura social, na medida em que as calças eram vistas como símbolo do poder do homem e do domínio do masculino na sociedade" (SERRANO, 2017, p. 67). Pfeiffer também teve de lidar com isso:

Ida Pfeiffer fora aconselhada a se vestir como homem para sua jornada pela Terra Santa, mas tudo o que ela precisava fazer era olhar para si mesma para ver quão ridículo seria o resultado. Ela escreveu que 'minha figura baixa pareceria pertencer a um jovem e meu rosto a um homem velho'. Então, ela se vestiu com uma blusa e calça turca e foi tratada com respeito durante toda a viagem, embora as mulheres pensassem que seus cabelos, que ela cortou por conveniência, eram estranhos.²⁷ (HODGSON, 2002, p. 120)

A saída encontrada por Pfeiffer foi agregar peças e tecidos encontrados nos países que visitava, buscando roupas mais adequadas aos climas e flexível. Ainda assim, costumava cobrir-se quase por completo e voltava para suas vestimentas conservadoras e europeias usuais tão logo retornava para casa. Segundo Habinger (2006), as roupas da autora pareciam ser de grande interesse público, e uma litografia publicada na revista *Die Wiener Elegante* [O Vieneses Elegante] a mostrava em suas roupas de viagem.

Por fim, uma questão importante para a compreensão das viajantes mulheres é a questão financeira. Dois dos autores mencionados neste capítulo – Humboldt e Darwin – eram de famílias ricas e tinham meios próprios para financiar as viagens. E não só: depois da morte dos pais, podiam inclusive administrar o dinheiro da forma que lhes aprouvesse. Essa era raramente a situação das viajantes que, mesmo quando eram de famílias abastadas, raramente tinham acesso às decisões financeiras, diminuindo consideravelmente sua independência. Diversas viajantes acompanharam pais e maridos e, embora tenham deixado uma obra relevante, não tiveram espaço para opinar quanto à natureza da viagem (em muitos casos, nem quanto à existência da própria viagem). E uma saída para tantas outras, inclusive para

²⁷ "Ida Pfeiffer had been advised to dress as a man for her journey through the Holy Land, but all she had to do was look at herself to see how ridiculous the result would be. She wrote that 'my short, spare figure would have seemed to belong to a youth, and my face to an old man'. So she outfitted herself in a blouse and Turkish trousers, and was treated with respect throughout her voyage, though women thought her hair, which she cut short for convenience' sake, odd".

Pfeiffer, foi buscar maneiras de lucrar com as próprias viagens: "É verdade que o dinheiro era um problema, como é agora, mas muitas mulheres tinham renda, e às vezes de heranças, mas frequentemente proveniente do trabalho, incluindo a escrita de relatos de viagem"²⁸ (HODGSON, 2002, p. 2). A venda dos relatos de viagens ou de itens coletados em lugares exóticos eram com frequência a maneira que encontravam para continuarem viajando.

Desde Egéria, autora do primeiro relato de viagem conhecido escrito por uma mulher, várias escritoras se aventuraram pelo mundo: em peregrinações, acompanhando maridos, em missões de colonização, para pesquisar, pelo simples prazer de viajar. A seguir, encontraremos aquelas que, em algum momento de sua vida, resolveram se aventurar pelas terras que hoje são território brasileiro.

2.3 VIAJANTES MULHERES NO BRASIL

Pfeiffer não foi a primeira viajante a se aventurar em terras brasileiras – ainda que, como será mostrado a seguir, seja uma das primeiras a ter vindo sozinha, por pura vontade de conhecer o país e com o objetivo de escrever sobre sua experiência. O levantamento a seguir apresenta, de forma breve, outras autoras que deixaram escritos sobre suas experiências no Brasil – o levantamento bibliográfico foi feito com base no trabalho de historiadores como Miriam Lifchitz Moreira Leite (1997 e 2015) e Jean Marcel Carvalho França (2008 e 2012) e da jornalista Sônia Serrano (2017). Sempre que possível, se recorreu às fontes originais. A lista não se pretende definitiva: dado o gênero e o tempo de produção desses textos, é frequente que novos textos sejam descobertos. Ainda assim, se propõe a apresentar o que é conhecido até o momento.

Jeanne Baret (1740–1807) ainda é uma mulher sobre a qual pouco se sabe – e mesmo esse pouco pode ser um pouco controverso. Francesa filha de agricultores, é tida hoje como a primeira mulher a ter circumnavegado o mundo. E o fez a bordo de uma expedição oficial francesa comandada por Louis Antoine de Bougainville, que tinha como objetivo estabelecer novas colônias, assim como recolher material científico de várias especialidades, em 1766. Baret provavelmente foi convidada para

²⁸ "It is true that money was a problem, as it is now, but many women did have incomes, sometimes from inheritances, but often from work, including travel writing".

a expedição pelo naturalista Philibert Commerçon, que a empregou em sua casa durante alguns anos. Depois da morte da esposa de Commerçon, Baret e ele, segundo algumas fontes, teriam se tornado amantes. Mulheres eram proibidas nas expedições oficiais francesas, e Baret teria conseguido entrar fantasiada de homem como assistente de Commerçon. Baret não deixou escritos sobre a viagem, apenas um caderno de anotações de descobertas botânicas, mas vários companheiros de viagem deixaram escritos sobre a expedição – muitos deles desconfiando dela. "Depois de uma paragem em Montevideú, Uruguai, cinco meses depois de terem zarpado da França, a primeira paragem mais prolongada foi no Rio de Janeiro, local perigoso à época, onde o capitão do *Étoile* foi assassinado. Isso não impediu Baret de se adentrar incansavelmente pela vegetação mais impenetrável, subir montes e ladeiras (...)" (SERRANO, 2017, p. 250). Não existem relatos conhecidos da viajante durante sua aventura. Seu reconhecimento como mulher (decorrente de uma gravidez) piora o clima do casal no navio, tanto que ficam alguns anos nas ilhas Maurício, só voltando para a França cinco anos depois do início da expedição. Seu reconhecimento, tanto como viajante como quanto bióloga, é recente.

O primeiro relato em potencial de uma viajante no Brasil foi o da inglesa Jemima Kindersley (1741–1809), que passou cerca de um mês na Bahia em 1764 como parte de uma jornada até a Índia. Kindersley acompanhava seu marido, um capitão recém transferido para a colônia inglesa. A escritora deixa uma coleção de 68 cartas narrando suas viagens em um volume intitulado *Letters from the island of Teneriffe, Brazil, the Cape of Good Hope, and the East Indies* [Cartas da ilha de Tenerife, do Brasil, do Cabo da Boa Esperança e das Índias Orientais], publicado em 1777. Nas suas sete cartas sobre o Brasil, conta a burocracia para entrada no país e a constante vigilância por parte de um soldado português, que não permitia a interação com as damas portuguesas; descreve as belezas naturais do país, mas não sem contrapor-lhe à má administração por parte dos portugueses, considerados por ela como uma nação decadente; compara frequentemente o país com a Europa (principalmente a Inglaterra). Kindersley tenta também fazer descrições sobre o funcionamento do governo e da sociedade, mas sua falta de acesso a informações mais precisas faz com que seu relato seja incompleto e errôneo. "Minha vontade de contar-lhe tudo o que vejo fez com que ficasse mais atenta aos costumes e ao modo de governar desse país. Isso, contudo, não me valeu grande coisa, pois os portugueses, que são bem

reservados e hostis aos estrangeiros, não dão muita liberdade para observações e menos ainda para perguntas" (KINDERSLEY, 2008, p. 39), afirma.

Apesar de o livro ser composto de cartas, um gênero considerado doméstico e privado (afinal, era escrito por todos para uma circulação restrita), não fica claro a quem a autora se dirige, ao mesmo tempo em que ela não revela nada sobre sua vida pessoal. Em termos de convenção de gênero literário, usar cartas e diários, tidos como domésticos e femininos, para a publicação de relatos seria uma forma de possibilitar que mulheres entrassem no mercado literário, pois a figura de um explorador é tipicamente masculina. O resultado é, apesar de um relato de viagem, diferente dos textos mais articulados escritos pelos homens. Esse parece ser o caso das cartas de Jemima Kindersley, já que, tirando os cabeçalhos e algumas marcas textuais, suas cartas poderiam facilmente ser lidas como um relato. Assim, não é possível saber se a autora realmente pensou em seus textos como cartas privadas, eventualmente publicadas em livro, ou se desde o começo o objetivo da escrita era se tornar um livro que adotou o formato de cartas por opção estilística.

O segundo relato é o de uma mulher viajando por território brasileiro é de Isabelle Odonais (1728–1792), filha de colonizadores nascida em território então peruano (hoje chileno). A jovem casou com o cartógrafo e explorador francês Jean Godin des Odonais, que então fazia parte da grande expedição La Condamine. Odonais se separa da equipe para cuidar de sua recém-formada família e, ao saber da morte do seu pai na França, começa uma viagem para poder pôr os negócios da família em dia. Sua jovem esposa, tendo dado à luz a um filho há pouco tempo, esperaria no Peru pelo seu retorno. Ainda na América Latina, Odonais descobre que não poderia voltar para sua família – pois, como indivíduo de pouca importância, não teria autorização da corte para retornar (proteção que antes lhe fora dada por fazer parte de uma grande expedição). Separados pela política colonial, começam os arranjos, tanto por parte de Isabelle e sua família como pela parte de seu marido, para que se reencontrem – trâmites tanto burocráticos quanto práticos.

A narrativa deixada sobre essa viagem se constitui de uma carta escrita por Jean Godin des Odonais para La Condamine, quando indagado qual teria sido o fim de sua própria viagem. Nessa carta, presente na edição brasileira dos escritos da expedição por La Condamine, Odonais (2000, p. 177-200) cita o que sua mulher teria contado sobre sua própria expedição: tendo partido com outras sete pessoas, passa por vários desafios, de naufrágios a mortes e falta de provisões. Depois de ter vagado

na floresta sozinha por dez dias, é encontrada por um grupo de índios e levada para uma vila, onde consegue melhorar sua saúde e eventualmente reencontrar seu marido. Seu relato mostra algumas particularidades: sua viagem não é feita exatamente por vontade própria, e sim por necessidade; seu relato não é escrito por ela mesma, e sim de segunda mão pelo marido; apesar de ter passado por território brasileiro, não conheceu nenhuma das cidades ou estruturas coloniais, nem descreveu a paisagem natural ou particularidades do país – a carta conta apenas com a narrativa de sobrevivência, com poucas informações além disso.

Em 1809, o Rio de Janeiro recebeu a visita de Elizabeth Macquire (1778–1835), uma inglesa que acompanhava o marido até a Austrália. Seu diário manuscrito foi deixado para a biblioteca de Sidney e foi publicado anos depois com o título de *Voyage from England to Australia in 1809* [Viagem da Inglaterra para a Austrália em 1809]. Seu relato difere muito dos outros. Macquire encontra no Brasil um número considerável de estrangeiros dispostos a compartilhar seu círculo social com ela, e sua estadia no país é marcada por encontros, refeições, bailes e novas amizades com ingleses e franceses, principalmente, estabelecidos no país. É, portanto, menos descritiva do local em si, tanto em termos de belezas naturais quanto em sociedade ou forma de governo. Além disso, sua visita ao Brasil ocupa poucas páginas de seus escritos.

Rosa Freycinet (1794–1832) tem um caso semelhante. Casada com um naturalista, tem duas passagens no Rio de Janeiro, tanto em 1817 como em 1820 (ida e volta da viagem do marido às terras austrais, onde executaria pesquisas). Assim como Macquire, a francesa Freycinet encontra um círculo social de estrangeiros com quem se relaciona em suas duas estadias no país: "quando nos encontramos num país estrangeiro, experimentamos uma grande satisfação ao encontrar compatriotas" (FREYCINET, 2008, p. 70). Afirma, um pouco depois, que nunca chegaram a conhecer uma família portuguesa. Mesmo viajando com o marido, enfrentou resistência, começando por sua família (LEITE, 1997). Além disso, relatos de outros participantes da viagem contam como ela conseguiu manter uma distância da tripulação "omitindo-se voluntariamente, em benefício de todos, sem demonstração de fraqueza diante dos perigos, procurando ajudar com remédios e alimentos os enfermos" (LEITE, 1997, p. 32), o que o quanto a presença de uma mulher era incomum nos navios.

Os diários da inglesa Maria Graham (1785–1842) são provavelmente uma das narrativas mais completas sobre o período de independência do Brasil. A autora esteve no Brasil três vezes: a primeira entre 1821 e 1822, acompanhando a viagem do marido, um capitão inglês, para o Chile; a segunda em 1823 quando voltava, viúva, para a Inglaterra; e entre 1824 e 1825, quando volta para o país para ser tutora da princesa real. Seu livro, *Journal of a voyage to Brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823* [Diário de uma viagem para o Brasil, assim como da residência no país, durante parte dos anos 1821, 1822, 1823], publicado originalmente em 1824 na Inglaterra, é um relato cronológico das suas duas primeiras viagens (a autora resolveu publicar o relato da sua estadia no Chile em um volume separado). O texto de Graham sobre o Brasil tem um tom sobretudo jornalístico, acompanhando o desenrolar político da independência brasileira, assim como as inúmeras revoltas que aconteceram no país então.

Logo no começo do livro, a autora usa cerca de 50 páginas para apresentar uma breve história do país, com o objetivo de contextualizar o leitor sobre o processo da independência. Depois disso, adota a forma de diário para narrar cronologicamente suas duas visitas ao país, incluindo trechos de jornais, dados, discursos e até poemas. O foco de Graham é a política, a economia e a sociedade do país; quanto à natureza, tece alguns elogios, mas não se preocupa em descrever árvores, paisagens ou mesmo pessoas com muito detalhe. Narra também encontros pessoais: Graham conhece uma grande gama de pessoas, incluindo brasileiros, portugueses, imigrantes da Europa e os novos imperadores (encontro tão positivo que a autora voltaria, em 1824, para ser tutora da princesa). Mas, apesar de ter contato com esses círculos sociais, não se restringe a eles, fazendo com frequência excursões curtas pelo país, conhecendo fazendas, cidades, parques e outros. Se preocupa, inclusive, em aprender a língua – progresso relatado pontualmente em seu texto. Sua busca constante por fontes, dados e informações aproxima sua narrativa do jornalismo, embora escolha o diário como gênero narrativo. Nesse sentido, a obra da inglesa se aproxima da obra de Pfeiffer por, já na primeira metade do século XIX, terem um objetivo em comum: "enfrentar o público leitor europeu" (LEITE, 2000, p. 133), o que não era o caso de todas as escritoras publicadas.

No livro *O Brasil não é longe daqui*, Flora Süssekind (1990) afasta o trabalho de Graham do trabalho feito pelos naturalistas que então pesquisavam o país, principalmente por ter vindo ao Brasil acompanhando uma jornada do marido, sem

ter, assim, um projeto próprio para realizar em solo brasileiro. "Observava flores, árvores, montes, paisagens, mas sem qualquer sistema ou desejo de classificação em mente. (...) Anotava meio ao léu o que a interessava nos tipos humanos, nas festas e nas ruas que percorria. Registrava a seu modo o país. E se escrevia e desenhava não obedecia às normas de qualquer Academia Científica" (SÜSSEKIND, 1990, p. 106). Já a historiadora Miriam Lifchitz Moreira Leite (1997) afirma que a obra de Graham não se destaca apenas entre as de autoria feminina: "É uma obra significativa dentro do gênero de literatura de viagem. Não só pela consciência do papel do escritor, pela preocupação com o público, como por seu nível de percepção e informação" (p. 34).

Em 1835, chega ao Brasil a Mme. Langlet Dufresnoy. Sua presença em uma lista de viajantes pode ser questionável – a francesa permaneceu quinze anos no país. Sua menção se justifica, porém, por ela mesma se considerar uma viajante e pensar no Brasil como um ponto de passagem, pois pretendia voltar para a França (o que aconteceu em 1850). Veio para acompanhar o marido que, empolgado por relatos de viagem, queria fazer fortuna no país. Ambos trabalharam muito no país. Ele foi negreiro e minerador; ela foi vendedora, artesã, mineradora e administradora de uma pequena propriedade agrícola. Segundo Leite (1997), Dufresnoy se diferencia das outras escritoras do período por pertencer a uma classe social diferente, precisando trabalhar arduamente em seu próprio sustento – o que em si passa a ser o fio condutor de seu relato. "[Isso] permite salientar, nas outras autoras, a ausência da preocupação com a sobrevivência. Estão liberadas, por suas condições materiais, para se entregar à nobre tarefa de escrever" (LEITE, 1997, p. 38).

Ainda antes de Ida Pfeiffer chegar ao país, outra viajante deixou registradas suas experiências no Brasil. Trata-se da Baronesa de Langsdorff (já mencionada brevemente), que esteve no país entre 1843 e 1844. Casada com o Barão de Langsdorff, ministro plenipotenciário do Rei dos Franceses junto à Corte Imperial do Brasil, sua vinda ao país teve um objetivo muito específico: o casal veio negociar o casamento do príncipe de Joinville com a princesa D. Francisca, irmã de D. Pedro II. O diário que escreveu durante o período permaneceu manuscrito até 1954, quando seu neto resolveu publicá-lo. "Apesar de a Baronesa ter passado apenas seis meses no Rio de Janeiro e ter mantido contatos limitados a uma faixa restrita da população, seu diário singulariza-se pela espontaneidade e pela penetração", afirma Leite (1997,

p. 41). A historiadora explica ainda que a Baronesa se ocupa de descrever indumentária, etiqueta, mobiliário, relações familiares, políticas e religiosas.

Ainda segundo Leite (1997), o número de viajantes da segunda metade do século XIX é maior do que da primeira metade do mesmo século (Pfeiffer vem para o Brasil em 1846). A autora deve esse aumento principalmente à melhora nas condições de viagem: "Os naufrágios e os piratas a que estavam sujeitos os veleiros da primeira metade do século XIX foram dando lugar a linhas normais de navegação a vapor, mais rápida e baratas, admitindo, com o lazer da classe média e alta, o aumento do número de passageiros em geral" (LEITE, 1997, p. 17). Esse aumento traz também um aumento da presença de mulheres: no levantamento feito pela pesquisadora de relatos de viagem sobre o Brasil, foram encontrados cinco relatos de mulheres entre os anos 1800 e 1850 (num total de 80 obras), número que sobe para 17 entre 1850 a 1900 (num total de 92 obras).

Entre as viajantes que passaram pelo Brasil depois de Ida Pfeiffer, três merecem uma menção por também terem uma conexão com a cultura germânica. Uma delas é Ina von Binzer (1856–1929), uma escritora e educadora alemã que passou pelo país como tutora entre os anos de 1881 e 1884. Sobre a experiência, deixa as cartas escritas para uma amiga, nas quais relata sua rotina e os hábitos brasileiros, além de contar brevemente seus métodos de ensino. A coletânea desses textos foi publicada em 1887 com o título *Leid und Freud' einer Erzieherin in Brasilien* [Sofrimentos e alegrias de uma educadora no Brasil]. Ao contrário de Pfeiffer, Binzer vem ao país com um objetivo profissional e, entre suas observações sobre a natureza e a sociedade brasileiras, estão também comentários sobre escolas e métodos de ensino.

A segunda é Elizabeth Cary Agassiz (1822–1907), que veio ao país com seu marido, Luís Agassiz. Luís nasceu na Suíça e estudou História Natural na Europa, se mudando para os EUA em 1847. No país conheceu e casou com Elizabehtj. O casal veio ao Brasil entre 1865 e 1866, em grande parte pelos interesses naturalistas, e deixaram o relato *Viagem ao Brasil* em coautoria.

A outra é a Princesa Teresa da Baviera (1850–1925), uma grande defensora da ciência e da pesquisa e prima de Dom Pedro II. Sua passagem pelo Brasil em 1888 tinha o objetivo de pesquisa, assim como da coleta de amostras de fauna, flora e objetos etnográficos – posição que provavelmente lhe foi permitida pela origem real. O resultado de suas pesquisas, realizadas com ajuda de um pequeno séquito de

cientistas, é publicado em Berlim em 1897 com o título *Meine Reise in den brasilianischen Tropen* [Minha viagem aos trópicos brasileiros].

Além disso, outra célebre visitante esteve no Brasil entre os anos 1865 e 1867: Isabel Burton, esposa do famoso Richard Burton, veio para o país quando o marido foi nomeado cônsul do Brasil, tendo morando em Santos e em São Paulo. Foi a primeira viagem da autora.

2.4 IDA PFEIFFER

Depois de um percurso um tanto longo e necessário, finalmente chega a hora de conhecermos melhor a própria Ida Pfeiffer – uma mulher que percorreu cerca de 300 mil km (segundo uma estimativa de Habinger, 2004) em todos os continentes em meados do século XIX.

Para tentar me aproximar da autora uso algumas fontes distintas: seus próprios livros de viagem; o *Biographische Skizze: Ida Pfeiffer, nach ihren eigenen Aufzeichnungen* [Esboços biográficos: Ida Pfeiffer segundo suas próprias anotações], texto publicado postumamente em conjunto com seu último livro de viagem e organizado pelo seu filho, Oskar Pfeiffer, que fornece informações pessoais da vida da autora (escrito em terceira pessoa com pequenas inserções entre aspas em primeira pessoa, a edição do livro não deixa claro de quem é autoria deste texto e o quanto são retirados dos escritos de Pfeiffer – apenas afirma que o objetivo dos escritos é esclarecer assuntos da biografia da autora que foram levantados depois de sua morte); a importante pesquisa da historiadora austríaca Gabriele Habinger, tanto em sua pesquisa sobre o papel de Pfeiffer na pesquisa (2004) ou sua biografia sobre a austríaca (2014); as cartas de Pfeiffer (a maior parte das cartas escritas pela austríaca são de quando já viajava), seja em sua versão original ou na transcrição e coleção organizada por Habinger (2008) ; e eventuais comentários de outros autores e pesquisadores.

Ida Pfeiffer, *neé* Ida Laura Reyer, nasceu em Viena em 14 de outubro de 1797. Foi a terceira filha em uma família de seis irmãos, sendo a única filha mulher. Segundo a pesquisadora portuguesa Sónia Serrano (2017, p. 255), em seu livro *Mulheres Viajantes*, a infância de Ida Pfeiffer

decorreu num ambiente masculino; era uma maria-rapaz²⁹ encorajada pelo pai a adotar comportamentos à época mais apropriados para os homens. Trocava bonecas por uma espada, o recato da casa pelo desporto. Vestia-se como os irmãos e era mais um no meio deles. Essa infância idílica durou até a morte do pai, um comerciante vienense abastado, quando ela tinha 10 anos. A mãe, mais tradicional, obrigou-a ao trajar feminino e a aprender piano, o que originou desentendimentos entre as duas.

Assim, as escolhas da educação de Pfeiffer no primeiro momento de sua vida se dão pela figura do pai, que lhe dava as liberdades de um mundo masculino, mas exigia dela uma disciplina militar em relação à educação. Já a adolescência da autora, coincidente com a morte do pai, foi marcada pelos atritos com a mãe: a matriarca da família insistia em deixar seu comportamento mais adequado com o esperado de uma mulher em seu tempo, o que nem sempre correspondia às vontades da jovem.

Segundo Habinger (2004), a educação das moças europeias do período era voltada para as virtudes esperadas de uma boa esposa, como a capacidade de realizar pequenos trabalhos manuais e administrar uma casa, todas atividades de uma esfera privada.

A educação [das moças] incluía leitura e escrita, é claro, mas também aulas de dança, instrução em religião, artesanato e línguas estrangeiras, mas de modo algum assuntos matemáticos, científicos ou técnicos. Pelo menos as filhas da burguesia do século XIX não tinham permissão para se interessar por certas áreas, como as ciências naturais, pois isso era considerado pouco feminino ou até prejudicial à psique feminina, da qual – segundo a opinião unânime – tudo que não incentivava a emocionalidade deveria ser mantido afastado, inclusive a matemática que, ao invés de fortalecer a alma, fortalecia a lógica.³⁰ (Habinger, 2004, p. 27)

²⁹ Não é raro que mulheres viajantes sejam relacionadas a uma imagem de masculinidade – afinal, a viagem era um mundo masculino em essência. Leite afirma sobre Pfeiffer: "O rompimento da expectativa social encontrou a reação correspondente. Somente se tivesse traços mais masculinos se explicaria que uma viúva, de meia-idade, realizasse o que realizou" (1997, p. 44). Já seus escritos biográficos tentam afastar Pfeiffer desta imagem: "Ida Pfeiffer machte durchaus nicht den Eindruck einer ungewöhnlichen Frau, einer 'Emanzipierten' oder gar eines Mannweibes. Im Gegenteil, sie war in Gedanken und Worten so einfach, bescheiden und schlicht, daß der, welcher sie nicht näher kannte, nicht ohne Mühe Spuren dessen, was sie gelernt und erfahren hatte, zu entdecken vermochte" (PFEIFFER, 1860, s.p.). Tradução minha: "Ida Pfeiffer não causava a impressão de ser uma mulher incomum, uma 'emancipada' ou mesmo masculinizada. Pelo contrário, ela era tão simples, humilde e comum em pensamentos e palavras que quem não a conhecia melhor não conseguia descobrir facilmente os vestígios do que havia aprendido e experimentado".

³⁰ "Zur Ausbildung [der Mädchen] gehörten natürlich Lesen und Schreiben, aber auch Tanzunterricht, Unterweisung in Religion, in Handarbeiten und Fremdsprachen, keineswegs aber Mathematik, naturwissenschaftliche oder technische Fächer. Zumindest den Bürgertöchtern des 19. Jahrhunderts war es sogar untersagt, sich für bestimmte Gebiete, wie etwa die Naturwissenschaften, zu interessieren, galt dies doch als unweiblich oder gar schädlich für die weibliche Psyche, von der – so

Habinger (2004) documenta também que o começo da adolescência da autora foi marcado pelo surgimento da vontade de viajar, cuja realização parecia inalcançável: "A moça se dedicou então ao estudo de literatura de viagem com entusiasmo. Assim ela conseguia, ao menos em fantasia, superar a opressão da casa familiar"³¹ (p. 29).

As mudanças que a adolescência trouxe para Pfeiffer foram muitas, incluindo as roupas. Se antes se vestia com calças, da mesma maneira que seus irmãos, agora a mãe lhe dava saias com muitas camadas de tecido. "Não se tratava apenas de roupas diferentes, mas também de comportamentos, ocupações, hábitos e movimentos diferentes"³², afirma em seu texto biográfico (PFEIFFER, 1860, s.p.).

Durante a adolescência, Pfeiffer foi educada por um tutor. Sobre ele, afirma: "Graças a ele compreendi completamente, ao longo de três a quatro anos, os deveres do meu gênero. De menino selvagem me transformei em uma moça humilde"³³ (PFEIFFER, 1860, s.p.). Os dois se apaixonam e, visto a proximidade do moço com a família, têm o casamento como certo. A mãe de Pfeiffer, porém, não aceita o matrimônio, acreditando que a filha teria um pretendente melhor do que o jovem e humilde professor – o que gera ainda mais atritos entre as duas.

Em 1820, aos 22 anos, casou-se, por insistência e arranjo da mãe, com Mark Anton Pfeiffer, um advogado viúvo 24 anos mais velho do que ela com uma posição importante no governo austríaco. Segundo a mãe, isso garantiria uma estabilidade durante a vida da filha. Ida e Mark tiveram dois filhos juntos. Serrano (2017) relata, porém, que a esperada tranquilidade não durou: Mark Pfeiffer se viu em uma posição política delicada depois de ter denunciado um caso de corrupção pública. Sem o emprego de Mark, a família passou por profundas dificuldades financeiras.

die einhellige Meinung – alles fernzuhalten war, was nicht die Emotionalität beförderte, wozu auch die Mathematik gehörte, da sie anstelle von Gemüt die Rechenhaftigkeit des Geistes förderte".

³¹ "Also wandte sich das Mädchen mit Begeisterung dem Studium der Reiseliteratur zu. So konnte sie zumindest in der Phantasie den Zwängen des elterlichen Heims entkommen".

³² "Es handelte sich ja dabei nicht nur um andere Kleider, sondern auch um anderes Benehmen, um andere Beschäftigungen, Gewohnheiten und Bewegungen".

³³ "Ihm verdanke ich es, dass ich im Verlaufe von drei bis vier Jahren vollkommen zu der Einsicht der Pflichten meines Geschlechtes gelangte, dass aus dem wilden Jungen eine bescheidene Jungfrau wurde".

Só Deus sabe o quanto sofri nos dezoito anos de meu casamento! Não por falta de educação do meu marido, mas pelas condições drásticas de vida, pela necessidade e pela falta! Vim de uma casa próspera e estava acostumada desde tenra idade com a organização e o conforto, e agora já não sabia onde repousar a cabeça, onde conseguir o dinheiro que precisava. Eu fazia todo o trabalho doméstico, eu congelava e passava fome, trabalhava secretamente por dinheiro, dando aula de desenho e música. E apesar de todos os meus esforços, havia dias nos quais não conseguia oferecer nada a meus filhos além de pão seco para o almoço!³⁴ (PFEIFFER, 1860, s.p.)

A situação do casal muda com a morte da mãe de Ida, o que lhe rende uma pequena herança, com a qual ela consegue se fixar com os filhos em Viena, onde os meninos teriam acesso a uma educação de maior qualidade e uma estabilidade. Em 1833, o casal se separa informalmente – segundo a biógrafa de Pfeiffer, "Não era falado abertamente, mas era claro que o casal seguia cada qual seu caminho."³⁵ (HABINGER, 2014, p. 26). O divórcio oficial não era uma opção na sociedade do momento.

Em uma pequena excursão com a família para Triest, Pfeiffer vê o mar pela primeira vez, o que lhe marca profundamente:

Os sonhos de sua juventude ressurgem com as imagens imponentes de países distantes e ainda desconhecidos e cobertos com uma vegetação estranha e luxuriante. Um desejo quase incontrolável de viajar se despertou nela, e ela teria embarcado no primeiro navio indo para o mar imenso e misterioso adiante não fosse o dever que tinha com seus filhos³⁶. (PFEIFFER, 1850, s.p.)

Essa vontade viria a ser realizada em 1843, quando Ida Pfeiffer está com 45 anos de idade. Com seus filhos já crescidos, educados e independentes, resolve seguir o sonho de seus anos de juventude: conhecer "regiões distantes" e "costumes

³⁴ "Gott allein weiß, was ich durch achtzehn Jahre meiner Ehe litt! Nicht durch rohe Behandlung von Seite meines Mannes, sondern durch die drückendsten Lebens-Verhältnisse, durch Noth und Mangel! Ich stammte aus einem wohlhabenden Hause, war von frühester Jugend an Ordnung und Bequemlichkeit gewöhnt, und nun wußte ich oft kaum, wo ich mein Haupt niederlegen, wo das Bisschen Geld nehmen sollte, um mir nur das höchst Nöthige anzuschaffen. Ich verrichtete alle Hausarbeiten, ich fror und hungerte, ich arbeitete im Geheim für Geld, ich ertheilte Unterricht in Zeichnen und Musik, und doch trotz aller Anstrengungen gab es oft Tage, an welchen ich meinen armen Kindern kaum etwas mehr als trockenes Brot zum Mittagessen vorzusetzen hatte!"

³⁵ "Es wurde nicht offen ausgesprochen, doch die beiden Eheleute gingen nun getrennte Wege"

³⁶ "Die Träume ihrer Jugend tauchten mit den imposantesten Bildern ferner, noch unbekannter Länder voll fremdartiger, üppiger Vegetation auf. Eine kaum zu bewältigende Reiselust erwachte in ihr, und gerne hätte sie das erste Schiff bestiegen, um hinauszufahren in das unermeßliche, geheimnißvolle Meer. Nur die Pflicht gegen ihre Kinder hielt sie zurück".

estranhos". E é nesse momento que a viajante nasce. Entre 1842 e 1858, ano da sua morte, Pfeiffer realizou cinco grandes viagens, sendo duas delas voltas ao redor do mundo. Sua obra se constitui a partir dessas experiências. Seus relatos, publicados a partir de 1846, chegaram a se tornar *best-sellers* na Áustria do período.

Mas me adianto: comecemos pelos preparativos da sua primeira viagem. Segundo Habinger, "uma coisa é clara: ela viajaria sozinha. Seu marido de quase 70 anos de idade já era velho demais para acompanhá-la. E, provavelmente, depois de quase uma década separados, ela também não gostaria de tê-lo ao seu lado" (2014, p. 28).

O dinheiro também é uma questão. Depois de ter gasto boa parte da herança de sua mãe na educação dos filhos, não dispunha de muita poupança para viajar. Mas afirma que o desconforto e privações não a assustam mais (PFEIFFER, 1860, s.p.) – assim, vivendo um estilo de vida simples e se propondo a viajar de formas baratas, consegue o suficiente para se aventurar com a venda de alguns poucos pertences.

Outro aspecto prático também precisa ser resolvido: o destino. Dois destinos lhe interessavam desde sua infância: o pólo norte e a terra santa. Como a viagem ao pólo norte ainda era tecnicamente desafiadora, a autora opta pelo Oriente Médio. "No entanto, quando contou aos amigos sobre seu desejo de visitar Jerusalém, foi tratada simplesmente como uma boba, uma pessoa exagerada, e ninguém parecia confiar nela"³⁷ (PFEIFFER, 1860, s.p.), registram seus escritos biográficos.

A viagem para a terra santa é realizada entre maio e dezembro de 1842³⁸. No começo do relato desta jornada afirma: " Fiz meu testamento e organizei tudo de tal maneira que, em caso de morte, o que eu considerava mais certo do que um retorno feliz, os meus encontrariam tudo em boa ordem"³⁹ (PFEIFFER, 1843, s.p.). Tal declaração já mostra o quanto viajar era considerado arriscado: as chances de se voltar vivos eram supostamente menores do que a chance de dar algo errado.

Pfeiffer visitou cidades como Istambul, Jerusalém e Cairo, descreveu o Mar Morto e ainda passa pela Itália no caminho de volta. Suas memórias dessa primeira

³⁷ "Als sie indeß ihren Freunden von ihrem Wunsch, Jerusalem zu besuchen, erzählte, wurde sie einfach als Närrin, als überspannte Person behandelt und niemand schien ein solches Unternehmen ihr im Ernst zuzutrauen".

³⁸ Para os intervalos de viagem, considero sempre a data de saída e chegada de Viena, local de moradia da autora.

³⁹ "Ich machte mein Testament, bestellte alles der Art, daß im Falle des Todes, worauf ich mehr gefaßt sein mußte, als auf eine glückliche Rückkehr, die Meinigen Alles in bester Ordnung fänden".

experiência foram publicadas no livro *Reise einer Wienerin in das Heilige Land* [Viagem de uma vienense à terra sagrada], publicado em 1843 (somente a quarta edição do livro, de 1846, apresentou Ida Pfeiffer como autora do livro – até então seu nome não assinava as edições). A publicação não era o objetivo inicial da autora – ao contrário, foi motivada pelo editor Jakob Dirnböck quando soube da vienense que se pusera a viajar sozinha e acreditou que o texto teria algum espaço no mercado editorial de então para um livro neste formato. Pfeiffer hesitou por vários motivos: fizera anotações, mas apenas para uso próprio; tinha vergonha e insegurança em sua escrita e se preocupava com a reação de sua família. Foi convencida, porém, pela vantagem que o dinheiro obtido com a venda dos livros lhe possibilitaria: financiar suas próximas aventuras.

Com uma primeira viagem bem-sucedida e os inesperados rendimentos financeiros obtidos com ela, a autora conseguiu se preparar para a segunda. O seu segundo destino, o norte da Europa, foi escolhido pela curiosidade que Pfeiffer sentia de conhecer as belezas naturais da Islândia. Essa também foi uma maneira de chegar o mais perto possível do pólo norte. A viagem contou inclusive com preparativos especiais – além de aprender dinamarquês e inglês, a austríaca aprendeu a fazer daguerreótipos, reproduções precursoras da fotografia, e levou o equipamento necessário para fazer imagens da ilha. Segundo Habinger (2014), essas são tidas como as primeiras imagens disponíveis da Islândia. A jornada foi realizada entre 10 de abril e 04 de outubro de 1845 e seu relato, intitulado *Reise nach dem skandinavischen Norden und der Insel Island* [Viagem ao Norte Escandinavo e à Islândia], foi publicado em 1846. Nascia também uma escritora.

A questão financeira é uma das dificuldades de viajar como mulher: não tendo a opção de estudar e trabalhar, elas não contavam com renda própria. Além disso, por ser mulher, não tinham à disposição as oportunidades comerciais e acadêmicas, que às vezes financiavam e justificavam as viagens dos homens. Nesta época, Pfeiffer tentou se aproximar de diversas Sociedades Geográficas da Europa, buscando entre elas uma forma de financiamento. A participação das mulheres nesses ambientes científicos não era permitida à época, mas vários espaços se mostraram dispostos a comprar itens que ela trouxesse de seus destinos. Os objetos podem variar entre pedras, sementes, flores e os tidos como "etnográficos", como roupas, adereços etc. Ainda assim, segundo Habinger (2014), essa aproximação não teria rendido os frutos desejados por Pfeiffer: o governo austríaco teria negado um incentivo financeiro, já

que "uma mulher sem educação não poderia coletar objetos de interesse científico" (HABINGER, 2014, p. 76).

Novamente, foi o dinheiro obtido com suas publicações e com a venda de artigos de lugares exóticos (conhecidos então como *Naturalien*) que permitiu as novas viagens da autora.

Não poderia esperar dificuldades e privações maiores dos que as que encontrei na Síria e na Islândia. Também não me assustei com os custos, pois já conhecia de experiência própria o quão pouco é necessário para se viver quando se limita ao essencial e está disposto a renunciar do conforto e da abundância. Economizando, juntei somas que para viajantes como o príncipe Pückler-Muskau ou Chateaubriand e Lamartine serviriam para viagens de natação de quinze dias. Mas para mim, uma simples peregrina, elas eram suficientes para viagens de dois ou três anos.⁴⁰ (PFEIFFER, 1860, s.p.)

Nessas condições Pfeiffer começa a planejar sua viagem mais ousada até então: uma volta ao mundo. Em maio de 1846, data da partida de Pfeiffer, o interesse pela escritora já é suficiente para Ludwig A. Frankl registrar no suplemento dominical *Sonntagsblättern für heimatliche Interesse* [Páginas dominicais de interesse para a nação] que a vienense partira com destino ao Brasil, sua primeira parada. Segundo Habinger (2014, p. 79), "o público austríaco podia, então, acompanhar nos jornais as viagens e experiências da conterrânea enquanto elas aconteciam"⁴¹ por meio da publicação de pequenos trechos que depois fariam parte de seus livros. Os meses que a autora passou no Brasil e suas características serão apresentados e debatidos com maior profundidade posteriormente.

Do Brasil, dando a volta pelo temido Cabo Horn, Pfeiffer segue para o Chile e, então, para a Ásia e para o Oriente Médio, de onde segue para casa. Em novembro de 1848, a autora voltou para a Áustria, onde aguardou, por mais de um ano e meio, a chegada dos inúmeros escritos feitos durante sua viagem e enviados por ela mesma

⁴⁰ „Größere Mühsale und Entbehrungen,“ schreibt sie, „als ich in Syrien und Island ausgestanden hatte, konnte ich nirgends erwarten. Auch die Kosten erschreckten mich nicht, da ich nun schon aus Erfahrung wußte, wie wenig man bedarf, wenn man sich auf das Allernöthigste beschränkt und jeder Bequemlichkeit, jedem Ueberfluß zu entsagen bereit ist. Durch meine Ersparnisse erhielt ich Summen, welche einen Fond bildeten, mit dem Reisende wie der Fürst Pückler-Muskau oder wie Chateaubriand und Lamartine höchstens auf einer vierzehntägigen Badereise ausgekommen wären, die mir, der einfachen Pilgerin, aber zu zwei- und dreijährigen Fahrten genügend schienen und, wie die Folge zeigte, es auch waren.“

⁴¹ "Das österreichische Publikum kann durüber hinaus in den Zeitungen laufend die Reiseetappen und Erlebnisse der unerschrockenen Landsfrau mitverfolgen".

para que chegassem em segurança. Para Habinger, a demora foi preocupante para a autora, pois a perda dos escritos "significaria, sem dúvida, o fim da carreira de Pfeiffer (2014, p. 96), já que esperava o dinheiro da venda dos livros para continuar a viajar. O livro *Eine Fraue fährt um die Welt – Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Ost-Indien, Persien und Kleinasien* [A jornada de uma mulher pelo mundo – Viagem para o Brasil, Chile, Tahiti, China, Índias Orientais, Pérsia e Ásia Menor] seria publicado apenas em 1850 – dois anos depois do seu retorno – em três volumes. O livro foi traduzido para o inglês e para o francês pouco tempo depois de sua publicação original em alemão.

O prefácio da edição inglesa do livro, publicada em 1851, traz a reprodução de uma matéria que saiu no jornal inglês *Athenæum*, também em 1851, assinada pelo jornalista A. Petermann. Segundo ele, Pfeiffer realizava suas viagens com poucos recursos. "A soma de £100, que lhe foi dada pelo Governo Austríaco, é a totalidade dos seus fundos. Ela não tem nenhuma fonte privada de renda. Ela precisou de vinte anos para economizar dinheiro suficiente para realizar sua primeira viagem!"⁴² (p. XII), relata. O repórter em questão não nota que os 20 anos não foram exclusivamente para guardar dinheiro para a viagem – um fator relevante é o desempenho do papel materno. Ainda em termos de fundos privados, Pfeiffer contava com os direitos autorais de seus livros. De qualquer forma, a autora não tinha muito dinheiro. Segundo Armin Strohmeyr, em um livro sobre 15 mulheres aventureiras, o fato de Pfeiffer muitas vezes dormir a céu aberto e comer o que conseguia encontrar é central para seu estilo de escrita. "Com isso ela tem uma visão desobstruída e sem distorções dos países e das pessoas, e por isso seus livros de viagem parecem autênticos e animados – até hoje"⁴³ (STROHMEYR, 2012, p. 55).

Sua próxima viagem também foi uma volta ao mundo e foi a de maior duração – começa em 18 de março de 1851 e termina apenas em maio de 1855. Segundo Habinger (2014), a vontade da autora austríaca a partir desse momento é ir para a Austrália. Para isso, vai à Londres (cujas modernidade, quantidade de carros e velocidade assusta a austríaca), onde consulta geógrafos e outras pessoas que

⁴² "The sum of £100, which was granted to her by the Austrian Government, forms the whole of her funds. Private resources she has none. It took her twenty years to save enough money to perform her first journey!"

⁴³ "Dadurch hat sie einen unverstellten, ungeschönten Blick auf Land und Leute, und gerade deshalb wirken ihre Reisebücher autenthisch und lebendig – bis heute".

poderiam ajudá-la a obter informações sobre o distante país (além de aproveitar a visita para fazer contatos importantes). Essas conversas acabam por lhe render uma decepção – devido à recém descoberta de ouro na Austrália, os preços de viagem são proibitivos, sendo acessíveis apenas a pessoas ricas como investimento para explorar as minas em busca de bens preciosos. Pfeiffer recalcula sua jornada e parte para a África do Sul, onde o dinheiro seria novamente um obstáculo – ancorada na Cidade do Cabo, descobre que os preços de viagens para o interior da África seriam inviáveis para seu orçamento. Embarca, então, em uma jornada com preço mais acessível: pega um navio para Singapura. Pfeiffer passa os próximos dois anos e seis meses no Arquipélago Malaio e suas mais de 20 mil ilhas onde, além de entrar em contato com os povos nativos e seus costumes, encontra estadia em várias colônias europeias. Quando sente vontade de sair das ilhas, se dirige a uma Embaixada dos Estados Unidos, onde consegue negociar a passagem de ida para o país (que lhe é dada gratuitamente). Além dos EUA, aproveita seu retorno à América para conhecer países como o Peru, antes de voltar para a América do Norte e então retornar para a Europa, encerrando sua segunda volta ao mundo. O registro da sua segunda volta ao mundo foi publicado em 1856 e é intitulado *Meine Zweite Weltreise – Von Wien nach London, Singapore, Borneo, Java, Sumatra, Celebes, Die Molukken, Kalifornien, Peru, Ecuador und Vereinigte Staaten von Nordamerika* [Minha segunda viagem ao redor do mundo – De Viena para Londres, Singapura, Bornéu, Java, Sumatra, Celebes, Ilhas Molucas, Califórnia, Peru, Equador e EUA], e foi publicada originalmente em quatro volumes.

Quando retorna da sua segunda volta ao mundo, encontra uma situação diferente. O relato da sua primeira circumnavegação encontrou um grande número de leitores e a tornou uma figura conhecida. Recebeu prêmios, foi convidada para fazer parte de Sociedades Geográficas (como a de Berlim e a de Paris) e foi retratada em litografias. Ainda assim, segundo Habinger (2014), era criticada fortemente pela imprensa do seu país – seus apoiadores geralmente estavam em Londres ou Berlim. Tanto que, segundo seus escritos biográficos (PFEIFFER, 1860), a maior parte dos itens que colecionou ficaram nos museus britânicos. A charge abaixo, publicada em um jornal de Viena, mostra um pouco a percepção de seu país sobre ela:

FIGURA 1: “EINE GELEHRTE REISENDE“



FONTE: Wiener Telegraf (1855), apud HABINGER, Gabriele (2004)⁴⁴.

Apesar de mostrar uma visão pouco lisonjeira da autora, é possível perceber o quanto ela já fazia parte de uma cultura compartilhada – o suficiente para se fazer piada com sua imagem.

A última viagem da austríaca começou em 1856 e seu destino foi, então, anunciado em todos os jornais: Madagascar, uma ilha sobre a qual se sabia pouco na Europa. A jornada foi atribulada: conflitos políticos (França e Inglaterra brigavam pelo controle da ilha), revoltas nacionais e problemas de saúde fizeram com que Pfeiffer acreditasse que morreria ali mesmo. Porém, retorna à Áustria, onde encontra abrigo na casa de seu irmão, Carl. Morreria na noite entre os dias 27 e 28 de outubro de 1858 por conta de um câncer no fígado decorrente de malária contraída em suas viagens. Seu último livro, *Reise nach Madagaskar* [Viagem a Madagascar], foi publicado postumamente por Oscar Pfeiffer, filho da autora, em 1860 (a edição inclui o *Biographische Skizze* aos quais fiz referência anteriormente).

⁴⁴ Legenda: Ida: Não fuja de mim, eu não tenho medo de selvagens. Índio: Mas eu tenho!

Ao contrário de outras autoras do seu tempo, Pfeiffer viajou sozinha – tendo por companhia pessoas que conhecia durante as próprias viagens. E a autora prezou pela sua independência: ela se acostumou, por exemplo, a levar uma quantidade de malas que conseguisse carregar sozinha caso precisasse (HABINGER, 2014). Seus deslocamentos são marcados pela flexibilidade: a autora nem sempre sabe bem como ou para onde vai, fazendo e refazendo planos conforme a viagem acontece (dependendo, por exemplo, da oferta de barcos no porto e do preço das passagens – ela faz, com frequência, a escolha mais barata). Ainda assim, sabe-se pouco sobre seus preparativos, pois não deixou muitos registros sobre isso. Algumas de suas cartas mostram seu contato com viajantes que já tinham ido aos lugares de seu interesse para pedir informações, dicas e recomendações de contatos. Ela também teria aprendido italiano, francês, inglês e dinamarquês, conseguindo assim se comunicar melhor em diversos países, além de aprender minimamente os idiomas dos países nos quais passava mais tempo. Segundo Habinger (2014), Pfeiffer provavelmente teve de lidar com problemas de ordem prática em termos de passaportes e vistos, mas raramente fala sobre isso.

As viagens de Pfeiffer tiveram um impacto não só literário, mas também científico. Ela levou para a Europa cerca de 4.200 objetos naturais ou etnográficos para vender ou doar para museus e gabinetes (Habinger, 2004), que eram enviados ao longo das viagens. Entre os objetos naturais estavam plantas, sementes, insetos, borboletas, besouros, crustáceos, moluscos, peixes, pássaros, pequenos mamíferos e minerais. Entre os objetos etnográficos estavam flechas e outras armas, adornos de pequeno porte e itens de fabricação de diferentes grupos, além da descrição de ritos e costumes. Tanto que, apesar de muitas críticas, Pfeiffer começa a ter uma participação ativa em Sociedades Geográficas e Naturais. Assim, pode-se notar que, pelo menos em certos espaços sociais e por determinadas pessoas, ela foi aceita como viajante, escritora e pesquisadora.

As cartas escritas por Pfeiffer que estão catalogadas revelam pouco mais além dos seus escritos. A grande maioria se refere ao período em que já viajava – seja para mandar notícias para familiares e outras pessoas próximas (contando impressões ou narrando acontecimentos bem similares aos dos livros), para outros viajantes (em busca de dicas ou recomendações) ou para editores, naturalistas e outros contatos profissionais (com o objetivo de divulgar seu trabalho).

Temporalmente, as cartas disponíveis hoje se concentram no período final da sua vida.

Os papéis usados para escrever as cartas variam entre si – um exemplo muito singelo das mudanças vividas pela autora em cada viagem. Costumam ser muito finos e dobrados várias vezes – vários eram dobrados em si mesmos para que o verso da página fizesse vezes de envelope. As letras e linhas espremidas, para escrever o máximo possível em uma folha, também são uma característica (dificultando a leitura das mesmas).

A seguir está um exemplo de carta. Escrita em 1847 para Joseph Winter, quando Pfeiffer estava nas Filipinas, conta com um relato de sua experiência no Brasil: nada mais do que um sumário dos temas desenvolvidos em seu livro. Diz, por exemplo, ter seguido o rio Paraíba em busca dos selvagens, e relata ter sido atacada por um negro em uma excursão. A descrição dura menos da metade de um parágrafo, quando ela já relata a ida para o Chile e as paradas seguintes da viagem.

Pfeiffer encarou desafios tanto enquanto viajante tanto enquanto autora – o mundo não esperava e não era formatado para abrigar mulheres como ela. Ainda assim, viajou tanto quanto ou até mais do que muitos naturalistas com educação formal para empreendimentos deste tipo. Pfeiffer se distancia deles nesse aspecto: foi sem saber o que esperar ou como viajar e aprendeu durante o caminho. E a formação – ou *Bildung* – parece ser um tema chave para entender tanto a formação da autora, do seu texto e de seus leitores como da própria da tradução apresentada neste trabalho. Por isso, este será o tema do próximo capítulo.

3 *BILDUNG* E TRADUÇÃO

Enquanto conceito, *Bildung* se mostra um tanto complexo, apresentando diferenças históricas e contextuais relevantes. Por isso, o objetivo inicial deste capítulo é apresentar o conceito e sua acepção de interesse para esta pesquisa, para depois relacioná-lo à noção de tradução e ao contexto de produção de autoras mulheres – formando, assim, a base teórica para a tradução que apresento no capítulo cinco.

3.1 CONCEITO DE *BILDUNG*

Os irmãos Grimm, no *Deutsches Wörterbuch* [Dicionário Alemão] de 1854⁴⁵, apresentam quatro definições para o termo *Bildung*. A primeira delas é referente a sua origem: "*ursprünglich bedeutete bildung imago, was bild und bildnis*"⁴⁶. Ou seja, etimologicamente, *Bildung* teria um sentido similar ao latim *imago*: uma imagem. A segunda definição se refere ao sentido que a palavra ganhou com o tempo, relativa às palavras latinas *forma* e *species*: formação física e espécie/aparência. Para tanto, os irmãos Grimm citam exemplos de Goethe, Kant, Schiller, entre outros. A terceira acepção é o de *cultus animi, humanitas*, ou seja, cultivo da alma ou da humanidade. A quarta e última se refere a *formatio, institutio*: formação, instituição. Sobre as últimas duas acepções, Heidermann e Weininger (2006, p. XIII) afirmam:

Ao longo do século XIX, então, *Bildung* começou a ser usado no sentido mais abstrato de: "formação e desenvolvimento intelectual geral", "instrução", "erudição" ou até "nível cultural almejado/alcançado", baseado na ideia do aperfeiçoamento tanto do indivíduo quanto do seu ambiente social, cultural e universal, e, ao mesmo tempo, implicando o compromisso ético com estes valores e a dedicação à sua preservação e divulgação.

O que no começo foi uma simples *imagem* se torna uma *imagem almejada*: o aprimoramento do indivíduo e de suas instituições, aquilo que se quer tornar. Assim, nessa acepção, *Bildung* se torna uma noção permeadora do intelecto do século XIX

⁴⁵ Uma empreitada em si marcante do período romântico alemão: a busca pela origem da língua e por uma versão mais unificada da mesma, assim como de uma história formadora de uma identidade alemã. Os mesmos autores são, por exemplo, responsáveis pela coleta e subsequente publicação de contos domésticos e infantis, que buscam origens culturais e populares das histórias compartilhadas oralmente.

⁴⁶ "Antes *Bildung* significava *imago*, como imagem ou retrato".

na cultura germânica, seja na literatura, na filosofia, nas artes, na educação, na política ou nos aspectos individuais. Segundo Hans Gadamer (*apud* SUAREZ, 2005, s.p.), esse é um dos conceitos mais importantes do século XVIII e o elemento aglutinador das ciências do espírito no século XIX. Um aspecto importante do termo também é levantado pela própria Rosana Suarez (2005): *Bildung* exprime, ao mesmo tempo, "o elemento definidor, o processo e o resultado da cultura" (s.p.).

O conceito é tão central para a cultura do século XIX que origina o gênero literário mais significativo período: o *Bildungsroman*, traduzido usualmente para o português como romance de formação. Em sua apresentação para a edição brasileira de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Johann Wolfgang von Goethe, tido como a obra fundadora do *Bildungsroman* enquanto gênero literário, Marcus Vinícius Mazzari (2006) explica:

Bildung tem uma longa história atrás de si, começando com a sua identificação com o sentido primeiro de *Bild* ("imagem", *imago*) e desdobrando-se na ideia de reprodução por semelhança, *Nachbildung* (*imitatio*): nessa acepção original, o arquétipo de *Bild* ("imagem") e da forma verbal *bilden* ("formar") estaria relacionado com o próprio Criador, que "formou o homem a sua imagem e semelhança". Mazzari, Marcus Vinícius (2006, p. 11).

O filósofo francês Antoine Berman, em seu ensaio *Bildung et Bildungsroman* (1983), explora quatro aspectos importantes do conceito tal qual usado por diversos autores durante o século XIX: *Bildung* como trabalho, como viagem, como tradução e como retorno à Antiguidade. No primeiro caso, o autor ressalta o aspecto prático que o conceito tem – ou seja, para o processo de *Bildung* acontecer, deve existir a ação do indivíduo. Enquanto viagem, a *Bildung* tem como essência "lançar o 'mesmo' num movimento que o torna outro" (BERMAN, 1983, p. 147, *apud* SUAREZ, 2005, s.p.). Nesse sentido, dialoga com a noção de alteridade e a viagem se torna um dos meios pelos quais um indivíduo pode procurar sua formação. O terceiro aspecto de *Bildung* ressaltado por Berman é a tradução, apresentada com mais profundidade no tópico a seguir. Por fim, há o aspecto de retorno à Antiguidade. Neste sentido, "*Bildung* se relaciona com *Urbild*, original, arquétipo, e também com *Vorbild*, norma ou modelo aos quais *Bildung* se refere numa relação de reprodução ou 'resposta', *Nachbild*" (SUAREZ, 2005, s.p.). Partindo dessa noção, percebe-se a Antiguidade Grega como um arquétipo para a cultura alemã do XIX.

Bildung se apresenta, tal qual caracterizado por Berman, como um conceito dinâmico e plural. "Para Berman, a totalidade das traduções que constituem *Bildung* pertence ao espaço da *filologia*, desde que percebamos nesta palavra uma riqueza de significados, em geral hoje perdida", finaliza Suarez (2005, s.p.).

Outro aspecto que deve ser ressaltado do conceito de *Bildung* é que ele pode ser aplicado a um indivíduo, mas também a uma língua, a um povo, a uma nação.

3.2 BILDUNG E TRADUÇÃO

Em seu estudo sobre a prática e o pensamento sobre tradução no período do romantismo alemão, publicado no livro *A Prova do Estrangeiro*, Antoine Berman (2002) relaciona a produção tradutória com outros aspectos sociais e culturais do período, defendendo que "em cada época ou em cada espaço histórico considerado, a prática da tradução *articula-se* à da literatura, das línguas, dos diversos intercâmbios culturais e linguísticos" (BERMAN, 2002, p. 13). Com isso, insere os estudos da tradução em um diálogo constante com o pensar de uma época e as outras práticas que decorrem dele. E faz isso por identificar no período romântico uma necessidade maior de se pensar a própria tradução – uma teoria da tradução que é influenciada por outros aspectos filosóficos e culturais, fazendo com que o traduzir se tornasse um "ato gerador de identidade" no período (BERMAN, 2002, p. 30). Pensar a tradução seria uma *necessidade interna* do período: ou seja, seria uma parte importante da própria formação de cultura do período. Para Berman, a maneira de se pensar (ou não) a tradução e a maneira de praticá-la fazem parte de uma rede cultural infinitamente complexa – o que tenta pensar e identificar ao falar sobre a tradução no Romantismo Alemão. Além disso, o autor chama atenção para o fato de o período romântico produzir "grandes traduções que se mostraram ser um bem durável do patrimônio alemão" para vários autores como Platão Shakespeare, Cervantes ou Petrarca (BERMAN, 2002, p. 27).

O autor introduz, então, a relação com o conceito de *Bildung*, aplicável tanto à cultura quanto à formação, que vai "desenvolver a empresa dos românticos" (BERMAN, 2002, p. 31). Nesse contexto, a tradução possibilita uma nova relação, permitindo acesso a um texto desconhecido até então àquela língua, o que, por sua

vez, promove um crescimento, ou uma evolução, aprimoramento, de seus leitores e da língua em si⁴⁷ – o contato com um outro é um aspecto central para a discussão.

Segundo Berman (2002), essa relação começou a se estreitar com a tradução da Bíblia feita por Lutero no século XVI, que teve um papel formativo na criação da língua alemã (pois levava em consideração os registros orais para resultado final ser amplamente compreendido) e em um novo sentimento religioso. "Essa tradução, com efeito, marcou o início de uma tradição na qual o ato de traduzir é, a partir de então – e até hoje –, considerado como uma parte integrante da existência cultural e, mais ainda, como um momento constitutivo do germanismo, da *Deutschheit*" (BERMAN, 2002, p. 28) A partir disso, o conceito de *Bildung* se tornaria cada vez mais importante, ocupando uma posição central na cultura de língua alemã do final do século XVIII. Nesse momento, Berman se ocupa de definir *Bildung* nos diversos sentidos da palavra para o contexto romântico:

Bildung significa geralmente 'cultura' e pode ser considerada como a variante erudita da palavra *Kultur*, de origem latina. Mas, para a família lexical à qual pertence, esse termo significa muito mais e se aplica a muitos outros registros: assim, pode-se falar da *Bildung* de uma obra de arte, de seu grau de 'formação'. Da mesma maneira, *Bildung* tem uma fortíssima conotação pedagógica e educativa: o processo de formação (2002, p. 79).

O que é então *Bildung*? Ao mesmo tempo um processo e seu resultado. Pela *Bildung*, um indivíduo, um povo, uma nação, mas também uma língua, uma literatura, uma obra de arte em geral se formam e adquirem assim uma forma, uma *Bild*. A *Bildung* é sempre um movimento em direção a uma forma que é uma *forma própria*. (2002, p. 80)

Nestas definições, nota-se que o termo une dois conceitos: tanto o de educação, como o de cultura. É uma espécie de constante aprimoramento do indivíduo, que está em constante busca por mudança para o melhor. Para Berman, esse conceito resume a própria concepção que a cultura alemã do período tem de si mesma – ou seja, a própria cultura buscava o constante aprimoramento de si mesma. A *Bildung* se articula em períodos e pode-se, então, pensar em etapas "da

⁴⁷ Berman vê a tradução como processo de *Bildung* de uma língua já que, nesse processo, a língua entra em contato com uma outra e passa por um processo de transformação. "Ele [o tradutor] quer forçar a sua língua a se lastrear de estranheza, forçar a outra língua a se de-portar em sua língua materna" (BERMAN, 2002, p. 19).

humanidade, da cultura, da história, do pensamento, da linguagem, da arte e dos indivíduos" (BERMAN, 2002, p. 81).

Berman defende então, partindo de Heidegger, que a *Bildung* é triádica, ou seja, composta por três etapas: ser-em-si-mesmo, ser-fora-de-si, o retorno a si. "Nesse sentido, a *Bildung* é um *auto-processo* em que há um 'mesmo' que se desdobra até adquirir sua plena dimensão" (BERMAN, 2002, p. 81). Ou seja: parte-se do princípio do indivíduo ser em si mesmo, mas passa por um processo de ser-fora-de-si, o que pode compreender uma gama de diferentes experiências nas quais se expõe ao diferente para ter o contato com o outro via uma alteridade. Então o retorno a si, no qual essas experiências são transformadas – ou *traduzidas* – para o indivíduo continuar sendo ele mesmo, mas em uma *forma* melhorada.

Pois a experiência é a única noção que pode abraçar todas as outras. Ela é alargamento e infinitização, passagem do particular ao universal, prova da cisão, do finito, do condicionado. É viagem, *Reise*, ou migração, *Wanderung*. Sua essência é jogar o "mesmo" em uma dimensão que vai transformá-lo. Ela é o movimento do "mesmo" que, mudando, encontra-se "outro". (...) Mas ela também é, enquanto viagem, experiência *da alteridade do mundo*: para ter acesso ao que, sob o véu de um tornar-se-outro, é na verdade um tornar-se-si, o mesmo deve fazer a experiência do que não é ele, ou pelo menos parece como tal. (2002, p. 81-82)

A *Bildung* é, então, um processo constante de transformação do indivíduo, da sociedade, da língua. Não é necessariamente um ponto de chegada, mas uma busca contínua. Como o próprio Berman afirmou, é um conceito central para a produção cultural do período, que vê na produção literária (com o formato do *Bildungsroman*), nas viagens e na busca pelo outro uma maneira de melhorar a si mesmo. E a tradução não escapa disso: o autor propõe uma maneira com que a tradução estaria "estruturalmente inscrita na *Bildung*" (BERMAN, 2002, p. 80). Adiante, afirma:

Essa breve caracterização esquemática da *Bildung* mostra imediatamente que *ela está intimamente relacionada com o movimento de tradução*: pois este parte, com efeito, do próprio, do mesmo (o conhecido, o cotidiano, o familiar), para ir em direção ao estrangeiro, ao outro (o desconhecido, o maravilhoso o *Unheimlich*) e, a partir dessa experiência, *retornar a seu ponto de partida*. (2002, p. 84)

A tradução é, em si, uma experiência do estrangeiro, que ocorre tanto na prática tradutória, expondo a língua alvo a uma influência de uma língua estrangeira,

quanto na prática da leitura, permitindo o contato com um estrangeiro aos leitores. "*Uma vez que o estrangeiro tem uma função mediadora, a tradução pode se tornar um dos agentes da Bildung*", afirma Berman (2002, p. 86) – isto é, a tradução é um dos meios pelos quais pode-se ser-fora-de-si e passar por um processo de *Bildung*. "*Essa natureza circular, cíclica e alternante da Bildung implica em si mesma alguma coisa como uma translação, uma Uber-Setzung, um colocar-se-além-de-si*" (Berman, 2002, p. 86).

Sobre o impacto dessa noção na produção cultural da época, Berman afirma:

Assim, a época de Voss, de Hölderlin, de Schleiermacher e de A.W. Schlegel vê tomarem impulso a filologia, o orientalismo, a pesquisa comparatista, a ciência do folclore, os grandes dicionários nacionais, a crítica literária e artística; até as memoráveis viagens de Alexandre von Humboldt, o irmão de Wilhelm von Humboldt, se situam nessa dimensão. Em todas essas translações, é a essência da *Bildung* que se afirma. (2002, p. 87)

Pode-se observar, então, que as manifestações dessa *necessidade* de contato com o outro se dão em diversos âmbitos de pesquisa, literatura⁴⁸ (como o registro de contos populares pelos irmãos Grimm) e até viagem como prática literária e científica, caso de Alexander von Humboldt, contemporâneo a Ida Pfeiffer e correspondente da austríaca em determinados momentos. O naturalista alemão esteve em diversos países em busca de diversidade natural, criando um contexto de produção científica ao seu redor. Mas, mais do que uma simples catalogação do mundo, se relacionava também com os países de uma forma social e cultural, com um impacto grande sobre alguns destes povos, como já discutido no capítulo anterior. Ainda sobre Alexander von Humboldt, temos a seguinte afirmação da pesquisadora Mary-Louise Pratt: "Como todos os seus comentadores notaram, a ênfase de Humboldt nas harmonias e forças ocultas o alinham com a estética espiritual do Romantismo"⁴⁹ (2003, p. 135), o que mostra a relação das práticas de viagem com o conceito de *Bildung*, afinal, a viagem é, por excelência, a experiência de contato com o estrangeiro.

⁴⁸ Em termos de uma formação ou influência da literatura alemã, Berman afirma que a tradução teve um papel decisivo na transmissão de formas. "A retomada dos contos e das poesias populares, dos cantos e das epopéias medievais, de Herder a Grimm, tem o mesmo sentido: trata-se de um tipo de intra-tradução pela qual a literatura alemã se apodera de um vasto tesouro de formas, bem mais do que de um estoque de temas e de conteúdos" (BERMAN, 2012, p. 31).

⁴⁹ "As all his commentators have noted, Humboldt's emphasis on harmonies and occult forces aligns him with the spiritualist esthetics of Romanticism".

A *Bildung* não acontece, porém, sem fronteiras ou limites. O retorno para si é talvez uma das partes mais importantes, se não o estrangeiro pareceria "em uma simbiose total" (BERMAN, 2002, p. 87). Para Berman, é justamente o limite, ou o retorno, que distinguem a *Bildung* de uma aventura errante: "A 'grande viagem' não consiste em ir a qualquer lugar, mas aonde é possível se formar, se educar e progredir em relação a si mesmo" (2002, p. 88). Quanto à tradução, pode-se pensar que o retorno a si mesmo é o texto final escrito na língua alvo que, embora tenha passado por uma transformação dado o contato com um texto estrangeiro, é um texto na língua alvo que se dá em diferença com o texto na língua de partida.

No período do século XVIII, a tradução vai ser a ferramenta central de um dos projetos de Johann Wolfgang von Goethe para uma contribuição a uma *Bildung* literária: a *Weltliteratur*, ou literatura mundial. "A noção goetheana de *Weltliteratur* é um conceito histórico que diz respeito ao estado *moderno* da relação entre as diversas literaturas nacionais ou regionais", afirma Berman (2002, p. 101). Ou seja: é uma maneira de agregar uma literatura mundial à produção de uma literatura local sem que isso signifique o fim das literaturas nacionais, mas sim colocá-las em "um espaço-tempo no qual elas agem umas sobre as outras e procuram esclarecer mutuamente suas imagens" (BERMAN, 2002, p. 101-102). O contato com o estrangeiro, a partir de uma literatura produzida por ele, é possibilitar uma *Bildung* para seus escritores, leitores e sua própria literatura. Segundo Berman, a tradução abriu cada vez mais o espaço cultural alemão para "os espaços culturais estrangeiros", podendo "se tornar o 'mercado de troca' por excelência da *Weltliteratur*" (2002, p. 104).

Num contexto cultural e social marcado por uma noção de *Bildung*, tradução e viagem assumem uma posição análoga, já que ambas colocam o indivíduo em contato com o estrangeiro. A primeira por sua escrita, a segunda em sua geografia. Ainda assim, as duas experiências são também marcadas por uma subjetividade: o indivíduo necessariamente imprime algo de si na experiência, desde a escolha de qual texto traduzir e a qual destino viajar até a maneira com que essas experiências são feitas.

No artigo *Relatos de viagens como objetos de reflexão historiográfica e da prática tradutória*, Luiz Barros Montez (2014) ressalta o aspecto híbrido da literatura de viagem, no qual uma objetividade não-ficcional se mistura com uma performatividade narrativa do autor criando narrativas com um limite tênue entre história e literatura. Para ele, essa característica do texto faz com que sua prática

tradutória deva ser feita de uma maneira consciente destes mecanismos. "Parece bastante claro que, para que isso possa ser realizado, é fundamental reconhecer o documento textual como prática social concreta em meio aos conflitos e interesses econômicos, políticos e ideológicos da época que foi produzido" (MONTEZ, 2014, p. 279). Ou seja, o relato de viagem é uma prática subjetiva na qual diversos fatores de ordem individual ou coletiva se agregam, fazendo os narradores construir sua narrativa a partir de um ponto de vista específico.

Além disso, os relatos de viagem podem ser lidos dentro de seu contexto de literatura ou de documento historiográfico. Para tanto, a tradução destes textos deve levar em consideração aspectos de construção textual e aspectos biográficos e sociais, por exemplo, mas mais que isso: escolhas semânticas ou linguísticas também são fontes de informação historiográfica. "Antes devemos considerá-los como um conjunto de práticas que, de forma dialética, simultaneamente representam, agem socialmente e estabelecem objetos e sujeitos, isto é, identidades" (MONTEZ, 2014, p. 288).

Neste aspecto, o texto pode ser novamente visto em um conceito de *Bildung*. Enquanto documento, apesar de lido como obra literária, se presta a ser construtor de uma nova informação para quem entre em contato com ele (Montez explica, por exemplo, como relatos de estrangeiros sobre o Brasil mostram muitas vezes aspectos não documentados de outras formas). Me proponho, então, a realizar uma tradução que leve isso em consideração.

3.3 *BILDUNG* FEMININA

A pesquisadora Cristina Ferreira Pinto (1990) propõe, no livro *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*, uma avaliação do conceito de *Bildung* em sua manifestação literária *Bildungsroman* a partir de uma perspectiva de personagens femininas. Para isso, recupera a crítica literária já feita por outras autoras sobre a ausência de personagens femininas que ocupem a posição de protagonistas em romances deste tipo:

O problema da ausência da protagonista feminina na tradição do "Bildungsroman" e outras questões relativas de caráter histórico, cultural e socioliterário têm sido levantadas por diversas críticas feministas. A primeira a colocar a questão foi provavelmente Ellen Morgan, em um estudo de 1972 sobre o romance (anglo-americano) "neo-feminista". "The Bildungsroman is a male affair", afirma Morgan categoricamente (184), lembrando que, embora tivesse havido sempre "romances de aprendizagem" feminina, essa aprendizagem se restringia à preparação da personagem para o casamento e a maternidade. Seu desenvolvimento era retratado em termos de crescimento físico, da infância e adolescência até o momento em que estivesse "madura" para casar e ter filhos (MORGAN, 184). Antes do aparecimento do romance "neofeminista", segundo Morgan, os poucos exemplos de "Bildungsroman" femininos que focalizavam o desenvolvimento pessoal – ou seja, psicológico, emocional e intelectual – da protagonista terminavam constantemente em fracasso. (PINTO, 1990, p. 13).

Tomando o *Bildungsroman* como uma manifestação do próprio conceito de *Bildung*, pode-se perceber diferenças na própria ideia de *Bildung* para uma mulher: no período romântico não era esperado que uma mulher viajasse e se colocasse em contato com o diferente ou estrangeiro para então se formar enquanto indivíduo. Ao contrário: a mulher se formava em casa, em contato constante com os seus. Pinto (1990) chega a defender, inclusive, que personagens femininas não são protagonistas de *Bildungsroman* típicos justamente pelas expectativas sociais quanto ao papel da mulher:

Segundo as expectativas que a sociedade tinha em relação à mulher, portanto, seu 'aprendizado' se daria dentro de um espaço bem delimitado. O 'mundo exterior' responsável pela formação do herói do *Bildungsroman* seria, no caso da protagonista feminina, os limites do lar e da família, não havendo margem para seu crescimento interior. (...) Vista dentro desse cenário limitado, a mulher parece inadequada para protagonizar um "Bildungsroman" (PINTO, 1990, p. 13-14).

Pinto (1990) começa elencando as características do *Bildungsroman*⁵⁰, afirmando que já nas características se cria uma impossibilidade de uma *Bildung* para uma personagem feminina. Cito um exemplo disso: parte de um *Bildungsroman* é a viagem ou o contato da personagem com um ambiente e pessoas que lhe são estrangeiras. Considerando, ao menos no período romântico, a viagem socialmente

⁵⁰ Um *Bildungsroman* seria uma obra que apresenta: "infância da personagem, conflito de gerações, provincianismo ou limitação do meio de origem, o mundo exterior, auto-educação, alienação, problemas amorosos, busca de uma vocação e uma filosofia de trabalho que podem levar a personagem a abandonar seu ambiente de origem e tentar uma vida independente" (PINTO, 1990, p. 14).

interditada às mulheres, ao menos parte das convenções do gênero literário teriam que ser diferentes para personagens femininas.

Ao estudar obras de ficção brasileira de autoras como Clarice Lispector ou Raquel de Queiroz, Pinto (1990) com frequência identifica uma possível *Bildung* em andamento com personagens femininas, interrompida quando há a aceitação de um papel social associado de antemão, como o de esposa ou mãe. "Outras vezes essa interrupção se dá de maneira mais *brusca* – truncamento, mutilação física e/ou emocional, de um destino fracassado, isto é, o destino de uma mulher que foge aos padrões sociais de feminilidade" (PINTO, 1990, p. 17).

Embora a pesquisa de Pinto discuta a representação de mulheres no *Bildungsroman*, isso reflete o próprio projeto de *Bildung*, diferente de acordo com o gênero do indivíduo em questão: a ideia do jovem viajante em busca do conhecimento a partir do contato com o outro só está disponível para os homens (além, é claro, de ser também uma questão de classe – só aquele que tem recursos para viajar).

Ora, em parte, isso está presente na própria biografia de Ida Pfeiffer. Sua *Bildung* começa quando criança, ao ter contato com os livros de viagem que tanto marcaram sua imaginação e vontade. O processo é interrompido pelas expectativas sociais do período, personificadas na figura da mãe e sua insistência na manutenção das expectativas sociais via um casamento arranjado. Pfeiffer se torna esposa e mãe e, depois de sair desses papéis sociais (o amadurecimento dos filhos faz com que a maternidade deixe de ser uma obrigação diária; a separação seguida por uma viuvez fazem com que deixe de ocupar o papel de esposa) retoma sua *Bildung*. Sem espaço para uma educação formal, a viagem é a maneira encontrada pela autora para ter suas experiências formadoras – tanto que, já em movimento, aprende línguas e até ciências.

Para Habinger (2004), os relatos de viagem de mulheres tinham também a função de mostrar novas perspectivas para os leitores:

No entanto, como já foi esclarecido, as publicações também foram uma oportunidade para as escritoras de viagem expressarem suas próprias opiniões, examinarem criticamente sua própria sociedade e aproveitaram ao máximo essa oportunidade. O confronto com projetos sociais anteriormente desconhecidos, com ideias de feminilidade ou de divisão do trabalho entre os sexos que diferem das da Europa também poderia dar origem a um exame crítico da própria posição social.⁵¹ (HABINGER, 2004, p. 115)

Assim, ao serem expostas a realidades diferentes da sua e a modelos de construção de sociedade diferentes dos seus, as autoras teriam mais argumentos para desenvolver um olhar crítico quanto à sua própria sociedade e ao seu papel dentro dela. Aqui, a *Bildung* se dá tanto para a autora, que vive essa transformação ao entrar em contato com o estrangeiro, mas também com o leitor de sua obra, que percebe essa transformação e tem acesso a uma outra realidade.

Pfeiffer não viveu um projeto de *Bildung* prototípico. Ainda assim, suas viagens e seus livros representam um grande passo e uma quebra de paradigmas, pois estes não eram os espaços esperados para uma mulher. Não são raros os críticos ou comentadores que a aproximem de figuras masculinas – na tentativa de descrever um fenômeno considerado impossível, a única saída possível é compará-la com aqueles que podiam participar das viagens e da escrita.

Estes são assuntos tratados no próximo capítulo: as características da escrita de Pfeiffer, os mecanismos narrativos presentes em sua obra e as escolhas tradutórias derivadas dessas discussões.

⁵¹ “Die Publikationen waren aber auch, wie bereits deutlich wurde, eine Gelegenheit für die Reiseschriftstellerinnen, die eigene Meinung zu äußern, sich kritisch mit der eigenen Gesellschaft auseinanderzusetzen, und diese Möglichkeit nutzen sie reiflich aus. Dabei konnte die Konfrontation mit bisher unbekannten gesellschaftlichen Entwürfen, mit Vorstellungen von Weiblichkeit oder einer Arbeitsteilung zwischen den Geschlechtern, die von jenen in Europa abweichen, auch Anlaß sein, die eigene gesellschaftliche Position kritisch zu durchleuchten“.

4 LEITURA E ANÁLISE DOS CAPÍTULOS INICIAIS DE “A JORNADA DE UMA MULHER AO REDOR DO MUNDO”, DE IDA PFEIFFER

Como dito, encontrar a obra de Pfeiffer foi uma grande surpresa. Ler uma mulher, já de certa idade, viajando por meses em navios, encarando florestas fechadas apenas com a companhia de um guia e se propondo a experimentar o que cada lugar tinha a oferecer, fosse isso comer carne de macaco ou jantar encolhida num canto de um barco para não ser derrubada pelas tormentas, me mostrou que existem mais maneiras de viajar e, mais importante, de ver o mundo, do que eu imaginava. As incertezas eram maiores que as certezas: a hospedagem, as datas de partida e chegada, os destinos da viagem como um todo e até mesmo a própria possibilidade de retorno eram incertas desde o início de viagem, mas iam se refazendo a cada parada e destino.

A vontade de ver o mundo, a abertura a viver experiências novas e a resistência para lidar com o inesperado foram as características mais marcantes para mim na narrativa de Pfeiffer inicialmente. Na minha vida enquanto leitora, esta posição frequentemente não pertencia às mulheres: elas eram aquelas que esperavam os viajantes ou que recebiam os viajantes em seus destinos, não as que viajavam. Admirá-la, porém, não é vê-la como infalível. Seu olhar etnocêntrico em relação aos outros povos provavelmente é a maior de suas falhas: ler esses trechos hoje é, no mínimo, incômodo e desconfortável (como sua afirmação de que negros são sujos e feios). Descobri então Pfeiffer como um indivíduo complexo. Não só uma heroína e aventureira ou uma imperialista e preconceituosa, mas sim uma mulher com todas essas características. E sua escrita mostra justamente uma pessoa descrevendo os outros com parâmetros de comparação inalcançáveis ao mesmo tempo que consegue ser empática e abolicionista.

É fácil ver Pfeiffer como uma mulher emancipada ou precursora do feminismo por ter quebrado tantas convenções sociais de seu período. Mas Pfeiffer é uma mulher de seu tempo – e, como Mills (1991) afirma, deve ser compreendida como tal. Afinal, como mulher viajante e escritora, ela estava submetida a várias limitações do seu tempo, inclusive no campo editorial (escolhendo estilos de escrita e temas de discussão tidos como apropriados, por exemplo).

Depois de ter contextualizado a obra de Ida Pfeiffer e explorado o conceito de *Bildung* na tradução, me detenho agora a descrever as características narrativas da

obra da viajante, buscando ressaltar as mais determinantes para a construção narrativa da própria autora (características que tento manter na minha tradução, apresentada no capítulo seguinte). Além disso, relaciono *Bildung* com essas características, com o objetivo de mostrar como o próprio conceito se manifesta na escrita de Pfeiffer.

4.1 CARACTERÍSTICAS DAS OBRAS DAS MULHERES VIAJANTES

Será que é possível encontrar, entre tantos escritos de viagem, um padrão que diferencie a escrita de mulheres e de homens? Se sim, quais são eles? Esse é uma das principais perguntas do livro *Discourses of Difference* [Discursos da diferença], da pesquisadora americana Sara Mills, publicado em 1991. Nesta obra, Mills se ocupa em estudar o contexto de produção dessas obras, revisar a literatura crítica já produzida sobre elas e fazer um estudo de caso da obra de três escritoras britânicas: Alexandra David-Neel, Mary Kingsley e Nina Mazuchelli.

É necessário, antes de tudo, fazer uma pequena advertência: Pfeiffer se insere de maneira diferente no contexto imperialista em comparação com as três escritoras analisadas por Mills. Um dos aspectos que Mills leva em consideração no estudo das autoras mencionadas é a maneira com que elas se relacionavam com as colônias de seus próprios países. Esse não é o caso de Pfeiffer. Ainda assim, as características observadas por Mills são válidas em Pfeiffer, pois a austríaca compartilha de um mesmo contexto cultural (etnocentrismo e superioridade da cultura europeia sendo os principais deles). É necessário lembrar também que Pfeiffer foi leitora de livros de viagem, muitos produzidos por escritores de um contexto imperialista, e é influenciada diretamente por eles.

Uma das diferenças apontadas por Mills entre homens e mulheres não está na escrita em si, mas no momento e nos círculos nos quais estão inseridos. Essas diferenças já foram apresentadas no texto – basta lembrarmos da diferença que o termo *Bildung* vai ter para os dois gêneros. O próprio contexto cultural e social do imperialismo privilegiava o conhecimento produzido por homens – se é que considera a possibilidade de um conhecimento produzido por mulheres. Assim, qualquer escrito delas era tratado de maneira marginal pela sociedade, começando já na possibilidade de publicação de seus livros e nas limitações temáticas da escrita. Não defendo que a escrita de autoras mulheres seja necessariamente diferente da de autores homens,

mas que contextos de produção tão diferentes como os apresentados nesse período e as diferenças sociais impostas aos dois grupos geram resultados diferentes. Isso faz com que as autoras deste período sejam desafiadoras de um ponto de vista teórico: são uma mistura dos estereótipos coloniais e imperialistas e, ao mesmo tempo, não conseguem adotar a voz imperialista por completo.

Dou um exemplo de como as expectativas sociais podem influenciar a produção dos autores e das autoras. Por um lado, características como energia, independência e espírito aventureiro eram creditadas aos homens socialmente. Essas características são aliadas ao gênero de viagem em si: um gênero que exige que o autor viaje, se exponha ao novo, corra riscos. Ao mesmo tempo, se espera que os homens sejam responsáveis pela produção do conhecimento, sejam inovadores e pesquisadores. O mesmo não acontece com as autoras mulheres.

Por outro lado, a escrita de diários e cartas, gêneros pertencentes à esfera do privado e da sociabilidade, eram considerados apropriados para mulheres. Nesses gêneros, as autoras descreviam seus dias, contavam sobre pessoas próximas, narravam acontecimentos cotidianos triviais. Essas expectativas sociais se transferem para a escrita de relatos de viagem: é mais frequente que homens escrevessem tratados científicos e mulheres escrevessem relatos com formato de cartas e diários (contudo, existem contraexemplos para ambos os casos).

Essas restrições são dadas pelos círculos sociais dos escritores, pelo nível e tipo de educação que lhes foram permitidos, pelas questões financeiras (era necessário ter dinheiro para viajar e, sem poderem trabalhar ou receber heranças, eram poucas as mulheres com bens sociais disponíveis) e pelas regularidades do discurso – isto é, por outros textos, em livros e jornais, já publicados.

Apesar dessas dificuldades, algumas mulheres quebraram os estereótipos, viajaram e publicaram seus relatos (em parte pelo espaço que conquistaram no mercado editorial, já discutido no primeiro capítulo da dissertação). Pensando em tudo isso, Mills (1991) afirma que tanto os autores como as autoras estavam expostos a padrões imperialistas, colonialistas e eurocêntricos em sua maneira de interpretar o mundo e escrever. Mas essas "restrições", como chama, se apresentam de forma diferente e têm resultados diversos.

Considerando todo esse contexto de produção, Mills (1991) faz um levantamento de quais marcas textuais diferenciam os discursos entre homens e

mulheres, pontuando, porém, que é difícil fazer uma compartimentalização completa deles:

Algumas escritoras de viagens exibem algumas das características da feminilidade e outras não. No processo de produção textual, existem várias pressões discursivas sobre as escritoras que as incentivam a escrever de maneiras particulares. Isso não quer dizer que todas as mulheres escrevam da mesma maneira, mas que existem pressões às quais elas resistem, negociam ou simplesmente cedem.⁵² (MILLS, 1991, p. 98-99)

Em um primeiro momento, a autora menciona a formação de um narrador que, segundo ela, é ferramenta para criar uma unidade coerente às várias vozes e discursos. Ainda assim, nem sempre os mesmos instrumentos de análise de um narrador de ficção são úteis para estudar um de não-ficção. Mills menciona, então, Pratt (1985), para quem existiriam dois tipos de narrador em literatura de viagem: um em primeiro plano, enfatizando um aspecto mais sentimental; um em último plano, ocupado em fazer descrições de maneiras e costumes. Mills (1991) ressalta que esses narradores não são excludentes nem são a única forma narrativa dos textos:

Mesmo nos textos de viagem, o narrador não é uma fonte unitária de informação; isto é, todas as declarações contidas na redação de viagens não são da mesma personagem narrativa. Em questões de hábitos e costumes, certas declarações emanam de uma fonte impessoal que não é idêntica ao narrador que viaja entre os lugares.⁵³ (p. 74–75)

Ainda sobre o narrador, Mills levanta que com frequência as autoras estão preocupadas com sua própria interação com outros e estão "normalmente mais conscientes da maneira com que o narrador se apresenta para os outros"⁵⁴ (1991, p. 97). Isso acontece na narrativa de Pfeiffer: em seu relato acerca do Brasil, menciona uma ocasião em que moradores locais perguntam sobre os motivos de sua própria viagem para o guia.

⁵² "Some of the women travel writers display some of the features of femininity and not others. In the process of textual production there are various discursive pressures on women writers which encourage them to write in particular ways. That is not to say that all women write in the same way, but rather that there are pressures which they either resist, negotiate or simply give in to".

⁵³ "Even within travel texts, the narrative figure is not a unitary source of information; that is, all of the statements within travel writing do not issue from the same narrative figure. In the manners and customs figure, certain statements emanate from an impersonal source which is not identical with the narrator who travels from place to place".

⁵⁴ "Generally more aware of the way the narrator appears to others".

Outra questão são os enredos e os temas possíveis. "Existem convenções sobre o tipo de evento que pode ser incluído em um diário de viagem e são muito específicas na escrita de viagens para mulheres"⁵⁵ (MILLS, 1991, p. 76). Com isso, a autora quer dizer que certos temas, por exemplo os relativos a questões corporais e sexuais, não poderiam ser inseridos por motivos de decoro. "Dentro deste estereótipo, as mulheres deveriam viajar para pintar borboletas e flores"⁵⁶ (MILLS, 1991, p. 81), afirma. Essa característica frequentemente deixa brechas na nossa leitura atual dessas obras. Questões de higiene, vestimenta e saúde também são tabus (por se referem ao próprio corpo) e raramente são mencionados.

Ainda assim, a escrita não-ficcional era um domínio masculino, principalmente porque até o século XIX a educação formal era basicamente restrita às mulheres. A escrita científica e histórica exigia de um certo grau de "autorização", ou seja, um atestado de qualidade da pesquisa e da escrita – uma autoridade que não era dada às mulheres justamente pela falta de educação formal. Esse é mais um dos motivos pelos quais parte da escrita de viagem de mulheres se baseia em diários e cartas, não em relatos estruturados tematicamente ou cientificamente. "Esse posicionamento problemático desses textos geralmente leva ao prefácio da redação a um aviso que nega qualquer mérito científico, acadêmico, literário ou outro; isso ocorre com muita frequência com as viagens de mulheres que escrevem no século XIX"⁵⁷, afirma Mills (1991, p. 83).

Socialmente, se creditava às mulheres uma esfera emocional, o que fazia seus textos ficarem limitados a autobiografias, cartas, romances etc. Por isso frequentemente se encontram relatos de viagem em formatos de cartas ou diários – que supostamente teriam sido escritos para uso privado e apenas depois seriam publicados. Isso faria com que relatos de viagem escritos por mulheres soassem mais "naturais" para o público (MILLS, 1991, p. 103). Faço aqui um comentário parentético: nem sempre os livros publicados em formato de carta ou diário foram escritos inocentemente para uso doméstico. Muitos eram escritos em formato epistolar ou diário com a intenção de serem publicados posteriormente – é a maneira com que se

⁵⁵ "There are conventions about the type of event which can be included in a travel journal, and these are very specific in women's travel writing".

⁵⁶ " Within this stereotype, women are supposed to travel in order to paint butterflies and flowers ".

⁵⁷ "This problematic positioning of these texts often leads to the writing being prefaced with a disclaimer which denies any scientific, academic, literary or other merit; this occurs very frequently with women's travel writing in the nineteenth century".

lê esses gêneros que torna a escrita mais condizente com a expectativa social para mulheres. Pfeiffer usa como base o formato de diário – que utiliza durante todo o seu relato de viagem no barco – mas o modifica para narrar sua estadia na capital do Rio de Janeiro. Neste caso, usa-se a justificativa de tornar a narrativa menos enfadonha para seus leitores e, em vez de narrar a estadia dia a dia, prefere-se fazer uma descrição temática. Se vê uma preocupação com o resultado final do texto e uma busca por um formato que dê conta melhor da narrativa, ainda que quebre com convenções do gênero.

Além disso, a declaração de verdades em textos de não-ficção era considerada um terreno masculino, principalmente pela questão do acesso à educação. Uma escrita factual exigia "autorização". Por isso é comum encontrar na escrita das mulheres algumas "advertências", como é o caso de Pfeiffer. Sobre esse tipo de afirmação, Mills declara: " As razões pelas quais eles fazem essa afirmação são que os textos das mulheres não devem ser 'científicos' e autorizados, mas sim amadores"⁵⁸ (1991, p. 83). Com esse tipo de afirmação, negam seus méritos científicos, acadêmicos, literários e qualquer outro. De certa forma, isso é uma estratégia de legitimação destes textos. Por outro lado, elementos socialmente ligados à noção de feminino – como preocupação com relacionamentos, descrições domésticas, preocupação com o cristianismo e questões de moralidade – são com frequência incluídos nos textos. Pfeiffer, por exemplo, faz uma crítica à postura dos padres jesuítas no Brasil que, segundo ela, realizavam batizados em indígenas para "contar almas para o céu" sem se preocupar com a prática cristã ou uma moralidade. Ainda assim, não se ocupa tanto de temas como relacionamentos e suas descrições domésticas não são tão aprofundadas. Outra noção frequente era de quais seriam os espaços apropriados para mulheres (o que Pfeiffer não parece levar completamente em consideração, pois viajava sozinha com um guia por mata fechada, entre outros).

4.2 CARACTERÍSTICAS DA OBRA DE IDA PFEIFFER

Depois de ter explorado um recorte histórico da literatura de viagem no primeiro capítulo e as características gerais levantadas por Sara Mills (1991) para a

⁵⁸ "The reasons why they make this statement is that women's texts are not supposed to be 'scientific' and authoritative, but rather, supposed to be amateurish".

literatura de viagem, me debruço agora sobre a obra da própria Ida Pfeiffer, levantando os aspectos narrativos que chamam atenção em sua escrita. Para tanto, me apoio principalmente no trecho de interesse deste trabalho, os capítulos iniciais de *Eine Frauenfährt um die Welt* [A jornada de uma mulher pelo mundo], nos quais a autora relata sua experiência no Brasil.

4.2.1 Narrativa em primeira pessoa e ponto de vista narrativo

Pfeiffer constrói sua narrativa na primeira pessoa do singular⁵⁹ com uma narradora que, até onde é possível afirmar, se assemelha a ela própria (no sentido que a proposta da obra é emitir as impressões, acontecimentos e opiniões da própria autora), ainda que seja impossível afirmar completamente em que nível se dá a relação dos episódios narrados com o que de fato aconteceu. Até que ponto narradora e autora se assemelham ou se diferem neste texto? O ponto de vista narrativo, porém, é invariavelmente o da própria autora, o que é característica da sua obra. A autora não se preocupa, porém, em passar informações sobre si mesma ou se construir enquanto personagem: não apresenta informações diretas sobre seu passado, sua formação, sobre quem é ou sobre sua família. O mais perto que chega de passar alguma informação sobre si mesma é na introdução do livro, quando afirma não se considerar uma turista⁶⁰ ou quando atesta sua vontade de viajar: "Viajar era o sonho da minha juventude e a lembrança do que vi é a alegria da minha velhice" (PFEIFFER, 1850, p. I).

Recuperando os dois tipos de narrador de literatura de viagem propostos por Pratt (1985 *apud* MILLS, 1991), um mais sentimental e um mais descritivo, observa-se que no caso de Pfeiffer há uma predominância da narradora descritivo. Em primeiro lugar, a narrativa de Pfeiffer se constrói a partir da descrição de povos, lugares, fauna, flora e costumes (temas abordados separadamente adiante) e, em segundo lugar, a

⁵⁹ É preciso destacar que existem ocorrências da terceira pessoa no plural em casos em que a autora se insere em um grupo (o primeiro capítulo é um exemplo de uso de "nós" enquanto os passageiros do navio).

⁶⁰ No livro *Abenteuer reisender Frauen: 15 Porträts* [Aventuras de mulheres viajantes: 15 perfis] (2012), Armin Strohmeier afirma que essa afirmação é uma tentativa de Pfeiffer de se distanciar de um tipo emergente de viajantes: os turistas. Estes eram aqueles que viajavam em grupos (Thomas Cook, uma das primeiras agências de viagem, fora recentemente fundada), ficavam por pouco tempo em seus destinos e tinham uma viagem programada quase que por completo. A oposição seria pensar em si mesma como uma viajante de verdade.

partir da narrativa de eventos e episódios específicos. Nestes casos, usa a primeira pessoa do singular para eventos que aconteceram com ela, a primeira do plural para acontecimentos em grupos nos quais ela se inclui ou terceira pessoa quando registra acontecimentos de outros. Ainda que tenha uma narrativa em primeira pessoa, Pfeiffer não se aprofunda em um aspecto sentimental ou de exploração interna do indivíduo. Em raros momentos revela sentimentos como medo, susto ou felicidade – mencionados sempre num contexto de descrição ou de narração de pequenos acontecimentos e apenas de maneira breve.

Ainda assim, as descrições feitas pela narradora são marcadas de subjetividade. Uma das marcas textuais disso é uso constante de expressões como "o que me chamou atenção", "me acostumei..." ou "foi muito interessante para mim", que registram fortemente as impressões de um "eu". A autora adota também um uso intenso de adjetivos e advérbios, raramente omitindo sua percepção dos lugares que a cercam. Seu texto é permeado por estruturas que mostram as experiências e opiniões da autora de forma pouco explícita, chegando em um estilo que optei por chamar de descrição subjetiva. Esse padrão é quebrado apenas em alguns momentos, quando a narradora se posiciona mais explicitamente.

A questão da subjetividade é explicitada pela própria autora-narradora no prefácio do livro: "Sou capaz apenas de contar de forma simples o que vi e o que presenciei. Se faço algum julgamento, o faço considerando apenas o ponto de vista da minha própria experiência pessoal" (PFEIFFER, 1850, p. 2). Além de ser uma convenção de gênero, no caso de Pfeiffer, este trecho serve também como um atestado de subjetividade, já que a autora afirma que narrará e descreverá aquilo que ela viu, seguindo sua opinião sobre os fatos. Sua narrativa também vai apresentar os aspectos de mudança ou de *Bildung* sofridos pela autora.

Considerando a formação do narrador apresentada pela narrativa de Pfeiffer, é impossível ignorar o posicionamento dela como viajante e como produtora de conhecimento. As condições de viagem e de produção de conhecimento – pensando aqui em questões de gênero e de geografia – mediam sua experiência no mundo: como se dá a viagem, para onde, sobre o que pode escrever, como seu livro será vendido e por quem será lido. A partir dessa subjetividade da escrita e da condição da autora, gostaria de apresentar algumas perguntas irrespondíveis a não ser com suposições, mas que ainda assim permitem pensarmos como se dá sua formação enquanto narradora: Será que aquilo que Pfeiffer conheceu (como as fazendas

brasileiras e a maneira com que tratavam os escravos, que a austríaca afirma não ser tão ruim quanto esperava) era realmente a verdade? O quanto disso não foi editado e apresentado de uma maneira mais suave e adequada para uma *senhora* de sua idade? O quanto sua existência enquanto mulher não alterou sua experiência de mundo? O quanto expectativas sociais a uma mulher não delimitaram sua narrativa?

Essas perguntas fazem com que tenhamos uma noção da complexidade da formação de Pfeiffer enquanto narradora. São muitos os aspectos a serem levados em consideração e, por questões de tempo e de restrições temáticas, muitas deles não estão mais disponíveis para o leitor de hoje. Ainda assim, gostaria de explorar a maneira com que alguns pesquisadores pensam sobre isso.

É comum pesquisadores destacarem a questão do ponto de vista dos viajantes em relação aos lugares que visitam. A historiadora Miriam Lifschitz Moreira Leite (1997) afirma que por serem estrangeiros e não fazerem parte dos grupos culturais visitados, os viajantes tinham condições de perceber "aspectos, incoerências e contradições" que nem sempre os habitantes conseguem perceber (p. 10). "Em contrapartida, o viajante traz a postura do civilizado diante do povo atrasado, reforçada por uma série de obstáculos linguísticos, culturais e econômicos à compreensão do grupo visitado" (LEITE, 1997, p. 10).

Mas, no caso de Pfeiffer, assim como de outras autoras viajantes, a questão de gênero não pode ser posta de lado quando se pensa no ponto de vista com o qual se posicionam no mundo. A austríaca, como outras autoras, mostra uma certa ambivalência ao ocupar seu espaço enquanto escritora. Ao mesmo tempo apresenta uma superioridade em relação aos povos que encontra por ser europeia e, portanto, civilizada. Por outro lado, a autora ocupa uma posição marginal no seu próprio mundo por ser mulher. E é com um olhar partido que a autora observa, descreve e narra o mundo. Segundo a pesquisadora americana Monika Fischer, "Ida Pfeiffer apresenta atitudes e reforça estereótipos ao ver com uma mente europeia, mas sua 'canção' escrita revela com frequência um mundo desconhecido aberto a novas perspectivas sobre culturas diferentes assim como papéis de gênero"⁶¹ (FISCHER, 2016, p. 70). Essa posição ambivalente permite a autora fazer um comentário crítico à escravidão,

⁶¹ "Ida Pfeiffer exhibits attitudes and enforces stereotypes by seeing with an European mind but her written 'song' often reveals an unknown world open to new perspectives on different cultures as well as gender roles".

ao mesmo tempo que não a impede de também passar por um choque cultural e apresentar um racismo em relação aos negros.

É também na descrição dos negros que fica claro que o texto de Pfeiffer mostra uma autora em transformação, em processo de *Bildung*. Se inicialmente os descreve apenas como “feios e sujos”, admite posteriormente reconhecer beleza nas mulheres. Esse é claramente um exemplo simples, mas uma postura mais respeitosa se vê também em sua defesa da educação dos negros: “Eu admito que eles estão um pouco atrás dos brancos em termos de formação [*Bildung* no original]; mas acredito que isso não seja causado por uma falta de inteligência, mas sim por uma falta completa de acesso à educação”, afirma. Os três meses que passou no país fazem com que passe pelo processo de *Bildung* apresentado por Berman: ser-em-si-mesmo (enquanto austríaca e mulher), ser-fora-de-si (ao se por em contato com outros povos e culturas e passar por um processo de alteridade) e um retorno a si (no qual escreve, com seu ponto de vista transformado, sua experiência e sua mudança). Dada a característica de um texto mais descritivo do que sentimental, a narrativa não terá como foco essa mudança; ainda assim, a maneira com que as descrições passam a ser feitas deixam o processo marcado.

4.2.2 Gênero literário

Em termos de gênero narrativo, a literatura de viagem é tida como um gênero misto (LUBRICH, 2010), composto de relato pessoal e ficção e no qual o autor é também narrador da própria história. Assim, não existe um formato fixo em que é escrito – Cecília Meireles escreveu relatos de viagem em formato de poemas, Ina von Binzer os escreveu em formato de cartas e assim por diante. Nesse sentido, Pfeiffer traz uma certa alternância entre ao menos três estilos em sua escrita: a) diário; b) descrições temáticas; c) dicas de viagem.

O diário, gênero que atrela acontecimentos a datas específicas usando a cronologia como organização do conteúdo, é usado nos capítulos em que a autora se dedica à descrição das viagens de barco ou pequenas excursões – a marcação da data tem, em parte, a função de marcar a passagem do tempo. Um exemplo é o começo do primeiro capítulo: “No dia 01 de maio de 1846, parti de Viena e fui, com exceção de algumas paradas em Praga, Dresden e Leipzig, direto para Hamburgo, onde embarcaria para o Brasil” (PFEIFFER, 1850, p. 1). Há uma variação grande de

tamanho entre o que é narrado a cada dia (os com mais eventos são mais longos) e, por vezes, há a aglomeração de dias com uma descrição simples. Por mais que essas partes sejam organizadas diariamente, elas são repletas de descrições e dados: Pfeiffer registra a velocidade do barco, o clima, a localização geográfica e as distâncias percorridas, os lugares pelos quais o barco passa e as mudanças de paisagem, assim como os passageiros ou as pessoas que conheceu em paragens.

O segundo estilo, que chamei de descrição temática, se ocupa do relato das experiências sem uma organização cronológica ou temporal. É o caso do segundo capítulo do livro, *Chegada e Estadia no Rio de Janeiro*. A própria narradora descreve essa mudança para o leitor: "Mas não quero cansar meu leitor com uma lista completa de todos os acontecimentos cotidianos e insignificantes – descreverei apenas as maravilhas gerais da cidade e as maneiras e costumes de seus moradores, da mesma forma que tive a oportunidade de conhecer durante minha estadia" (PFEIFFER, 1850, p. 29). Assim, abandona noções temporais restritas e passa a dar impressões da cidade, explicações sobre seu funcionamento ou comentários sobre as pessoas de maneira puramente temática, juntando para isso a experiência de várias semanas. Nesses casos, a autora opta por marcar somente a data de acontecimentos importantes que tenham ocorrido nesse longo período – como o batizado da princesa ou o aniversário do imperador – mas ignora as datas dos eventos cotidianos e apresenta, em contrapartida, descrições colhidas ao longo dos dois meses que passou no país. Essa opção também mostra que a narrativa da autora passou por um processo de *Bildung* – ou seja, uma transformação do gênero padrão para escrita de viagem feminina, que se modifica na percepção a autora de que outro estilo pode ser mais condizente com o conteúdo que quer narrar. Não é uma mudança drástica, mas é uma mudança estrutural.

As dicas de viagem pertencem ao terceiro estilo identificado na escrita de Pfeiffer e hoje seriam mais condizentes com guias de viagem. Nestes trechos específicos, ela dá sugestões práticas para possíveis viajantes em trajetos semelhantes. Um exemplo é quando ela está na jornada de barco até o Brasil:

Para melhorar a qualidade da comida, especialmente em viagens longas, é recomendável levar alguns itens para complementar o cardápio do navio. Os mais adequados são caldo de carne e torradas finas – ambos devem ser armazenados em latas para evitar que fiquem úmidos ou entrem em contato com insetos –, uma quantidade razoável de ovos que, caso a viagem seja até o hemisfério sul, devem ser mergulhados em um recipiente com água ou embalados em pó de carvão, além de arroz, batatas, açúcar, manteiga e todos os ingredientes necessários para se fazer uma sopa de vinho e uma salada de batatas. A primeira fortalece, a segunda refresca. Aqueles que viajam com crianças fariam bem em viajar com uma cabra (PFEIFFER, 1850, p. 4).

Outros exemplos desse tipo de estrutura são as dicas de hospedagem e lugares de alimentação e seus preços, além da descrição de alguns costumes típicos que podem ajudar os viajantes a se relacionar melhor com os habitantes locais, como a maneira adequada de se pedir hospedagem para fazendeiros quando hotéis ou pousadas não estão disponíveis.

Cabe também mencionar uma outra característica da literatura de viagem enquanto gênero: as convenções de veracidade. Como a narradora indica em seu texto, ela se propõe a contar o que *de fato* aconteceu com ela – e para tanto usa vários dados informativos que garantam a ocorrência do que é narrado. Esse tipo de convenção é comum no gênero e chegou a ser usado ironicamente em obras fictícias, como Robinson Crusoe, de Daniel Defoe.

Uma outra tensão do período de produção e publicação da obra de Pfeiffer é a maneira com que os relatos de viagem eram lidos. "A crítica fervilhava de discussões sobre como os livros de viagens deveriam ser escritos em uma era iluminada, as duas principais tensões entre a escrita "ingênua" (popular) e a escrita culta, e entre a escrita informativa e a experimental"⁶², afirma Pratt (2002, p. 87). Enquanto uma produtora de conhecimento mulher, Pfeiffer está submetida a algumas restrições, como acesso à educação – como já foi apresentado neste trabalho – e com isso ela também está entre essas forças opostas: de fazer um trabalho informacional ou sentimental, um trabalho científico ou pessoal. Acredito que o livro não se encaixe completamente em nenhum destes dois pólos. Sua escrita é bastante informacional, mas provavelmente seria mais tivesse ela as mesmas oportunidades que seus colegas homens. Essa

⁶² "Review literature teemed with discussions of how travel books ought to be written in an enlightened age, the two main tensions being between "naive" (popular) and lettered writing, and between informational and experiential writing".

limitação a leva a uma escrita diferente de uma informacional. Sua escrita deriva de um espaço intermediário.

4.2.3 Humor: ironia

Uma outra característica frequente na obra de Pfeiffer é o humor, principalmente no tom levemente irônico de alguns de seus comentários. No prefácio do livro, a autora afirma não ter um humor para ser considerada uma boa escritora: "Por um lado, tenho pouca sutileza e humor para considerar minha escrita criativa; por outro, tenho pouco conhecimento para conseguir interpretar corretamente as experiências que vivi" (PFEIFFER, 1850, p. 1), mas isso não parece ser o caso durante a leitura do livro. A ironia aparece, por exemplo, no trecho sobre como imaginou ser a travessia da linha do Equador, ou ainda quando descreve o Largo de St. Anna, praça na qual se encontram várias lavadeiras – referidas pela autora como "nobre corporação das lavadeiras" (PFEIFFER, 1850, p. 31). Ainda que não seja a característica mais marcada de sua obra, com certeza não lhe falta humor.

Em uma passagem particularmente curiosa, Pfeiffer relata ter conversado com outros passageiros sobre o momento de cruzar o Equador – o que gerava uma ansiedade generalizada, já que representaria, no imaginário de muitos, um momento quase místico. A autora, porém, se decepçiona e escreve seu relato com ironia (1850, p. 21):

De minha parte, eu já celebrava as trágicas histórias que poderia contar para os meus leitores; eu já esperava suas lágrimas durante a narrativa dos vários sofrimentos que experienciamos, e eu me assemelharia a um mártir. Mas! Como fui enganada. Todos permanecemos em ótima saúde; nenhum marinheiro se afogou em exaustão; o navio não pegou fogo; e nossas provisões não se estragaram – apenas permaneceram tão ruins quanto eram antes.

Considerando o humor uma forma de expressão e relacionamento com o outro, a pesquisadora Marie-Christin Lercher (2008) apresenta um artigo sobre a questão na obra de Ida Pfeiffer (especificamente no último relato da autora, sobre sua ida para Madagascar). Um dos aspectos ressaltados por Lercher é que o humor ou a ironia não eram incomuns em relatos de viagem, sendo frequentes na descrição do estranho ou divergente do pensamento tradicional ou da norma padrão. Para a pesquisadora, o cômico se revela na "percepção do outro em comparação, como um

espelho de si mesmo. Ele cria também uma reação a um sentimento de superioridade e é um componente da dicotomia entre os habitantes selvagens e os europeus civilizados, entre colonizados e colonizadores"⁶³ (LERCHER, 2008, p. 99).

Ainda assim, a ironia, a sátira e o burlesco não eram considerados femininos – às autoras restava apenas falar sobre o belo e sublime (LERCHER, 2008). Usar essa técnica é mais uma das transgressões de Pfeiffer:

Seu [de Pfeiffer] deboche, seu humor e sua ironia, possibilidades de expressão reservadas aos homens, são ao mesmo tempo uma proteção e um risco: proteção no sentido de que ela, armada com uma pena irônica, encara o desconhecido com mais força; risco porque ela, como mulher, de distanciou no campo esperado para a escrita feminina. ⁶⁴ (LERCHER, 2008, p. 94)

Leicher (2008) encara a presença de humor na narrativa de Pfeiffer como uma estratégia de superação do estrangeiro, ou uma necessidade prática de auto-afirmação diante do desconhecido – ou seja, criando uma distância entre ela e o outro (tema que será explorado mais atentamente adiante). "Então seu humor e seu riso são menos do que um gesto comunicativo de superar diferenças culturais do que um instrumento inserido em um discurso de ódio e, nesse sentido, um meio de determinação de si mesmo"⁶⁵, afirma Leicher (2008, p. 101). Em outras palavras, a produção escrita de Pfeiffer está inserida em um contexto cultural imperialista que se entende como superior (e diferente) em relação a outras sociedades. O humor ou a ironia é um instrumento discursivo de poder que afirma sua própria cultura – afinal, o distanciamento entre si e o outro é a base de cultura imperialista.

4.2.4 A criação narrativa do outro

⁶³ "(...) in ihrer Wahrnehmung des Anderen im Vergleich, im Spiegel des Eigenen. Es entspringt also einer Reaktion auf ein Gefühl von Überlegenheit und ist Bestandteil der Dichotomie vom wilden Eingeborenen und zivilisierten Europäer, vom Kolonisierten und dem Kolonisator".

⁶⁴ "Ihr [Pfeiffers] Spott, ihr Humor und ihre Ironie, eigentlich den Männern vorbehaltene Ausdrucksmöglichkeiten, sind Schutz und Gefahr in einem: Schutz, indem sie, quasi mit der ironischen Feder bewaffnet, dem Unbekannten stärker gegenübertritt, Gefahr, weil sie sich als Frau weit aus dem vorgegebenen Rahmen weiblichen Schreibens hinauslehnt".

⁶⁵ "So sind ihr Humor und ihr Lachen weniger eine kommunikative Geste zur Überwindung kultureller Unterschiede als vielmehr ein Instrument innerhalb des Rassendiskurses und in diesem Sinne Mittel zur Determinierung des Eigenen".

Em sua narrativa, Pfeiffer descreve pessoas específicas ou grupos étnicos que encontra durante suas viagens. E é preciso destacar que a descrição do outro se torna a formação de um personagem narrativo que também é marcada pelo ponto de vista da autora, tal como discutido anteriormente.

Nos capítulos traduzidos, são poucos os personagens que ganham nome. Conde Berchtold, seu companheiro de viagem, é um deles. Outros alemães, austríacos ou europeus, em geral naturalistas, cujo contato lhe foi indicado por outras pessoas também são nomeados: é o caso da "a viúva do Professor Mikan" (nomeada apenas indiretamente, por intermédio de seu falecido marido) o senhor Riedl (diretor do Museu), o senhor Geiger (Secretário do Consulado Austríaco) e sua esposa (que não recebe um nome), o senhor Rister (definido apenas como "um vienense" e sobre o qual Pfeiffer não escreve muito), o senhor Schleierer (um botânico), o senhor Beske (naturalista), senhor Fresse (diretor de um estabelecimento de ensino para meninos) e assim por diante. Essas pessoas não recebem descrições de seus aspectos físicos ou de sua personalidade, são caracterizados principalmente por suas profissões ou aquilo que fazem no país. Pfeiffer se encontra com elas para buscar conhecimento sobre o Brasil, fazer perguntas e conhecer novidades. É através deles que ela media sua experiência no país – eles a levam para passear e mostram museus ou espaços com natureza exuberante.

Além desses personagens com quem se encontra, membros da família real também são nomeados especificamente.

Fora desses dois grupos, são raros os personagens que recebem nomes. Algumas maneiras de Pfeiffer para descrever outras pessoas são "um proprietário trapaceiro", "vários pretos pobres", "a nobre corporação das lavadeiras", "para negros e mulatos", "vi negros em oficinas elegantes", ou "entre a chamada classe educada local", para ilustrar o caso.

Nota-se rapidamente um padrão: as pessoas semelhantes em aparência e cultura à autora são descritas com mais cuidado, recebem nomes e são caracterizados por sua profissão; os que diferem mais da autora, recebem descrições mais gerais, coletivas. Raramente são nomeados (nos capítulos dedicados ao Brasil, esse tipo de descrição normalmente é dado para negros, povos indígenas, mulatos e descendentes de portugueses).

Este é o processo de *outremização*⁶⁶. Segundo Mills (1991), " No período imperialista, 'outremização' é uma das maneiras com as quais as nações conquistadoras organizam seus pensamentos e ações quanto à nação colonizada"⁶⁷ (p. 88), ou seja, é um processo intrínseco ao contexto social e político do momento. Com isso, quer-se definir a maneira narrativa e discursiva, baseada em escolhas linguísticas para descrição de pessoas, que lhe conferem o estatuto de "outro" e se cria uma polarização do tipo "nós X eles". Mills (1991) defende ainda que esse tipo de escrita coloca essas pessoas em uma posição de objetificação e não lhe conferem um status humano completo – o que cria, por sua vez, o espaço necessário para os abusos imperialistas (um exemplo clássico é a escravização de africanos por europeus aceita socialmente com a justificativa de os africanos serem diferentes, selvagens e assim por diante).

Narrativamente, essa outremização pode acontecer de algumas formas. Uma constante na escrita de Pfeiffer é a coletivização de indivíduos em grupos – como observamos nos exemplos anteriores. Quando se resume um grupo de mulheres em "as lavadeiras", se ignora os indivíduos que constituem o grupo: quantas pessoas são? De que idade? Por que estavam ali? Em quais condições trabalhavam? Nenhuma dessas perguntas é respondida.

Segundo Mills (1991), outra maneira de se tirar o foco narrativo do indivíduo é descrever diferentes partes do seu corpo, não a pessoa por completo. Um exemplo: "na maioria pretos e pretas com narizes feios e chatos, lábios grossos e cabelos crespos curtos" (PFEIFFER, 1850, p. 32). Aqui, as diferenças são buscadas em traços específicos do semblante ou da aparência das pessoas, o que novamente tira o foco do indivíduo.

Uma terceira maneira de se fazer isso é tirar a agência das pessoas envolvidas em um determinado processo. Um exemplo é a descrição de procedimentos agrícolas (feitos principalmente por negros escravizados), mas escritos na forma passiva: "A raiz é lavada, descascada colocada na parte externa e áspera de uma pedra arredondada em um moinho operado por um negro, e ali fica até que

⁶⁶ Adoto aqui "outremização" como tradução de "Othering". A palavra foi usada por Fernanda Abreu na tradução do livro "A origem dos outros", de Toni Morrison, que será debatido adiante.

⁶⁷ "In periods of imperialism, 'Othering' is one of the ways in which the conquering nation organises thoughts and actions towards the colonised nation".

esteja triturada. A massa é então colocada em uma cesta, irrigada com cuidado e então seca com o auxílio de uma prensa", descreve Pfeiffer (1850, p. 79).

Mais uma maneira de outremização é a falta de variação de tempo verbal (ou seja, falta de uma narrativa de fato) para pessoas descritas com mais atenção. Pfeiffer apresenta alguns personagens como se batesse uma foto: descreve um instante das suas vidas, sem considerar o passado ou futuro das personagens. A ausência da história individual também faz com que se tornem menos complexos e menos humanos. Um exemplo:

Foi uma família de mulatos que atraiu toda a minha atenção. A mulher, de uma aparência toleravelmente gorda e com cerca de 30 anos, estava vestida como apenas mulheres de péssimo gosto se vestem no nosso país – vestia ao mesmo tempo tudo o que tinha de mais valioso. Onde ela conseguia colocar jóias e ouro, lá eles se encontravam. Um vestido de seda pesada e um lenço envolviam seu corpo marrom escuro, e uma pequena touca de seda branca estava posicionada de forma estranha em sua grande e pesada cabeça. O marido e seus cinco filhos mereciam estar ao lado de sua esposa e mãe, respectivamente – e, na realidade, este exagero nas roupas se estendia até à cuidadora das crianças, uma negra genuína que também estava sobrecarregada de ornamentos. Ela tinha cinco pulseiras em um braço e seis no outro, todas com pedras, pérolas e corais que, ao menos pelo que pude perceber, não pertenciam ao tipo mais valioso. (PFEIFFER, 1850, p. 61-62).

Há apenas a descrição de uma família observada pela narradora durante alguns instantes em um hotel nas redondezas do Rio de Janeiro (em preparativos para uma pequena excursão ao Corcovado). O contato é rápido e logo depois do encontro a família descrita vai embora de carruagem. Tirando a aparência, não se sabe nada sobre eles. Boa parte da descrição em si se constrói fragilmente – a expressão "pelo que pude perceber" introduz uma observação que não pode ser confirmada. No fim, essas pessoas foram reduzidas a uma aparência que impressionou a narradora, mas não há mais nada sobre eles ali. Não sabemos o que são, o que fazem, de onde vem ou os motivos pelos quais se vestem dessa maneira. De certa forma, o trecho específico fala mais sobre a autora em si e suas preferências do que sobre as pessoas descritas.

Uma das hipóteses para explicar a outremização das personagens por Pfeiffer é a falta de contato entre a autora e as outras pessoas. Sem falar português, seu contato com brasileiros deve ter se dado de maneira superficial (ela não comenta no livro aspectos deste tipo, então não é possível afirmar completamente como ela se comunicava. Se sabe que ela aprendeu um pouco de português no país durante sua

estadia, mas não o suficiente para manter conversas longas). Assim, seus contatos mais profundos se dariam, naturalmente, com falantes de sua língua. Isso replica, porém, um modelo imperialista de se pensar: "não vale a pena" aprender a língua para falar com as pessoas e a experiência pode ser mediada com as línguas europeias, por europeus que estão no país. De certa forma, isso reforça a imagem já criada anteriormente por outros europeus.

O tópico de outremização dialoga também com a representação da mulher brasileira por escritoras de viagem. Leite (1997) ressalta que "a obra das europeias serve a um propósito duplo: as reflexões sobre sua condição de mulher europeia e as observações sobre a mulher brasileira" (1997, p. 28). Isso se relaciona com o exemplo dado anteriormente: o comentário de Pfeiffer se refere tanto à descrição de uma mulher brasileira quanto à maneira com que ela própria entende a performance da feminilidade. Ao criticar a postura da outra quanto a sua vestimenta, ela descreve indiretamente sua própria preferência.

Para Leite, "Ao que tudo indica, a rua, o espaço fora de casa, representando o domínio público, não seria o local para a mulher (de família, do lar, doméstica)" (1997, p. 59). Em contraposição, "a rua era domínio da escrava e da mulher livre sem recursos" (idem). Isso se confirma pela narrativa de Pfeiffer, mas gostaria de apontar uma contradição. Por um lado, a narradora critica o comportamento das lavadeiras (pertencentes ao segundo grupo mencionado por Leite), por se comportarem de maneira barulhenta ao ocupar o espaço público. Por outro lado, sua impressão das mulheres portuguesas também não é das melhores. Estas ficam principalmente em casa e quase nunca são vistas nas ruas fora de eventos religiosos. Ainda assim, são criticadas por Pfeiffer por seus costumes: "Dentro das casas fica-se sentado em uma escuridão completa, o que não é, porém, um problema para as damas brasileiras, que certamente nunca se cansam com leituras ou trabalhos" (PFEIFFER, 1850, p. 32). Mas o questionamento ignora que *ela própria* está na rua e em um ambiente público.

Além disso, Pfeiffer enquanto narradora não parece ter a alteridade de se perceber que, assim como ela é uma viajante em terras estrangeiras, muitas imigrantes (inclusive de origem portuguesa) também viajaram para estar no país (se não elas próprias, suas e seus antecedentes). A consciência sobre isso escapa da narrativa da austríaca – quem dirá o questionamento de que, diferente dela (que afirmou não considerar o país um lugar adequado para se fixar moradia), muitas não teriam escolha a não ser ficar (o caso explícito das africanas escravizadas mas

também das portuguesas que eram obrigadas a se mudar com seus pais, maridos ou outros familiares). Em parte, Pfeiffer não consegue perceber ou narrar essas semelhanças justamente por ver nessas mulheres a imagem de outros, não podendo ser similares a ela própria.

O conceito de outremização é explorado também por Toni Morrison, escritora americana vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 1993, em uma série de palestras proferidas na Universidade de Harvard para discutir questões históricas, literárias e políticas sobre o racismo em 2016. Em sua ficção, Morrison se dedica ao contexto escravocrata e racial dos EUA e nas palestras, publicadas no livro *A Origem dos Outros* (2019), mostram décadas do pensamento da autora sobre o tema.

Morrison (2019) define outremização como o processo de descrição pela diferença que cria um outro em comparação ao narrador: "Quando falamos sobre o estrangeiro, o forasteiro, o Outro, devemos ter em mente o que significa essa relação" (MORRISON, 2019, p. 48). No caso de Pfeiffer, essa relação é imperialista, colonizadora, eurocêntrica, que busca uma separação entre o mundo civilizado e as colônias – é fato que, no momento da visita da autora ao Brasil, o país não era mais uma colônia portuguesa há 24 anos. Ainda assim, a economia do país ainda era baseada na exportação para países europeus e estruturada nos mesmos sistemas de latifúndios e escravidão. Fora que o país ainda guardava a imagem de um espaço selvagem.

Ainda para Morrison, o processo de outremização faz com que "neguemos [aos demais] a realidade como pessoa, individualidade específica que insistimos em manter para nós mesmos" (2019, p. 65). É o que acontece, por exemplo, com a maneira de Pfeiffer enquanto narradora se relacionar com as mulheres brasileiras: ao mesmo tempo em que se sente na posição de lhes conferir críticas morais, não consegue ver a semelhança a elas em muitos dos casos.

Uma última citação de Morrison: "A necessidade de transformar o escravizado numa espécie estrangeira parece ser uma tentativa desesperada de confirmar a si mesmo como normal" (2019, p. 14). Ao transformar esses povos em outros, a semelhança entre pessoas se desfaz, eles deixam de ser indivíduos e se cria a justificativa para a atrocidade da escravidão. O preconceito é uma das materializações desse processo e será debatido a seguir.

4.2.5 Construção narrativa do preconceito e o pensamento sobre a escravidão

Entre outras coisas, o próprio processo de outremização é uma espécie de preconceito narrativo – a imagem do outro cria uma distância que implica uma diferença. Uma vez dada a diferença, não cabe ao outro o mesmo que cabe a si mesmo.

É difícil ler a escrita de Ida Pfeiffer hoje sem considerá-la preconceituosa. A autora define negros escravizados como "feios e sujos"⁶⁸, e acha "os índios ainda mais feios que os pretos" (PFEIFFER, 1850, p. 101). Diante o processo constante de outremização e descrições como essa, não há outro veredito. Gostaria, porém, de contextualizar essa produção e a complexidade da escrita de Pfeiffer, não com o objetivo de justificar, mas de debater e criticar. Além disso, essa é uma imagem que continua sendo disseminada – a obra de Pfeiffer está publicada na Áustria, assim como de outros autores do mesmo período, o que promove um processo de renovação e reforço da imagem caso ela não seja problematizada.

Começo com a impressão de Pfeiffer acerca da escravidão como um todo. Ainda pensando sobre a outremização, mas buscando aproximá-la do contexto brasileiro, Bosi (2014) afirma: "A presença ubíqua dos negros nivelava, sob um certo aspecto, todos os brancos, pois os chamava para um espaço comum, que os opunha, em bloco, à raça subordinada. O trabalho escravo se constituía em condição primeira para a existência social do branco livre e proprietário" (p. 231). Em outras palavras, os brancos colonizadores, exportadores e latifundiários só existiriam com um outro que trabalhasse de maneira muito barata. Todo o sistema colonial dependia dessa oposição.

Pelo seu texto, não fica claro o conhecimento de Pfeiffer sobre as leis escravistas no Brasil. Por exemplo, menciona não ter visto nenhum mercado ou comércio explícito de pessoas – o que provavelmente era verdade, pois esse comércio era repudiado em grande parte do mundo e proibido no Brasil desde 1831 por meio da Lei Feijó. Quando feito, era longe dos olhares da população em geral. A única

⁶⁸ Um comentário sobre a palavra "hässlich", que optei por traduzir como feios. Leicher, ainda no artigo sobre o humor em Pfeiffer, relaciona essa palavra com uma sensação de estranhamento – que para ela também se relaciona com humor. "Interessant ist auch Pfeiffers Verwendung des Adjektivs „hässlich“, welches sie in unmittelbaren Bezug zum Lächerlichen stellt" (Leicher, 2008, p. 98). Em tradução minha: "Também é interessante o uso de Pfeiffer do adjetivo 'hässlich' [feio], que ela coloca em relação direta com o risível".

menção a isso é feita no último capítulo apresentado nesta tradução, quando Pfeiffer descreve uma conversa com o capitão do navio, que afirma ser provavelmente negreiro o navio sem bandeira próximo a eles.

Pfeiffer não tece em seu texto um pensamento sistemático sobre a escravidão, nem relata ter tomado atitudes contrárias a ela, mas ao longo do texto revela sua opinião sobre a situação brasileira por meio de alguns comentários esporádicos. Em suas descrições iniciais identifica vários negros como livres – são os de uma praça pública, provavelmente moradores de rua, sem acesso à mínima infraestrutura sanitária. Porém, não problematiza a questão: não se questiona como e por que estão ali, ou como se encaixam em um complexo sistema escravocrata que não permitia espaços alternativos para os negros a não ser o espaço da escravidão ou o da marginalidade.

Mais adiante, confessa ter sentido uma surpresa com o tratamento dado aos escravizados:

Apesar de tudo, os escravos estão longe de serem tão maltratados como imaginamos na Europa. No Brasil eles são normalmente bem tratados; não trabalham demais, têm uma alimentação boa e nutritiva e não recebem punições que sejam muito pesadas ou frequentes. [...] Eu realmente duvido que, no todo, a maioria desses escravos sejam pior tratados do que os servos na Rússia, Polônia e Egito, onde não são chamados de escravos (PFEIFFER, 1850, P. 36–37).

Neste parágrafo, a narradora apresenta e reforça uma imagem que seria mais tarde definida por Schwarcz (2018) como "boa escravidão", uma escravidão em que os escravizados eram bem tratados e minimamente felizes. "Como se fosse possível, a qualquer sistema do tipo, não se pautar pela violência" (SCHWARZ, 2018, p. 44). Essa ideia do bom tratamento é retomada por Pfeiffer quando realiza visitas a fazendas no interior do país. Contudo, em que circunstância um fazendeiro teria mostrado para uma dama visitante europeia uma cena de castigo violento? Ou a falta de cuidados com os escravizados? É provável que essa descrição passe pelo filtro do que é mostrado à Pfeiffer, uma mulher viajante.

Em determinado momento da narrativa, a própria Pfeiffer levanta um questionamento sobre a quantidade de negros escravizados, índios e brancos. Inicialmente, em um trecho destinado a estatísticas do Brasil, apresenta as seguintes informações sobre a constituição populacional do país (sem crédito de fonte): "6 milhões de habitantes, entre os quais 900 mil são brancos; o resto é constituído por

negros, mulatos, mestiços, nativos e indígenas. Se contam cerca de três milhões de escravos negros e 500 mil indígenas" (PFEIFFER, 1850, p. 57). Em um momento posterior da narrativa, quando está visitando fazendas distantes entre si, Pfeiffer se questiona sobre a diferença numérica: os escravizados poderiam tomar o controle das fazendas sem muitos problemas, pois eram mais em número do que os fazendeiros.

Em alguns momentos da narrativa a autora afirma ser a favor da abolição. Ao deparar-se com um possível navio negreiro, mostra seu repúdio por este tipo de comércio. "Eu sou certamente uma grande opositora da escravidão, e saudaria sua abolição com grande alegria na alma" (PFEIFFER, 1850, p. 92), afirma em outro momento. Sobre a capacidade intelectual dos negros, relata:

Entre a chamada classe educada local, existem muitos que, apesar das muitas provas de capacidade mecânica e inteligência geral mostradas com frequência pelos negros, insistem em afirmar que eles são inferiores aos brancos em poder mental, tanto que só poderiam ser considerados como uma ligação entre a tribo dos macacos e a raça humana. Eu admito que eles estão um pouco atrás dos brancos em formação; mas acredito que isso não se deva a uma falta de compreensão, mas sim da falta completa de acesso à educação. Nenhuma escola é erguida para eles, eles não assistem nenhuma aula; não se oferece o mínimo para desenvolver suas capacidades. Suas mentes são mantidas aprisionadas, como era o caso em países antigos déspotas, já que o despertar deste povo deve deixar os brancos com medo. Eles são quatro vezes mais numerosos que os últimos e, se se tornarem conscientes desta discrepância, os brancos facilmente ocupariam a posição que os infelizes negros ocuparam até então.

Mas me perco em suposições e ensaios que podem, talvez, pertencer à pena de um homem educado, mas certamente não à minha, já que não tenho formação suficiente para tal; meu objetivo é apenas apresentar o que vi (PFEIFFER, 1850, p. 35-36).

Este trecho é quase como um contra-exemplo da discussão da outremização ou mesmo do preconceito. Neste momento, a autora se opõe ao pensamento corrente da classe alta local, afirmando que os negros teriam a mesma capacidade dos brancos fossem dados as mesmas chances. Em um momento raro de alteridade e empatia, vê-se a semelhança entre a situação dos escravizados e da sua própria que, enquanto mulher, não teve acesso à educação que gostaria. Isso só se confirma quando ela afirma não ter a capacidade de fazer tal crítica – o que, obviamente, é dito ironicamente *depois* de fazê-la. A aproximação não é explícita, mas é possível. Além disso, é um momento que explicita uma *Bildung* da autora-narradora: a alteridade faz

com que consiga ver o outro não só como um selvagem, mas como uma vítima de um processo imperialista.

Segundo a pesquisadora Grada Kilomba (2019), em seu livro *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*, o racismo é definido por três características: 1) construção da diferença: alguém é visto como diferente por conta de sua origem racial e/ou sua pertença religiosa, na qual alguém "só se torna 'diferente' porque se 'difere' de um grupo que tem o poder de se definir como norma – a norma *branca*" (KILOMBA, 2019, p. 75); 2) As diferenças construídas inseparavelmente de valores hierárquicos, articuladas "através do estigma, da desonra e da inferioridade" (idem); 3) Os dois processos anteriores acompanhados pelo poder "histórico, político, social, econômico [... na] combinação do preconceito e do poder que forma o racismo" (KILOMBA, 2019, p. 76).

Considerando essa definição, podemos dizer que a narrativa que Pfeiffer apresenta é racista: ela cria uma diferença narrativa entre a narradora e os escravizados ou indígenas; a diferença está ligada a um valor hierárquico (mundo civilizado x mundo selvagem); e existe uma diferença de poder histórico e social. O aparato descritivo de Pfeiffer é impregnado pelo pensamento de sua época, ainda assim, a pouca sistematização que a autora elabora ao longo do texto sobre essas questões mostra um pensamento um tanto mais amigável do que se suporia.

Com isso, quero mostrar que o preconceito é uma questão complexa na escrita de Pfeiffer. Ele é presente estruturalmente pela construção narrativa da autora dessas personagens – o vocabulário para descrevê-los é agressivo. Ainda assim, a autora se afirma abolicionista, defende o acesso à educação e não se abstém de viver sua experiência no país (quando viaja pelo interior, por exemplo, conta com a ajuda exclusiva de um guia negro – com o qual viaja sozinha por florestas fechadas por vários dias – mesmo depois de ter sido atacada por outro negro em uma excursão anterior).

Isso fica explícito em sua narrativa sobre os indígenas da tribo puri. Por mais que os descreva como "feios e pobres", Pfeiffer não mede esforços para visitá-los. A viagem é longa, exaustiva e perigosa. Mas, quando chega lá, compartilha com eles o espaço e a refeição. Ressalta de maneira semelhante a pobreza da língua e a maestria com que caçam. E critica abertamente o comportamento de religiosos que batizam indígenas de forma leviana apenas para contar almas para o céu.

A narrativa de Pfeiffer não parece ser coerente nem em seu pensamento preconceituoso, nem em seu pensamento abolicionista. Me parece que ela apresenta um conflito de sua época, uma complexidade destoante, em que existem forças abolicionistas e humanitárias de um lado e forças de uma superioridade cultural europeia de outro. Habinger (2014), em sua biografia sobre Pfeiffer, credita o comportamento da autora a um choque de cultura. Essa talvez seja uma peça do complexo quebra-cabeça, mas acredito que é mais do que isso. Todo o repertório descritivo disponível na época se baseia numa cultura de outremização, de diferença, de superioridade. "O racismo não é biológico, mas discursivo", afirma Kilomba (2019, p. 130). E todo o processo de outremização e escolha lexical para descrever aqueles considerados diferentes por Pfeiffer é um exemplo disso. Pfeiffer pode ser considerada por muitos como uma mulher a frente do seu tempo pela sua coragem em viajar, mas é mais: ela é uma mulher com todos os conflitos do seu tempo, e o preconceito é certamente um deles.

Uma maneira mais completa de explorar esse debate seria fazer um estudo comparativo, considerando obras de viajantes, tratados da época e textos de mídias impressas, como jornais (inclusive a produção jornalística em alemão publicada no Brasil) para identificar em vários exemplos sincrônicos qual o vocabulário e estruturas adotados em descrições deste mesmo tema. Dado o escopo desta dissertação, tal aprofundamento se torna uma sugestão para trabalhos futuros. Exploro, a título de exemplo, as comparações possíveis entre a obra de Pfeiffer e o *Diário do Beagle*, de Charles Darwin.

Em seu diário, Darwin se ocupa muito mais de descrições naturais do que sociais, ainda que essas também tenham um certo espaço. Destaco a descrição de uma refeição realizada em uma fazenda no Brasil, nas redondezas do Rio de Janeiro:

Espera-se que cada pessoa prove de todos os pratos. Tendo um dia calculado direitinho, segundo pensava, de modo a não deixar coisa alguma intocada, para meu total desconsolo, um peru assado e um porco surgem em sua substancial realidade. Durante as refeições, era tarefa de um certo homem expulsar diversos velhos cães e dúzias de crianças negras que entravam juntos a cada oportunidade. Desde que se banisse a ideia de escravidão, havia algo imensamente fascinante neste simples e patriarcal estilo de vida: eram um retiro e uma independência tão perfeitos em relação ao resto do mundo... (DARWIN, 2006, p. 74).

A aproximação entre crianças e cachorros na cena descrita choca. Excetuando um leve comentário sobre a escravidão, Darwin não problematiza nem

questiona a cena que presenciou. Em um momento posterior do texto, depois de explicitar seu repúdio ao modelo de vida dos brasileiros (considerando-se aqui os portugueses e descendentes de portugueses), Darwin comenta:

O estado da imensa população escrava deve interessar a qualquer um que entre nos Brasis. (...) Os escravos têm de se comunicar, entre si, em português e consequentemente não ficam unidos. Não posso deixar de crer que serão eles um dia a dar as cartas. Opino baseado em seu número, em suas belas figuras atléticas (principalmente se comparadas com os brasileiros) que provam estarem eles em um clima favorável, e em ter visto com clareza que seus intelectos têm sido muito subestimados: são trabalhadores eficientes em todos os ofícios necessários. (...) Acredito que os escravos sejam mais felizes do que esperavam ser ou do que as pessoas na Inglaterra pensam que eles sejam. Receio, no entanto, haver muitas terríveis exceções. (...) Espero que chegue o dia em que eles garantam seus próprios direitos e esqueçam-se de vingar o que lhes fez (Darwin, 2006, p. 100-101).

Nesta seleção da opinião de Darwin, sua descrição, bem menos polida do que de Pfeiffer, tende a uma posição semelhante: ao mesmo tempo adota uma linguagem preconceituosa e um ponto de vista superior para descrever a situação e reitera a imagem da boa-escravidão apresentada anteriormente, acreditando que haverá uma mudança social. Mas, ao contrário de Pfeiffer, ele não chega a defender essas mudanças (como ela defende a abolição), apenas afirma que a abolição é provável por um número de fatores identificados.

Para encerrar essa discussão, retomo Pratt (2002). Em *Imperial Eyes*, quando fala sobre o sistema natural de classificação de Linée, a autora comenta que o projeto adâmico do sueco chegou a propor uma separação para os homens: *homo sapiens* é uma nomenclatura dele. Mas, além disso, ele criou cinco variedades de *homo sapiens*: o selvagem, o americano, o europeu, o asiático e o africano. Cada um deles é determinado por questões fisiológicas (como cor de pele), estéticas (os americanos, por exemplo, "se pintam com linhas vermelhas finas" – PRATT, 2002, p. 32) ou ainda sociais (europeus são governados pela lei, enquanto americanos são governados por costumes e asiáticos por opinião). A classificação em si cria uma justificativa científica para ver as pessoas em categorias diferentes, o que mais uma vez permite e aprofunda a outremização. Pratt ressalta que a própria categorização é baseada na comparação (tema que será abordado mais adiante). Classificar e, portanto, nomear, também é uma forma de dominação.

4.2.6 Imaginário

Outra característica da obra de Pfeiffer que merece destaque é a menção – seja para concordar ou discordar – de um imaginário europeu sobre o Brasil. Muitas vezes essas menções são acompanhadas por comparações, tema que será explorado a seguir. Neste momento, identifico e comento somente trechos em que a narradora nos conta o que imaginava ver no Brasil. Ter acesso a esses conhecimentos prévios é uma maneira de entender melhor o ponto de vista da autora em relação aos países que visita, além de possibilitar uma compreensão de quais informações poderiam ser consideradas pressupostos pelos leitores de sua obra, assim como imagens compartilhadas entre a autora e seu possível público.

Começo citando um trecho que se alinha com a discussão anterior sobre outremização e preconceito. Ao descrever o trabalho realizado por pessoas escravizados, a autora se surpreende com a capacidade de algumas delas trabalharem com a manufatura de diversos objetos:

No Brasil, todos os tipos de trabalhos pesados e sujos, internos ou externos, são realizados pelos negros, que ocupam, na realidade, o espaço das classes mais baixas. Muitos, porém, aprendem alguns ofícios, e com frequência são comparáveis aos mais talentosos europeus. Vi negros trabalhando na maioria das lojas elegantes, produzindo roupas, sapatos, tapetes e artigos em ouro ou prata; e conheci várias negras com roupas finas produzindo os vestidos mais belos, com bordados delicados. Com frequência achei que estava sonhando, quando contemplei essas pobres criaturas, que eu imaginava que estariam em suas florestas nativas, exercendo tais ocupações em lojas e cômodos! (Pfeiffer, 1850, p. 34–35).

No parágrafo, a realidade brasileira não corresponde à expectativa da narradora e, mais, a habilidade dos negros de realizarem trabalhos que ela considerava *civilizados* ou que exigissem capacidades mais específicas a surpreendia. Revela, assim, um imaginário de que negros seriam selvagens ou até semelhantes a animais. Essa revelação, que aumenta a semelhança entre os negros e ela mesma (eles são capazes de realizar trabalhos que ela admira) pode ser um dos fatores que sustentam seu posicionamento posterior em favor do acesso dos negros à educação.

Um dos imaginários europeus frequentes sobre o Brasil se refere à descrição da natureza e do espaço físico. A imagem de um "paraíso na terra" foi uma constante em escritos sobre o país desde a época colonial e foi estudada por outros

pesquisadores. Em *Visões do Paraíso*, livro lançado em 1959, Sérgio Buarque de Holanda estuda como os escritos do descobrimento criaram e mantiveram um mito edênico, ou seja, associam o novo continente ao Jardim do Éden. Para o autor, os fatores que justificam essa aproximação são a ausência das enfermidades europeias entre os indígenas que mudou com a colonização), a ausência de um mal explícito, a natureza abundante, a nudez dos habitantes e assim por diante. Essa imagem se mantém na época de Pfeiffer, em grande parte, pela ausência de relatos mais baseados em experiências empíricas por conta do fechamento dos portos – que impedia viajantes de virem ao país. Isso faz com que detalhes sobre a colonização portuguesa sejam desconhecidos para a população europeia e uma ideia de paraíso intocado se perpetue amplamente (HOLANDA, 2000). O espaço vazio era preenchido por narrativas muitas vezes imaginárias e até fantasiosas, que só começam a rarear com o crescimento do Naturalismo, dando espaço a um pensamento mais científico (PRATT, 2003).

Abaixo, um exemplo de descrição de uma floresta feita por Pfeiffer (1850, p. 88):

A uma légua de *Canto Gallo* chegamos em uma pequena cachoeira e então continuamos pela floresta mais bonita que já vi. Uma pequena subida na orla de um riacho nos levou até ela. Palmeiras com suas copas altas e majestosas se erguiam sobre as árvores floridas, que estavam tão entrelaçadas que formavam uma espécie de telhado; orquídeas se multiplicavam pelos ramos e galhos; plantas trepadeiras e samambaias subiam pelas árvores, se misturando aos galhos e formando grandes muros de flores com as cores mais bonitas e com o mais doce perfume; delicados beija-flores voavam por todos os lados; acima, os tucanos com suas belas cores voavam timidamente; papagaios e periquitos se equilibravam nos galhos; vários outros pássaros de cores maravilhosas, que eu vira somente no museu, também viviam neste bosque encantado. Parecia que eu estava passeando por um parque de fadas, e achei que a qualquer momento veria silfos e ninfas.

A descrição feita por Pfeiffer conta com fatores naturais, como os tipos de plantas e animais, até que apresenta um grupo lexical do campo semântico do fantástico ou mitológico. Ao evocar esse campo semântico, a autora afasta a floresta de um campo do natural ou botânico e lhe confere um status onírico que corresponde a um imaginário do "paraíso na terra".

Porém, essa imagem tão presente no imaginário europeu sobre o Brasil começa a mudar com o período colonial e a sociedade que se forma no país. Esse é

um contraste observado por Flora Süssekind (1990). Em sua pesquisa sobre a origem do narrador na literatura brasileira e a relação que faz entre a produção nacional e a literatura de viagem produzida sobre o país, Süssekind menciona um deslocamento por parte de vários viajantes europeus, que buscam um "Brasil-só-natureza" (SÜSSEKIND, 1990, p. 28) e encontram, na realidade, uma sociedade complexa e cheia de camadas de compreensão. Em outras palavras, o sistema de exploração português e a situação social e econômica que ele acarreta são criticados pelos viajantes, que imputam a eles a corrupção de uma natureza tão exuberante quanto era.

Pfeiffer não tece nenhum comentário mais elaborado sobre o tema – afirma ter conhecido "muito pouco das maneiras e costumes do país para estar na posição de dar algum juízo de valor" (PFEIFFER, 1850, p. 53) – mas dá alguns indícios de seu pensamento. Em determinado momento, afirma que "o aspecto mais marcante no europeu transformado em americano é a busca por riqueza" (idem). A autora também chama atenção para a riqueza da família imperial, principalmente quando assiste às cerimônias de batismo da princesa ou comemoração de dia onomástico do imperador. Ao mesmo tempo, insiste em ressaltar a pobreza em que vivem negros e índios e até de imigrantes de outros países que, não inseridos nos sistemas latifundiários e escravocratas, têm poucas condições de desenvolver seu terreno. Ainda que não dê nome ao fenômeno nem sistematize sua descrição, a desigualdade social fica clara em sua escrita.

Além da imagem de um paraíso na terra e sua corrupção pelos portugueses, outras imagens presentes no imaginário aparecem ao longo da narrativa. Quando o barco atravessa a linha do Equador, Pfeiffer conta dos vários cenários que os passageiros temiam que se concretizassem (como o barco pegar fogo ou as pessoas enlouquecerem). Além disso, várias outras superstições, principalmente dos marinheiros, são registradas. Mais adiante comenta sobre o clima: "Dias claros e sem nuvens foram tão raros entre os dias 16 de setembro e 9 de dezembro que poderia tê-los contado; e não consigo entender como tantos viajantes falam sobre o céu sempre bonito e azul do Brasil. Isso deve ser verdade em alguma parte do ano" (PFEIFFER, 1850, p. 50). Aqui a autora relata explicitamente o que leu em outros relatos (e como isso diverge de sua própria experiência). Essa é uma transformação de sua percepção sobre o Brasil – ao contrastar o que conhecia de outros relatos com sua experiência pessoal, ela forma sua posição discursiva – um processo de *Bildung*.

A menção constante ao imaginário europeu, seja em relação a características essenciais – como o sistema econômico ou a natureza –, seja em relação a detalhes menores, como o clima, mostra que a própria narradora é também receptora de uma imagem já formada sobre o Brasil, como não poderia ser diferente. Ao evocar esses discursos para sua própria obra, explicita como sua experiência corrobora ou diverge dessa imagem anterior. Esse artifício tem um impacto na formação de Pfeiffer como narradora. O primeiro deles é ativar o pré-conhecimento de seu leitor (que pode ter vindo de livros ou outras informações factuais sobre o Brasil mas que também pode ser baseado num conhecimento informal ou fantasioso), criando um diálogo com ele e seu contexto cultural, o que faz com que a narrativa seja acessada com um conhecimento zerado.

Ao mesmo tempo, essa técnica cria empatia do leitor com a narradora, pois compartilham esses conhecimentos prévios. Porém, Pfeiffer nem sempre corrobora com essas imagens apresentadas. Assim, ao contrapor constantemente sua percepção com um imaginário já existente, ela se afirma como um par de olhos mais frescos para seus leitores, já que pode recriar as descrições de uma dada realidade, mudando ou acrescentando informações ao que já era conhecido. Cria então uma oposição capaz de diferenciar e destacar seu trabalho para quem a lê. Mas, ao mesmo tempo, não nega completamente esse imaginário, dialogando constantemente com ele – o que torna seu relato mais verossímil e simpático. Como Flora Süssekind (1990) afirma, o viajante se pretende um narrador confiável – e o estilo de Pfeiffer com frequência converge para isso.

4.2.7 Comparação

Outra técnica frequente na escrita de Pfeiffer é o uso de comparações, que se dão tanto entre o Brasil e a Europa ou outros países conhecidos da autora como entre o Brasil e o imaginário europeu sobre o Brasil, tema abordado anteriormente. As comparações são mais um dos momentos que explicitam o ponto de vista da autora, já que revelam quais são os parâmetros com os quais faz suas críticas e comentários sobre o país. Um exemplo: "As casas são construídas com um estilo europeu, mas são pequenas e insignificantes" (PFEIFFER, 1850, p. 38). Pequenas comparações como essa são frequentes na descrição de pessoas, espaços e costumes. É uma maneira de construir uma imagem para o leitor, presumidamente europeu, que se dá

pelo contraste ou complementação, retomando o conhecido e apontando o que se assemelha ou difere dele.

Para observarmos mais atentamente a maneira como as comparações se constituem como técnica narrativa em Pfeiffer, apresento e comento exemplos do livro. Exponho uma distinção entre duas maneiras de se comparar presentes na escrita de Pfeiffer. Começo com a descrição das ruas do Rio de Janeiro, feita no segundo capítulo do livro:

Das demais ruas, a Rua Misericórdia e a Rua Ouvidor são ainda as mais interessantes, sendo que a última contém empórios maiores e melhores, embora não se deva esperar encontrar nem vitrines tão belas quanto as das cidades europeias, nem nada particularmente bonito ou valioso. A única coisa que chamou a minha atenção foram as lojas de flores, que expunham as mais maravilhosas flores, feitas de penas de pássaros, escamas de peixes e asas de besouros. (PFEIFFER, 1850, p. 31)

A comparação aqui se dá de forma clara: a Rua Misericórdia e a Rua Ouvidor são mais interessantes que as outras ruas; ao mesmo tempo, suas lojas mais interessantes não têm vitrines tão belas quanto as das cidades europeias. Ela então apresenta para o leitor a loja que acha mais interessante, que vende flores feitas artesanalmente. Apresentada nesta sequência, a loja não é vista de maneira muito favorável, ainda que a autora lhe faça elogios; ela não será considerada boa quando comparada com as europeias.

Esse tipo de estrutura é usado com frequência para descrever a arquitetura, as vestimentas ou a paisagem. E, apesar de quase sempre favorecerem a Europa, esse nem sempre é o caso. Em sua descrição da comemoração do dia onomástico do imperador, Pfeiffer ressalta a riqueza da família real brasileira: "Tamanha riqueza e abundância de bordados em ouro, dragonas, ordens e assim por diante não pode ser facilmente concebida e não acredito que nada similar possa ser encontrado em qualquer corte da Europa" (PFEIFFER, 1850, p. 43).

As comparações nem sempre são feitas com a Europa Ocidental, mas também com outros lugares que a autora visitou. A autora compara a sujeira do Rio de Janeiro com a de Constantinopla; a condição dos escravos do país com os servos russos, poloneses ou egípcios; a paisagem sul-americana (quando a autora já está no navio de partida) com a Islândia e assim por diante. A comparação se dá mesmo internamente, como por exemplo quando compara negros e indígenas ou diferentes cidades brasileiras.

Em todas os exemplos mencionadas até aqui, as comparações parecem ser uma ferramenta narrativa usada para criar uma imagem para o leitor (considerando que ela escreve para um público europeu). Assim, as casas são como as europeias, mas menores; as lojas não são tão boas; a ostentação da família real é maior. Com esse tipo de estrutura, ela toma como base seu próprio conhecimento de mundo, que supõe ser similar ao do leitor, construindo sua descrição do novo lugar a partir disso. Isso permite que o leitor construa esse novo espaço com a mediação do que já é familiar a ele ou ela.

Ainda pensando em comparações deste tipo, apresento mais um exemplo. Neste caso, a proposta da autora é fazer uma comparação explícita:

Ao se instituir uma comparação entre Brasil e Europa, tanto no que se refere a uma impressão produzida pelo todo quanto à vantagens e desvantagens de cada um, podemos achar, em um primeiro momento, que a balança vai pender ao primeiro, apenas para que depois vire, com grande certeza, em favor do segundo. Para viajantes, o Brasil é, provavelmente, o país mais interessante do mundo – como lugar para residência permanente eu escolheria decididamente a Europa. (PFEIFFER, 1850, p. 52)

A comparação teve como objetivo ser um fim em si mesma, explicitando onde Pfeiffer enquanto narradora preferiria morar. Todas as comparações que mostrei até agora são feitas textualmente – ou seja, existem palavras ou estruturas gramaticais que caracterizam estes trechos como comparações: "estilo europeu", "tão belas quanto as das cidades europeias", "nada similar possa ser encontrado em qualquer corte da Europa", "mais feios" e assim por diante. Esses são exemplos de evidências textuais que explicitam uma comparação. São adjetivos (incluindo comparativos e superlativos), aliados com locuções adverbiais ou advérbios de lugar e conectores. Chamei este tipo de comparação, feita com o auxílio de evidências textuais, de *comparações diretas*.

Em oposição às comparações diretas, há também um outro tipo de comparação, mais difíceis de se perceber em uma primeira leitura. As chamo de comparações indiretas. Dou um exemplo, também da descrição de Pfeiffer do Rio de Janeiro:

Desembarcamos na *Praya dos Mineiros*, uma praça suja e repulsiva povoada por algumas dúzias de pretos sujos e repulsivos acocorados no chão, gritando a todo pulmão as ofertas de frutas e doces que vendiam. De lá fomos direto para a rua principal (*Rua direita*), cuja única beleza é a largura. Ela abriga várias construções públicas, como a Alfândega, os Correios, a Bolsa, a Guarda e outros. Elas são, porém, tão modestas que mal seriam notadas caso um aglomerado de pessoas não estivesse constantemente em sua frente. (PFEIFFER, 1850, p. 30)

Neste trecho, não há nenhuma evidência explícita de comparação, nenhum dos marcadores linguísticos presentes nos exemplos anteriores. Pfeiffer não afirma que esta praça é mais suja que praças de outros lugares – até mesmo o advérbio ou locução adverbial de um outro lugar está ausente da frase. Tanto que poderíamos ler a frase sem considerá-la uma comparação, identificando-a apenas como uma descrição neutra. Porém, proponho aqui considerá-la também como uma comparação. Explico: quando um autor, ou qualquer pessoa, visita um lugar novo, a tendência geral é que note as características que lhe pareçam diferentes. Neste exemplo: Pfeiffer visita um espaço que reconhece como uma praça. Isso quer dizer que é similar ao padrão de praça que ela conhece de sua experiência pessoal – ou de praças austríacas ou europeias no geral, assim como de outros lugares que conheceu durante suas viagens. Mas, ao mesmo tempo em que ela caracteriza a *Praya dos Mineiros* como uma praça, ela nota diferenças entre esse espaço e a imagem que ela tem de uma praça – e com isso em mente ela caracteriza o espaço novo com adjetivos e advérbios: uma praça "suja e repulsiva". Ao fazer a descrição de uma praça, ela não a descreve como um ambiente amplo a céu aberto, por exemplo, pois essa é a característica compartilhada que caracteriza o espaço como uma praça. Mas o fato dela ser suja e repulsiva é o que a diferencia da imagem de praça anterior. A diferença posta é tanto uma descrição do novo lugar quanto é de seu lugar de partida, ao qual ela compara tudo que lhe é novo. Se sua imagem padrão de praça fosse um lugar sujo, ela não sentiria a necessidade de destacar essas qualidades. É justamente por isso que afirmo que esse tipo de frase também é um tipo de comparação, mas de um tipo indireto, já que não contém evidência linguística explícita de que uma comparação é feita naquele momento.

Apresento mais alguns exemplos de comparações. A citação a seguir foi retirada da narrativa da autora sobre sua visita aos Puris, um grupo indígena, que exigiu da autora uma viagem árdua de alguns dias pela mata fechada. Sua descrição do lugar começa com sua surpresa quanto à pobreza do lugar: "Ali encontrei a grande

pobreza, a grande miséria! – Durante minhas viagens já vi muitas imagens da pobreza, mas nunca vira algo assim" (PFEIFFER, 1850, p. 100). Essa frase é uma comparação direta – já que declara não ter visto em suas viagens uma pobreza como essa. Adiante, depois de descrever as cabanas, a comida e as pessoas, descreve também o idioma que usam: "A língua deles é muito pobre: eles só conseguem, por exemplo, contar até dois, por isso precisam repetir os números *um* e *dois* continuamente quando desejam expressar um número maior" (PFEIFFER, 1850, p. 102). O adjetivo pobre só pode ser usado se a autora considera sua própria língua, ou alguma outra que conheça, como rica. É tomando a sua realidade como base que ela caracteriza a nova realidade – nesse caso, pobre. Ainda que a autora não faça uma comparação explícita entre a língua puri e o alemão, a comparação está presente em seu discurso.

As comparações indiretas são uma categoria importante porque mostram quanto do texto é construído em torno da subjetividade e como os relatos de viagem descrevem tanto os lugares novos quanto os lugares de partida dos autores. A própria escolha do que registrar e publicar já mostra essa subjetividade, e a possibilidade de pensar a comparação indireta enquanto uma categoria é um jeito de ressaltar que essas narrativas são comparações constantes entre pelo menos dois lugares e duas culturas.

Além disso, as comparações guardam uma relação com o processo de *Bildung* – já que explicitam o próprio processo da autora de contrastar aquilo que já lhe era conhecido com o novo, muitas vezes com o processo de transformação do que já lhe era conhecido.

4.2.8 Espaço

Para o pesquisador alemão Ottmar Ette, o relato de viagem é, "em essência, aquela forma de escrita literária e científica na qual a escrita pode estar mais consciente de sua referencialidade ao espaço, de sua dinâmica e de sua necessidade de movimento"⁶⁹ (ETTE, 2008, p 23). Ou seja, impossível falar de literatura de viagem sem pensar em seu espaço. Ette defende que o espaço nesse tipo de obra é um espaço em deslocamento, já que é prerrogativa do gênero é não só o deslocamento

⁶⁹ "En esencia, aquella forma de escritura literaria y científica en la cual el escribir quizá tenga más conciencia de su referencialidad al espacio, su dinámica y su necesidad de movimiento".

físico, mas também o deslocamento cultural, social, contextual ao qual o indivíduo (autor, narrador ou personagem principal) se sujeita. A narrativa que resulta da experiência é, para o pesquisador, uma tentativa de transpor para o leitor um modelo espacial dinâmico. " O relato de viagem é um gênero do lugar, ou ainda, de mudança de lugar e determinação permanente de novos lugares "⁷⁰ (ETTE, 2008, p. 42).

Para Ette (2008, p. 66), "As histórias de viagens dos séculos XVIII e XIX não desenvolvem sua força de atração apenas pela relação que têm com uma realidade extralinguística, com uma certa alteridade cultural ou com a autenticidade histórica do caráter do viajante em si"⁷¹. Sua força se dá por um grande movimento de espacialização das estruturas de pensamento – ou seja, as produções científica e filosófica estavam centradas numa espacialização, num deslocamento (um movimento que Pratt [2003] também identificou).

Toda a literatura de Pfeiffer gira em torno disso. E seu deslocamento, ao menos no trecho do qual se ocupa esta dissertação, a traz para um espaço com a qual já teve contato em outras narrativas. Como abordado na parte sobre os imaginários, a descrição espacial de Pfeiffer conta com um espaço imaginário (aquele que se acreditava que seria encontrado) e um espaço real – aquele que a autora de fato encontrou. A contraposição constante entre os dois em forma de comparação é uma das ferramentas narrativas mais frequentes na construção da descrição espacial. Além disso, a autora usa com frequência adjetivos (que, quando se referem à natureza, tendem a ser "exuberante" e assim por diante). Em termos de espaço natural, a descrição de Pfeiffer se aproxima a do paraíso na terra.

A questão muda quando ela descreve o aspecto social do espaço, materializado pelas cidades e colônias. Nesse caso, os adjetivos não costumam ser tão positivos assim. Pelo contrário, Pfeiffer critica a simplicidade da arquitetura, o mau funcionamento das cidades, a pobreza constante, a falta de infra-estruturas culturais, etc. Aqui, o espaço é apresentado quase como uma oposição à ideia de paraíso na terra.

⁷⁰ "El relato de viajes es un género del lugar, mejor dicho, de cambio de lugar y de permanente determinación de nuevos lugares".

⁷¹ "Los relatos de viajes de los siglos XVIII y XIX no desarrollan su fuerza de atracción sólo por lá relación que mantienen con una realidad extralingüística, con una determinada alteridad cultural o con la autenticidad histórica del personaje del viajero en sí".

Estes espaços do mundo colonial são definidos por Pratt (2003) como zonas de contato: "espaço de encontros coloniais, o espaço em que pessoas separadas geográfica- e historicamente entram em contato e estabelecem relações contínuas, geralmente envolvendo condições de coerção, inequidade racial, e conflito intratável"⁷² (PRATT, 2003, p. 6). São espaços em que com frequência se observa uma diferença grande de hierarquias.

O Rio de Janeiro, como um dos principais portos do Brasil, era uma das zonas de contato do período colonial. Quando Pfeiffer vem para o país, em 1846, o país era independente há apenas 24 anos. Além da pouca distância temporal, os sistemas econômico e político do país se assemelhavam profundamente às estruturas coloniais. Com isso, o Rio de Janeiro podia ainda ser considerado uma zona de contato.

É justamente neste espaço, com todas as diferenças sociais, culturais e econômicas, que Pfeiffer chega no país. É um espaço que não só é diferente para ela, mas é em si um espaço de confronto de várias diferenças: existem os grupos indígenas nativos do país, os colonizadores portugueses que já estão no país há gerações, os negros escravizados trazidos à força, uma família real portuguesa que se torna brasileira e imigrantes mais recentes de várias origens. A autora não observa somente a diferença entre ela e um outro grupo, mas entre ela e vários grupos e entre os vários grupos.

Pfeiffer começa, como Habinger afirma insistentemente em vários de seus trabalhos, em estado de choque com as diferenças que encontra. Essa é a reação da autora diante da zona de contato. Mas há uma mudança, ainda que leve, em seu pensamento, ao ponto de defender a igualdade de ensino entre negros e brancos, o que mostra o constante processo de transformação e integração de conhecimento novo proposto pela *Bildung*. Vê neles, portanto, a mesma capacidade intelectual que vê nos outros. A zona de contato tornou essa mudança de pensamento possível – e uma hipótese de leitura dessa mudança é a percepção dela da semelhança entre sua própria situação, em que não tem acesso à educação por conta de seu gênero, com a situação deles, que não têm acesso à educação por conta de sua cor e de sua

⁷² "Space of colonial encounters, the space in which peoples geographically and historically separated come into contact with each other and establish ongoing relations, usually involving conditions of coercion, radical inequality, and intractable conflict".

situação social enquanto escravizados. Ao se pôr na zona de contato, se torna passível de transformação e de transformar.

4.3 TRADUÇÃO (IN)FORMADA

Volto aqui para a pergunta que guiou este trabalho: por que e como traduzir Pfeiffer hoje? Me parece inegável que há, na obra de Pfeiffer, um interesse histórico tanto pelas descrições de um Brasil colonial como pela maneira com que se dava a relação entre viajantes europeus e o país – no sentido também de entender a prática de um racismo e sua sistematização no discurso. Mas, mais do que isso, acredito haver um interesse literário, considerando suas características e o quão inédito é para o leitor de hoje. Nos próximos parágrafos, gostaria de discutir o *como*.

O texto de Ida Pfeiffer acaba sendo uma grande mistura de influências – ou, usando as palavras de Sara Mills, está exposto a diferentes restrições do seu tempo e sociedade. Por um lado, a ideia de *Bildung*, manifesta em sua vontade de conhecer o mundo e entrar em contato com o estrangeiro. Mas é uma *Bildung* diferente daquela apresentada por homens do período, por ser marcada por sua existência enquanto mulher: suas experiências pelo mundo substituem uma educação formal à qual não teve acesso. Isso faz com que esteja inserida nessa produção de maneira marginal, o que deixa marcas narrativas em seu texto. Além disso, muda a recepção dos seus textos por parte dos leitores, que o enquadram de uma maneira diferente. Mas ainda que ocupe uma posição marginal na produção do seu país, continua sendo eurocêntrica, outro ponto de vista que é marcado continuamente em seu texto. Levando em consideração todas as forças debatidas, apresento agora minha proposta de tradução.

Em *A Prova do Estrangeiro*, Berman (2002) reflete sobre um sistema de "ganhos" e "perdas" de uma tradução, defendendo que essa relação não pode ser pensada apenas em termos de uma porcentagem entre essas duas ações. "Ao lado desse plano, inegável, existe um outro, em que alguma coisa do original *aparece* e que não aparecia na língua de partida. A tradução faz girar a obra, revela dela uma outra *vertente*" (p. 21). Com isso, quer dizer que uma tradução gera uma nova potencialidade no texto – a outra língua e o processo de transformação de um texto em outro permite que alguma característica ou conteúdo se potencialize. Do mesmo jeito que a viagem faz Pfeiffer girar, revelando dela uma outra vertente – de escritora,

de aventureira, de naturalista, que sua posição enquanto esposa vienense não permitia.

Tomando isso em consideração, pensei, durante o meu processo tradutório, no que eu queria potencializar ou o que foi potencializado e acredito que o maior ganho desta tradução seja o amadurecimento do texto e do debate que o cerca. Ler Pfeiffer a partir de um debate decolonial, feminista e tradutório permite que o texto não seja traduzido inocentemente, mas com ciência de suas limitações e de seus preconceitos. O objetivo não é nem ignorar nem reforçar essas convicções e sim possibilitar sua crítica.

Contextualizar a obra e permitir uma leitura crítica, que passou por um processo de reflexão, é fazer com que o texto passe, ele mesmo, por um processo de *Bildung*. Pfeiffer não pode – e não deve – ser lida hoje como era lida em seu período. Seu relato não é nem imparcial nem tão inocente quanto ela faz parecer no prólogo do seu livro. A crítica apresentada aqui forma uma rede de conexões em que Pfeiffer é vista como uma autora de seu período, trabalhando com uma série de restrições por conta de seu gênero, escrevendo em um gênero literário com suas convenções em uma sociedade que impunha uma série de limitações raciais e sociais. Quando se passa o texto por todos esses filtros e o apresenta na língua falada na sociedade narrada por ele, chega-se em um texto *gebildet*, que chamo aqui de tradução (in)formada – ou seja, que tem informações e que passou por uma (trans-)formação.

Materialmente, isso se manifesta em uma edição crítica, com comentários de rodapé que acompanham a tradução para explicar e atualizar informações, assim como um aparato crítico que permita a contextualização de obra em seu tempo. Tal aparato deverá fazer parte de uma eventual publicação do texto em livro, já que é a partir dele que se dá o debate e a crítica do texto que o atualizam para a sociedade de hoje.

Acredito que isso se torna visível no aspecto mais desafiador da tradução, o tom preconceituoso da autora. A escolha lexical tentou não apagar ou diminuir esse tom, mas sim o transmitir. O objetivo disso não é o reforçar, mas o tornar passível a críticas. O aparato teórico não pretende justificar, mas entender e explicitar os mecanismos através dos quais é materializado.

Entrando em detalhes menores, escolhi a edição de 1850 como base de tradução, sendo desta a separação dos capítulos. Usei também uma edição digital, publicada em 2015, para tirar dúvidas de palavras (quando a tipologia da edição de

1850 não permitia a leitura do texto com clareza). Consultei também a tradução inglesa de 1851 para esclarecer soluções tradutórias de palavras e expressões que apresentavam divergências em outras fontes de pesquisa, como dicionários.

A edição adotada tem como título *Eine Frauenfahrt um die Welt*, formada por um artigo indefinido, seguido por um objetivo composto (jornada de uma mulher) e um locativo (pelo mundo), estrutura que optei por seguir na minha tradução – A jornada de uma mulher ao redor do mundo. Em edições mais recentes, pode-se encontrar o título *Eine Frau fährt um die Welt* [Uma mulher viaja ao redor do mundo], composto por artigo, substantivo, verbo e locativo.

Optei por manter as unidades de medida tais quais foram usadas pela autora para efeito de registro histórico e manutenção da memória – e indico as conversões para medidas métricas nas notas de rodapé para que o leitor possa acessar mais facilmente essas informações. As palavras escritas por Pfeiffer em português no original (em geral nomes de logradouros) foram mantidas em itálico.

5 A JORNADA DE UMA MULHER AO REDOR DO MUNDO

5.1 PREFÁCIO

Já fui chamada de turista⁷³ por muitos jornais, mas infelizmente não mereço o sentido usual desse termo. Por um lado, tenho pouca sutileza e humor para considerar minha escrita criativa; por outro, tenho pouco conhecimento para poder interpretar corretamente as experiências que vivi. Sou capaz apenas de contar de forma simples o que vi e o que presenciei. Se faço algum julgamento, o faço considerando apenas o ponto de vista da minha própria e simples opinião.

Alguns talvez acreditem que a motivação para essa grande viagem tenha sido a vaidade. Sobre isso não posso dizer nada, a não ser o seguinte: quem pensa isso deveria fazer uma viagem assim também, para ver que as dificuldades, privações e perigos encontrados só podem ser superados por uma vontade inata de viajar ou com uma sede ilimitada de conhecimento.

Assim como um pintor é impelido a pintar um quadro e um poeta a manifestar seu pensamento, eu me senti impelida a ver o mundo. Viajar era o sonho da minha juventude e a lembrança do que vi é a alegria da minha velhice.

Meu simples relato "Uma viagem para a Terra Santa, para a Islândia e para a Escandinávia" foi bem e amigavelmente recebido pelo meu prezado público. Isso me encoraja a dar mais um passo e publicar os diários da minha maior e mais recente jornada.

Desejo que o relato das minhas experiências ofereça aos meus leitores e leitoras pelo menos uma parte da diversão que a viagem me concedeu.

Viena, 16 de março de 1850.

A autora

⁷³ Nota da tradutora (N.T.): Como saber qual o sentido do termo adotado por Pfeiffer para a palavra *Touristin*? O turismo, com sua acepção mais recente, tem seu início reconhecido amplamente com Thomas Cook, inglês que abriu a primeira agência de viagens em 1841 sendo, portanto, um fenômeno contemporâneo à austríaca. Segundo o pesquisador argentino Maximiliano E. Korstanje (2007), a palavra *tourism* pode ter duas origens possíveis: *torn*, do saxão antigo, significando partida com intenção de retorno, ou *tur*, do aramaico antigo, significando exploração, viagem ou movimento de pessoas. Segundo Antônio Geraldo Cunha, o termo "turismo" significa "viagem ou excursão feita por prazer, a locais que despertam interesse" (2007, p. 798) e teria vindo para o português através do inglês *tourism*. O dicionário Online Etymology Dictionary data o termo em 1772 e o define como "*one who makes a journey for pleasure, stopping here and there*".

5.2 CAPÍTULO 1 – VIAGEM AO BRASIL

Partida de Viena • Estadia em Hamburgo • Barcos a vapor e veleiros • Partida • Cuxhaven • O Canal da Mancha • Os peixes voadores • Os moluscos Physolide • Constelações • Atravessando a linha • Os Vamperos • Vento forte e tempestade • Cabo Frio • Entrada no porto do Rio de Janeiro

No dia 01 de maio de 1846, parti de Viena e fui, com exceção de algumas paradas em Praga, Dresden e Leipzig, direto para Hamburgo, onde embarcaria para o Brasil. Em Praga, tive o prazer de encontrar o Conde Berchtold, meu companheiro de viagem durante um trecho da minha jornada ao Oriente, e de ouvir que ele tinha vontade de me acompanhar em minha viagem ao Brasil. Prometi esperá-lo em Hamburgo.

Tive outro encontro interessante no barco a vapor entre Praga e Dresden, dessa vez com a viúva do Professor Mikan, que no ano de 1817, por ocasião do casamento entre a Princesa austríaca Leopoldina e Dom Pedro I, seguiu seu marido para o Brasil, acompanhando-o numa viagem científica pelo interior do país.

Eu já ouvira falar frequentemente dessa mulher e minha alegria em conhecê-la pessoalmente foi imensa. A amável e velha senhora compartilhou amigavelmente comigo os resultados da sua longa experiência e me deu conselhos e regras de conduta que depois se provaram muito úteis.

No dia 12 de maio cheguei em Hamburgo e, se tivesse vontade, poderia ter embarcado já no dia 13 em um brigue⁷⁴ rápido e magnífico que, além disso, também levava o nome "Ida". Com o coração pesado, vi partir esse belo barco – precisei ficar para trás, pois prometi esperar aqui meu companheiro de viagem. Passou uma semana atrás da outra e apenas o convívio com meus parentes encurtou o longo tempo da espera. Finalmente, na metade de junho, ele chegou. Logo encontramos uma embarcação: um brigue dinamarquês chamado "Caroline", comandado pelo Capitão Bock, com velas içadas para o Rio de Janeiro.

⁷⁴ N.T.: Embarcação com dois mastros de velas quadradas paralelas.

Esperava-me uma longa viagem, que duraria pelo menos dois meses – mas poderia facilmente chegar a três ou quatro. Felizmente já vivera um tempo considerável em barcos a vela em minhas viagens anteriores e já estava, portanto, familiarizada com a organização desses navios, que é muito diferente daquelas dos barcos a vapor.

Em barcos a vapor, tudo é luxuoso e confortável, a viagem em si prossegue em frente de forma rápida, independente do vento, e os viajantes encontram provisões boas e frescas, camarotes espaçosos uma excelente sociedade.

Isso tudo é muito diferente em um veleiro. Com exceção dos grandes *Ostindienfahrer*⁷⁵, veleiros são despreparados para receber viajantes. A prioridade é cuidar da carga e, para a tripulação, os passageiros são um incômodo a mais cujo conforto não merece nenhuma atenção. O capitão é a única pessoa que se preocupa com eles, pois um terço, ou até metade, do valor pago pelos passageiros entra na sua comissão.

O espaço das cabines é tão escasso que nelas não é possível nem virar-se nem ficar de pé. Além disso, os movimentos são mais fortes em barcos a vela do que nos a vapor, ainda que muitos afirmem que, no último, o odor desagradável de óleo e do carvão e a constante sensação de vibração são completamente insuportáveis. Eu não concordo com isso; estas coisas são certamente desagradáveis, mas ainda assim mais fáceis do que as inconveniências presentes a bordo de um veleiro.

Nestes, os passageiros estão completamente entregues à vontade do capitão. Ele é um soberano absoluto e reina o navio. Até a alimentação depende da sua generosidade. Geralmente, ela não é de todo ruim, ainda que, nos melhores casos, não seja tão boa como seria em um barco a vapor.

Os pratos mais comuns são chá e café sem leite, toucinho e carne salgada, sopa de ervilha ou de couve, repolho, batata, bolinhos duros, bacalhau e torrada. Encontra-se ocasionalmente também presunto, ovos, peixe, panquecas ou até mesmo uma galinha magra. É raro encontrar pães em barcos de pequeno porte.

Para melhorar a qualidade da comida, especialmente em viagens longas, é recomendável levar alguns itens para complementar o cardápio do navio. Os mais indicados são caldo de carne e torradas finas – ambos devem ser armazenados em

⁷⁵ N.T.: Nome dado aos navios, de qualquer tipo, que operavam sob a licença da Companhia das Índias Orientais, a maior empresa de comércio europeu entre os séculos XVII e XIX.

latas para evitar que fiquem úmidos ou entrem em contato com insetos –, uma quantidade razoável de ovos que, no caso de viagens para o hemisfério Sul, devem ser mergulhados em um recipiente com água ou embalados em pó de carvão, além de arroz, batatas, açúcar, manteiga e todos os ingredientes necessários para se fazer uma sopa de vinho e uma salada de batatas. A primeira fortalece, a segunda refresca. Aqueles que viajam com crianças fariam bem em viajar com uma cabra.

Em relação ao vinho, não se deve esquecer de perguntar ao Capitão se a bebida já está inclusa no preço da passagem, se não, ele só poderá ser comprado por preços altíssimos.

Mas deve-se levar também algumas outras coisas, além de comidas e bebidas, sobretudo um colchão, estofados e cobertores, pois normalmente as cabines encontram-se vazias. Esses itens podem ser comprados em qualquer cidade portuária a preços baixos.

Além disso, também é aconselhável levar roupas de cama coloridas. Quem ocupa a posição de lavadeira é um marinhaio, então é fácil imaginar que as roupas não serão devolvidas na melhor condição possível.

Sempre que os marinheiros estão ocupados com o posicionamento das velas, deve-se ter um cuidado extraordinário para não se machucar com as cordas que caem pelo convés.

Ainda assim, todos esses inconvenientes são mínimos – o verdadeiro tormento começa perto do fim da viagem. A embarcação é a amante do capitão. Em mar, ele permite que ela vista somente roupas confortáveis de dormir; mas no porto ela deve estar limpa e enfeitada. Nenhum traço da longa viagem, das tempestades e do alto calor que ela enfrentou deve ser visível. Então começam os barulhos incessantes de martelos, plainas e serras; cada rachadura, remendo e dano são consertados e no fim o navio inteiro é pintado com tinta a óleo. O pior são as marteladas durante o conserto das rachaduras dos deques, que são preenchidas com piche. Isso é quase insuportável.

Mas chega de incômodos. A descrição deles foi feita apenas para preparar aqueles que nunca viajaram pelo mar antes. Pessoas que moram em cidades portuárias naturalmente não precisam dessas sugestões, já que ouvem falar delas diariamente; o mesmo não é nosso caso, pobres moradores de cidades sem mar. Com frequência nós não sabemos a aparência de um navio a vela ou de um a vapor, muito menos como se vive neles. Falo a partir de experiência própria, e sei muito bem o

quanto sofri na minha primeira viagem pelo mar por que, não tendo sido informada antes, não levei nada além de roupas de cama e algumas roupas pessoais.

Agora vamos para a continuação de minha viagem. Nós embarcamos no começo da noite do dia 28 de junho e a âncora foi levantada antes do nascer do sol do dia 29. Mas o começo da viagem não foi muito encorajador; nós tínhamos apenas um pouco de vento – na realidade, quase nenhum – e, em comparação com o navio, qualquer pedestre parecia correr uma corrida; completamos as oito milhas⁷⁶ até Blankenese em sete horas⁷⁷.

Felizmente, a demora não foi tão incômoda, considerando que no começo pudemos admirar a bela cidade portuária e, depois, na costa de Holstein, as casas de campo dos hamburgueses ricos, situadas em adoráveis colinas e cercadas por jardins graciosos. O lado oposto, pertencente a Hannover, é tão plano e monótono quanto o outro é belo. Nessa altura do rio Elba, as margens podem chegar a três ou quatro milhas⁷⁸ de distância uma da outra.

Antes de chegar em Blankenese, os navios enchem seus estoques com água do Elba que, apesar de ter uma aparência suja e espessa, é conhecida pela sua valiosa qualidade de não apodrecer por muitos anos.

Nós só alcançamos Glückstadt (a 32 milhas⁷⁹ de Hamburgo) no dia 30 pela manhã. Como não havia sequer um sopro de vento, estávamos à mercê da correnteza, sendo levados para trás. O capitão ordenou, portanto, que o navio fosse ancorado e aproveitou essa pausa forçada para prender os baús e as malas ao convés. A nós, ociosos, foi permitido desembarcar e visitar a cidadezinha na qual, porém, encontramos muito pouco a ser admirado.

Éramos em oito passageiros a bordo. As quatro vagas em camarotes eram ocupadas por mim, pelo Conde Berchthold e por dois jovens que esperavam

⁷⁶ Tanto no mar como em rios adoto como medida a milha náutica, que corresponde a quatro milhas geográficas.

⁷⁷ N.T.: a milha náutica equivale a 1.852 metros. Embora não faça parte do Sistema Internacional de Unidades, seu uso ainda é frequente na navegação aérea e marítima. Oito milhas náuticas equivalem a 14,8 km.

⁷⁸ N.T.: Equivalente a 5,5 km e 7,4 km, respectivamente.

⁷⁹ N.T.: 59,2 km.

enriquecer mais rápido no Brasil do que na Europa. O preço da passagem nos camarotes era 100 dólares, e nos cômodos do andar intermediário⁸⁰ era 50 dólares.

No entrepontes hospedaram-se, além de dois respeitáveis comerciantes, uma velha senhorinha que seguia para o Brasil de acordo com a vontade de seu único filho, que havia se estabelecido no país, e uma mulher casada, cujo marido trabalhava há seis anos como alfaiate no Rio de Janeiro. Quando as pessoas estão a bordo de um navio, elas logo se aproximam umas das outras e permanecem juntas a maior parte do tempo para que a monotonia da viagem se torne mais suportável.

No dia 01 de julho levantamos as velas novamente, sob um tempo tempestuoso. Ganhamos algumas milhas, mas logo precisamos ancorar novamente. Nessa altura, o rio Elbe já é tão largo que quase não se vê mais suas margens. Por conta da intensidade das ondas, vários de nós começaram a passar mal. No dia 02 de julho também tentamos levantar a âncora, mas fomos tão malsucedidos quando no dia anterior. Ao anoitecer, avistamos alguns golfinhos, também conhecidos como delfins, e várias gaivotas – anúncios de um mar próximo.

Vários navios passaram por nós rapidamente. Ah! Eles conseguiam usar a tempestade e o vento, suas velas se enchiam, e se dirigiam rapidamente para o porto mais próximo. Nós invejamos sua boa sorte; e talvez por causa dessa demonstração de amor cristão de nossa parte, no dia 03 de julho nós não passamos de Kurhaven (a apenas 64 milhas náuticas⁸¹ de Hamburgo).

O dia 04 de julho foi belo, magnífico – para aqueles que podiam ficar tranquilos em terra; mas para os viajantes marítimos foi um dia péssimo, já que não havia o mínimo sopro de vento. Para se livrar dos nossos lamentos, o capitão se pôs a elogiar a pequena cidade e nos convenceu a desembarcar. Nós visitamos tanto a cidadezinha quanto uma casa de banho e um farol, e depois seguimos para um lugar chamado "*Busch*⁸²", onde encontraríamos, segundo nos foi dito, uma grande quantidade de morangos. Depois de andarmos muito por campos e prados, por cerca de uma hora

⁸⁰ N.T.: O deque inferior do navio foi usado de formas diferentes ao longo do tempo: de espaço para carga a transporte de escravos, no século XIX começou a ser usado para transporte de passageiros com passagens mais baratas, por se tratar de um espaço menos confortável do que as cabines construídas para esse fim.

⁸¹ N.T.: Equivalente a 118 km.

⁸² N.T.: Arbusto, moita.

em pleno calor, nós achamos o *Busch*, mas no lugar de morangos encontramos apenas sapos e víboras.

Entramos, então, em um bosque escasso, onde vimos cerca de 20 tendas de pé. O dono se aproximou e, oferecendo-nos copos de um leite um tanto ruim, disse que montava todos os anos uma feira durante três semanas, ou melhor, durante três domingos consecutivos (pois, durante a semana, as tendas eram fechadas), no *Busch*. A esposa do proprietário também se aproximou e nos convidou, com muita gentileza, para passar o próximo domingo com eles. Ela nos garantiu que nos "divertiríamos deliciosamente"; nós, os mais velhos, seriam entretidos pela incrível arte de acrobatas e malabaristas, enquanto os jovens senhores encontrariam moças jovens com quem dançar.

Demonstramos grande prazer com o convite e prometemos estar presentes no domingo e, então, estendemos nossa caminhada a Ritzebüttel, onde admiramos um pequeno castelo e um parque em miniatura.

05 de julho. Nada muda mais do que o tempo; ontem estávamos imersos na luz do sol, hoje estamos cercados por uma neblina escura e fechada – preferimos, porém, este tempo terrível ao ótimo de ontem, pois havia algum vento e, às 9h da manhã, ouvimos os ruídos da âncora sendo levantada.

Nossos jovens precisaram então tirar da cabeça a festa no *Busch* e adiar a dança com jovens belas até a nossa chegada no novo continente – não colocaríamos mais os pés em solo europeu.

A transição do Elbe para o Mar do Norte é quase imperceptível, considerando que o Elbe não é dividido em pequenos canais, mas tem entre oito e dez milhas⁸³ de extensão em sua foz. Ele quase forma um pequeno mar, e tem a mesma cor verde. Por isso, ficamos muito surpresos quando ouvimos o capitão exclamar em tom de alegria: "Por fim saímos do rio!". Na nossa imaginação, já estávamos navegando no mar havia muito tempo.

De tarde, avistamos a ilha Heligolândia (que pertence aos ingleses⁸⁴) surgindo do mar de um modo realmente encantador. É uma pedra nua e colossal, e se eu não tivesse aprendido com trabalhos recentes de geografia que a ilha é habitada por 2.500

⁸³ N.T.: Equivalente a 14,8 km e 18,5 km.

⁸⁴ N.T.: Hoje a ilha pertence ao território alemão.

peessoas, a suporia inabitada. Em três de seus lados, há penhascos que sobem tão alto a partir das ondas que qualquer acesso é impossível.

Nós navegamos pelo local a uma distância considerável e vimos apenas as torres da igreja e do farol, além do "Monge", uma pedra solitária e perpendicular que é separada do corpo principal da ilha. Entre os dois é possível ver uma faixa de mar.

Os moradores são muito pobres. As únicas fontes de subsistência são a pesca e a visita de banhistas, que vão para a ilha todos os anos em grande número, pois dizem que os banhos ali são muito eficazes por conta da força extraordinária das ondas. Infelizmente, teme-se que esse lugar de banho não exista mais por muito tempo – a ilha diminui a cada ano com a queda de grandes pedaços de pedra. É possível que algum dia a ilha inteira se afunde no mar.

Entre os dias 05 e 10 de julho, o tempo permaneceu tempestuoso e frio, com mar alto e o navio balançando sem parar. Todos nós, pobres *caranguejos da terra* (como nos chamam os marinheiros), sofriamos com enjoos. Somente na noite entre o dia 10 e o dia 11 alcançamos o Canal da Inglaterra, também conhecido como Canal da Mancha (a quase 360 milhas⁸⁵ de distância de Kurhaven).

Aguardamos ansiosos a chegada do sol, que nos permitiria ver dois dos mais poderosos reinos europeus. Felizmente, o dia estava bom e limpo, e os dois reinos estavam na nossa frente com tamanha magnificência e proximidade que o observador poderia acreditar que povos irmãos habitavam os dois países.

Na costa da Inglaterra vimos o *North-Foreland*⁸⁶, o grande castelo Sandowe, e a cidade de Dean, esticada pelo pé dos penhascos que se estendem por muitas milhas e têm cerca de 50 metros de altura; mais adiante estava a *South-Foreland*, e finalmente o antigo castelo de Dover, que descansa imponente em uma colina, vigiando a paisagem ao redor. A cidade de mesmo nome fica na costa.

No lado oposto a Dover, na parte mais estreita do canal, pudemos ver na costa francesa o Cabo Griz-Nez, onde Napoleão mandou erguer uma pequena construção para poder, como se diz, ao menos enxergar a Inglaterra; e, mais adiante, um obelisco erguido por Napoleão em homenagem ao campo militar de Boulogne, ainda que a construção só tenha sido finalizada durante o reinado de Louis Philippe.

⁸⁵ N.T.: Equivalente a 666 km.

⁸⁶ N.T.: Formação rochosa de calcário que delimita a ilha de Thanet ao noroeste (em inglês no original).

Durante a noite tivemos de bordejar⁸⁷ nas redondezas de Dover, pois o vento não nos era favorável. A escuridão profunda que cobria a terra e o mar fez com que a manobra fosse muito perigosa, tanto pela proximidade das costas quanto pela grande quantidade de barcos que atravessavam o canal. Para evitar qualquer colisão, penduraram uma lanterna no topo do mastro principal, em certos momentos acendiam uma tocha posicionada na borda do navio ou tocavam um sino: sinais alarmantes para uma pessoa ainda não acostumada com viagens marítimas.

Por quatorze dias, fomos prisioneiros das 360 milhas⁸⁸ do canal, permanecendo, com frequência, dois ou três dias em um mesmo lugar, como se estivéssemos enfeitiçados. Bordejamos regularmente durante dias inteiros para conseguirmos avançar apenas algumas milhas. Nas redondezas de *Start*, fomos tomados por uma violenta tempestade. Durante a noite, fui chamada repentinamente ao deque. Logo imaginei uma desgraça. Vesti algumas roupas e subi com pressa – então tive a surpreendente visão de uma maré vermelha; na esteira da vela havia uma faixa de fogo tão forte que seria possível ler com sua luz, a água ao redor do navio parecia uma correnteza de lava e todas as ondas que levantavam pareciam soltar centelhas de fogo. O rastro dos peixes era envolvido por uma luz inimitável – tudo em volta brilhava até onde o olhar alcançava.

Esse brilho extraordinário do mar é uma ocorrência muito pouco frequente, e, quando ocorre, é sempre? depois de temporais longos e violentos. O capitão me disse que ele mesmo nunca vira o mar tão iluminado antes. Para mim, essa imagem permanecerá para sempre inesquecível.

Pudemos observar um segundo espetáculo, não menos? bonito quanto o primeiro, logo depois de uma tempestade, quando a superfície do mar refletia as nuvens douradas pela luz do sol. Elas brilhavam e reluziam com tanta intensidade de cor que superavam inclusive as cores de um arco-íris.

Navegamos por dois dias ao redor do *Eddystower*, o mais conhecido farol da Europa inteira e, assim, pudemos observá-lo com toda a calma. A altura, a ousadia e

⁸⁷ N.T.: Termo náutico que descreve a manobra de navegar em zigue-zague para conseguir aproveitar o vento quando ele está paralelo à vela.

⁸⁸ N.T.: Equivalente a 666 km.

a força dessa construção são incríveis⁸⁹, mas mais incrível ainda é sua localização em cima de um recife, localizado a quatro milhas da costa; de longe, parece que foi construído no meio do mar.

Com frequência navegamos tão perto da costa de Cornwall que não só conseguimos observar os detalhes de todos os vilarejos, mas vimos também as pessoas nas ruas e nos campos. A região é montanhosa e exuberante, e parece ser muito bem cultivada.

Durante toda a viagem pelo Canal, a temperatura estava fria e desagradável; raramente os termômetros marcavam mais de 15 °Ré⁹⁰.

Finalmente, no dia 24 de julho, saímos do Canal e entramos então em mar aberto; o vento estava bastante favorável e no dia 02 de agosto estávamos na altura do Estreito de Gibraltar, onde tivemos uma calmaria de 24 horas. O capitão decidiu jogar no mar algumas louças brancas e alguns ossos brancos para nos mostrar como os objetos ficam maravilhosamente verdes em seu caminho até o fundo do mar; evidentemente, isso só pode ser visto durante calmarias completas.

Ao entardecer, apreciamos um grande número de moluscos brilhando através da água: eles pareciam estrelas flutuantes do tamanho de uma mão humana e podíamos vê-los pelas ondas mesmo de dia. São de um vermelho-amarronzado e têm um formato que se assemelha a um cogumelo; muitos tinham um pedículo espesso, um pouco fimbriado na parte inferior, outros tinham alguns fios pendurados no lugar do pedículo.

04 de agosto. Hoje foi o primeiro dia em que a temperatura fez com que nos sentíssemos mais ao sul mas, tanto neste dia como no dia seguinte, não vimos o céu azul escuro e limpo que normalmente cobre o Mediterrâneo com uma beleza inigualável. Porém, fomos minimamente compensados no nascer e no pôr-do-sol, que vinham muitas vezes acompanhados por nuvens de formatos e cores muito estranhos.

Estávamos na altura do Marrocos, onde tivemos a felicidade de ver uma quantidade grande do peixe conhecido como bonito. A tripulação logo se colocou em

⁸⁹ N.T.: Atualmente, é conhecido como farol de Eddystone. No original em alemão, a autora indica que o farol ficaria a quatro milhas (aproximadamente sete quilômetros) de distância da costa; a edição inglesa e os dados cartográficos, porém, indicam que são, na realidade, 14 quilômetros.

⁹⁰ Sempre faço as medições na sombra usando a escala Réaumur. N.T: Inventada em 1730 pelo físico René Antoine Réaumur, a escala tem como ponto de congelamento de água o 0° (assim como a escala Celsius) e o ponto de ebulição da água em 80 °Ré. 15 °Ré equivalem a 18 °C.

movimento, e anzóis foram jogados por todos os lados do navio – mas infelizmente apenas um peixe se deixou enganar pela nossa amigável tentação e mordeu a isca. Sua dócil confiança nos forneceu uma refeição fresca, coisa da qual estávamos privados há algum tempo.

No dia 05 de agosto vimos terra pela primeira vez após 12 dias. Logo ao nascer do sol avistamos a pequena ilha de Porto Santo, cujas formações rochosas revelam sua origem vulcânica. Algumas milhas antes desta ilha levanta-se, como um sentinela, o belo Pico do Facho.

No mesmo dia passamos também pela Ilha da Madeira (a 20 milhas⁹¹ de Porto Santo), mas a uma distância tão grande que não conseguimos ver nada além dos grandes cumes que cortam a ilha. Perto da Ilha da Madeira ficam ainda as montanhosas Ilhas de Deserta, que pertencem à África.

Perto dessas ilhas passamos por um barco que seguia viagem com velas baixas na direção do vento, o que levou nosso capitão a concluir que se tratava de um navio em busca de navios negreiros.

No dia 06 de agosto avistamos os primeiros peixes voadores, mas estavam tão longe que quase não conseguimos vê-los com clareza.

Passamos o dia 07 de agosto nas redondezas das Ilhas Canárias que, infelizmente, por conta de uma neblina densa, permaneceram fora do nosso campo de visão. Alcançamos, neste momento, os ventos alísios que, vindos do leste, são desejados por todos os barqueiros.

Na noite entre o dia 09 e 10 de agosto entramos nos trópicos⁹². Todos os dias esperávamos por um calor mais intenso e um céu mais limpo, mas não encontramos nenhum dos dois. A atmosfera era sombria e nebulosa e o céu estava repleto de nuvens, como só ocorre na nossa áspera terra pátria nos dias de novembro. Todas as noites as nuvens se acumulavam de tal forma que estávamos sempre à espera de um temporal violento; somente perto da meia-noite o céu se limpava aos poucos, permitindo que admirássemos as belas e resplandecentes constelações do Sul.

O capitão nos contou que essa era a sua décima quarta viagem ao Brasil e que sempre achou o calor suportável; e que nunca viu o céu de outra forma além de sombrio e fechado. Isso parece ser causado pela costa úmida e insalubre da Guiné,

⁹¹ N.T.: Equivalente a 37 km.

⁹² Os trópicos se estendem por 23 graus de latitude ao norte e ao sul da Linha do Equador.

cujo efeito se estende até além de onde estávamos – isso que já estávamos a uma distância de 300 milhas⁹³.

A transição rápida entre o dia e a noite fica bem perceptível nos trópicos; entre 35 e 40 minutos depois do sol se pôr reina a escuridão completa. A diferença na duração do dia e da noite diminui cada vez mais conforme se aproxima da Linha do Equador. Nela, o dia e a noite têm a mesma duração.

Nos dias 14 e 15 de agosto nós velejamos paralelamente às Ilhas de Cabo Verde. Estávamos a cerca de 20 milhas⁹⁴ de distância das ilhas, mas não conseguimos vê-las por conta da neblina.

Agora nos entretínhamos cada vez mais com pequenos cardumes de peixes voadores, que com frequência chegavam tão perto do navio que podíamos contemplá-los com calma. Eles costumam ter o mesmo tamanho e cor do arenque, mas com uma nadadeira lateral mais longa e larga que abrem e fecham como se fosse uma pequena asa. Eles sobem por três a quatro metros de altura e voam por até 30 metros, mergulhando rapidamente para voltar a subir depois de um piscar de olhos; isso acontecia com mais frequência ainda quando eram perseguidos por bonitos ou algum outro inimigo. Quando os víamos voar a alguma distância do navio, facilmente os confundíamos com os graciosos moradores do mar. Com frequência também vimos os bonitos que os perseguiam tentando sair da água, mas estes raramente conseguem subir mais do que a altura suas próprias cabeças.

É muito difícil apanhar um desses velejadores do ar, já que eles não podem ser capturados nem com redes nem com anzóis; mas às vezes, acidentalmente, o vento empurra-os para o deque durante a noite, onde podem ser encontrados mortos de manhã, já que não têm força suficiente para se erguer de lugares secos; assim que consegui recolher alguns espécimes desse peixe.

Hoje, 15 de agosto, pudemos participar de um espetáculo muito interessante: estávamos, exatamente às 12 horas, no zênite do sol, e seus raios batiam de forma tão perpendicular que nenhum objeto tinha sombra. Nós colocamos livros, cadeiras e até nós mesmos no sol, e nos divertimos muito com esse tipo pouco comum de entretenimento. Felizmente, tivemos a chance de estar no lugar certo na hora certa; se estivéssemos, nesse mesmo horário, um grau acima ou abaixo, teríamos perdido

⁹³ N.T.: Equivalente a 555 km.

⁹⁴ N.T.: Equivalente a 37 km.

completamente esse fenômeno; quando o vimos nossa posição era 14° 6' – um grau tem 60 minutos; um minuto corresponde a uma milha náutica.

Não pudemos fazer observações com o sextante, até estarmos a alguns graus de distância do zênite⁹⁵.

17 de agosto. Cardumes de peixes saltadores (um peixe de cerca de um metro de extensão que pertence à família dos golfinhos) foram vistos nadando por perto do navio. Logo buscou-se um arpão e um dos marinheiros partiu com ele para o gurupé⁹⁶; mas, por má sorte ou por falta de habilidade no uso do arpão, ele errou o alvo. A parte mais incrível da história, porém, foi que todos os peixes desapareceram num passe de mágica e não apareceram novamente durante alguns dias; parece que eles sussurraram uns para os outros, alertando contra a ameaça de perigo.

Porém vimos, com ainda com mais frequência, outro habitante do mar: um molusco muito bonito, o *physolide*, chamado pelos marinheiros de caravela-portuguesa⁹⁷. Quando flutua pela superfície do mar, com sua longa crista, que pode elevar ou abaixar, realmente se parece com um pequeno e delicado veleiro. Eu queria muito pegar uma dessas criaturas, mas só poderia fazer isso com uma rede, o que eu não tinha, assim como não tinha agulha e linha para fazer uma. A necessidade, porém, é a mãe da invenção. Fiz então agulhas de tricô usando madeira, desfiz uma corda grossa e em poucas horas tinha uma rede. Logo depois, capturamos um molusco, que colocamos em um tubo com água do mar. O pequeno corpo tem 15 centímetros de comprimento e cinco de altura; a crista se estende por todas as costas e, no meio, onde é maior, tem quase quatro centímetros. Tanto a crista quanto o corpo são transparentes e parecem ser tingidos de rosa; estão suspensos da barriga, que é violeta, um grande número de fios ou braços da mesma cor.

Pendurei o pequeno animal do lado de fora da popa do navio para secá-lo; e alguns dos fios alcançavam o mar (uma profundidade de quase quatro metros), mas

⁹⁵O sextante é um instrumento matemático com o qual se determina a diferença angular entre longitude e latitude, assim como o horário. Os relógios também são ajustados de acordo com os sextantes. Para se descobrir a latitude na qual está o navio, é feita uma observação ao meio-dia, mas apenas quando o sol brilha. O sol é absolutamente necessário, já que é a partir da sombra que cria sobre as figuras do instrumento que o reconhecimento é feito. A longitude pode ser determinada tanto de manhã como de tarde, já que o sol não é necessário nesse caso.

⁹⁶ N.T.: Gurupé é o mastro posicionado na proa dos veleiros.

⁹⁷ N.T.: Trata-se do *Physalia physalis*.

a maioria acabou caindo. Depois que o animal morreu, sua crista permaneceu ereta e seu corpo manteve sua forma; mas a bela cor rosa aos poucos ficou branca.

18 de agosto. Hoje presenciamos um clima tempestuoso, que já era muito esperado por nós para refrescar o ar. Entre o 11° e o 2° e o 3° de latitude ao Norte da Linha do Equador, mudanças repentinas no ar e no clima são frequentes. O mesmo aconteceu na manhã do dia 20, quando fomos tomados por um vento forte que levantou as ondas do mar a uma grande altura e não parou até a noite, quando deu lugar a uma tempestade tropical, que em casa poderíamos chamar de temporal. Em pouco tempo, nosso deque foi transformado em um lago e, ao mesmo tempo, o vento desapareceu completamente – até o leme pôde aproveitar suas férias.

Esta chuva custou-me uma noite, já que, quando foi ocupar meu beliche, o encontrei todo encharcado; precisei então montar um acampamento em um banco de madeira.

No dia 27 de agosto saímos da área de latitudes tão hostis para nós e alcançamos o tão esperado vento alísio do Sudeste, que nos empurrou adiante.

Nós já estávamos muito próximos da Linha do Equador e gostaríamos, como os outros viajantes, de ver as louvadas constelações do Sul. Eu já ouvira falar muitas vezes do Cruzeiro do Sul. Como não consegui encontrar as estrelas sozinha, pedi que o capitão as mostrasse para mim. Ele nunca ouvira falar dessa constelação, assim como o segundo capitão; o timoneiro era o único que não a desconhecia por completo. Com a ajuda dele conseguimos encontrar o firmamento de quatro estrelas, que formavam uma espécie de cruz cortada, mas que não tinham nada de especial e não nos deixou muito entusiasmados. Por outro lado, Orion, Júpiter e Vênus foram verdadeiras maravilhas; o último brilhava com tanta intensidade que seus raios formam um sulco prateado através das ondas.

Não posso confirmar a ocorrência frequente de grandes estrelas cadentes. De fato, existem mais aqui do que nos países frios, mas não tanto quanto dizem; quanto ao tamanho delas, vi apenas uma que superava as nossas – ela parecia ter três vezes o tamanho de uma estrela comum.

Há alguns dias já notamos também a Grande Nuvem de Magalhães e a chamada "Nuvem Negra"⁹⁸. A primeira é muito brilhante e, assim como a Via Láctea,

⁹⁸ N.T.: A autora se refere à nebulosa escura atualmente chamada de Barnard 68.

é formada por inúmeras pequenas estrelas invisíveis ao olho nu. A segunda tem uma aparência negra e, segundo se diz, é produzida pela ausência de estrelas nessa parte do firmamento.

Todos esses sinais nos prepararam para o momento mais interessante dessa jornada – a passagem pela Linha do Equador.

No dia 29 de agosto, às 22h, saudamos o *hemisfério* Sul! Um sentimento muito parecido com o orgulho percorreu a todos, principalmente aqueles que cruzavam a linha pela primeira vez. Apertamos as mãos uns dos outros e nos parabenizamos mutuamente, como se esse fosse um feito grande e heroico. Um dos passageiros trouxera consigo uma ou duas garrafas de champagne para comemorar o evento. As rolhas voaram alegremente pelo céu e, com desejos de vida longa, bebemos à saúde do novo hemisfério.

A tripulação não festejou. Era assim na maioria dos navios, para que eventos como esse não terminassem em bebedeiras e desordens. Os marinheiros, porém, não puderam deixar de comemorar a primeira passagem para o hemisfério Sul do aprendiz do navio, que foi batizado com vários baldes de água salgada.

Já antes de passar pela linha, nós, os passageiros, havíamos conversado com frequência sobre os sofrimentos e torturas aos quais estaríamos sujeitos abaixo da Linha do Equador. Todos tinham lido ou ouvido coisas horríveis e insistiam em contá-las para os outros. Um esperava sofrer dores de cabeça e cólicas; o segundo imaginava que os marinheiros desfalescessem de exaustão; um terceiro receava um calor tão intenso que não só derreteria o alcatrão⁹⁹, mas também secaria o navio, sendo que só jogar água continuamente nele evitaria sua combustão; um quarto temia que todas as provisões estragassem e todos morressem de fome.

Quanto a mim, esperava juntar histórias trágicas para apresentar aos meus leitores – já os via vertendo lágrimas com as narrações dos nossos sofrimentos e me via como uma quase mártir!

Ah! Tristemente me enganei. Nós todos permanecemos em boa saúde – e nenhum dos marinheiros caiu de exaustão –, o navio não pegou fogo e as provisões não estragaram – apenas continuaram tão ruins como eram antes.

⁹⁹ Não é necessário um calor tão severo para que o alcatrão das emendas do navio derreta; vi ele amolecer e formar bolhas quando o termômetro marcava 22° Ré [27,5° C] no sol.

03 de setembro. O vento é muito irregular e, com frequência, excessivamente violento entre o 3º e 8º graus ao sul da Linha do Equador. Hoje passamos do 8º sul sem ter visto terra alguma, o que deixou o capitão com um humor ótimo. Ele nos esclareceu que, se nós tivéssemos avistado alguma terra, teríamos que voltar no nosso caminho até quase a Linha, já que a correnteza é tão forte em direção à terra que a viagem só pode ser feita a uma distância mínima.

07 de setembro. Entre o 10º e o 20º grau ao sul prevaleceram novamente ventos bastante específicos. São os chamados *vamperos*, que obrigam os marinheiros a ficarem em guarda constante, já que chegam de repente e são com frequência muito violentos. Um deles nos alcançou durante a noite, mas felizmente não foi um dos piores. Depois de algumas horas, tudo já tinha passado, só o mar que não quis se acalmar por muito tempo.

Nos dias 09 e 11 de setembro também resistimos a pequenos acidentes com os *vamperos*, mas o mais forte de todos foi o último.

12 e 13 de setembro. O primeiro vento foi chamado pelo capitão de "brisa forte"; mas o segundo foi registrado no diário de bordo¹⁰⁰ como uma "tempestade". A brisa forte nos custou uma vela, e a tempestade nos custou duas. Durante a tempestade o mar ficou tão alto que só conseguimos comer com grande dificuldade. Com uma mão precisávamos segurar o prato e a nós mesmos na mesa enquanto com a outra tentávamos levar a comida à boca com uma dificuldade considerável. Durante a noite precisei prender meu corpo na cama com casacos e roupas para me proteger de batidas e machucados.

Na manhã do dia 13 eu estava no deque logo que o dia começou. O timoneiro me levou para a borda do navio e me mandou inclinar a cabeça em direção ao mar e inspirar. Respirei um perfume delicioso de flores. Surpresa, olhei para os lados, imaginando que conseguiria ver terra em alguma direção; mas ela ainda estava distante e o perfume suave nos foi trazido pelo vento. O mais estranho era que não era sentido dentro do navio.

¹⁰⁰ O diário de bordo é um diário do navio. A cada quatro horas, o tipo de vento, as milhas navegadas e outras ocorrências são registradas. O capitão é obrigado a mostrar esse livro aos donos no navio no final da jornada.

O mar estava coberto com inúmeras borboletas e mariposas mortas, trazidas durante a tempestade. Dois passarinhos muito bonitos descansavam em um dos pátios do navio, exaustos e fracos depois do voo longo e inusitado.

Para nós, que não víamos nada além de água e mar há dois meses e meio, esses acontecimentos foram maravilhosos; já ansiávamos ver Cabo Frio, do qual já estávamos perto. O horizonte, porém, estava nublado e nebuloso, e o sol não tinha força para cortar essa cortina opaca. Esperávamos ansiosos pela manhã seguinte, mas durante a noite houve uma grande tempestade, que durou até 2h da manhã. O navio foi jogado tão longe quanto possível para o mar aberto; no fim, ficamos felizes de alcançar, no dia seguinte, a mesma posição que ocupávamos na manhã anterior.

Hoje, 14 de setembro, o sol também não conseguiu passar pelas nuvens; por isso o clima ficou frio e o termômetro marcou apenas 14 °Ré¹⁰¹. De tarde, finalmente tivemos a sorte de avistar o contorno de Cabo Frio (que fica a uma distância de 60 milhas¹⁰² do Rio de Janeiro), ainda que apenas por algumas horas, já que uma tempestade nos jogou novamente em alto mar.

No dia 15 de setembro, a terra permaneceu fora da nossa vista, mas algumas gaivotas e albatrozes de Cabo Frio nos alertaram que estávamos próximos da terra e nos distraíam um pouco. Eles nadaram ao lado do navio e pegavam vorazmente todos os pedaços de pão e carne que atirávamos a eles com voracidade. Alguns marinheiros tentaram capturar alguns com um anzol, e tiveram sorte. Colocaram as aves no deque e, para a minha surpresa, percebi que eram incapazes de levantar voo. Quando tocamos neles, se arrastavam com grande dificuldade e apenas alguns passos adiante, mas conseguiram levantar e voar muito alto a partir do mar.

Um dos cavalheiros estava particularmente ansioso para empalhar um dos animais, mas a superstição dos marinheiros se opôs a isso. Eles disseram que, se um pássaro fosse morto a bordo do navio, a morte seria seguida por longas calmarias. Nós cedemos aos desejos deles e devolvemos os animais ao mar e à água, seus habitats naturais.

Para nós, essa foi apenas mais uma prova de que as superstições têm raízes profundas na mente dos homens do mar. Depois, nos deram muitos outros exemplos disso. É o caso do capitão de um certo navio, que não gostava que os passageiros

¹⁰¹ N.T.: 14 °Ré equivalem a 17,5 °C.

¹⁰² N.T.: Equivalente a 111,1 km.

jogassem cartas ou outros jogos de azar; em outro, ninguém tinha permissão para escrever aos domingos. Durante calmarias, era comum jogar para fora do navio barris e troncos de madeira – provavelmente como oferendas para as deidades dos ventos.

Na manhã do dia 16 de setembro, finalmente tivemos a felicidade de ver as montanhas que antecedem o Rio de Janeiro, e logo distinguimos o Pão de Açúcar. Às 14h entramos na baía e no porto do Rio de Janeiro.

Logo na entrada da baía ficam várias rochas cônicas, das quais algumas, assim como o Pão de Açúcar, se erguem sós do mar, enquanto outras são unidas pela base, e são quase inacessíveis¹⁰³. Entre essas "montanhas oceânicas", como gostaria de chamar essas rochas, tem-se as mais belas vistas: de desfiladeiros incríveis a encantadoras partes da cidade, do mar alto a uma bela enseada. Da baía, em cujo fundo se encontra a capital, erguem-se várias pedras massivas, que servem como base para várias fortificações. No topo de alguns desses cumes encontram-se capelas e fortalezas. Os navios são obrigados a passar muito perto de uma delas, a fortaleza de Santa Cruz, para fornecer as informações necessárias.

À direita dessa fortaleza, estendem-se os belos montes de Piratininga que, com outras montanhas, cerca uma bela baía, em cujas margens fica a pequena cidade de Praia-Grande, algumas vilas e algumas casas de fazenda isoladas.

Da extremidade da baía principal estende-se a cidade de Rio de Janeiro, rodeada por uma cadeia de montanhas relativamente altas (entre elas o Corcovado, de 2100 pés¹⁰⁴), atrás das quais, em direção ao interior, está a Serra dos Órgãos, nome dado a ela graças a semelhança dos seus cumes com os tubos de órgãos de igreja (o pico mais alto tem cinco mil pés de altura¹⁰⁵).

Uma parte da cidade está escondida atrás do Morro do Telégrafo, no qual há, além do telégrafo, um monastério capuchinho e outras construções menores. Da cidade em si pode-se ver fileiras de casas e praças abertas, o Grande Hospital, os Monastérios de Santa Luzia e de Morro do Castelo, o Convento de São Bento, a bela Igreja de Santa Candelária e algumas porções do magnífico aqueduto. Perto do mar encontram-se os jardins públicos (*Passeio Público*) da cidade que, com suas belas

¹⁰³ Há alguns anos um marinheiro tentou escalar o Pão de Açúcar. Ele foi bem-sucedido ao alcançar o cume, mas nunca conseguiu descer. Ele provavelmente deu um passo em falso e caiu no fundo do mar.

¹⁰⁴ N.T.: Equivalente a 640 metros.

¹⁰⁵ N.T.: Equivalente a 1,5 quilômetros.

palmeiras e uma elegante galeria de pedra com duas casas de veraneio, forma uma bela vista. À esquerda, encontram-se apenas algumas igrejas isoladas e monastérios que vale destacar. Perto destes estão as praias de Flamengo e Botafogo, alguns vilarejos e quintas bonitas, belas construções e jardins, que se estendem até as redondezas do Pão de Açúcar, fechando assim esse belo panorama. Além de tudo isso, os inúmeros navios, em parte ancorados no porto em frente à cidade, em parte ancorados em outras baías, a vegetação rica e exuberante e a aparência estranha e estranha de tudo formam uma imagem cuja beleza minha caneta, infelizmente, nunca será capaz de capturar adequadamente.

Raramente tem-se a sorte de aproveitar uma vista tão bela logo na chegada quanto nosso grupo teve; é comum que parte da vista esteja coberta por neblina, nuvens e uma atmosfera enevoadada, perturbando a maravilhosa impressão do todo.

Neste caso, indicaria àqueles que, permanecendo um tempo mais longo no Rio de Janeiro, peguem um barco em um dia perfeitamente limpo em direção a Santa Cruz, para poderem experienciar essa bela vista.

Já estava quase escuro quando alcançamos o lugar de ancoragem. Fomos obrigados a parar em Santa Cruz antes, para que os papéis do navio fossem analisados, e então nos apresentarmos a um oficial, que pegou nossos passaportes e cartas lacradas. Depois, um médico nos examinou para ver se algum de nós trouxera consigo a praga ou a febre amarela; e então, por último, outro oficial, após receber várias embalagens e caixas, nos designou um lugar para ancorar.

Era então tarde demais para desembarcarmos, e apenas o capitão desembarcou. Nós, porém, permanecemos um longo tempo no deque, contemplando a imagem magnífica a nossa frente, até que tanto a terra quanto o mar fossem escondidos pela noite.

Todos fomos para cama muito felizes; o objetivo da nossa longa viagem foi alcançado sem maiores acidentes – apenas a pobre esposa do alfaiate era aguardada por uma notícia amarga. Mas o bom capitão só a deu no dia seguinte, para que ela pudesse aproveitar uma boa noite de descanso. Pois acontece que o alfaiate, assim que soube que sua esposa estava realmente a caminho, fugiu com uma negra, e não deixou nada para trás - além de contas.

A pobre mulher abandonara uma subsistência segura em sua pátria (ela se sustentava limpando rendas e roupas femininas), e gastara toda a sua pequena

poupança para custear a viagem, apenas para se encontrar abandonada e desamparada em um hemisfério estrangeiro¹⁰⁶.

O Rio de Janeiro fica a cerca de 8.750 milhas¹⁰⁷ de Hamburgo.

5.3 CAPÍTULO 2 – CHEGADA E ESTADIA NO RIO DE JANEIRO

Introdução • Chegada • Descrição da cidade • Os negros e suas relações com os brancos • Artes e ciências • Festas religiosas • Batizado da Princesa Imperial • Festa nas casernas • Clima e Vegetação • Maneiras e Costumes • Algumas palavras para os imigrantes • Notas estatísticas sobre o Brasil

Passei, sem contar o tempo que dediquei a excursões longas e curtas ao interior do país, dois meses no Rio de Janeiro. Mas não quero cansar meu leitor com uma lista completa de todos os acontecimentos cotidianos e insignificantes – descreverei apenas as maravilhas gerais da cidade e as maneiras e costumes de seus moradores, como que tive a oportunidade de conhecê-las durante minha estadia. Apresentarei a descrição das minhas excursões nos capítulos seguintes, e só então retomarei o fio do meu diário.

Na manhã do dia 17 de setembro, depois de quase dois meses e meio, pisei novamente em terra firme. O capitão nos acompanhou pessoalmente até a costa, depois de ter recomendado enfaticamente a todos que não contrabandeássemos nada para dentro do país, muito menos cartas seladas. "Em nenhum outro lugar", assegurou, "a alfândega é tão rigorosa e as multas, tão altas".

Por isso, quando avistamos o navio da guarda costeira, ficamos receosos e achamos que seríamos revistados da cabeça aos pés. O capitão pediu permissão para nos acompanhar até terra firme, o que logo foi atendido. A coisa toda resolveu-se rapidamente. Durante o tempo que ficamos hospedados no navio, indo e voltando da cidade, nunca mais fomos revistados; tínhamos que passar pela alfândega somente quando trazíamos malas e caixas conosco, e então todos os nossos pertences eram fiscalizados com rigor, e as mercadorias, livros etc. estavam sujeitos a taxas altas.

¹⁰⁶ Alguns dias depois da nossa chegada, a digna família Lallemand acolheu a mulher em sua casa.

¹⁰⁷ N.T.: Equivalente a 16.205 km.

Desembarcamos na *Praya dos Mineiros*, uma praça suja e repulsiva povoada por algumas dúzias de pretos sujos e repulsivos acocorados no chão, gritando a todo pulmão as ofertas de frutas e doces que vendiam. De lá fomos direto para a rua principal (*Rua direita*), cuja única beleza é a largura. Ela abriga várias construções públicas, como a Alfândega, os Correios, a Bolsa, a Guarda e outros. Elas são, porém, tão modestas que mal seriam notadas caso um aglomerado de pessoas não estivesse constantemente em sua frente.

No fim dessa rua fica o *Paço Imperial*, uma construção grande e comum como uma edificação privada qualquer, sem nenhuma pretensão de bom gosto ou bela arquitetura. A praça à sua frente (*Largo do Paço*), ornada apenas com uma fonte, é extremamente imunda e, durante a noite, usada como dormitório por vários pretos pobres e livres que, pela manhã, fazem sua higiene em público sem a menor vergonha. Uma parte da praça é murada e usada como um mercado de peixes, frutas, legumes e aves.

Das demais ruas, a *Rua Misericórdia* e a *Rua Ouvidor* são ainda as mais interessantes, sendo que a última contém empórios maiores e melhores, embora não se deva esperar encontrar nem vitrines tão belas quanto as das cidades europeias, nem nada particularmente bonito ou valioso. A única coisa que chamou a minha atenção foram as lojas de flores, que expunham as mais maravilhosas flores, feitas de penas de pássaros, escamas de peixes e asas de besouros.

Entre as praças, a mais bela é o *Largo do Rocio*¹⁰⁸ e a maior é o *Largo St. Anna*. Na primeira, que é mantida razoavelmente limpa, ficam a Ópera, a Casa do Governo e a Delegacia, entre outros. Daqui também parte a maioria dos ônibus¹⁰⁹ que cruzam a cidade em várias direções.

A última é, entre todas as praças, a mais suja; quando passei por ela pela primeira vez, vi gatos e cachorros em estado de putrefação – havia até mesmo uma mula no mesmo estado. O único ornamento da praça é uma fonte, e eu também preferia que ela não estivesse aqui, já que a nobre corporação das lavadeiras monta sua tenda sempre que encontra uma fonte de água doce, que não é tão abundante no Rio de Janeiro, principalmente quando o lugar tem também um espaço para secar as

¹⁰⁸ N.T.: Atualmente chamada de Praça Tiradentes.

¹⁰⁹ N.T.: Carruagens de maior porte, movidas a cavalo.

roupas. Na praça há tanta lavagem e secagem, gritaria e barulheira, que se fica aliviado em deixá-la para trás.

As igrejas não oferecem nada digno de ser visto, nem por dentro nem por fora. A Igreja e Mosteiro de São Bento e a Igreja da Candelária são as que mais enganam por parecerem muito belas à distância.

A única construção de grande porte de verdadeira beleza é o Aqueduto¹¹⁰, que em muitos lugares se assemelha a uma construção genuinamente romana.

As casas são construídas em um estilo europeu, mas são pequenas e insignificantes; a maioria tem apenas o piso térreo ou dois andares. Casas de três andares são algo bastante raro. Também não encontramos aqui, ao contrário de outros países quentes, terraços e varandas enfeitadas com parapeitos e flores. Sacadas pequenas e de mau gosto se penduram pelas paredes e persianas grosseiras de madeira fecham as janelas, negando aos cômodos qualquer raio de sol. Dentro das casas fica-se sentado em uma escuridão completa, o que não é, porém, um problema para as damas brasileiras, que certamente não tendem a se cansar com leituras ou trabalhos.

Assim, a cidade não oferece nada de muito atrativo para estrangeiros em termos de praças, ruas ou construções; mas o mais assustador são as pessoas com quem se encontra na rua – quase todos pretos e pretas com narizes feios e chatos, lábios grossos e cabelos crespos curtos. Além disso, estão normalmente seminus, vestindo apenas alguns trapos miseráveis; ou então se enfiam nas roupas gastas de estilo europeu dos seus mestres. A cada quatro ou cinco pretos aparece um mulato, e somente aqui e ali se avista um branco.

A imagem fica ainda mais repulsiva por conta da alta frequência com que enfermidades, particularmente a elefantíase, que degenera os pés de maneira horrível, são vistas por todos os lugares. Não faltam, também, pessoas afetadas pela cegueira ou outras doenças. Até o grande número de gatos e cachorros que corre livremente pelas ruelas aumenta a feiura geral – a maioria deles tem uma aparência sórdida e são repletos de feridas e sardas.

¹¹⁰ N.T.: os Arcos da Lapa constituem o único trecho ainda existente do antigo aqueduto. Inaugurado em 1750 para levar água doce para diferentes lugares da cidade, foi desativado e passou a ser usado como suporte para bondinhos a partir de 1896.

Gostaria de ter o poder de transportar para cá os viajantes que recuaram diante das ruelas da entrada de Constantinopla e garantir que a visão do interior da cidade do Rio de Janeiro destrói o efeito produzido por ela quando vista à distância.

É verdade que o interior de Constantinopla também é excessivamente sujo, e que as inúmeras casinhas, as ruas estreitas e irregulares, os cachorros imundos etc. não pareçam muito pitorescos ao visitante. Mas logo depara-se novamente com construções dos períodos mouros e romanos, mesquitas maravilhosas e palácios majestosos, e pode-se continuar a caminhada por cemitérios intermináveis e florestas de ciprestes idílicos. Lá, viajantes precisam desviar-se para os lados para abrir passagem para um paxá ou para um sacerdote de alta ordem, montados em um belo corcel e seguido por um grande séquito. Encontram-se turcos em roupas esplêndidas e turcas com seus olhos de fogo brilhando através dos véus. Veem-se persas com seus chapéus altos, árabes com suas expressões nobres, dervixes com chapéus de bobo e anáguas femininas trançadas e então, de vez em quando, uma carruagem, dourada e belamente pintada, coberta por panos soberbos. Todos esses objetos diferentes compensam a grande quantidade de sujeira que se encontra aqui e ali. No Rio de Janeiro, porém, não há nada que possa, de alguma forma, impressionar, nem nada que possa redimir as visões horríveis e repugnantes que nossos olhos encontram em todos os lugares.

Só depois de ter passado algumas semanas aqui que me acostumei a olhar para negros e mulatos e encontrei belas figuras entre as negras jovens e feições belas e expressivas entre portuguesas e brasileiras de pele mais escura. A dádiva da beleza parece ser menor entre os homens.

A vivacidade das ruas não é, de longe, tão grande quanto permite se supor a partir de algumas descrições, e não pode ser comparada com a de Nápoles ou a de Messina. A maior parte do barulho vem dos pretos que carregam cargas, principalmente os que carregam os navios de sacos de café; eles entoam um canto monótono, que usam como compasso para o trabalho, mas que tem um som deveras desagradável. Mas há uma vantagem: o pedestre é alertado da atividade e consegue sair do caminho a tempo.

No Brasil, todos os trabalhos pesados e sujos, internos ou externos, são realizados pelos negros, que ocupam aqui o espaço da classe mais baixa. Mas muitos aprendem ofícios e podem ser comparados, com frequência, aos europeus mais talentosos. Vi negros em oficinas elegantes, produzindo roupas, sapatos, tapeçaria e

artigos em ouro e prata, e encontrei muitas moças negras vestidas de forma delicada, com vestidos femininos elegantes, trabalhando em bordados finos. Muitas vezes, achei de fato que estava sonhando quando vi essas pobres criaturas, que eu imaginava como livres selvagens em suas florestas nativas, realizando tais tarefas em cômodos fechados e lojas! Ainda assim, não parecia tanto peso para eles quando se suporia; estavam sempre trabalhando felizes e fazendo brincadeiras.

Entre a chamada classe culta daqui, existem muitos que, apesar das muitas provas de capacidade mecânica e também inteligência geral desenvolvidas com frequência pelos negros, insistem em afirmar que eles são inferiores aos brancos em poder intelectual, tanto que poderiam ser considerados apenas como uma ligação entre a espécie dos macacos e a humana. Eu admito que eles estão um pouco atrás dos brancos em termos de formação; mas acredito que isso não seja causado por uma falta de inteligência, mas sim por uma falta completa de acesso à educação. Nenhuma escola é erguida para eles, eles não assistem nenhuma aula; não se oferece o mínimo para desenvolver suas capacidades. Suas mentes são mantidas aprisionadas, como era o caso em países déspotas antigos, já que o despertar deste povo deve deixar os brancos com medo. Eles são quatro vezes mais numerosos que os últimos e, se se tornarem conscientes desta discrepância, os brancos facilmente ocupariam a posição que os infelizes negros têm ocupado até agora.

Mas perco-me em suposições e ensaios que podem, talvez, pertencer à pena de um homem educado, mas certamente não à minha, já que não tenho formação suficiente para tal; meu objetivo é apenas apresentar o que vi.

Embora o número de escravos ser muito grande no Brasil, não se acha em lugar algum o mercado onde as transações são feitas. Sua importação é proibida por lei, mas milhares são contrabandeados anualmente e vendidos de uma forma tão dissimulada que todos sabem e todos compram. Navios ingleses cruzam constantemente as costas africana e brasileira; mas ouvi falar que, se um navio negreiro cair na mão deles, os pobres negros estariam tão pouco livres como se estivessem desembarcados no Brasil. Eles são levados para as colônias inglesas, onde deveriam ser soltos depois de dez anos. Mas seus donos deixam que a maioria deles morra neste período – obviamente, apenas nos documentos – e os pobres escravos – continuam sendo escravos na prática. Mas repito: só tenho acesso a essas informações porque outros assim me contaram.

Afinal de contas, os escravos estão em uma situação menos pior do que nós europeus muitas vezes achamos. No Brasil, eles são geralmente bem tratados, não são sobrecarregados de trabalho, recebem uma comida boa e nutritiva e os castigos não são nem tão frequentes nem tão pesados. O crime de fuga é o único visto com mais rigor. Além de uma surra severa, são presos com correntes de ferro, que devem usar por muito tempo, no pescoço ou nos pés. Outra maneira de punição consiste em fazê-los vestir uma máscara fina, presa com um cadeado na parte de trás. Este é o castigo daqueles que bebem ou comem terra e cal. Durante minha longa estadia no país, vi apenas um negro usando uma máscara assim. Ouço dizer que, no geral, muitos deles têm um destino menos triste do que aquele dos camponeses da Rússia, Polônia ou Egito, que *não* são chamados de escravos.

Achei muito interessante ter sido chamada para ser madrinha de um preto, ainda que não tenha ido nem a nenhum batismo, nem à nenhuma confirmação. Pois aqui há um costume de que um escravo, quando faz algo errado e merece um castigo físico, pode procurar algum amigo do seu dono para pedir-lhe um bilhete intercedendo pela remissão da sua punição. O remetente deste tipo de carta recebe o título de padrinho e seria considerado um gesto de grande falta de educação não atender o pedido do padrinho. Desta forma, tive a felicidade de salvar um escravo de sua punição.

A iluminação da cidade é bastante boa por um raio considerável para além do perímetro urbano; essa medida foi adotada por conta do grande número de negros que andam pelas ruas. Nenhum escravo pode ser visto sozinho depois das nove horas da noite, a não ser que tenha um visto do seu dono que certifique que ele está a trabalho. Se um escravo é encontrado de noite sem o visto, é levado para a Casa de Correção, onde tem seu cabelo raspado e é obrigado a permanecer até que seu dono compre a sua liberdade por quatro ou cinco mil réis (mil réis equivalem a 1 florim e 8 coroas austríacas). Por conta desta legislação, as ruas podem ser cruzadas com segurança a qualquer hora da noite.

Uma das coisas mais desagradáveis do Rio de Janeiro é a ausência de um sistema de esgoto. Durante chuvas fortes, cada rua transforma-se em uma correnteza impossível de se andar a pé; para atravessá-las, é necessário ser carregado por negros. Em situações como essa, o trânsito costuma parar, as ruas ficam desertas, nenhum convite é honrado e até o câmbio fica indisponível. O aluguel de carruagens

é muito raro, pois aqui há um costume de se pagar por uma corrida curta o mesmo que se pagaria pelo aluguel de um dia inteiro; nos dois casos, o custo é de seis mil réis. As carruagens são semicobertas, com assentos para duas pessoas, e são puxadas por um par de mulas, sobre uma das quais monta o cocheiro. Carruagens e cavalos ingleses são muito raros.

No que se refere às artes e às ciências, quero mencionar rapidamente a Academia de Belas Artes, o Museu, o Teatro etc. Na Academia de Belas Artes há um pouco de tudo e, ainda assim, quase nada: algumas figuras e bustos, a maioria em gesso, alguns planos arquitetônicos, alguns desenhos a lápis e uma coleção de pinturas velhas a óleo. Para mim, parece que uma galeria privada se livrou de seu lixo e o depositou todo aqui. A maioria das pinturas está tão danificada que praticamente não é possível ver o que elas deveriam representar, o que talvez não seja uma grande perda. A única coisa interessante sobre estas pinturas é sua venerável idade. Já as cópias delas feitas pelos alunos apresentam um contraste gritante. Enquanto as cores das velhas pinturas já estão apagadas, as modernas brilham com abundância. Vermelho, amarelo, verde etc., aparecem em toda a sua pureza, e técnicas como misturar, suavizar e combinar, não foram consideradas em nenhum caso. Até o momento, eu não sei determinar se os hábeis alunos intencionavam formar uma nova escola de coloração ou se tinham apenas o desejo de compensar, nas cópias, o estrago que o tempo fez aos originais.

Entre os alunos haviam tanto negros e mulatos quanto brancos; mas o número total era bastante pequeno.

A música está em um nível ainda mais baixo do que a pintura, pelo menos no que se refere ao piano e ao canto. Em todas as famílias se ouve a filha tocar e cantar, mas as inocentes criaturas não têm sequer uma noção remota de tato, estilo, arranjos, tempo etc, fazendo com que até as melodias mais simples e famosas soem irreconhecíveis. As músicas de igreja são um pouco melhores, ainda que os arranjos da Capela Imperial deixem a desejar. No meio de tudo isso, o melhor são as bandas militares são as melhores, e elas geralmente são compostas por negros e mulatos.

O exterior da Ópera não apresenta nada de muito belo ou surpreendente aos olhos e fica-se muito surpreso de se encontrar, no seu interior, espaços magníficos e claros e um palco largo e profundo, que pode abrigar cerca de duas mil pessoas. Quatro fileiras de camarotes confortáveis se erguem uma sobre as outras e suas balaustradas, formadas por treliças muito delicadas forjadas a ferro, dão ao teatro uma

aparência de gosto elevado. O andar térreo só pode ser frequentado por homens. Eu vi a ópera *Lucrezia Borgia* sendo representada por uma companhia italiana de maneira satisfatória; as decorações e os figurinos também não eram maus.

Mas, se a visita ao teatro foi uma surpresa bem-vinda, a visita ao Museu foi completamente o oposto. Eu esperava, em um país com uma natureza tão rica e exuberante, um museu tão grande e rico quanto – e encontrei um grande número de salas, que um dia até podem ser preenchidas, mas que agora encontram-se vazias. Apenas a coleção de pássaros me pareceu completa e boa; a coleção de minerais é inacabada, e a coleção de animais e insetos é bastante pobre. Os objetos que mais atiçaram minha curiosidade foram quatro cabeças de selvagens muito bem conservadas, dentre as quais duas pertenciam a malaios e duas a membros de tribos da Nova Zelândia; não me cansei de observar sobretudo as duas últimas, já que eram completamente cobertas com tatuagens com um desenho belo e elegante, e estavam tão bem preservadas como se seus donos tivessem acabado de morrer.

Durante o período da minha estadia no Rio de Janeiro, as salas do museu passavam por reparos, e falava-se também sobre uma nova classificação dos diferentes objetos. Por conta disso, o espaço não estava aberto à visita, e eu agradeço a bondade do Senhor Diretor Riedl de ter permitido minha visita. Ele próprio foi meu guia e, assim como eu, lamentou que, em um país onde seria tão fácil montar um museu farto, tão pouco havia sido feito.

Também visitei o estúdio do escultor Petrich, natural de Dresden, que foi chamado de Roma pela corte local, especialmente para fazer uma estátua do imperador em mármore de Carrara. O imperador é representado em seu tamanho real, de pé, completamente ornado e vestindo a manta imperial sobre os ombros. A cabeça ficou muito parecida e a figura foi trabalhada na pedra com grande capacidade artística. Acredito que o monumento tenha sido feito para alguma construção pública.

Tive a imensa sorte de poder presenciar várias festas públicas durante minha estadia no Rio de Janeiro.

A primeira foi no dia 21 de setembro, na *Igreja de Santa Cruz*, onde participei da festa do santo padroeiro do país. De manhã, uma centena de soldados estavam na frente da igreja, junto com uma banda excelente, que executou algumas peças. Entre 10 e 11 horas, oficiais e funcionários públicos aos poucos começaram a chegar, com os subordinados, segundo me disseram, chegando antes. Ao entrar na igreja,

recebiam uma capa de seda marrom-avermelhada que cobria todo o uniforme. Sempre que alguém de posição mais alta chegava, todos que já se encontravam na igreja levantavam e, encontrando o recém-chegado na porta da igreja, o acompanhavam respeitosamente até o seu posto. O imperador e sua esposa foram os últimos a chegar. O imperador é muito jovem – não chega a ter vinte e um –, mas tem 1,80 metros de altura e é muito corpulento, com expressões similares aos da família Habsburgo-Lorena. A imperatriz (uma princesa napolitana) é pequena e franzina, fazendo um contraste estranho ao lado da figura atlética de seu marido.

A missa solene, ouvida por todos com grande reverência, começou logo depois da entrada da corte. Quando a celebração terminou, o casal imperial seguiu para sua carruagem, dando à multidão que esperava na igreja suas mãos para serem beijadas enquanto seguiam seu caminho. Esta honra não foi dada apenas aos oficiais e funcionários de alto escalão, mas a todos que se apresentaram a frente para obtê-lo.

Uma segunda e mais brilhante festa aconteceu no dia 19 de outubro: foi o dia onomástico¹¹¹ do imperador, celebrado com uma missa solene na Igreja Imperial. Esta capela encontra-se perto do Palácio Imperial, ao qual é ligado por uma galeria coberta. Além da família real, estavam presentes os generais e os funcionários de alto escalão, mas apenas com uniforme completo, sem as feias capas de seda. Ao redor, a Guarda Real dos Archeiros fez uma fila. Não é fácil de se imaginar tamanha riqueza e abundância de bordados em ouro, dragonas¹¹², ordens e assim por diante e não acredito que algo similar possa ser encontrado em qualquer corte da Europa.

Durante a missa solene, os embaixadores estrangeiros e as damas e senhores da corte se reuniram no palácio, onde, no retorno do imperador, puderam beijar-lhe a mão. Os embaixadores, porém, não participaram deste ato, optando apenas por reverenciá-lo.

Foi possível ver esta cerimônia *edificante* a partir da praça, com toda comodidade, já que as janelas ficam próximas do chão e estavam completamente abertas durante todo o tempo.

Os navios imperiais, e às vezes outros navios, dispararam os canhões durante a festividade.

¹¹¹ N.T.: O dia onomástico, *Namenfest* no original, é o dia do santo cujo nome coincide com o da pessoa. No caso, trata-se do dia do santo português Pedro de Alcântara, um religioso capuchinho.

¹¹² N.T.: Dragonas são acessórios em metal ornadas com franjas douradas em seda ou ouro usadas como distintivos nos uniformes militares.

No dia 02 de novembro, vi uma celebração de outra ordem – desta vez, religiosa. Durante este dia e os dias seguintes, jovens e velhos iam de igreja em igreja para rezar pela alma dos falecidos.

Eles têm aqui o costume muito singular de não enterrar todos os mortos em cemitérios, e muitos dos corpos são postos, a um custo adicional, dentro da própria igreja. Para este fim, constroem-se câmaras específicas nas igrejas e suas paredes laterais se constituem de catacumbas. O corpo dos mortos é coberto de cal e deixado nestas catacumbas entre oito e dez meses, enquanto a carne é comida. Os ossos são então retirados, fervidos e guardados em uma urna, sobre as quais são inscritos o nome, a data de falecimento e outras informações do morto. Essas urnas são, então, colocadas nos corredores da igreja ou levados para a casa dos parentes.

No Dia de Todos os Santos, as paredes laterais das câmaras são cobertas por mantos negros e enfeitadas com laços dourados e outros ornamentos. As urnas são colocadas em cima de suportes elevadas, decoradas com flores e laços e iluminadas com velas em castiçais e candelabros prateados. Do começo da manhã ao meio-dia, as mulheres e as jovens rezam com grande fervor pelas almas dos seus parentes falecidos e os jovens senhores, que são tão curiosos quantos os jovens europeus, vão para ver as jovens rezarem.

Mulheres e moças usam preto nesse dia e vestem, para desgosto dos jovens curiosos que mencionei antes, um véu negro sobre a cabeça e o rosto – mas não se pode, de modo algum, entrar na igreja com qualquer forma de chapéu.

A festa mais brilhante entre todas que eu vi foi, porém, o batizado da princesa imperial. Essa cerimônia foi realizada no dia 15 de novembro na *Igreja Imperial*¹¹³, que é unida ao palácio por uma galeria aberta, construída especialmente para esse fim.

Em torno das três horas, muitos militares se posicionaram na praça do castelo, dividindo-se entre a galeria e a igreja, e o coral começou a tocar belas melodias, repetindo frequentemente o Hino Nacional, que se supõe ter sido composto por Dom Pedro I¹¹⁴, o imperador falecido. Carruagens e mais carruagens chegaram ao palácio, deixando ali senhores e senhoras que muito arrumados.

¹¹³ N.T.: Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, conhecida popularmente como Igreja da Glória.

¹¹⁴ N.T.: Pelas informações dadas pela autora, o hino cantado provavelmente é o atual Hino à Independência, que foi adotado amplamente depois da coroação de D. Pedro II.

Às quatro horas, a procissão começou a deixar o palácio. Na frente, vestindo veludo vermelho, estava o coral imperial, dos quais três arautos usavam vestes espanholas antigas, com chapéus de pena muito decorados e vestes pretas. Em seguida, vieram os homens da lei, os funcionários públicos, os médicos reais, os senadores e os deputados, generais e religiosos, conselheiros e secretários – somente depois dessa longa fila que se viu o mordomo da pequena princesa, que a levava sobre uma magnífica almofada de veludo branco contornada por fios dourados. Imediatamente atrás dela seguia o imperador e a ama da pequena princesa, e então os cavaleiros e nobres da corte. Quando passou pelo arco triunfal da galeria, chegando na frente do pátio da igreja, o imperador pegou sua filhinha em seus próprios braços e a apresentou ao seu povo; um ato que me agradou muito e que considerei muito apropriado.

Enquanto isso, a imperatriz¹¹⁵, com suas damas de companhia, chegara à igreja pelos corredores internos e, então, a cerimônia começou. No instante que a princesa foi batizada, o ato foi anunciado para toda a cidade com tiros de canhão, disparos da artilharia e foguetes¹¹⁶. Depois do fim da cerimônia, que durou cerca de uma hora, a procissão voltou ao palácio na mesma ordem em que veio e a capela foi aberta ao público. Fui curiosa o suficiente para entrar com o resto e, preciso dizer, fiquei surpresa com a magnitude e o bom gosto com que a construção foi decorada. Sedas e veludos caros, adornados com franjas douradas cobriam as paredes, enquanto uma tapeçaria rica cobria o chão. Em grandes mesas posicionadas no centro da nave estava à mostra a prataria do tesouro da igreja – jarros prateados e dourados, incontáveis tigelas, pratos e copos, com gravuras em baixo ou alto relevo – enquanto recipientes de cristal contendo as mais belas flores e um candelabro imenso com inúmeras luzes brilhavam no centro. Em uma mesa separada, mais próxima do altar-mor, podia se ver os caros recipientes e utensílios usados durante o batizado e, em uma capela lateral, via-se o berço da princesa, coberto de cetim branco e ornamentado com fitas douradas.

De noite, a cidade, ou melhor, as “construções públicas”, foram iluminadas. Isso não é exigido dos proprietários privados e eles ou tiram proveito total deste privilégio

¹¹⁵ A princesa já havia nascido há três meses.

¹¹⁶ Foguetes e pequenos fogos de artifício são lançados em todas as celebrações de igreja, alguns na frente da construção, alguns a uma pequena distância. Mas o que é verdadeiramente cômico é que isso é feito em pleno dia.

ou penduram apenas algumas lamparinas – um fato que é bastante compreensível quando se descobre que essas iluminações duram de seis a oito dias. As construções públicas, por outro lado, são cobertas de cima a baixo com incontáveis luminárias e se parecem com um mar de fogo.

As festas mais originais e belas em homenagem ao batizado da princesa foram as realizadas durante as noites seguintes, nos quartéis da cidade: até o próprio Imperador apareceu em alguns momentos. Essas eram, até o momento, as únicas festas que vi que não tinham nenhuma relação com solenidades religiosas. Elas eram realizadas pelos próprios soldados, dos quais os mais bonitos e mais ativos tinham sido previamente selecionados para apresentar danças e formações militares. A mais bela destas festas aconteceu no quartel da Rua Barbone. Construíram uma galeria semicircular de bom gosto no grande quintal e colocaram, no meio do espaço, os bustos do casal imperial. Essa galeria era específica para o uso das damas, que apareceram como se estivessem vestidas para um baile esplêndido. Eram recebidas na entrada pelos soldados, e então conduzidas para seus lugares. Na frente da galeria havia um palco, ao redor do qual havia fileiras de bancos para as damas menos elegantes. Para além dos bancos, havia o espaço onde os homens ficavam de pé.

Às oito horas a banda começou a tocar e, logo depois, a apresentação começou. Os soldados apareceram com fantasias de escoceses, poloneses, espanhóis etc; e não faltaram dançarinas, interpretadas igualmente por outros soldados. O que mais me agradou foi que tanto as roupas quanto o comportamento dessas moças-soldados masculinas foram absolutamente decentes. Eu esperava ao menos um mínimo de exagero, ou ao menos um espetáculo não muito elegante e fiquei, portanto, muito surpresa, não apenas com a exatidão das danças e movimentos, mas também com a decência com a qual o evento foi conduzido.

A última festa que vi foi realizada no dia 02 de dezembro para celebrar o aniversário do Imperador. Depois de uma missa solene, os dignitários esperaram novamente pelo monarca, para congratulá-lo e beijar-lhe a mão. O casal imperial se pôs então em uma das janelas do palácio, onde ficaram enquanto as tropas desfilavam em sua frente ao som da banda militar. Seria difícil encontrar soldados mais bem vestidos do que esses: soldados rasos poderiam ser confundidos com tenentes, ou ao menos com oficiais subalternos. Mas, infelizmente, as atitudes, os tamanhos e as cores não estão de acordo com o esplendor do uniforme – veem-se rapazotes de 14

anos ao lado de homens grandes e adultos, negros perto de brancos e assim por diante.

O trabalho militar é mandatário e o tempo de serviço varia entre quatro e seis anos.

Eu ouvira muito na Europa sobre a grandeza e a exuberância da natureza no Brasil, da felicidade do céu sempre limpo, do maravilhoso calor de uma primavera constante.

É verdade que a vegetação aqui é tão rica e o crescimento tão poderoso e exuberante, provavelmente mais do que em qualquer outro país do mundo, que qualquer um que queira ver o trabalho da natureza em força total e em atividade contínua deve vir para o Brasil. Ainda assim, não se deve achar que aqui tudo é belo e bom e que não há nada que possa enfraquecer o efeito mágico da primeira impressão.

Ainda que todos comecem se alegrando com o verde interminável e com o contínuo esplendor da primavera, acabam admitindo que essas maravilhas eventualmente perdem seu charme. Seria preferível ter um pouco de inverno, para que o crescimento da natureza, o ressuscitar das plantas adormecidas e o retorno dos perfumes da primavera nos encantassem mais, por termos sido privados deles por um período de tempo.

Na minha opinião, o clima e o ar são pesados e desagradáveis e o calor, embora na estação em que se deu minha estadia não tenha passado de 24 °Re¹¹⁷ na sombra, é muito cansativo. Nos meses mais quentes, que vão do fim de dezembro até maio, as temperaturas na sombra chegam a 30 °Re e no sol podem passar de 40 °Re¹¹⁸. No Egito, tolerarei temperaturas maiores com mais facilidade, o que talvez tenha acontecido porque lá é mais seco, enquanto aqui predomina uma intensa umidade – névoas e neblinas são muito comuns. As montanhas, as elevações e a região como um todo estão frequentemente envoltos por uma escuridão impenetrável e a atmosfera inteira é carregada de vapores úmidos.

No mês de novembro sofri de uma constante indisposição. Sentia-me fraca e angustiada, principalmente na cidade, e devo minha recuperação apenas à bondade e amizade do *Senhor Geiger* (Secretário do Consulado Austríaco) e de sua esposa,

¹¹⁷ N.T.: 30 °C.

¹¹⁸ N.T.: 37 °C e 50 °C, respectivamente.

que me levaram para o interior e foram muito atenciosos comigo. Atribuo a minha doença somente ao estranho ar úmido.

A estação do ano mais agradável deve ser o inverno (de junho a outubro), que tem temperaturas entre 14 °Re e 18 °Re¹¹⁹ e é mais seco e limpo. É geralmente nesse período que se costuma viajar. Durante o verão, não faltam tempestades violentas; experienciei uma delas, que não durou mais do que uma hora e meia, durante minha estadia no Brasil. Os raios foram quase incessantes e a luz se espalhou como um lençol de fogo pela maior parte do horizonte – em comparação, os trovões não eram tão significantes.

Dias limpos e sem nuvens foram tão raros (entre os dias 16 de setembro e 09 de dezembro) que eu poderia tê-los contado. Não compreendo como tantos viajantes contam do céu sempre limpo e belo do Brasil – isto só pode ser verdade em alguma outra estação do ano.

Uma bela noite com um longo entardecer é outra maravilha que não se tem aqui; quando o sol se põe, todos correm para casa, já que ele é imediatamente seguido pela escuridão e pela umidade.

Durante o verão, o sol se põe cerca de 18h45, e no resto do ano às 18h. Depois de 20 ou 30 minutos, instala-se a escuridão.

Outra inconveniência são os mosquitos, formigas, baratas, pulgas-do-mar etc. Passei muitas noites sentada, atormentada e angustiada com as picadas dos insetos. É somente com muita dificuldade que se protegem os alimentos dos ataques de baratas e formigas. Estas últimas aparecem com frequência em longas trilhas de comprimento imensurável, persistindo em seu curso sobre qualquer obstáculo que esteja em seu caminho. Durante a minha estadia na casa de campo do Senhor Geiger, vi um destes bandos atravessando uma parte da casa. Foi realmente interessante ver como formavam uma fila regular e como nada fazia com que saíssem da direção que tinham planejado inicialmente. A Senhora Geiger me contou que, em uma determinada noite, havia acordado com uma coceira terrível. Ela então se levantou o mais rápido possível e viu uma destas fileiras atravessando a sua cama. Nada pode resolver uma situação assim: deve-se somente esperar com calma o fim da fila, o que normalmente demora entre quatro e seis horas. Para proteger minimamente as

¹¹⁹ N.T.: 17 °C e 22,5 °C, respectivamente.

provisões dos ataques dos insetos, colocam-se pratos com água nos pés das mesas e dos armários. As roupas e os tecidos são guardados em latas para ficarem protegidas não só das formigas, mas também das baratas e da umidade.

Mas o maior tormento são os bichos de pé, que se fixam principalmente debaixo das unhas dos pés, ou às vezes na sola do pé. Assim que se sente uma coceira em algum desses lugares deve-se checar imediatamente se não há um pequeno ponto preto cercado de um anel esbranquiçado. Se sim, o primeiro é a pulga e o segundo são os ovos que ela depositou. A primeira coisa a ser feita é afrouxar a pele na mesma região do anel branco com o auxílio de uma agulha, extraindo tudo da pele e preenchendo o espaço com tabaco. O melhor a se fazer nesses casos é chamar o negro mais próximo, já que eles performam essa operação com maestria.

Com exceção dos produtos naturais do Brasil, faltam aqui alguns dos itens mais importantes. É verdade que há muito açúcar e café, mas não há milho, batata ou as nossas deliciosas variedades de frutas. A farinha usada é a de mandioca que, misturada a todas as refeições, ocupa o lugar do pão – mas não é nem tão forte e nem tão nutritiva como ele. Eles têm várias raízes adocicadas aqui que, no entanto, não podem ser comparadas com as nossas batatas e, dentre as frutas, somente as laranjas, as bananas e as mangas são excelentes. Os tão celebrados abacaxis não são nem tão aromáticos nem tão doces quanto alguns cultivados em estufas que comi na Europa. Outros tipos de fruta não são dignos de menção. Finalmente, no que se refere a dois dos artigos importantes, leite e carne: o primeiro é muito aguado, a segunda é muito seca.

Ao se instituir uma comparação entre o Brasil e Europa, tanto no que se refere a uma impressão produzida pelo todo quanto as vantagens e desvantagens de cada um, podemos achar, em um primeiro momento, que a balança vai pender ao primeiro, apenas para que depois vire, com grande certeza, em favor do segundo.

Talvez o Brasil seja o país mais interessante do mundo para viajantes. Como lugar para residência permanente eu escolheria decididamente a Europa.

Conheci muito pouco das maneiras e costumes do país para estar na posição de dar algum juízo de valor e devo, portanto, me limitar a fazer apenas alguns comentários. No todo, as maneiras diferem pouco das europeias, já que os atuais

donos do país descendem de Portugal e o Brasil poderia ser descrito como *européus traduzidos em americanos*. É muito natural que nessa tradução algumas características tenham se perdido, enquanto outras permaneceram. O aspecto mais marcante no europeu transformado em americano é a busca por riqueza, que se torna uma paixão tão grande que transforma o branco mais temeroso em um herói – sendo que o heroísmo é claramente necessário para alguém ir morar sozinho em um latifúndio com centenas de escravos, longe de qualquer ajuda e com a expectativa de, no caso de eventuais rebeliões, estar completamente perdido.

Essa surpreendente busca por lucro não é limitada aos homens: é compartilhada também pelas mulheres e fomentada por um costume comum por aqui. Ao invés de darem para as mulheres alguns trocados, os homens lhes dão, de acordo com suas posses, um ou alguns escravos (homens ou mulheres), dos quais elas podem dispor como desejam. Normalmente eles aprendem a cozinhar, costurar, bordar ou fazer outros trabalhos manuais e então a dona os aluga por dia, por semana ou por mês¹²⁰ para pessoas que não têm escravos. As mulheres podem ainda deixar com que os escravos lavem roupas para fora ou empregá-los na produção de objetos ornamentais, confeitaria ou outros produtos, que depois serão vendidos pelos escravos. O dinheiro conseguido com esses trabalhos pertence às mulheres e é usado principalmente para toilette e entretenimento.

Já as esposas de comerciantes e outros profissionais sempre são pagas por qualquer assistência que venham a dar ao seu marido e seu negócio.

A moralidade não é, infelizmente, muito comum no Brasil. Uma das causas disso é a maneira com que as crianças são criadas, já que são confiadas completamente ao cuidado dos negros. As negras são suas amas de leite, cuidadoras e criadas, e vi com frequência meninas entre oito e dez anos serem levadas para escola ou outros lugares por negros. A sensualidade dos negros é conhecida demais para ficarmos surpresos com a desmoralização precoce. Em nenhum outro lugar vi crianças com rostos tão pálidos e desgastados quanto nas ruas do Rio de Janeiro. Uma segunda causa da imoralidade é uma certa ausência da religião. O Brasil é católico dos pés à cabeça, como só se vê na Espanha e na Itália, e quase todo dia

¹²⁰ O valor recebido do aluguel varia de acordo com o serviço prestado. O preço comum para o aluguel de uma criada é entre 5 e 6 Mil Réis por mês, para um(a) cozinheiro(a) entre 12 e 20 Mil Réis, para uma ama de leite entre 20 e 22 Mil Réis, para um trabalhador treinado, entre 25 e 35 Mil Réis.

acontece uma procissão, orações ou festivais religiosos; mas eles só são frequentados por entretenimento, enquanto a verdadeira religião se desmorona.

Pode-se atribuir a grande ocorrência de assassinatos a esta profunda desmoralização e falta de religião. Os crimes não são cometidos com finalidade de roubos ou furtos, mas sim por motivos de vingança e ódio. O assassino pode cometer o crime por conta própria ou usando escravos que estejam dispostos a fazer isso por uma bagatela. Se tiver dinheiro, não deve temer a solução do crime, já que aqui, de acordo com o que me disseram, tudo pode ser resolvido com dinheiro. Vi muitos homens no Rio de Janeiro que, segundo relatos, não mataram apenas uma pessoa, mas várias (eles mesmos ou usando escravos). Ainda assim, não só estavam em liberdade como também eram aceitos em vários círculos sociais.

Por fim, peço ainda permissão para dirigir algumas palavras aos meus conterrâneos que desejam deixar sua terra pátria para buscar sorte na distante costa brasileira – são apenas algumas palavras, mas gostaria que fossem difundidas o máximo possível.

Na Europa, existem pessoas que não são nem um fio de cabelo melhores do que os traficantes de escravos e que alimentam ilusões em pessoas pobres sobre as riquezas da América e seus belos territórios, sobre a abundância de produtos do solo e sobre a falta de trabalhadores. Estas pessoas não se preocupam com a felicidade dos pobres – não, o objetivo delas é encher seus próprios barcos e tirar até a última moeda das vítimas desiludidas.

Durante minha estadia aqui, chegaram vários barcos com imigrantes desafortunados com este perfil. Como o governo não os tinha chamado, não lhes dá nenhum tipo de incentivo. Eles já não têm mais dinheiro, então não podem comprar nenhum pedaço de terra – e também não conseguem trabalho nos latifúndios, já que ninguém contrata europeus para esse fim, por não serem acostumados com o clima quente e o trabalho logo os exaure. Então não resta mais nada a esses pobres além de mendigar pela cidade e, no fim, acabam se contentando com as ocupações mais miseráveis.

A situação é diferente para aqueles que são chamados pelo governo brasileiro para cultivar a terra e colonizar o país: estas pessoas recebem um pedaço de terra selvagem, com algumas provisões e ajuda. Mas se vierem sem dinheiro algum, ninguém jamais invejará o seu destino. A maior parte deles é destruída por necessidades, fome e doenças e somente um número muito pequeno que, com uma

saúde de ferro e um esforço infatigável, consegue ser bem sucedido e alcançar uma existência melhor do que aquela deixada na terra pátria. Somente os artesãos encontram rapidamente uma ocupação com bom pagamento, mas isso logo deve mudar, já que são muitas pessoas com esse perfil que chegam aqui a cada ano e, recentemente, os próprios negros têm aprendido vários ofícios.

Que aquele que desejar sair da sua terra natal tenha informações confiáveis antes da mudança, que reflita com calma e não se deixe levar por esperanças enganosas. A decepção é ainda mais terrível porque só se descobre a verdade quando é tarde demais e quando já se é uma vítima da pobreza e da necessidade.

5.3.1 Algumas notas estatísticas sobre o Brasil

O território brasileiro é constituído por 130 mil O.M.¹²¹ e tem 6 milhões de habitantes, entre os quais 900 mil são brancos; o resto é constituído por negros, mulatos, mestiços, nativos e indígenas. Contam-se cerca de três milhões de escravos negros e 500 mil indígenas, incluindo os selvagens mais brutos, como os botocudos¹²².

A capital e local de residência real é o Rio de Janeiro, que conta com 215 mil habitantes, 50 igrejas e capelas, cinco mosteiros, uma universidade, um porto excelente e comércio amplo.

O Brasil é um Império Constitucionalista com duas câmaras (o Senado e a Câmara dos Deputados). Até o ano de 1822, o país era regido por um vice-rei enviado por Portugal. Quando o Príncipe de Portugal, Dom Pedro, ocupava esta posição, ocorreram várias revoltas públicas, fazendo com que declarasse o Brasil um Império independente com representação popular e se tornasse o Imperador do país com o nome de Dom Pedro I. No ano de 1831, cedeu o trono ao seu filho Dom Pedro II, que ocupa atualmente o cargo.

A religião predominante é o Catolicismo e a língua predominante é o português.

¹²¹ N.T.: Equivalente a 8,3 milhões de quilômetros quadrados.

¹²² N.T: Botocudos foi uma denominação genérica dada pelos colonizadores portugueses a diferentes grupos indígenas pertencentes ao tronco macro-jê (grupo não tupi), de diversas filiações linguísticas e regiões geográficas, cujos indivíduos, em sua maioria, usavam botoques labiais e auriculares.

No Brasil, terra do ouro e das pedras preciosas, as trocas monetárias habituais são feitas com papel e cobre. O ouro e a prata são, em parte, armazenados em barras e em parte enviados para o exterior.

As somas são feitas em Réis, dos quais 1000 (1 Mil Réis), em uma base de troca de 20 florins austríacos, equivalem a 1 Florim e 7 Coroas – ainda que o câmbio mude constantemente.

Em termos de moedas de cobre existem as seguintes:

Meio peça de vinte 10 Réis

Peça inteira de vinte 20 Réis

Peça dupla de vinte 40 Réis

Uma pataca equivale a 320 Réis, um Cruzado a 400 Réis. A menor nota é 1 Mil Réis.

A milha brasileira, chamada de légua, é um pouco menor do que a geográfica. 18 léguas equivalem a 15 milhas geográficas.

O custo de um visto de viagem é significativo: é necessário pagar 19 mil Réis.

Considera-se a distância entre Hamburgo e Rio de Janeiro entre oito e nove mil milhas marítimas.

5.4 CAPÍTULO 3 – ARREDORES ESPETACULARES DO RIO DE JANEIRO

A cachoeira em Tijuca • Boa Vista • O Jardim Botânico e suas redondezas

Essas regiões estão entre as mais interessantes, mas deve-se separar pelo menos dois dias para elas, pois o Jardim Botânico em si já exige algumas horas.

O Conde Berchthold e eu fomos de ônibus¹²³ até *Andaracky* (uma légua¹²⁴), de onde continuamos nossa jornada a pé por trechos de floresta e pequenos morros. Casas de campo de um andar ocupam os morros baixos e os espaços de frente para a rua a uma distância pequena umas das outras.

Depois de termos andado por uma légua, um caminho à direita nos conduziu a uma pequena cachoeira, nem tão alta nem tão caudalosa, mas ainda assim uma das mais importantes do Rio de Janeiro. Retornamos então para a rua onde estávamos antes e, depois de meia hora de caminhada, alcançamos um planalto, de onde tivemos

¹²³ N.T.: Veículo coletivo com tração animal.

¹²⁴ N.T.: Equivalente a 4,8 quilômetros.

uma visão geral de um vale que só posso descrever como único. Uma parte dele se assemelha a um caos selvagem, enquanto a outra se parece com um jardim em flores. Na primeira estavam ruínas de granito quebrado, dentre os quais por vezes se erguiam altos colossos e por vezes se empilham umas sobre as outras; na segunda parte, erguiam-se as mais belas árvores frutíferas em meio a belos pastos verdes. Este romântico vale é fechado em três lados por belas montanhas, mas o quarto lado é aberto e oferece uma vista ampla do mar.

Encontramos uma pequena venda neste vale, na qual nos fortalecemos com pão e vinho, e então continuamos nosso caminho para a chamada "grande cachoeira". Nós achamos a grande cachoeira menos surpreendente que a pequena. Uma correnteza leve de água corre sem muita força por uma larga parede de pedra até o vale abaixo.

Depois de termos cruzado o vale, chegamos ao *Porto Massalu*. Os troncos ocos de madeira que vimos nas frentes das cabanas nos indicaram que seus moradores eram pescadores. Alugamos um destes belos veículos para cruzar essa pequena enseada. O percurso demorou no máximo um quarto de hora e precisamos pagar, como estrangeiros, dois mil réis.

A partir de então era necessário por ora atravessar planícies de areia, por ora escalar montanhas menores para cima e para baixo. Continuamos nessa maneira árdua por três léguas¹²⁵, até alcançarmos o topo de uma montanha que se ergue como uma divisória entre dois poderosos vales. Este topo é conhecido como *Boa Vista*, o que é um nome justo. É possível ver os dois vales com as cordilheiras e serras que os cortam, incluindo montanhas altas como o *Corcovado* e os *Dois Irmãos*. À distância se vê a capital, com as casas de campo e os vilarejos, as baías e o mar aberto.

Deixamos este belo lugar com pesar, mas, sozinhos e sem conhecer a distância que teríamos de percorrer antes de encontrar um teto que nos hospedasse, fomos obrigados a nos apressar. Além disso, as únicas pessoas com quem se cruza por estes caminhos são pretos, com quem um encontro noturno não é desejável. Descemos, então, até o vale, e resolvemos pernoitar na primeira pousada que encontrássemos.

¹²⁵ N.T.: Equivalente a 14,4 quilômetros.

Com mais sorte do que o normal em situações como essa, encontramos não só um hotel razoável com quartos limpos e bons móveis, mas também uma companhia que nos entreteve deliciosamente. Foi uma família de mulatos que atraiu toda a minha atenção. A mulher, de uma corpulência considerável e com cerca de 30 anos, estava vestida como apenas mulheres de péssimo gosto se vestem no nosso país – vestia ao mesmo tempo tudo o que tinha de mais valioso. Onde ela conseguia colocar joias e ouro, lá eles se encontravam. Um vestido de seda pesada e um lenço envolviam seu corpo marrom escuro, e uma pequena touca de seda branca estava posicionada de forma estranha em sua grande e pesada cabeça. O marido e seus cinco filhos em nada ficavam a dever à esposa e mãe – e, na realidade, este exagero nas roupas se estendia até à cuidadora das crianças, uma negra genuína que também estava sobrecarregada de ornamentos. Ela tinha cinco pulseiras em um braço e seis no outro, todas com pedras, pérolas e corais que, ao menos pelo que pude perceber, não pertenciam ao tipo mais valioso.

Quando a família se levantou para partir, dois landôs¹²⁶, cada um com quatro cavalos, alcançaram a porta. Esposa, marido, filhos e cuidadora embarcaram neles com uma dignidade majestosa.

Enquanto eu ainda admirava as carruagens que se apressavam em direção à cidade, um cavaleiro aproximou-se com saudações amigáveis. Era o Senhor Geiger, meu amigo. Quando descobriu que tínhamos a intenção de pernoitar onde estávamos, ele nos convenceu a acompanhá-lo até a propriedade de seu sogro, que não era muito longe dali.

Assim conhecemos um senhor alegre e digno de 70 anos que era, no momento, Diretor de Arquitetura e Artes Visuais do governo. Nós ficamos admirados com seu belo jardim e sua charmosa casa, construída com muito bom gosto em estilo italiano.

Na manhã do dia seguinte, ainda bem cedo, acompanhei o Conde Berchthold até o Jardim Botânico. Nosso desejo de ver esse jardim era grande – esperávamos ver árvores e flores de todos os lugares do mundo em toda a sua glória –, mas ficamos profundamente decepcionados. O jardim ainda é muito jovem e nenhuma das grandes árvores cresceu o suficiente; não há uma grande variedade de flores ou plantas e, as

¹²⁶ N.T.: Landô, landó ou ainda landau são carruagens criadas na cidade alemã de Landau, da qual o nome do transporte deriva. É um veículo de quatro rodas com dois bancos posicionados um de frente para o outro.

poucas que existem, não estão identificadas com etiquetas para que os visitantes possam saber seus nomes. O que mais nos interessou foram os baobás, cujos frutos pesam entre 10 e 25 libras¹²⁷ e abrigam dentro de si várias sementes, que são comidas não só por macacos, mas também por pessoas. Além disso, também nos interessaram as plantas de cravo-da-índia, de cânfora e de chá, os cacauzeiros e as caneleiras. Também vimos um tipo muito específico de palmeira: a parte inferior do tronco, até a altura de dois ou três pés¹²⁸, era marrom e lisa e tinha a forma de um balde. Os caules que saíam desse tronco eram verde claros, também muito lisos e até brilhantes, como se lustrados com verniz. Elas não eram muito altas e as folhas, assim como acontece com as outras palmeiras, só se abrem na parte superior da árvore. Infelizmente não conseguimos aprender o nome desta palmeira, e durante toda a minha viagem não encontrei outra que fosse da mesma espécie.

Deixamos o jardim somente de tarde. Andamos uma légua¹²⁹ até o Botafogo, onde pegamos um ônibus para a cidade.

5.4.1 O morro Corcovado (2252 pés¹³⁰ acima do nível do mar)

O Senhor Geiger me convidou, juntamente com o Conde Berchthold e o Senhor Rister (um vienense), para uma excursão ao morro do Corcovado.

Começamos nossa aventura no dia 01 de novembro de manhã bem cedo. Se nessa época do ano nós já começamos a ter tempestades e neve, aqui o sol brilha com força total e o céu não tem uma nuvem sequer.

O esplêndido aqueduto foi nosso guia até o local de sua fonte original, o que levou uma hora e meia de caminhada. A sombra da bela floresta nos protegeu, fazendo com que o calor intenso, que durante o dia chegou a 38 °Ré¹³¹ ao sol, não nos incomodasse muito.

Nós fizemos uma parada na fonte onde, após um sinal feito pelo Senhor Geiger, um negro apareceu com uma grande cesta cheia de inúmeras provisões. A comida foi preparada rapidamente – estendeu-se uma toalha branca e foram servidos comes e

¹²⁷ N.T.: 4,5 kg e 11,3 kg, respectivamente.

¹²⁸ N.T.: 60 cm e 91 cm, respectivamente.

¹²⁹ N.T.: 4,8 km.

¹³⁰ N.T.: 686 m.

¹³¹ N.T.: 47 °C.

bebes. Brincadeiras e bom-humor temperaram nossa refeição, e retomamos nossa caminhada com corpo e alma fortalecidos.

O pico da montanha nos demandou muito esforço: subimos pedras lisas, quentes e muito íngremes. Mas então abriu-se diante de nossos olhos um grande panorama, do tipo que raramente se encontra pelo mundo. Tudo que tinha visto do porto durante a chegada estava dentro do meu campo de visão, mas com mais nitidez e magnitude, com muitas coisas novas aparecendo. Conseguimos ver toda a cidade, com seus morros mais baixos, que são parcialmente cobertos quando vistos do mar, e a grande baía que se estende até a Serra dos Órgãos; pelo outro lado, o romântico vale, no qual se encontram o Jardim Botânico e as belas casas de campo.

Recomendo a todos que venham para o Rio de Janeiro, mesmo aqueles que permanecerão na cidade por apenas alguns dias, que visitem o Corcovado, já que de lá vê-se, de uma só vez, todos os tesouros com os quais a natureza enfeitou o ambiente desta cidade de maneira verdadeiramente extravagante. Aqui encontram-se florestas virgens que, ainda que não sejam tão belas e fechadas quando as que se encontram no interior do país, são notáveis por sua vegetação exuberante. Encontram-se aqui árvores de mimosa e pinheiros de um tamanho gigantesco, palmeiras, pés selvagens de café, orquídeas, plantas trepadeiras e parasitas, incontáveis flores – vê-se os pássaros mais coloridos, as maiores borboletas e os insetos mais brilhantes, que voam alegremente de flor em flor e de galho em galho. Em noites escuras, são maravilhoso os milhões de vaga-lumes belos que se levantam até os pontos mais altos das árvores e brilham, por entre as folhas e arbustos, como estrelas.

Fui informada que a subida desta montanha era muito difícil; mas não achei tão difícil assim, já que se chega ao topo com bastante conforto em três horas e quarenta e cinco minutos e que três quartos do caminho pode ser feito na garupa de um cavalo.

5.4.2 O palácio da família imperial

O Palácio Cristóvão¹³², que fica a uma distância de meia hora da cidade, é considerado o local de residência regular da família real. É onde o Imperador passa a maior parte do ano e onde os conselhos e transações governamentais acontecem.

O palácio é pequeno e não se destaca nem por sua arquitetura nem por seu bom gosto – seu único charme é a localização. Ergue-se no alto de um morro e tem uma vista completa da Serra dos Órgãos e da baía. O jardim do palácio é insignificante, formado por terraços até alcançar o vale. Um jardim maior, que serve como viveiro de árvores e plantas, aproxima-se dele. Os dois jardins são de grande interesse para europeus, já que ambos contêm um grande número de plantas que ou não existem na Europa ou que conhecemos apenas em tamanho reduzido, cultivadas em estufas. O Senhor Riedl, diretor dos dois jardins, foi muito gentil em me guiar pessoalmente e me mostrar com cuidado as plantações de chá e bambu.

*Ponte de Caschu*¹³³ é outro jardim imperial (fica a uma légua¹³⁴ da cidade). Três mangueiras deste jardim impressionam por sua idade e tamanho. Seus galhos delineiam uma circunferência de mais de 80 pés¹³⁵. Mas elas não produzem mais frutos.

Entre outros passeios próximos à cidade posso indicar ainda o Morro do Telégrafo, o Jardim Público, a Praia do Flamingo e os Mosteiros de Santa Glória e Santa Tereza etc.

5.5 CAPÍTULO 4 – EXCURSÃO PARA A RECÉM FORMADA COLÔNIA ALEMÃ PETRÓPOLIS. TENTATIVA DE ASSASSINATO POR UM PRETO-MAROON¹³⁶.

¹³² N.T.: Palácio Cristóvão foi a tradução escolhida para *Schloß Chistovao*, já que a autora opta por usar uma expressão própria em vez de mencionar o nome da construção em português (como faz inúmeras vezes durante o texto). A construção teve diferentes nomes durante a história do Brasil: Paço de São Cristóvão (entre 1803 e 1809), Palácio Real (entre 1810 e 1821) e Palácio Imperial (entre 1822 e 1889 - período em que a autora esteve no Rio de Janeiro). A partir de 1892, começou a abrigar o Museu Nacional e, em 1946, foi incorporado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. A construção foi gravemente danificada durante um incêndio no dia 02 de setembro de 2018 e o museu encontra-se fechado na data de realização desta tradução.

¹³³ N.T.: Atual bairro Caju.

¹³⁴ N.T.: 4,8 km.

¹³⁵ N.T.: 24,3 m.

¹³⁶ N.T.: Tradução para o termo Marron-Negars. O termo se refere aos escravos fugidos. Flávio dos Santos Gomes (2018), no *Dicionário da Escravidão e Liberdade*, afirma que maroons era o nome dado às comunidades de fugitivos no Caribe e no Sul dos EUA; marronage era o nome usado em São

Contaram-me tantas coisas no Rio de Janeiro sobre o rápido desabrochar de Petrópolis, uma colônia recém-formada por alemães nas redondezas do Rio de Janeiro, sobre a bela região onde fica e as florestas virgens pelas quais o caminho para a colônia passa, que não pude resistir ao desejo de fazer uma excursão para lá. Meu companheiro de viagem, Conde Berchtold, me acompanhou, e no dia 26 de setembro ocupamos dois lugares em uma das várias barcas que cruzam diariamente as 20 ou 22 milhas marítimas¹³⁷ até o *Porto d'Estrella*, de onde a jornada deve ser terminada a pé. Seguimos por uma enseada que se desenrola por paisagens realmente pitorescas que me lembraram vividamente mais de uma vez os peculiares lagos da Suécia. A enseada é delimitada por encantadoras serras e pontilhada por pequenas ilhas e arquipélagos, que às vezes são cobertos por tantas palmeiras, árvores e arbustos que parecem inacessíveis; outros levantam suas grandes pedras como cabeças solitárias pelas ondas, ou ainda empilham várias pedras sob si mesmos. A forma arredondada destas últimas é curiosa, e com frequência parece ter sido cortada por um cinzel.

Nossa barca foi conduzida por quatro pretos e um comandante branco. No começo, velejamos a favor do vento com velas cheias e a tripulação aproveitou este momento para fazer uma refeição, composta por uma porção considerável de farinha de mandioca, peixe cozido, milho assado, laranjas, coco e outras pequenas nozes – e o pão branco, um luxo para os pretos, também não faltou. Alegrou-me profundamente ver estes homens serem tão bem tratados. Depois de duas horas perdemos o vento, e a tripulação precisou pegar nos remos. Achei muito difícil a maneira local de remar. A tripulação precisava subir em um banco fixo na sua frente cada vez que os remos batiam na água e, enquanto os remos subiam, se jogarem de volta com toda a força. Depois de outras duas horas, deixamos o mar para trás e entramos à esquerda no rio *Geromerim*¹³⁸, cuja foz abriga uma hospedaria na qual paramos por meia hora. Aqui vi um farol peculiar – nada mais era do que uma lanterna pendurada no alto de uma pedra. A beleza da região diminui, ao menos para os olhos de um leigo; um botânico acharia o lugar mais bonito e magnífico que o normal, pois as mais belas plantas aquáticas, como a ninfeia, a pontedeira e a grama aquática se

Domingos (Haiti) e outras colônias francesas. No Brasil, ficaram conhecidos tanto como "mocambos" como por "quilombos".

¹³⁷ N.T.: Equivalente a 37 km e 40,7 km.

¹³⁸ N.T.: Atualmente chamado de Rio Inhomirim.

estendem por todos os lados, tanto na água como fora dela. As duas primeiras enrolam-se até o topo da muda mais próxima, enquanto a grama alcança uma altura de seis a oito pés¹³⁹. As margens do rio são planas e cercadas de vegetação rasteira e mudas de árvores; no fundo, vê-se uma cadeia de montanhas. As pequenas casas que podem ser vistas de tanto em tanto são construídas com pedras e cobertas com azulejos – mas nem por isso parecem menos pobres do que são.

Depois de navegarmos por sete horas no rio, alcançamos, sem nenhum percalço, o *Porto d'Estrella*, um lugar importante, considerando que é aqui que se armazenam os produtos advindos do interior do país, até serem enviados por água até a capital do Brasil. Existem duas boas pousadas. Além disso, há uma construção parecida com um caravansarai turco¹⁴⁰ e um imenso telhado, suportado por pilares fortes de pedra. O primeiro foi apropriado pelo comércio enquanto o segundo é usado pelos condutores de burros, que tinham se recolhido com conforto e estavam preparando sua refeição noturna em várias fogueiras que brilhavam alegremente. Este tipo de movimentação noturna nos agradou bastante, mas logo nos apresentamos na pousada "Stern", onde cômodos e camas limpos e uma refeição muito bem temperada nos agradaram ainda mais.

27 de setembro. Sete léguas¹⁴¹ separam o *Porto d'Estrella* de Petrópolis. Essa distância pode ser confortavelmente percorrida no lombo de um burro, o que custa quatro mil réis por pessoa. Mas, como nos disseram no Rio de Janeiro que este caminho seria um belíssimo passeio, com trechos que cruzam florestas esplêndidas, e que, como principal conexão com Minas Gerais, era muito frequentado e completamente seguro, decidimos ir a pé, ainda mais porque o Conde queria botanizar e eu coletar insetos. As duas primeiras léguas¹⁴² passavam por um vale largo, em sua maior parte coberto com largos arbustos e mudas de árvores e cercado por altas montanhas. Logo aparecem na borda do caminho os abacaxis selvagens que, ainda não estando completamente maduros, brilhavam em uma cor rosa avermelhada. Infelizmente eles não eram tão saborosos quanto eram bonitos, e por isso geralmente

¹³⁹ N.T.: 1,8 m e 2,4 m, respectivamente.

¹⁴⁰ N.T.: Caravansarai é um estabelecimento hoteleiro comum no Oriente Médio, Norte da África e Ásia Central, frequentado por mercadores viajantes. Tendem a ser construções quadradas ou retangulares com um grande pátio externo.

¹⁴¹ N.T.: 33,7 km.

¹⁴² N.T.: 9,6 km.

não são colhidos. Observei os beija-flores com muito prazer, e aqui vi muitos de uma espécie menor. Não se pode conceber nada mais gracioso e delicado do que estes pequenos animais. Eles obtêm seu alimento no cálice das flores, ao redor das quais esvoaçam, como as borboletas, com as quais podem ser confundidos por conta do seu voo rápido. Depois de termos cruzado o vale, alcançamos a *Serra* – nome dado pelos brasileiros para o topo das montanhas que eles precisam subir. A que estava na nossa frente tinha três mil pés¹⁴³ de altura. Uma estrada larga e pavimentada nos conduziu da floresta até o topo da montanha.

Eu sempre imaginara que em uma floresta virgem as árvores deveriam ter troncos grossos e altos. Não foi o cenário que encontrei aqui – provavelmente porque a vegetação é tão forte que os troncos maiores são sufocados e apodrecem debaixo da grande massa de árvores menores, arbustos, plantas parasitas e trepadeiras. Estas duas últimas são tão frequentes e abundantes que cobrem as árvores de tal maneira que às vezes não só é impossível ver suas folhas, mas também seus galhos e seu caule. Um botânico, o senhor Schleierer, nos garantiu que certa vez encontrou em uma única árvore trinta e seis tipos diferentes de plantas parasitas e trepadeiras.

Conseguimos colher uma grande variedade de flores, plantas e insetos e então seguimos lentamente o nosso caminho, encantados pela bela floresta e pelas vistas não menos incríveis que se abriam por entre as montanhas e o vale, até o mar e a baía, mostrando por vezes até a capital.

Os encontros frequentes com as *truppas*¹⁴⁴, conduzidas por negros, e com outros pedestres isolados fizeram com que não sentíssemos medo algum e nem percebemos o negro que estava nos seguindo. Mas, quando nos encontrávamos em um lugar um pouco mais isolado, ele logo saltou na nossa frente, com uma longa faca em uma mão e um laço¹⁴⁵ na outra, aproximando-se rapidamente e dando a entender, mais pelos gestos do que pelas palavras, que pretendia nos assassinar e levar para a floresta.

¹⁴³ N.T.: 914 m.

¹⁴⁴ Uma *truppa* é constituída de 10 mulas, conduzidas por um negro; com frequência várias *truppas* se juntam e formam caravanas de 100 ou 200 mulas. As mulas são usadas para o transporte de todos os produtos no Brasil.

¹⁴⁵ É uma corda com um laço na ponta. Os nativos da América do Sul usam o instrumento habilmente para capturar animais selvagens.

Não tínhamos nenhuma arma conosco, já que nos descreveram a região como inofensiva, e não tínhamos nada com o qual nos defender, além das nossas sombrinhas. Eu trazia comigo também um canivete, que tirei da bolsa e abri rapidamente, disposta a vender minha vida por um preço alto. Nós nos defendemos tão bem quanto possível dos golpes com nossas sombrinhas, mas elas não aguentaram muito tempo – além disso, o negro conseguiu pegar a minha, que logo quebrou, já que lutamos por ela, deixando-me apenas com parte do cabo na mão. Mas, durante esse confronto, a faca caiu-lhe da mão e rolou a uma distância de alguns passos. Joguei-me rapidamente na direção dela e achei que a tinha alcançado, mas ele foi mais rápido do que eu e me afastou com as mãos e os pés, conseguindo novamente a posse da faca. Sacudiu-a acima da minha cabeça e me proporcionou duas feridas na parte superior do braço esquerdo, sendo uma delas uma batida e a outra um corte profundo¹⁴⁶. Agora, eu me tinha como perdida, e somente o desespero pode ter me dado coragem suficiente para fazer uso da minha própria faca. Dei-lhe um golpe no peito, mas ele desviou, e só consegui feri-lo na mão. O conde então deu um pulo e conseguiu segurar o sujeito por trás, o que me deu uma chance de levantar do chão. Isto tudo aconteceu em um piscar de olhos. As feridas obtidas deixaram o preto enfurecido: ele nos mostrou os dentes como um animal selvagem e agarrou sua faca com uma velocidade espantosa. O Conde, por sua vez, também recebeu um corte grande em sua mão, e estaríamos infalivelmente perdidos se Deus não nos tivesse mandado ajuda. No mesmo momento em que se fez ouvir o trote de cavalos passando pela rua de pedras, o preto nos deixou, correndo para dentro da floresta. Logo depois, dois cavaleiros apareceram na esquina do caminho e nós corremos em direção deles; nossas feridas, que ainda sangravam, e o estado das nossas sombrinhas fizeram com que entendessem rapidamente a situação. Perguntaram-nos em que direção o preto fugira e, descendo dos cavalos, correram para lá. Mas seus esforços teriam sido inúteis se os dois negros que apareceram pelo outro lado não os tivessem ajudado. Dessa forma, o rapaz logo foi capturado. Ele foi amarrado e, como se recusou a andar, recebeu uma grande surra, sobretudo na cabeça, me fazendo temer que o crânio do coitado tivesse sido quebrado. Mesmo assim, mostrou total

¹⁴⁶ Omiti a descrição do meu ferimento do relato de viagem publicado no A. Frankls Sonntagsblätter de Viena em dezembro de 1847, período no qual eu ainda estava em viagem, para não inquietar meus amigos e familiares.

indiferença e ficou deitado no chão, estarecido. Os dois outros pretos foram obrigados a agarrá-lo e carregá-lo até a casa mais próxima, enquanto ele tentou morder todos que estavam em seu alcance, como uma besta selvagem. Nossos salvadores, o conde e eu os acompanhamos. Deixamos com que fizessem curativos em nossos ferimentos e então continuamos com nossa jornada, não sem medo, principalmente quando encontramos outros pretos. Não tivemos nenhum outro acidente e ficamos cada vez mais maravilhados com a bela paisagem.

A colônia Petrópolis está situada em meio a uma floresta virgem a 2,5 mil¹⁴⁷ pés do nível do mar. Ela foi fundada há apenas 14 meses, principalmente para abastecer a capital com diferentes tipos de legumes e frutas europeus que só prosperam a uma altitude significativa em terras tropicais. Uma pequena fileira de casas já formava uma rua e, em um terreno grande e limpo encontrava-se já o esqueleto de uma grande construção, que será o Palácio Imperial de Verão¹⁴⁸ – a construção, porém, não tem nada de imperial em sua aparência, com portas estreitas contrastando com as janelas largas. A cidade será construída ao redor do Palácio, ainda que várias casas já estejam construídas em lugares mais afastados na floresta. Alguns colonos, como mecânicos, comerciantes etc. receberam pequenos lotes de terra para construírem seus negócios perto do Palácio; os agricultores receberam lotes maiores, mas não mais do que dois ou três *joch*¹⁴⁹. Qual miséria essas pessoas não devem ter sofrido em sua terra natal para terem ido para outro hemisfério para receber alguns *joch* de terra!

Encontramos aqui, na companhia de seu filho, a boa senhorinha que foi nossa companheira de viagem no barco da Alemanha ao Rio de Janeiro. A alegria de poder compartilhar a labuta de seu amado filho fez com que ela, nesse curto período de tempo, rejuvenescesse alguns anos. O filho dela se tornou nosso guia e nos conduziu pela jovem colônia, que fica em um largo desfiladeiro, e as montanhas que a cercam são tão íngremes que, quando suas árvores são derrubadas e elas transformadas em jardins, toda a terra pode ser facilmente levada embora em grandes tempestades.

¹⁴⁷ N.T.: 762 m.

¹⁴⁸ N.T.: *Lustschloss* no original (Castelo de Prazer, em tradução literal). A construção abriga hoje o Museu Imperial, cujo acervo é constituído por peças ligadas à monarquia brasileira.

¹⁴⁹ N.T.: O *joch* é uma unidade de medida de área que foi usada tipicamente em países de língua alemã, principalmente a Áustria. Um *joch* corresponde a 0.57 hectares – os terrenos mencionados pela autora são de 1,14 e 1,71 hectares respectivamente.

A uma légua¹⁵⁰ da colônia, há uma cachoeira que cria um nevoeiro em um abismo que ela mesmo criou. Ela chama a atenção sobretudo por sua localização, que se assemelha a um vale com nobres montanhas, e pelo brilho solene da floresta que a cerca, do que por sua altura ou volume de água.

29 de setembro. Apesar do acidente que havíamos sofrido, voltamos para *Porto d'Estrella* a pé, pegamos uma das barcas, velejamos durante a noite inteira e chegamos com segurança no Rio de Janeiro na manhã do dia seguinte. Todos, tanto em Petrópolis como na capital, ficaram muito surpresos com a tentativa de assassinato que sofremos, e não teriam acreditado se não tivéssemos nossos ferimentos como prova. Acreditou-se inicialmente que o rapaz estivesse bêbado ou louco. Somente mais tarde soubemos suas razões: recentemente, seu senhor o tinha punido por um delito e, quando nos encontrou na floresta, acreditou que essa fosse uma chance de satisfazer seu ódio contra os brancos.

5.6 CAPÍTULO 5 – VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL

*A cidadezinha de Morroqueimado (Nova-Friburgo) e Aldeia da Pedro •
 Plantações dos europeus • Queimadas de florestas • Florestas Virgens • Último
 estabelecimento dos brancos • Visita aos Índios conhecidos como Puris ou Caboclos
 • Retorno ao Rio de Janeiro*

Também essa viagem iniciei em companhia do Conde Berchtold, já que decidimos juntos penetrar o interior do Brasil e visitar os moradores nativos do país.

02 de outubro. Deixamos o Rio de Janeiro de manhã e seguimos em um barco a vapor por 24 milhas marítimas¹⁵¹ até o porto *Sampajo*. O porto fica na foz do Rio *Maccacu* e é formado por uma pousada e duas ou três casinhas. Aqui, alugamos mulas para ir até a cidade de *Morroqueimado*, a uma distância de 20 léguas¹⁵².

Devo aproveitar esta oportunidade para ressaltar que é costume no Brasil alugar os animais sem um condutor – o que mostra a grande confiança que o

¹⁵⁰ N.T.: 4,8 km.

¹⁵¹ N.T.: 44,4 km.

¹⁵² N.T.: 96,5 km.

proprietário dos animais tem nos viajantes. Quando se chega ao destino, o animal deve ser entregue em um lugar definido pelo dono. Nós preferimos, porém, levar um condutor conosco, pois não conhecíamos o caminho – um cuidado que não nos arrependemos de ter tomado, já que com frequência a estrada se encontrava obstruída por portões que precisavam ser abertos e, logo em seguida, fechados.

O preço do aluguel de uma mula foi de 12 mil réis.

Como chegamos em porto *Sampajo* já às 14h, decidimos continuar até *Ponte do Pinheiro* (4 léguas¹⁵³). O caminho passou, pela maior parte, por um vale, coberto por grandes arbustos e cercado por montanhas baixas. No geral, as redondezas tinham um aspecto selvagem, e só aqui ou ali se via pastos escassos com casas de aparência simples.

A pequena cidade de *Ponte de Cairas*, pela qual passamos, é composta por algumas lojas e vendas, mais algumas casas pequenas, uma igrejinha e uma farmácia; a praça principal assemelha-se a um pasto. *Ponte do Pinheiro* já é um pouco maior. Encontramos lá uma ótima acomodação, uma excelente ceia (composta por uma galinha cozida no vapor com arroz, pão branco, farinha de mandioca e um vinho português), boas camas e um café-da-manhã; mas pagamos por tudo isso quatro mil réis.

03 de outubro. Só partimos às 7h. Aqui, como em qualquer outro lugar do país, é impossível partir de viagem no começo da manhã.

O cenário era muito parecido com o do dia anterior, exceto que nos aproximávamos de montanhas cada vez mais altas. O caminho era relativamente bom, só ficando ruim nas pontes que cruzam os riachos e as poças; nos nós consideramos sortudos por tê-las cruzado sem passar nenhuma vergonha. Depois de cerca de duas horas (duas léguas¹⁵⁴), alcançamos a grande *Fazenda de Açúcar Collegio*¹⁵⁵, que se assemelha, em sua instalação, a uma casa de campo. Na espaçosa residência há uma capela e as instalações agrícolas ficam ao redor, sendo que tudo é cercado por um alto muro.

¹⁵³ N.T.: 19,3 km.

¹⁵⁴ N.T.: 9,6 km.

¹⁵⁵ Fazenda é o nome de *Plantage*, *Pflanzung*.

As planícies e pequenas montanhas dos arredores estavam cobertas de plantações de cana-de-açúcar. Infelizmente, não pudemos ver o preparo do açúcar, já que as canas ainda não estavam maduras.

A riqueza de um proprietário de plantação no Brasil é medida pelo número de escravos que possui. Essa plantação tinha 800 escravos – uma riqueza considerável, já que cada escravo homem custa 600 ou 700 mil réis.

Não muito longe desta *fazenda*, do lado direito da rua, encontra-se a *Fazenda Papagais*, de considerável importância; além disso, vimos várias outras plantações menores, que traziam um pouco de vida para a monotonia da região.

St. Anna, a quatro léguas¹⁵⁶ de distância, é um lugar pequeno, composto apenas por algumas casinhas, uma igrejinha e uma farmácia. A última está presente em qualquer vila brasileira, por menor que seja. Fizemos uma parada para comer uma refeição de ovos com uma garrafa de vinho e para alimentar as mulas com milho. Pagamos por tudo isso três mil réis.

Neste dia não passamos de *Mendoza* (três léguas¹⁵⁷), um lugar ainda mais insignificante que *St. Anna*. Um armazém geral e uma venda eram as únicas construções que existiam na rua, mas logo descobrimos uma fazenda de mandioca ao fundo. Fomos visitá-la e o proprietário foi muito gentil em nos oferecer um café preto (um costume comum no Brasil) e em nos mostrar sua plantação.

A planta da mandioca tem caules que chegam de quatro a seis pés¹⁵⁸ de altura, sendo que a parte superior tem folhas maiores. A parte mais importante da planta é a raiz tuberosa, que chega com frequência a pesar dois ou três libras¹⁵⁹, e ocupa o lugar dos cereais no Brasil. A raiz é lavada, descascada e depois prensada com a parte externa e áspera de uma pedra arredondada em um moinho operado por um negro, e ali fica até que esteja triturada. A massa é então colocada em uma cesta, irrigada com cuidado e depois seca com o auxílio de uma prensa. Por fim, é espalhada por um prato de ferro sobre o qual continua sendo seca lentamente e em fogo baixo. Ela se assemelha agora a uma farinha de trigo grossa e é usada no lugar do pão, de duas maneiras diferentes – molhada ou seca. No primeiro caso, é misturada com água

¹⁵⁶ N.T.: 19,2 km.

¹⁵⁷ N.T.: 14,4 km.

¹⁵⁸ N.T.: 1,2 m e 1,8 m, respectivamente.

¹⁵⁹ N.T.: 0,9 kg e 1,3 kg, respectivamente.

quente até formar uma espécie de mingau; no segundo caso, parece-se com uma farinha grossa e é servida à mesa em pequenos cestos, e cada um pega o quanto quiser e a polvilha sobre o prato.

04 de outubro. As montanhas parecem estar cada vez mais próximas umas das outras e as florestas estão mais fechadas e exuberantes. As plantas trepadeiras são de uma beleza indescritível, e não só cobrem o chão por completo como também se misturam tanto com as outras árvores que suas flores aparecem até nos galhos mais altos e parecem ser as flores das árvores em si. Mas existem também árvores com flores amarelas e vermelhas tão bonitas que se parecem com plantas floríferas e árvores com folhas tão brancas que brilham como prata no meio do verde da floresta. Florestas como essa poderiam ser chamadas de gigantes jardins do mundo. A esta altura, as palmeiras praticamente desapareceram.

Logo alcançamos a montanha que deveríamos atravessar. Chegamos algumas vezes em pontos tão altos e abertos que tínhamos uma visão da capital. No topo da montanha (*Alla da Serra*, a quatro léguas¹⁶⁰ de *Mendoza*) encontramos uma venda. Nesse ponto, a distância até *Morroqueimado* é de quatro léguas¹⁶¹ – que nos tomaram muito tempo, já que o caminho é composto de subidas e descidas. As mais belas florestas nos cercavam por todos os lados, e somente algumas raras plantações de kabã¹⁶² e milho nos fizeram lembrar da presença do ser humano. Só avistamos a pequena cidade quando subimos o último monte e quando já estávamos muito próximos. Ela fica em uma depressão larga e pitoresca, a 3200 pés¹⁶³ do nível do mar. Como a noite já se aproximava, ficamos felizes em alcançar um lugar para pernoitar, ao lado da cidade na casa de um alemão, o senhor Lindenroth; o local era excelente e, como descobrimos em seguida, muito barato, já que pagamos pela diária de uma pessoa, mil réis, inclusive quarto e três ótimas refeições.

05 de outubro. A pequena cidade de *Novo Friburgo*, ou *Morroqueimado*, foi fundada há 15 anos por franco-suíços e alemães. Não contém mais de 100 casas que, em sua maioria, formam uma larga rua – as outras ficam espalhadas por aqui e por ali.

¹⁶⁰ N.T.: 19,3 km.

¹⁶¹ N.T.: 19,3 km.

¹⁶² Kabã é uma grama africana que foi trazida e plantada para o Brasil, já que a grama não cresce naturalmente aqui. Ela é alta e se assemelha a um junco.

¹⁶³ N.T.: 975 m.

Ainda no Rio de Janeiro ouvíramos muito falar dos senhores Beske e Fresse e nos recomendaram enfaticamente a visitar ambos. O senhor Beske é um naturalista e vive aqui com sua esposa, quase tão treinada quanto ele. Nós nos divertimos muito durante algumas horas em sua companhia – mostraram-nos coleções interessantes de quadrúpedes, pássaros, cobras, insetos etc., sendo que a última era mais rica e impressionante que a coleção do Museu do Rio de Janeiro. O senhor Beske recebe sempre muitas encomendas da Europa de itens de história natural. Já o senhor Freese é diretor e proprietário de um estabelecimento de ensino para meninos, e preferiu construir seu instituto em um clima mais ameno do que na calorosa cidade abaixo. Ele foi muito gentil e nos mostrou todas as instalações do local. Quando o visitamos já era quase noite, portanto não havia mais aulas; mas ele nos apresentou todos os seus alunos, deixou com que fizessem alguns exercícios de ginástica e os interrogou sobre história, geografia, aritmética etc., e sempre foi respondido corretamente e com cuidado. O estabelecimento tem 60 vagas, que se encontram todas ocupadas, apesar do preço anual de 1000 mil réis.

06 de outubro. Nosso desejo era de passar apenas um dia em *Nova Friburgo* e então continuar nossa viagem. Mas, infelizmente, a ferida obtida pelo conde na mão durante a nossa viagem para Petrópolis piorou por conta do calor e do uso constante da mão; uma inflamação surgiu e era impensável para ele continuar a viagem. Eu tive mais sorte com as minhas feridas, pois eram na parte superior do braço e eu pude limpar e cuidar delas o suficiente – já estavam perto de cicatrizar completamente e não representaram mais nenhum perigo para mim. Não me restou mais nada a não ser viajar sozinha ou desistir da parte mais interessante da viagem – a visita aos índios. Não pude aceitar a última opção; preocupei-me então em saber se essa viagem poderia ser feita com segurança, o que só me asseguraram parcialmente. Mas o senhor Lindenroth encontrou um guia confiável para mim e, armada com uma boa pistola de cano duplo, continuei minha viagem sem medo.

No começo, continuamos o caminho entre montanhas e descemos de novo para a região mais quente. Geralmente, os vales eram estreitos, com a uniformidade das florestas sendo quebrada com frequência por plantações, ainda que nem todas parecessem muito bonitas. A maioria estava tão cheia de ervas daninhas que não se podia distingui-la do plantio, principalmente quando as mudas ainda eram pequenas e jovens. Apenas as plantações de açúcar e café recebiam mais cuidados.

As plantas de café são enfileiradas até em morros consideravelmente inclinados. Elas alcançam uma altura entre seis e doze pés¹⁶⁴, começam a dar frutos no segundo ou no máximo no terceiro ano e permanecem produtivas por dez anos. Suas folhas são alongadas e levemente dentadas, suas flores são brancas e os frutos, que se penduram como uvas e se parecem com cerejas alongadas, são inicialmente verdes e ficam vermelhos, marrons e finalmente pretos. Enquanto estão vermelhas, a casca externa ainda é macia; depois vai endurecendo e fica parecida a um casulo de madeira. É possível encontrar flores e frutos maduros nas árvores ao mesmo tempo e pode-se colher frutos durante quase o ano inteiro. A colheita é feita de duas maneiras: ou se pega à mão fruto por fruto ou se estendem largas redes debaixo das árvores enquanto elas são sacudidas. A primeira forma é mais árdua, mas tem resultados incomparavelmente melhores.

Outro espetáculo que vi aqui pela primeira vez foram as frequentes queimadas de florestas, feito para que a terra fique limpa para o cultivo. Na maioria das vezes, eu vi as fumaças subindo à distância e, nesses momentos, só queria chegar mais perto do incêndio. O meu desejo foi realizado hoje, já que a estrada passava entre uma floresta queimando e um *roste*¹⁶⁵ queimado. O intervalo entre os dois era de no máximo 50 passos e estava impregnado de fumaça. Pude ouvir a crepitação do fogo e perceber altas colunas de fogo subindo em direção do céu por entre o denso vapor; de vez em quando, um barulho alto, que se assemelha a um tiro de canhão, anunciava a queda de uma das grandes árvores. Assumo que quando vi meu guia entrar neste inferno de fogo fiquei com um pouco de medo; mas pensei que ele não arriscaria sua própria vida e que deveria saber por experiência própria que é possível passar por lugares assim.

Dois pretos estavam sentados logo na entrada para indicar aos viajantes a direção que deveriam seguir e para sugerir que o fizessem o mais rápido possível. Meu guia traduziu o que disseram e esporeou o cavalo; segui seu exemplo e assim nós galopamos a toda velocidade pela fumaça.

As cinzas incandescentes voavam ao nosso redor em todas as direções. Mais lamentável que o calor do fogo era a agonia sufocante da fumaça; os animais também

¹⁶⁴ N.T.: 1,8 m e 3,6 m, respectivamente.

¹⁶⁵ Por *rost* se entende tanto um trecho de arbustos pequenos como um pedaço de terra onde a floresta foi queimada recentemente.

tinham dificuldades para respirar e nos esforçamos muito para mantê-los cavalgando. Felizmente, o trecho tinha apenas entre 500 e 600 passos de extensão e conseguimos atravessá-lo sem acidentes.

Um incêndio deste tipo nunca alcança uma grande extensão no Brasil, já que a vegetação é muito fresca e acaba sendo uma grande oposição ao fogo. É necessário iniciar vários focos de fogo e, mesmo assim, é possível encontrar trechos não queimados quando o fogo apagar. Logo depois que passamos por este perigoso caminho, alcançamos uma pedra magnífica, cujos lados quase perpendiculares deveriam ter uma altura de 600 ou 800 pés¹⁶⁶. Havia um grande número de fragmentos espalhados pelo caminho, formando um belo grupo.

Para minha grande surpresa, meu guia me falou que estávamos próximos do lugar onde passaríamos a noite. Mal tínhamos percorrido cinco léguas¹⁶⁷, mas ele afirmou que a próxima venda em que poderíamos pernoitar era muito longe. Depois pude entender que ele só queria aumentar a duração da nossa viagem, já que ela lhe rendia uma boa quantidade de dinheiro, pois recebia quatro mil réis por dia, além de uma boa alimentação, tanto para ele como para as mulas.

Assim, permanecemos durante a noite, em uma venda isolada em plena floresta densa, propriedade do senhor Molaß.

Sofremos muito com o calor durante o dia – os termômetros marcaram 39 °Ré¹⁶⁸ no sol.

O que mais chama a atenção de um viajante nos colonizadores e moradores do Brasil é o contraste entre medo e coragem. Por um lado, todas as pessoas que se veem pelas ruas estão armadas com pistolas e facões, como se o país todo estivesse cheio de ladrões e assassinos; por outro, os donos das plantações moram sozinhos no meio de uma grande massa de escravos, e os viajantes pernoitam sem medo no meio de vendas isoladas em florestas impenetráveis, sem grades nas janelas ou trancas nas portas. O quarto do proprietário é distante dos cômodos dos hóspedes e seria impossível ter alguma ajuda dos funcionários (escravos), já que eles vivem em um canto do estábulo ou no sótão. No começo, a ideia de passar a noite sozinha em um quarto não bem fechado, cercada por uma floresta selvagem, me assustava. Mas,

¹⁶⁶ N.T.: 182 m e 243 m, respectivamente.

¹⁶⁷ N.T.: 24,1 km.

¹⁶⁸ N.T.: 48 °C.

considerando que todos me asseguraram que invasões deste tipo eram desconhecidas, logo abandonei esta ansiedade supérflua e dormia tranquilamente.

Conheço poucos países na Europa pelos quais gostaria de me arriscar, tendo somente a companhia de um guia contratado, a viajar por florestas densas e passar a noite em casinhas terrivelmente isoladas.

No dia 07 de outubro, também fizemos uma jornada curta, de cinco léguas¹⁶⁹, até a cidadezinha de *Canto Gallo*. O cenário permaneceu o mesmo: vales fechados e estreitos e montanhas cobertas com florestas virgens. Se não fossem as pequenas fazendas ou regiões de queimadas que apareciam aqui e ali nos lembrando da existência do ser homem, acreditaria estar em uma parte ainda não explorada do Brasil.

Um pequeno desvio da estrada principal nos trouxe uma alternância aventureira da monotonia do caminho. Para alcançar novamente a rua certa, precisamos penetrar caminhos ainda não abertos pela floresta – uma tarefa inimaginável para os europeus. Descemos dos animais e o guia precisava levantar os galhos baixos à direita e à esquerda, cortando a trama complexa formada pelas plantas trepadeiras. Logo precisamos escalar por pilhas de galhos, e então nos apertar para passar por entre eles, por vezes ficando com as pernas afundadas até o joelho, numa rede de intermináveis plantas. Quase comecei a duvidar da possibilidade de chegarmos ao outro lado e até hoje não entendo como conseguimos escapar desta mata impenetrável.

A pequena cidade de *Canto Gallo* fica em um vale estreito e conta com cerca de 80 casas. A venda fica um tanto afastada, e não é possível ver a cidade a partir dela. A temperatura aqui é tão quente quanto no Rio de Janeiro.

Depois de um pequeno passeio até a cidadezinha, voltei para a venda e me apresentei para a hospedeira, para poder ter ao menos uma ideia de como é a manutenção de uma casa. Mas a querida senhora se preocupava muito pouco com o cuidado da casa e da cozinha – assim como na Itália, isso é coisa do marido. Uma preta e dois jovens pretos cuidam da cozinha, cuja instalação era de uma grande simplicidade. O sal era moído com uma garrafa, assim como as batatas cozidas; aqui elas eram também pressionadas em uma panela com ajuda de um prato, para que

¹⁶⁹ N.T.: 24 km.

ficassem com o formato de um bolo. Um pedaço pontudo de madeira servia como garfo etc. Para cada preparo havia um grande fogo.

Todos que eram brancos tiveram um lugar à mesa. Todos os pratos, que consistiam em rosbife frio, feijões pretos cozidos com *carna secca*¹⁷⁰, batatas, arroz, farinha de mandioca e raízes de mandioca cozidas, foram postos ao mesmo tempo na mesa e cada um se servia como queria. No fim, foi servido um café preto. Os escravos foram alimentados com feijão, *carna secca* e farinha de mandioca.

08 de outubro. A *Fazenda Boa Esperança*, a uma distância de seis léguas¹⁷¹, era a nossa meta do dia. A uma légua de *Canto Gallo* chegamos em uma pequena cachoeira e então continuamos pela floresta mais bonita que já vi. Uma pequena subida na orla de um riacho nos levou até lá. Palmeiras com suas copas altas e majestosas erguiam-se sobre as árvores floridas, que estavam tão entrelaçadas que formavam uma espécie de telhado; orquídeas se multiplicavam pelos ramos e galhos; plantas trepadeiras e samambaias subiam pelas árvores, misturando-se aos galhos e formando grandes muros de flores com as cores mais bonitas e com o mais doce perfume; delicados beija-flores voavam por todos os lados; acima, os tucanos com suas belas cores voavam timidamente; papagaios e periquitos se equilibravam nos galhos; vários outros pássaros de cores maravilhosas, que eu vira somente no museu, também viviam nesse bosque encantado. Parecia que eu estava passeando por um parque de fadas, e achei que a qualquer momento veria silfos e ninfas.

Estava muito feliz e realizada e senti que todo o esforço da minha viagem havia sido recompensado. Apenas um pensamento trouxe sombras para esta linda imagem, a ideia de o fraco homem ter a ousadia de se pôr na luta contra essa natureza gigante para fazê-la se curvar aos seus desejos. Em breve, essa tranquilidade profunda e sagrada talvez já será perturbada pelos golpes de machado de algum colonizador audaz, apenas para abrir espaço para os desejos da vida.

Não vi animais selvagens, exceto algumas cobras escuras de cinco a sete pés¹⁷² de comprimento, uma onça morta, cuja pele havia sido retirada, e um lagarto

¹⁷⁰ *Carna secca* é uma das principais comidas brasileiras tanto para brancos quanto para negros; trazida de Buenos Aires, é uma carne de gado cortada em tiras longas e finas, salgada e seca a céu aberto.

¹⁷¹ N.T.: 28,9 m.

¹⁷² N.T.: 1,5 m e 2,1 m, respectivamente.

de três pés¹⁷³ de comprimento, que saiu assustado do nosso caminho – não vi macacos. Eles se escondem mais para dentro da floresta, onde nenhum passo humano atrapalhe seus pulos e brincadeiras.

Durante o caminho de *Canto Gallo* até a pequena vila de *St. Ritta* (quatro léguas¹⁷⁴), apenas algumas plantações de café mostravam que a região não era completamente esquecida pelo homem.

Perto de *St. Ritta*, há lavagem de ouro em um rio de mesmo nome e não muito longe dali já foram encontrados diamantes. Já que a busca por diamantes não é mais monopólio do império, qualquer pessoa pode entrar nesse negócio que, mesmo assim, é praticado com a mais alta descrição. Ninguém assume procurar diamantes para evitar pagar os impostos governamentais fixados por lei. As pedras preciosas são procuradas em certos lugares com areia, pedras e solo trazidos pela chuva.

A última noite, ainda em *Canto Gallo*, foi a última vez que encontrei hospedagem em uma venda. A partir de agora, eu dependeria da hospitalidade dos fazendeiros. Segundo os costumes locais, quando se chega em uma fazenda na qual se quer permanecer durante o dia ou durante a noite, deve-se esperar do lado de fora da residência e pedir permissão por meio de um criado. Somente se a permissão for concedida, o que quase sempre acontece, pode-se descer das mulas e entrar na construção.

Fui recebida na *Fazenda Boa Esperanza* de maneira muito amigável e, como cheguei perto do horário do jantar (era entre 15 e 16h), logo se colocaram lugares para mim e para meu criado à mesa. Os pratos eram numerosos e preparados de maneira muito parecida com a europeia.

Em todas as vendas e fazendas as pessoas se surpreendiam imensamente quando viam a mim, uma mulher, com um único criado. A primeira pergunta sempre era se eu não tinha medo de cruzar a floresta sozinha – e então meu guia era invariavelmente chamado ao lado e interrogado sobre os motivos da minha viagem. Como eu frequentemente coletava flores e insetos, ele me tomou por uma naturalista e dava a ciência como motivo da minha viagem.

¹⁷³ N.T.: 91 cm.

¹⁷⁴ N.T.: 19,3 km.

Depois do jantar, a amável senhora da casa me propôs uma visita pelas plantações de café, armazéns etc. Aceitei essa sugestão com prazer, já que me dava a oportunidade de ver o preparo do café do começo ao fim.

Eu já contei em outro momento como é a colheita dos grãos. Depois dela, o café é espalhado em ambientes grandes, de piso batido especialmente para esse fim e rodeados por muros baixos que não têm a altura de um pé, com pequenos buracos para a água escoar em caso de chuva. Nestes espaços, o café seca com o brilho dos raios do sol; é então levado para grandes pilões de pedra – 10 ou 20 deles ficam embaixo de uma armação de madeira, pela qual martelos de madeira descem em sua direção, quebrando as cascas dos grãos com facilidade. Os martelos são movidos com energia hidráulica. A massa resultante desse processo passa então por caixas de madeira, fixas no meio de uma longa mesa, com buracos dos dois lados, pelos quais passam lentamente tanto o café como a palha. À mesa se sentam pretos, que separam os grãos das cascas e os colocam em caldeiras planas de cobre levemente aquecidas. O café permanece nestas caldeiras o tempo que precisar para secar e é mexido com cuidado. Esta última etapa requer bastante atenção, uma vez que a cor do café depende da quantidade de calor ao qual ele é exposto; se secar muito rapidamente, não terá uma cor esverdeada, e sim amarelada.

No geral, a produção de café não é tão puxada, e a colheita em si não é tão difícil quanto a de grãos é para nós. Os pretos colhem o café em uma postura ereta e são protegidos do calor intenso pela sombra da própria árvore. O único perigo é ser picado por uma cobra peçonhenta, o que por sorte acontece não acontece muito.

Ao contrário disso, o trabalho em plantações de açúcar é tido como muito fatigante, principalmente as etapas de limpeza do chão e o corte da cana. Eu ainda não presenciei a colheita do açúcar, mas talvez ainda consiga fazer isso durante o desenrolar da minha viagem.

O trabalho se encerra com o pôr do sol; então os pretos devem se encaminhar para a frente da casa do senhor para serem contados. Depois de uma curta oração, serve-se o jantar: feijão cozido com bacon, *carna secca* e farinha de mandioca. Com o nascer do sol, eles são reunidos e contados novamente, e então, depois de uma oração e do café da manhã, vão para o trabalho.

Tanto nesta como em outras fazendas, tive a oportunidade de observar vendas e casas particulares nas quais os escravos não são tão maltratados quanto se pensa na Europa. Não são sobrecarregados de trabalho, exercem seu trabalho com calma e

são bem alimentados. Seus filhos com frequência brincam com os filhos do senhor e brigam entre si como se fossem iguais. Existem casos em que escravos são punidos desnecessariamente e cruelmente; mas também não existem injustiças na Europa?

Sou certamente uma grande opositora da escravidão, e saudaria sua abolição com grande alegria na alma. Todavia, repito minha afirmação de que os escravos negros daqui têm, por lei, mais sorte do que os felás livres do Egito ou muitos agricultores na Europa, que suspiram embaixo da grande carga de trabalho. Uma das principais razões para a sorte dos escravos em comparação a desses agricultores é, provavelmente, que sua compra e manutenção são muito caras, enquanto os últimos não custam nada.

As instalações na casa do proprietário da fazenda são muito simples. As janelas não têm vidro e são fechadas de noite com tábuas de madeira. Em muitos casos, o telhado da casa é a única cobertura, sendo comum a todos os quartos. Os cômodos pessoais são separados um dos outros apenas por uma parede fina, então não só se ouve todas as palavras ditas pelos seus vizinhos de quarto, mas também suas respirações ao dormir. Os móveis também são muito simples – uma grande mesa de jantar, alguns assentos de palha trançada e algumas cadeiras. As roupas são normalmente penduradas nas paredes; somente as roupas sujas são guardadas em malas, para protegê-las do ataque de formigas e baratas.

As crianças, mesmo os filhos das pessoas ricas, vão com frequência para o campo sem sapatos ou meias. Antes de irem para a cama, seus pés são examinados e, se alguma pulga-do-mar for encontrada, é removida com um alfinete pela criança negra mais velha.

09 de outubro. Despedi-me dos meus bons hospedeiros logo cedo de manhã. A cuidadosa senhora me deu um pacote com um frango assado, farinha de mandioca e queijo, então comecei a viagem com todas as provisões necessárias.

A nossa próxima parada, *Aldeo de Pedro*, nas margens do *Parahyby*, estava a quatro léguas¹⁷⁵ de distância. Atravessamos belas florestas e, na metade do caminho, alcançamos o rio *Parahyby*, um dos maiores do Brasil. Ele é repleto de penhascos e pedras, que eram ainda mais visíveis que de costume, devido ao fato do rio não estar tão cheio nesse momento. Pequenas ilhas cobertas de pequenas árvores e arbustos

¹⁷⁵ N.T.: 19,3 km.

erguem-se por todos os lados, conferindo ao rio um charme quase mágico. Durante o período de chuvas, a maioria das pedras e ilhas está coberta de água e a correnteza é ainda maior e mais majestosa; mas mesmo assim, por conta das inúmeras pedras, o rio só pode ser navegado com pequenos barcos e jangadas.

Quanto mais se cavalga pelas margens do rio, mais a paisagem muda: as montanhas em primeiro plano tornam-se pequenas colinas e se retiram. Quanto mais perto se chega da *Aldea do Pedro*, maior e mais largo é o vale. Agora só se veem montanhas ao fundo – uma delas se ergue, sozinha e um tanto nua, ao alto. Neste momento meu guia apontou que nosso caminho passava por ela, já que procuraríamos os *puris* que vivem adiante.

Ao meio-dia encontramos a *Aldea do Pedro*, um vilarejo que possui uma igreja murada com capacidade para cerca de 200 pessoas. Eu quis continuar a viagem até os *puris* no mesmo dia, mas meu guia tinha fortes dores no joelho e não poderia continuar a cavalgar. Não me restou nenhuma opção a não ser pedir abrigo ao Padre, que me recebeu com prazer. Ele tinha uma casa bastante boa conectada a igreja.

10 de outubro. Como o sofrimento de meu guia aumentara, o Padre me ofereceu um preto em troca. Eu aceitei a oferta com muita gratidão, mas não consegui continuar a viagem antes da uma hora da tarde. Mas isso não foi de todo ruim, era domingo e eu esperava ver muitas pessoas do interior vindo para a missa. Mas isso não aconteceu. Ainda que fizesse um dia lindo, chegaram apenas cerca de 30 pessoas. Os homens vestiam-se de acordo com a moda europeia; as mulheres vestiam longos mantos com colares e traziam nas cabeças panos brancos, que cobriam inclusive parte do rosto, que elas tiravam dentro da igreja. Tanto os homens como as mulheres estavam descalços.

Por coincidência, pude presenciar um enterro e um batizado. Logo durante o começo da missa chegou um barco vindo da outra margem do *Parahyby*, dentro do qual havia uma rede com o morto. Ele foi colocado em um caixão aberto, preparado para este fim em uma casa próxima à igreja. O cadáver estava coberto com um pano branco através do qual se via os pés e a cabeça. Sob a cabeça havia uma capa de um tecido preto brilhante.

Antes do enterro foi realizado o batizado. A pessoa que seria batizada era um jovem preto de 15 anos de idade, que estava com a sua mãe na porta da igreja. O padre batizou o menino em passagem, quando entrava na igreja para celebrar a missa, sem muita cerimônia e solenidade – sem nem mesmo testemunhas. O bom

menino também parecia tão pouco tocado pelo gesto quanto um recém-nascido. Não acredito que ele nem sua mãe tivessem a mínima ideia da importância desse rito.

O padre deixou a missa rapidamente e então abençoou o morto que, já que entramos neste assunto, pertencia a uma família próspera – por isso recebeu um enterro decente. Mas, que azar! Quando o morto começou a ser colocado em seu frio leito de descanso final, descobriu-se que era muito curto e estreito. O pobre foi balançado com seu caixão para lá e para cá tantas vezes que eu esperava que ele saísse rolando a qualquer momento. Mas tudo foi em vão: depois de muito esforço desnecessário, não restou mais nada a não ser colocar o morto e seu caixão de lado e aumentar a cova, o que foi feito sem muita vontade e sob protestos.

Mas finalmente este episódio desgastante ficou para trás. Voltei para a casa, onde tomei um café da manhã reforçado com o Padre e, então, continuei meu caminho com meu guia preto.

Cavalgamos por um grande vale e por belas florestas, e precisamos cruzar dois rios, o *Parahyby* e o *Pomba*, usando troncos ocos de árvore. Para cada uma destas travessias precisei pagar mil réis. Além disso, estas travessias foram muito perigosas, não tanto pela correnteza ou pelos pequenos veículos que usamos, mas sim por contas dos animais, que foram mantidos no cabresto e nadaram ao nosso lado, chegando às vezes tão perto das canoas que achei que fossemos virar a qualquer momento.

Depois de termos percorrido três léguas¹⁷⁶, alcançamos o último estabelecimento dos brancos¹⁷⁷. Em um espaço aberto, conquistado da floresta com muito esforço, havia uma casa grande de madeira, cercada por muitos casebres menores; a casa servia aos brancos, os casebres aos escravos. Tinha comigo uma carta escrita pelo padre, o que me garantiu que fosse acolhida.

Vivia-se neste estabelecimento de uma tal maneira que eu acreditei já estar no meio de selvagens.

A casa grande era composta por uma sala de entrada, separada dos quatro quartos, cada um pertencente a uma família branca. A mobília dos quartos era composta de algumas redes e colchões de palha. Os moradores espalhavam-se pelo

¹⁷⁶ N.T.: 14,4 km.

¹⁷⁷ Por brancos entende-se não apenas europeus recém-chegados ao país, mas também os portugueses que já estão aqui a séculos.

chão e brincavam com as crianças ou ajudavam uns aos outros a se livrarem dos insetos. A cozinha era conectada diretamente à casa e se assemelhava a um grande celeiro com aberturas; havia um fogão a lenha, que possuía quase a mesma extensão que o cômodo inteiro, com muitas bocas queimando; acima dele, estavam pendurados pequenas caldeiras e espetos de madeira, nos quais era preparada carne, às vezes direto no fogo, às vezes apenas com a fumaça. A cozinha estava cheia de pessoas; haviam brancos, puris e pretos, e filhos de brancos com puris ou de puris com pretos – resumindo, o lugar era um catálogo de espécies contendo as mais variadas ramificações das três principais raças do país.

No pátio havia uma quantidade imensa de galinhas, gansos e patos coloridos; vi também porcos engordados ao extremo e cachorros terrivelmente feios. Debaixo de alguns coqueiros e árvores de tamarindo, que estavam carregados de belas frutas, sentiam-se brancos e pessoas de cor, sozinhos ou em grupos, a maioria ocupando-se em saciar a fome. Alguns tinham em sua frente panelas quebradas ou cabaças de abóbora, onde misturavam feijões cozidos e farinha de mandioca com as mãos. Comiam essa massa grossa e pouco apetitosa com muita vontade. Outros comiam pedaços de carne, rasgando-os com as mãos e colocando-os na boca entre um punhado de farinha de mandioca e outro. As crianças, que também seguravam seus recipientes, precisavam defender valentemente seu conteúdo, porque às vezes um galo pegava alguma coisa, outras vezes um cachorro abocanhava alguma outra coisa, ou ainda um porquinho escapava e, conseguindo alguma comida, grunhia felizmente por não ter feito toda a jornada por nada.

Enquanto eu seguia com minhas observações, pude ouvir uma gritaria feliz vinda de fora do pátio; fui até lá e vi dois jovens com uma cobra preta e marrom muito grande, com mais de sete pés¹⁷⁸ de comprimento, amarrada a uma corta. Ela já estava morta e, pelo que pude entender das explicações dos jovens, a mordida dela é tão perigosa que quem a sofre incha rapidamente e logo morre.

Essa descrição me deixou com um pouco de medo: não queria estar na floresta quando já estivesse escuro e correr o risco de ter que passar a noite debaixo de alguma árvore, então adiei minha visita aos selvagens para a manhã seguinte. As boas pessoas que me recebiam acharam que eu estava com medo dos selvagens e

¹⁷⁸ N.T.: 2,1 m.

me asseguraram constantemente que eles eram homens inofensivos, que eu não deveria ter medo. Considerando que meu conhecimento de português se resume a umas poucas palavras, achei difícil me fazer entender; somente com ajuda de gestos, e alguns desenhos, que consegui explicar o verdadeiro motivo de meu medo.

Passei a noite com esses semisselvagens, que sempre foram muito respeitosos e me cobriram de atenção. Um colchão de palha que, por meu pedido, foi posto sob um telhado no pátio, me serviu de cama. Trouxeram-me frango grelhado, arroz e ovos cozidos como lanche e laranjas e vagens de tamarindo como ceia – as últimas têm uma polpa marrom agridoce muito saborosa. As mulheres ficaram próximas de mim e aos poucos consegui me comunicar com elas maravilhosamente bem.

Eu mostrei para elas os diferentes tipos de flores e insetos que coletei durante o dia. Elas devem, portanto, ter me considerado uma pessoa estudada e acabaram me atribuindo também um conhecimento médico, solicitando meu conselho sobre diferentes casos de doença: problemas de orelha, erupções cutâneas, além de uma tendência infantil à escrófula etc. Eu recomendei banhos mornos, lavagens e uso de óleo e sabão – queira Deus que tudo isso tenha sido de alguma ajuda.

No dia 11 de outubro fui, na companhia de uma preta e um índio puri, para a floresta, na busca pelos índios. Com muito esforço, conseguimos passar pelo bosque até que encontrássemos novamente um caminho estreito, pelo qual era mais fácil prosseguir com a viagem. Depois de cerca de oito horas de viagem, nos deparamos com alguns puris, que nos guiaram para suas cabanas.

Ali encontrei a grande pobreza, a grande miséria! – Durante minhas viagens já vi muitas imagens da pobreza, mas nunca vira algo assim.

Em um pequeno espaço de baixo de árvores altas estavam armadas cinco cabanas ou, melhor dizendo, tetos de folhas (com cerca de cinco metros de comprimento por quase quatro de largura). O esqueleto das estruturas é formado por quatro estacas fixadas no chão e uma estaca transversal – grandes folhas de palmeira, sem nenhuma resistência à chuva, formavam o teto. Esses caramanchões eram abertos completamente em três lados. No seu interior estavam penduradas umas duas redes e no chão havia cinzas e fogo, no qual eram assadas algumas raízes, milho e bananas. Em um cantinho abaixo do telhado guardavam-se as provisões. Além disso, algumas cabaças, usadas por esses selvagens no lugar de pratos, panelas e recipientes para água, jaziam espalhadas pelo local. Os longos

arcos e flechas, as únicas armas que tinham, estavam apoiados em uma parede ao fundo.

Achei os índios ainda mais feios que os pretos – a cor da pele deles é de um bronze claro, suas estaturas são atarracadas e seu tamanho mediano. Eles têm feições chatas e um tanto reduzidas e cabelos pretos, espessos e lisos, que as mulheres usam em longas tranças, presas na parte de trás da cabeça, ou ainda soltos ao longo do corpo. Suas testas são largas e baixas, o nariz é achatado, os olhos longos e estreitos, como os dos chineses, e suas bocas são largas, com lábios grossos. Para salientar ainda mais essas belezas, uma feição peculiar de estupidez está espalhada pelo rosto de todos eles, principalmente por conta da maneira com a qual suas bocas estão sempre abertas.

A maioria deles, tanto homens quanto mulheres, eram tatuados com uma cor avermelhada ou azulada, mas apenas ao redor da boca, no formato de um bigode. Índios de ambos os sexos têm paixão por fumar tabaco e amam aguardente acima de tudo. Suas vestimentas são compostas de trapos, amarrados ao ventre.

Eu já ouvira em Nova Friburgo alguns fatos interessantes sobre os puris, que relato a partir de agora.

Calcula-se que o número de índios no Brasil atualmente seja de cerca de 500 mil, que vivem espalhados pelas florestas no coração do país. Seis ou sete famílias, não mais que isso, se alojam em um mesmo local, que deixam logo depois de terem matado os recursos disponíveis na vizinhança, consumindo todas as frutas e raízes. Um grande número desses índios foi batizado. Eles estão dispostos a ir prontamente às cerimônias em troca de aguardente ou tabaco, e só se ressentem não poder ir a elas com mais frequência, já que acabam rapidamente com os presentes. Os padres acreditam que devem apenas executar o ritual para conseguir mais uma alma para o céu e depois se preocupam muito pouco com a instrução, as maneiras e a moral dos convertidos. Esses são chamados de cristãos ou *selvagens domesticados*, apesar de viverem da mesma maneira pagã que viviam antes. Por exemplo, eles casam por períodos indefinidos; elegem seus caciques (chefes) entre os homens mais fortes e finos; seguem todos os seus costumes em casamentos e mortes, assim como faziam antes do batismo.

A língua deles é muito pobre: eles só conseguem, por exemplo, contar até dois, por isso precisam repetir os números *um* e *dois* continuamente quando desejam expressar um número maior. Além disso, para as palavras *ontem*, *hoje* e *amanhã* eles

só usam a palavra *dia*, usando sinais para expressar significados mais particulares; para *hoje*, eles dizem *dia* e balançam a cabeça ou apontam para cima; para *amanhã*, usam novamente a palavra *dia*, apontando o dedo para frente; para *ontem*, usam a mesma palavra, mas apontam para trás de si mesmos.

Os puris são peculiarmente conhecidos por encontrarem pretos fugitivos, já que seus órgãos olfativos são bem desenvolvidos. Eles cheiram os traços dos fugitivos nas folhas das árvores; se o preto não conseguir alcançar alguma corrente, na qual ele consiga nadar uma distância considerável, é certo que raramente conseguirá escapar de um índio que está em seu percalço. Eles são empregados também para trabalhos pesados, como o abate de árvores e cultivo de milho e mandioca, já que são flexíveis e se sentem bem pagos com um pouco de tabaco, aguardente e tecidos coloridos. Mas não devem ser, de forma alguma, obrigados a fazer algo: eles são homens livres. Porém, raramente oferecem alguma assistência, a não ser que estejam famintos.

Visitei a cabana de todos esses selvagens e, como meu guia me apresentou como uma mulher de grande conhecimento, pediram meus conselhos para o benefício de todos que se encontravam doentes.

Em uma das cabanas, encontrei uma mulher gemendo em sua rede. Quando me aproximei, afastaram a coberta da pobre criatura e pude perceber que todo seu seio fora tomado por um câncer. Ela não parecia ter nenhum conhecimento sobre curativos ou qualquer outro meio de aliviar sua dor. Aconselhei-a a lavar sua ferida frequentemente com uma decocção de malva¹⁷⁹ e, além disso, a cobri-la com algumas folhas da mesma planta. Só posso esperar que meu conselho tenha lhe provido algum alívio.

Esse mal terrível não parece ser raro entre os puris, pois vi muitas de suas mulheres, muitas das quais apresentavam inchaços, inflamações e até pequenos tumores em seus seios.

Depois de ter examinado o suficiente tudo em suas cabanas, fui caçar papagaios e macacos com alguns dos selvagens. Não precisamos ir longe para encontrar os dois; e eu tive uma oportunidade de admirar a habilidade com a qual essas pessoas usam seus arcos. Eles acertaram pássaros mesmo quando estes

¹⁷⁹ Essa planta saudável cresce comumente no Brasil.

estavam voando e apenas raramente erraram o alvo. Depois de atingirem três papagaios e um macaco, retornamos às cabanas.

As boas criaturas me ofereceram a melhor cabana que tinham e me convidaram para passar a noite com elas. Estava muito cansada pela natureza laboriosa da minha jornada a pé, pelo calor e pela excursão de caça, então aceitei a proposta com grande prazer: o dia também já estava chegando ao fim e eu não teria sido capaz de chegar ao assentamento dos brancos antes da noite. Portanto, eu estendi minha capa no chão, arranjei uma tora de madeira que servisse de travesseiro e me sentei no meu esplêndido sofá. Enquanto isso, meus anfitriões preparavam o macaco e os papagaios, colocando-os em espetos de pau e deixando-os assar no fogo. Para preparar uma refeição de fato saborosa, colocaram ainda alguns milhos selvagens e algumas raízes nas cinzas. Depois, pegaram algumas folhas grandes das árvores, dividiram o macaco em pedaços com as próprias mãos e, servindo uma grande porção dele, assim como de papagaio, milho e raízes, colocaram a folha na minha frente. Eu tinha um grande apetite, não havia comido nada desde a manhã. Portanto, peguei imediatamente o macaco assado, que achei extremamente delicioso; a carne do papagaio, porém estava longe de ser tão macia e palatável.

Depois da nossa refeição, implorei para que os índios dançassem para mim – um pedido que atenderam rapidamente. Como já estava escuro, trouxeram uma certa quantidade de madeira, que organizaram em uma pilha, e atearam fogo: os homens então fizeram um círculo ao redor da fogueira e começaram a dançar. Jogavam seus corpos de um lado para o outro de uma maneira estranha, mas sempre movendo a cabeça para frente em uma linha reta. As mulheres então começaram a participar, mantendo, porém, alguma distância dos homens, fazendo os mesmos movimentos estranhos. Eles começaram a fazer então o mais terrível som, que era para ser uma música, ao mesmo tempo que distorciam suas feições de uma maneira assustadora. Um deles estava sentado do lado, tocando uma espécie de instrumento de corda, feito com o caule de uma palmeira e com quase um metro de comprimento. Havia um buraco em uma posição inclinada e seis fibras do caule haviam sido erguidas e mantidas em uma posição elevada em cada ponta com o auxílio de uma pequena ponte. O instrumento era tocado com dedos assim como se toca um violão: o tom era baixo, desagradável e rouco.

Chamaram essa primeira dança de Dança da Paz e da Alegria. Os homens então dançaram sozinhos uma dança mais selvagem. Depois de vestirem arcos,

flechas e tacos fortes, formaram outro círculo, mas seus movimentos eram mais rápidos e selvagens que no primeiro caso, e também batiam seus tacos em um movimento terrível. Então, de repente, quebraram seus tacos, empunharam seus arcos, posicionaram suas flechas e fingiram atirar em um inimigo voador, proferindo ao mesmo tempo choros cortantes, que ecoaram por toda a floresta. Comecei a ficar aterrorizada, pois acreditei que estivéssemos de fato cercados de inimigos e entregues aos seus poderes, sem nenhuma chance de ajuda ou assistência. Fiquei bastante feliz quando essa dança da guerra chegou ao fim.

Depois de me retirar para dormir, e quando tudo ao meu redor ficou gradualmente em silêncio, fui tomada por apreensões de outro tipo: pensei no número de bestas selvagens e serpentes horríveis que poderiam estar perto de mim e na situação exposta na qual me encontrava. Isso me manteve desperta por algum tempo, e muitas vezes achei ter ouvido barulhos pelas folhas, como se um dos temidos animais estivesse se aproximando. Em algum tempo, porém, meu corpo cansado reclamou o que era seu por direito. Deitei minha cabeça no travesseiro de madeira e me consolei com a ideia de que o perigo não deveria ser tão grande quanto muitos viajantes acreditam, ou não seria possível que os selvagens vivam como vivem, sem cuidados, em suas cabanas abertas!

No dia 12 de outubro, logo de manhã cedo, me despedi dos selvagens e fiz para eles um presente com vários ornamentos de bronze, dos quais gostaram tanto que me ofereceram quase tudo que tinham. Aceitei um arco e algumas flechas como lembrança da minha visita. Retornei para a casa de madeira e, tendo distribuído presentes similares lá, subi em minha mula e cheguei ao anoitecer na Aldeia do Pedro.

Na manhã do dia 13 de outubro, disse adeus ao gentil padre e comecei minha jornada de volta a *Novo Friburgo* com meu antigo guia, agora recuperado, pelo mesmo caminho da vinda – exceto que agora nos tomou três dias, e não quatro. E então reencontrei o Conde Berchtold, já bastante bem. Decidimos, portanto, fazer uma pequena excursão a uma cachoeira a três léguas¹⁸⁰ de *Novo Friburgo* antes de voltar para o Rio de Janeiro. Mas por acaso ficamos sabendo que o batizado da Princesa Isabella seria realizado no dia 19 de outubro. Já que não queríamos perder essa interessante festa, decidimos começar de imediato a viagem de volta. Tomamos o

¹⁸⁰ N.T.: 14,4 km.

mesmo caminho que fizemos na vinda até cerca de uma légua¹⁸¹ de *Ponte de Pinheiro*, onde seguimos por outro caminho, em direção do *Porto de Praja*. Esse caminho tem oito léguas¹⁸² a mais por terra, mas muito mais curto por mar, e o caminho entre *Porto de Praja* para o Rio de Janeiro é percorrido em meia hora com um navio a vapor.

O cenário ao redor de *Pinheiro* era em grande parte triste e chato, praticamente um deserto, cuja uniformidade só era quebrada em alguns lugares por florestas pobres ou pequenos morros. Apenas quando já nos aproximávamos da capital é que pudemos nos alegrar novamente com a vista de montanhas altas.

Agora preciso comentar sobre um equívoco cômico feito pelo Senhor Beske de *Nova Friburgo*. No começo, não conseguimos entender muito bem a situação, mas depois ela nos rendeu muito material para risada. O senhor Beske havia recomendado um guia, descrevendo-o como uma enciclopédia ambulante e que, supostamente, teria respostas completas para todas as nossas perguntas sobre flores, plantas, região etc. Nós nos alegramos muito em ter uma fênix como essa como guia e aproveitamos todas as oportunidades que tínhamos para testar seus conhecimentos. Mas ele era incapaz de nos dar qualquer informação; quando perguntávamos o nome de um rio, dizia que ele era muito pequeno e não tinha nenhum nome; as árvores eram insignificantes e as plantas muito comuns. Sua ignorância era muito grande. Fizemos alguma investigação e descobrimos que não era esse o guia que o senhor Beske não nos indicara, mas sim seu irmão, que infelizmente morrera há seis meses, acontecimento que o senhor Beske deve ter esquecido.

Felizes, chegamos no Rio de Janeiro no dia 18 de outubro no fim do dia. Logo pedimos informações sobre o batizado e descobrimos que ele fora adiado para o dia 15 de novembro, e que no dia 19 de outubro celebrar-se-ia somente o dia onomástico do imperador. Ou seja, havíamos apressado nossa viagem de volta sem nenhum motivo, poderíamos ter aproveitado com muita calma a bela cachoeira perto de *Novo Friburgo*.

As distâncias destas excursões somam:

Do Rio de Janeiro a Sampajo ----- 8 léguas

De Sampajo a Novo Friburgo ----- 20 léguas

¹⁸¹ N.T.: 4,8 km.

¹⁸² N.T.: 38,6 km.

De Nova Friburgo aos índios ----- 25 léguas

53 léguas¹⁸³

5.7 CAPÍTULO 6 – PARTIDA DO RIO DE JANEIRO. SANTOS E SÃO PAULO. TRAVESSIA DO CABO HORN. CHEGADA EM VALPARAÍSO.

08 de dezembro de 1846 a 02 de março de 1847

Quando tratei de comprar uma vaga a bordo da barca "John Renwick" por £ 25, o Capitão Bell prometeu que partiríamos, no mais tardar, até o dia 25 de novembro, e que não faria nenhuma parada em portos intermediários, mas que iria direto para Valparaíso. Acreditei na primeira promessa porque ele me assegurou que cada dia que ele ficava parado no porto lhe custava sete libras – na segunda, acreditei porque estou disposta a acreditar em todas as pessoas, mesmo quando se trata de capitães de navio. Fui enganada nas duas promessas: somente no dia 08 de dezembro recebi o aviso para embarcar no navio, o que deveria fazer na mesma noite, e somente então o capitão me esclareceu que pararíamos em Santos para abastecer o navio de alimentos, já que lá eles seriam bem mais baratos que no Rio de Janeiro.

Me despedi de meus amigos e subi a bordo naquela noite; o Conde Berchthold e os senhores Geiger e Rifter acompanharam-se até o navio.

As âncoras foram levantadas no começo da manhã do dia 09 de dezembro, mas o vento estava tão desfavorável que precisamos bordejar o dia inteiro para alcançar o mar – somente no meio-dia do dia 10 a terra saiu da nossa vista.

Além disso, estávamos em oito passageiros no navio: cinco franceses, um belga e dois milaneses. Considerei os dois últimos como quase conterrâneos, e logo já nos dávamos muito bem.

Os dois italianos faziam a viagem pelo Cabo Horn pela segunda vez nesse ano. Sua primeira viagem não fora muito feliz; haviam alcançado o Cabo Horn no período

¹⁸³ N.T.: 38,6 km, 96,5 km, 120,7 km, 255, 8 km, respectivamente.

do inverno, que nas latitudes ao sul acontece entre abril e novembro¹⁸⁴. As condições climáticas não eram adequadas para a circum-navegação do Cabo; ventos fortes e tempestades faziam com que o barco recuasse constantemente. Lutaram por 14 longos dias sem conseguir ganhar nenhuma distância. A tripulação então perdeu sua força e pediu que o barco voltasse e esperasse ventos mais favoráveis. O capitão foi o único que não concordou com isso e conseguiu manipular a ambição da tripulação tão bem que eles se sentiram motivados a voltar a lutar contra os elementos – mas esta seria a última tentativa. Na mesma noite, uma onda terrível atingiu o navio, destruindo toda a sua parte superior e jogando o capitão e outros seis marinheiros ao mar. Uma correnteza de água entrou nas cabines e tirou todos da cama. O grande mastro precisou ser cortado; a água levou consigo as balaustradas do navio, os botes e a caixa de controle. Os marinheiros viraram o navio e, depois de uma longa e perigosa viagem, conseguiram levá-lo, com meio mastro, de volta ao Rio de Janeiro.

A história não foi um bom presságio para a nossa viagem – mas o fato de estarmos em uma estação do ano melhor e que tenhamos um bom navio tenha aliviado o nosso medo. Não podíamos ter escolhido um navio melhor – as cabines eram grandes e confortáveis, o capitão era excepcionalmente bondoso e gentil e a alimentação servida teria agradado até o mais refinado paladar. Tínhamos frango, pato ou ganso assado ou cozido, carne fresca de carneiro ou porco, pratos com ovos, pudins e tortas de ameixa, sempre acompanhados por presunto, arroz, batatas e legumes e, de sobremesa, frutas secas, nozes, amêndoas, queijos etc. Também não faltaram pães frescos, assados diariamente, e bons vinhos. Todos concordamos unanimemente que nunca fomos tão bem tratados em nenhum outro navio e conseguimos, assim, ver com muito otimismo a viagem que estava a nossa frente.

Já no dia 12 de dezembro vimos a montanha de Santos, e às 21h alcançamos a baía que o capitão acreditou ser a de mesmo nome. Repetidas tochas acesas mantidas a bordo chamavam um piloto ao navio, mas, como nenhum apareceu, fomos obrigados a contar com a sorte e ancorar na entrada da baía.

Na manhã do dia 13 de dezembro um piloto subiu a bordo e nos surpreendeu com a explicação de que não havíamos ancorado na baía certa. Precisou-se de um certo esforço para manobrar o navio para fora dali, e chegamos na baía certa ao meio-

¹⁸⁴ No Hemisfério Sul as estações do ano são exatamente opostas ao Hemisfério Norte; quando é inverno em um lado do Equador, é verão no outro e assim por diante.

dia. Um palacete simpático logo atraiu nossos olhos. Achamos que fosse uma construção já próxima da cidade e nos alegamos em termos alcançado nosso destino temporário tão rápido. Mas, quando chegamos mais perto, não vimos nenhuma cidade e soubemos que a construção era um pequeno forte, e que a cidade de Santos ficava em uma segunda baía, ligada a esta por um pequeno braço de mar. Infelizmente não havia mais vento, e precisamos ficar o dia inteiro ancorados – somente no dia 14 de dezembro, perto do meio-dia, conseguimos uma brisa que nos levou para o porto da cidade.

Santos é uma cidade situada de modo charmoso na entrada de um grande vale. Colinas pitorescas, decoradas com capelas e casas esparsas, erguem-se dos dois lados da cidade, e cadeias de montanhas de altura considerável estão logo atrás, fechando um semicírculo no vale, enquanto uma amável ilha fica no primeiro plano de tudo isso.

Logo que chegamos, o capitão nos informou que ficaríamos ancorados ali por pelo menos cinco dias. Os dois milaneses, um dos franceses e eu decidimos aproveitar este tempo para fazer uma pequena viagem para São Paulo, a maior cidade do interior¹⁸⁵ do Brasil, que fica a 10 léguas¹⁸⁶ de Santos. Na mesma noite conseguimos alugar mulas (cinco mil réis por animal) e começamos a nossa viagem.

15 de dezembro, começo da manhã. Nos armamos com pistolas duplas bem carregadas, já que nos deixaram alarmados com os *pretos-marrons*¹⁸⁷, dos quais cem estariam vagando pelas montanhas com uma audácia tão grande que já teriam se estendido até as proximidades de Santos.

As duas primeiras léguas¹⁸⁸ cruzavam o vale em direção das altas montanhas que teríamos de atravessar. A estrada era muito boa e mais frequentada do que eu jamais vira no Brasil. Belas pontes de madeira atravessam os rios Vicente e Cubatao, sendo que a última é inclusive coberta – mas é claro que para atravessá-la foi necessário pagar um pedágio.

¹⁸⁵ N.T.: Neste momento, a autora usa uma palavra pouco comum no alemão, *Binnenstadt*, e adiciona a seguinte nota: *Binnenstadt* é o nome dado a uma cidade no interior do país, longe do mar.

¹⁸⁶ N.T.: 48,2 km.

¹⁸⁷ Por *preto-marron* se entendem escravos fugidos de seus senhores. Eles normalmente se juntam em grandes grupos e se escondem nas florestas das quais eles com frequência escapam para fazer roubos, ação que com frequência é acompanhada de assassinato.

¹⁸⁸ N.T.: 9,6 km.

Em uma das vendas ao pé da montanha nos fortalecemos com deliciosas panquecas, servidas com cana-de-açúcar, cujo suco foi muito refrescante nesse intenso calor, e então seguimos para escalar a serra de 3400 pés¹⁸⁹ de altura. O caminho foi terrível – íngreme, cheio de buracos, fossos e poças, nas quais nossos animais afundavam repetidamente até acima do joelho. Tivemos de rodear abismos e desfiladeiros, com torrentes de água passando próximas de nós – ainda assim, não conseguimos vê-las, já que a mata verde se fechava sobre nós. Nosso caminho também passava pela floresta, mas ela não era nem tão densa nem tão bonita como as que encontrei durante minha viagem até os puris. Havia poucas palmeiras e as que existiam nos lembravam das de regiões mais frias, por conta de seus troncos mais finos e as copas mais magras.

A vista do alto da serra foi muito surpreendente: todo o vale, com suas florestas e prados, estendia-se bem na nossa frente, até a baía. Os casebres isolados eram quase indistinguíveis, e pudemos ver apenas uma parte da cidade e alguns mastros de navio a distância.

Logo uma curva da estrada nos privou desta vista maravilhosa; deixamos a serra para trás e entramos em uma região montanhosa de florestas, intercaladas com grandes áreas de pasto, cobertas de mato e infestadas de tocas de toupeira.

Na metade do caminho entre Santos e São Paulo há um lugar chamado Rio Grande, com casas que ficam, de acordo com o estilo brasileiro, tão longes uma das outras que ninguém as tomaria como uma unidade. Aqui mora o proprietário das mulas que alugamos para realizar a viagem e onde deveríamos realizar o pagamento por elas. As mulas são trocadas por animais descansados caso o viajante queira continuar seu caminho imediatamente; mas se decidir ficar por meio dia ou durante a noite, recebe boa comida e um quarto limpo sem ter que pagar nada por isso, já que tudo isso está incluso no valor de cinco mil réis.

Nos permitimos comer rapidamente, e então nos apressamos para terminar a segunda parte do nosso caminho antes do pôr-do-sol. Quanto mais perto chegamos da cidade, maior ficava a planície. A beleza do cenário diminui muito e aqui vi, pela primeira vez desde que saí da Europa, campos e morros de areia. A cidade em si, situada no topo de uma montanha, tem uma aparência tolerável; soma 22 mil

¹⁸⁹ N.T.: 1 km.

habitantes e é um lugar importante para o comércio interior do Brasil. Porém, apesar disso, não há nenhuma pousada ou lugar onde estrangeiros possam encontrar acomodações.

Procuramos um albergue e nos indicaram, depois de muitas perguntas, um alemão e um francês, alertando-nos que os dois recebiam hóspedes apenas de favor. Fomos primeiro até o alemão – que nos interrompeu rapidamente dizendo que não tinha mais quartos. Então fomos até o francês, que nos mandou até um português. Quando o alcançamos, ele nos deu a mesma resposta que o alemão.

Agora estávamos muito constrangidos, ainda mais porque a fatigante viagem desgastou tanto o francês que ele mal conseguia se manter na sela.

Nesta situação crítica, lembrei de uma carta de recomendação que tinha recebido do senhor Geiger no Rio de Janeiro, endereçada a um senhor alemão, cujo nome era Loskiel e que se estabelecera aqui. A minha vontade era entregar a carta no dia seguinte, mas, como "a necessidade não tem lei", o procurei naquele mesmo dia.

Ele foi muito gentil e nos recebeu da maneira mais calorosa possível. Hospedou-me e a um dos senhores na sua própria casa, os outros dois foram levados para a casa de um vizinho; fomos todos convidados para comer em sua mesa. Então descobrimos que em São Paulo ninguém, nem mesmo o dono de um hotel ou pousada, recebe um estrangeiro que não tenha uma carta de recomendação – um costume que, por sorte dos viajantes, não é comum em todos os lugares.

16 de dezembro. Depois de termos nos recuperado da viagem do dia anterior, nossa primeira vontade era conhecer as curiosidades da cidade. Perguntamos sobre elas a nosso amigável hospedeiro; ele apenas balançou os ombros e disse que não conhecia nenhuma, a não ser que considerássemos o Jardim Botânico como uma curiosidade.

Sáímos, então, depois do café da manhã, para dar uma olhada pela cidade. Achamos que as construções daqui maiores e mais bonitas em comparação com as do Rio de Janeiro. Mas aqui também não havia nada muito particular ou belo na maneira de se construir. As ruas são largas, mas são notavelmente desertas, e o silêncio só é quebrado pelos insuportáveis rangidos dos carrinhos dos agricultores. Esses carrinhos são compostos por duas rodas ou, melhor, dois discos de madeira, que nem sempre são unidos por uma barra de ferro. Os eixos, normalmente de

madeira, não são lubrificados, o que causa o estilo musical demoníaco ao qual aludi antes.

Uma maneira muito peculiar de se vestir predomina neste clima quente: todos os homens, com exceção dos escravos, usam capas de pano, cuja metade é jogada sobre os ombros; vi até algumas mulheres envoltas em capas longas e largas.

Em São Paulo, há uma escola secundária; os alunos que vêm do interior ou de outras cidades pequenas para estudar aqui sofrem a inconveniência de não serem hospedados por ninguém. São obrigados, então, a alugar e mobiliar uma casa sozinhos, além de cuidar eles mesmos da administração do espaço.

Também vimos algumas igrejas, que oferecem muito pouco para se ver por dentro ou por fora e, por fim, o Jardim Botânico, que além de uma plantação de chás chineses oferece muito pouco de interessante.

Tudo isso ocupou poucas horas, e queríamos voltar para Santos na manhã seguinte. Apenas o francês, que por conta da sua enorme exaustão não nos acompanhou em nossos passeios, nos pediu para adiar a viagem de volta em meio dia, fazendo com que precisássemos pernoitar em Rio Grande.

Nós atendemos seu pedido e partimos no dia 17 de dezembro no começo da tarde, depois de termos agradecido cordialmente nosso anfitrião por ter nos recebido tão bem. Em Rio Grande nos esperou um jantar excelente, quartos confortáveis e um café da manhã muito bom no dia seguinte.

Chegamos em Santos no dia 18 de dezembro ao meio-dia, e somente então o francês revelou que se sentiu tão cansado com a longa viagem (10 léguas¹⁹⁰) que temia estar doente. Porém, se recuperou por completo dentro de alguns dias; mas nos garantiu que não faria qualquer outra excursão em nossa companhia tão cedo.

Nossa primeira pergunta para o capitão foi: "quando vamos levantar âncora?". Nos respondeu educadamente começaríamos a viagem logo depois de 200 toneladas de carvão serem descarregadas e seis mil sacos de açúcar serem carregados. Foi assim que ficamos três longas semanas em Santos.

O único prazer dos senhores neste período era a caça – o meu era passear e coletar insetos.

¹⁹⁰ N.T.: 48,3 km.

Celebramos a chegada do ano de 1847 ainda em Santos, e finalmente tivemos a sorte de nos despedir da cidade no dia 02 de janeiro; mas não chegamos muito longe, já que ainda na baía o vento nos abandonou e só voltou depois da meia-noite. Agora já era domingo, e nenhum inglês verdadeiro vai levantar as velas em um domingo – permanecemos ancorados durante o dia 03 de dezembro inteiro, vendo com melancolia a passagem de dois navios cujos capitães se aproveitaram da brisa, mesmo em um dia sagrado¹⁹¹.

Na mesma noite vimos chegar na baía uma embarcação e nosso capitão afirmou de se tratar de um navio negreiro. Ele se manteve o mais longe possível do forte e ancorou na ponta mais afastada da baía. Como a noite estava muito iluminada pela lua, passeamos até tarde pelo deque e vimos com clareza pequenos botes, carregados de pretos, serem levados até a costa. Um oficial do forte foi até lá para averiguar sobre a agitação do navio; mas os proprietários devem ter dado explicações suficientes, já que ele logo voltou e o contrabando de escravos continuou com calma e sem problemas durante a noite inteira. Na manhã do dia 04 de janeiro, quando passamos pelo navio, vimos vários destes infelizes ainda de pé no deque. O nosso capitão perguntou ao traficante de negros quantos escravos ele tinha a bordo, e ficamos surpresos em saber que a quantidade era de 670. Muito já foi escrito e falado sobre este comércio abominável, execrado por todos os lados e visto como uma mancha na raça humana, mas ele ainda assim continuar a ser praticado.

Este dia acabou sendo sobretudo triste. Mal tínhamos perdido o navio negreiro de vista quando houve uma tentativa de suicídio a bordo. O comissário de bordo, um jovem mulato, desenvolvera um péssimo hábito de consumir bebidas fortes em grandes quantidades. O capitão já o ameaçara com penalidades sérias, mas sem nenhum resultado. Hoje de manhã ele estava tão bêbado que os marinhos precisaram carregá-lo até um canto na parte dianteira do navio, onde poderia dormir até melhorar. Mas, de repente, se levantou num pulo, subiu na borda do navio e se jogou ao mar. Por sorte, estávamos em uma calmaria e o mar estava parado, então ainda havia esperança de salvá-lo. Logo apareceu perto do casco do navio e os homens lhe jogaram cordas de todos os lados. O amor à vida ainda estava aceso em seu peito e fez com que agarrasse involuntariamente as cordas, mas não tinha força o suficiente

¹⁹¹ *Brisas* são os ventos fracos que sopram da terra.

para segurá-las. Afundou novamente e os corajosos marinheiros não pouparam esforços até conseguirem evitar uma morte na água. Mal tinha se recuperado quando tentou se jogar novamente, gritando que não tinha vontade de viver. Estava delirante e o capitão foi obrigado a amarrá-lo pelas mãos e pés no mastro. No dia seguinte, foi tirado de seu posto, tornando-se subordinado de um novo comissário.

05 de janeiro. Principalmente calmarias. Nosso cozinheiro pescou hoje um peixe de três pés¹⁹² de comprimento, notável pela maneira com que mudava de cor. Quando foi tirado da água era amarelo vivo, fato que lhe dá o nome de *dorado*. Mas depois de um ou dois minutos, o amarelo se transformou em um azul céu claro e, depois de sua morte, a barriga voltou a ser amarela, enquanto as costas eram de um verde amarronzado. É tido como uma iguaria – mas pessoalmente achei sua carne um pouco seca.

No dia 09 de janeiro, encontramos-nos na altura da foz do *Rio Grande*. De noite, vimos uma tempestade forte se aproximando; o capitão observava o barômetro a cada instante e dava então ordens de acordo com as indicações. Logo fomos invadidos por nuvens negras e o vento ficou tão intenso que o capitão fechou com cuidado todos os buracos e deixou a tripulação a postos para diminuir as velas. A tempestade nos alcançou logo depois das 20h. Raios e mais raios, um atrás do outro, cortavam o horizonte por todos os lados, iluminando os marinheiros enquanto trabalhavam; o mar agitado brilhava intensamente, o ranger dos trovões silenciava a voz do capitão e as ondas espumantes quebravam com toda força sobre o deque, como se quisessem levar o barco inteiro para as profundezas do oceano. Se não houvessem cordas, nas quais os marinheiros pudessem se segurar, amarradas por todos os lados do deque superior, muitos deles estariam no fundo do mar. Uma tempestade como essa é, na verdade, uma coisa muito particular – sozinhos no meio da imensidade do oceano, longe de qualquer ajuda humana, sente-se que a humanidade está apenas na mão de Deus. Quem continua não acreditando em Deus depois de um momento tão horrível e sublime deve estar preso para sempre com uma profunda cegueira espiritual. Uma alegria serena se apodera da minha alma em momentos de grandes demonstrações da natureza; muitas vezes pedi que me amarassem perto da caixa de controle, deixando que as grandes ondas se quebrassem sobre mim, para absorver

¹⁹² N.T.: 90 cm.

apropriadamente este obstáculo da natureza, sem sentir medo algum, apenas confiança e devoção.

Depois de quatro horas, a tempestade se esgotou e foi seguida por uma grande calmaria.

No dia 10 de janeiro avistamos algumas tartarugas marinhas grandes e uma baleia jovem com cerca de 40 pés¹⁹³ de comprimento.

11 de janeiro. Passamos agora da altura do *Rio Plato*¹⁹⁴ e encontramos temperaturas bem mais baixas.

Até então, não tínhamos tido nem sinal de algas e moluscos; apenas esta noite que vimos, pela primeira vez, alguns moluscos brilhando como estrelas nas profundezas do oceano.

A constelação do "*Cruzeiro do Sul*" brilha com cada vez mais brilho e beleza nestas latitudes, ainda que não seja tão bela quanto é descrita. As estrelas, que são quatro em número e dispostas dessa forma **, são mesmo grandes e brilhantes; mas não inspiram, nem em mim nem em mais ninguém do nosso grupo, mais entusiasmo ou admiração do que qualquer outra constelação. Primeiro que muitos viajantes cultivam em seus relatos um certo exagero; além disso, com frequência descrevem coisas que não viram pessoalmente e só conhecem por terem ouvido dizer sobre elas, e enfeitam o que viram com muita fantasia.

16 de janeiro. Na latitude de 37° Sul, entramos em uma forte correnteza, que ia do sul para o norte, marcada por uma faixa amarela em seu centro. O capitão afirmou que essa faixa era composta por pequenos peixes amarelos. Pedi que jogassem um balde no mar para tirar um pouco de água e realmente achei uma dúzia de criaturas vivas, mas que na minha opinião se assemelham mais a moluscos do que a peixes. Eles tinham $\frac{3}{4}$ de polegada¹⁹⁵ de comprimento e são tão transparentes quanto as mais delicadas bolhas de água; tinham pontos amarelos e brancos na parte da frente e algumas antenas na parte de baixo.

Na noite entre o dia 20 e 21 de janeiro, uma tempestade violenta nos atingiu e danificou o mastro principal de uma forma tão intensa que o capitão pretende parar,

¹⁹³ N.T.: 12,1 m.

¹⁹⁴ O *Rio Plato* é um dos maiores rios do Brasil.

¹⁹⁵ N.T.: 1,9 cm.

assim que possível, em um porto para que ele seja consertado. Por ora, ele foi fixado com cabos, correntes de ferro e amarras.

Na latitude de 43° Sul vimos as primeiras algas. O calor já tinha diminuído bastante; tínhamos com frequência entre 12° e 14° Ré¹⁹⁶.

23 de janeiro. Estávamos tão perto da Patagônia que conseguimos distinguir o contorno da costa.

26 de janeiro. Continuamos perto da costa. Em 50° Sul avistamos as montanhas calcárias da Patagônia. Hoje passamos também pelas Ilhas Falkland, que se estendem entre 51° e 52° Sul, mas não as vimos, já que estamos nos mantendo o mais perto possível da costa para não perdermos a entrada do Estreito de Magalhães. O capitão está estudando há dias um livro inglês que, segundo sua opinião, comprova claramente que a viagem pelo estreito é menos perigosa e significativamente mais curta do que a travessia do Cabo Horn. Eu lhe perguntei como que este livro tão importante é desconhecido por outros navios, e porque os navios que iam para oeste da América davam a volta pelo Cabo Horn. Não soube me responder, disse apenas que o livro era muito caro e que quase ninguém o comprava¹⁹⁷.

Para mim, a ousada ideia do capitão era muito bem-vinda. Já imaginava os nativos da Patagônia, com seus seis pés de altura¹⁹⁸ em seus barcos, e queria trocar com eles suas conchas, plantas, adornos e armas pelas minhas fitas e meus lenços coloridos. E para fechar com chave de ouro, o capitão disse que pararíamos em *Port Famine* (um porto da Patagônia), para substituir a parte superior do nosso mastro. Eu estava, em segredo, muito agradecida pela tempestade que deixara nosso navio em seu estado atual.

Mas esses sonhos e esperanças se frustraram cedo demais. No dia 27 de janeiro, mediu-se a latitude e longitude e descobrimos que o Estreito de Magalhães estava a 27' (ou milhas náuticas¹⁹⁹) para trás. Como agora o vento estava parado, o

¹⁹⁶ N.T.: 15° C e 17,5° C, respectivamente.

¹⁹⁷ Outros capitães me disseram que a viagem pelo Estreito de Magalhães só é possível com navios de guerra, já que exige uma quantidade muito grande de marinheiros para ser realizada. O navio precisa ser ancorado todas as noites e os marinheiros precisam estar a postos constantemente, para ajustar as velas de acordo com os ventos que ocorrem constantemente.

¹⁹⁸ N.T.: 1,82 m.

¹⁹⁹ N.T.: Minutos, aqui, não se refere à medida de tempo, mas sim à medida de espaço. Cada grau de longitude é dividido em 60 minutos. O valor mencionado pela autora é referente a 50 km.

capitão prometeu que, assim que um vento favorável aparecesse, voltaríamos e tentaríamos encontrar o estreito novamente.

Não acreditei mais nisso, e fiz bem. Ao meio-dia, nos alcançou uma brisa quase imperceptível, anunciado pelo radiante capitão como favorável – para atravessar o Cabo Horn. Se quisesse seriamente passar pelo Estreito, só precisaria ficar em cruzeiro por algumas horas, porque logo o vento mudou, virando-se exatamente para a direção desejada.

29 de janeiro. Estávamos tão próximos da Terra do Fogo que podíamos observar a olho nu cada arbusto. Poderíamos ter alcançado a terra em uma hora, já que vez ou outra estávamos parados em calmarias; mas o capitão não deu permissão para tal, já que o vento poderia mudar de uma hora para outra.

A costa parecia relativamente íngreme, mas não muito alta; na nossa frente, pastos escassos e superfícies de areia se intercalavam e, ao fundo, se erguem cadeias de montanhas e, ainda para trás, montanhas cobertas de neve. No geral, esta terra pareceu-me mais habitável que a ilha da Islândia, que visitei há um ano e meio. A temperatura também deve ser um pouco mais alta aqui, mesmo no mar os termômetros marcavam entre 10° Ré e 12° Ré²⁰⁰.

Vi três tipos diferentes de algas, mas só consegui obter um exemplar de uma delas. Ela se assemelha muito àquela que já tinha visto no 44° Sul. A segunda não era muito diferente disso – somente a terceira tinha folhas pontudas, que juntas formavam um leque de alguns pés de altura e comprimento.

No dia 30 de janeiro passamos perto da Ilha dos Estados, que fica entre as latitudes 56° e 57° Sul, é composta por montanhas altas de pedra e está separada da Terra do Fogo por um braço de mar de cerca de sete milhas²⁰¹ de comprimento e extensão chamado *Le Maire*.

Como bom marinheiro, o capitão nos contou que, na primeira vez que ele passou por este estreito, seu navio havia dançado por conta de uma forte correnteza e acabara girando *mil* vezes durante a passagem. As falas do capitão já haviam perdido muita de sua verdade para mim, mas ainda assim não tirei meus olhos de um brigue de Hamburg que velejava na nossa frente, pois queria vê-lo dançar com força – mas não foi o caso nem com ele nem com o nosso barco. Nenhum dos barcos girou

²⁰⁰ N.T.: 12,5° C e 15° C, respectivamente.

²⁰¹ N.T.: 11,2 km.

sequer *uma vez*, e a única coisa notável eram as ondas volumosas e cheias de espuma no estreito, enquanto nas suas extremidades o mar estava majestosamente calmo. Em uma hora havíamos passado pelo estreito, e tomei a liberdade de perguntar ao capitão porque nosso navio não tinha dançado. Respondeu que nada havia ocorrido porque tínhamos tanto o vento como a correnteza a nosso favor. É possível que, em outras circunstâncias, o navio tivesse de fato virado algumas vezes, mas duvido que mil vezes.

Este era, aliás, o número favorito do nosso bom capitão. Um dia, um dos senhores do nosso grupo perguntou-lhe sobre os melhores hotéis de Londres e recebeu a resposta de seria impossível saber seus nomes, já que existem mais de 1000 hotéis de primeira classe na cidade.

Depois do estreito *Le Maire* começa, segundo os marinheiros, a parte perigosa da viagem pelo Cabo Horn, que só terminará na altura da saída oeste do Estreito de Magalhães. Assim que entramos nesta parte fomos recebidos com duas rajadas violentas de vento, cada uma delas durando cerca de meia hora; elas vêm dos desfiladeiros de montanhas congeladas da Terra do Fogo, rasgaram duas velas e quebraram a verga, ainda que os marinheiros reagissem rápidos e em grande número. A distância do fim do Estreito *le Maire* até a ponta mais distante do Cabo não é maior do que 60' ²⁰², e precisamos de três dias para essa distância insignificante.

Finalmente, no dia 03 de fevereiro, chegamos até a ponta sul da América, tão temida pelos marinheiros. Montanhas pontudas e carecas, das quais uma se assemelha a uma cratera, formam o fim da poderosa cadeia de montanhas, e um grupo magnífico de pedras colossais (basalto?), em todas as formas e tamanhos, espalham-se pela frente, separadas das montanhas por um pequeno braço de mar. O ponto mais alto do Cabo Horn tem 600 pés²⁰³ de altura. Neste momento, segundo a *Geografia*, o *Oceano Atlântico* muda de nome e se torna o *Oceano Pacífico*²⁰⁴. Os marinheiros, porém, não lhe dão este nome antes de passarem pela altura do Estreito de Magalhães porque, até este ponto, o mar se mantém constantemente tempestuoso e agitado. Nós vivemos isso na pele: tempestades fortes atingiram-nos a partir dos

²⁰² N.T.: 112 km.

²⁰³ N.T.: 182,8 m.

²⁰⁴ N.T.: A autora usa a expressão "*das stille Weltmeer*", ou o mar mundial calmo - da qual deriva o nome Oceano Pacífico.

60° Sul, quebraram o mastro que, apesar do mar agitado, precisou ser trocado ali mesmo, e balançaram o barco com tanta força que várias vezes não conseguíamos comer à mesa – ficamos agachados no chão, segurando os pratos com as mãos. Em um destes belos dias, o comissário tropeçou, derrubando o conteúdo fervente do bule de café que segurava em mim. Felizmente, foi apenas uma parte pequena que caiu na minha mão e o acidente não foi muito grande.

Depois de uma luta de 14 dias contra tempestades e ondas, chuva e frio²⁰⁵, alcançamos finalmente a altura do Estreito de Magalhães na costa oeste e deixamos para trás, com isso, a parte mais perigosa da nossa viagem.

Vimos apenas raramente baleias ou albatrozes durante estes 14 dias, e nenhum iceberg.

Pensamos que navegaríamos com calma neste mar quieto, confiando muito em seu nome sossegado, mas só houve três dias completamente bons; na noite entre os dias 19 e 20 de fevereiro, uma tempestade digna do Oceano Atlântico nos alcançou. Durou quase 24 horas e nos custou quatro velas. O maior dano nos foi provocado pelas ondas, que batiam com tanta violência no navio que quebraram uma tábua do deque superior e invadiram o carregamento de açúcar. O deque em si se assemelhava a um lago, e foi preciso abrir buracos no baluarte para que a água saísse mais rápido. Duas polegadas²⁰⁶ de água saiam do navio por hora. Não podíamos acender nenhum fogo, e fomos obrigados a nos contentar com pão, queijo e presunto cru, que levamos a boca com muita coragem e agachados no chão.

O resto de óleo combustível que tínhamos também foi vítima dessa tempestade – a embalagem foi arrancada de seu lugar e se quebrou em muitos pedaços. O capitão estava com muito medo de não termos iluminação suficiente para as bússolas até chegarmos em Valparaíso, então todas as lâmpadas do navio foram trocadas por velas e o resto de óleo foi reservado para o controle do navio. Apesar de todos estes inconvenientes, permanecemos de bom humor, e quase não conseguimos segurar o riso com as posturas estranhas nas quais parávamos quando tentávamos nos levantar durante a tempestade.

²⁰⁵ Os termômetros caíram para 6° Ré ou 7° Ré durante o dia e 1° Ré ou 2° Ré abaixo de zero durante a noite. N.T.: 7,5° C, 8,7° C, -1,2° C, -2,5° C.

²⁰⁶ N.T.: 5 cm.

O resto da viagem até Valparaíso foi calma, mas muito desagradável. Nosso capitão queria fazer uma chegada brilhante em Valparaíso, para que todos acreditassem que ondas e tempestades não podiam fazer nada contra o seu navio. Portanto, mandou que o navio fosse pintado de cima a baixo com tinta à óleo – nem mesmo as pequenas portas das cabines foram poupadas desta terrível pintura. O carpinteiro não se contentou em perturbar apenas o que estava acima de nossas cabeças e aaach!, entrou nas cabines, cobrindo nossas coisas com poeira e serragem. Não restou a nós, pobres viajantes, nenhum canto seco e sossegado no navio. O capitão Bell nos tratou tão bem durante a viagem inteira quanto nos irritou nestes últimos cinco ou seis dias. Mas não havia nada a ser dito ou feito, já que o capitão é o único senhor de seu navio, não havendo nenhuma constituição que limite seu poder déspota.

No dia 02 de março de 1847, às 6h, chegamos ao Porto de Valparaíso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando saiu de casa para viajar pela primeira vez, Pfeiffer não tinha certeza do que encontraria – cogitava inclusive que não retornaria viva para casa, tamanha era a incerteza. Ainda assim, se tornou uma grande viajante, esteve em todos os continentes (com exceção da Antártida) e publicou cinco livros sobre suas aventuras. De modo semelhante, eu comecei o processo de pesquisa e tradução apenas com hipóteses de onde eu chegaria.

Pfeiffer parte de seu contexto cultural, de suas experiências pessoais e do imaginário de seu tempo e seu círculo de influências sobre o mundo (o que é manifesto em sua escrita). Ao viajar, esse imaginário é posto a prova pelo contato com tantos outros imaginários e maneiras de ver o mundo. A viagem se torna um processo de transformação e *Bildung* de seu conhecimento, de sua opinião e de si mesma, e a autora se coloca ativamente no processo em que se torna passível de transformação.

Quando se propõe a escrever e publicar, Pfeiffer compartilha suas experiências e opiniões com um público maior. As versões da história tal qual apresentadas por ela passam a fazer parte de um grupo – que passa a ter uma visão minimamente diferente da anterior. Seus escritos, que são também registros das transformações que viveu individualmente, contribuem, portanto, na (trans)formação do imaginário de seus leitores sobre o Brasil ou os outros países visitados por ela. É um processo de *Bildung* que acontece por meio da leitura e da literatura – um contato com um outro que é tanto a escritora em si (mostrando a viagem e o mundo a partir do ponto de vista de uma mulher) e o outro narrado pela mediação dela.

Ao apresentar a tradução da obra, creio ter também contribuído com um processo de *Bildung*. Ao relacionar o texto com discursos atuais, revelo dele outras facetas, contribuindo para uma (trans)formação do próprio relato. Mas, mais que isso, acredito que a pesquisa contribui com o pensamento brasileiro sobre discursos sobre o Brasil e sobre relatos de viagem.

O grande esforço desta pesquisa foi mostrar Ida Pfeiffer em sua complexidade. Resumir as narrativas dos viajantes europeus a preconceituosas é limitador – ainda que essa seja uma verdade dessas obras. Pfeiffer também foi uma mulher aventureira, uma escritora irreverente, uma viajante corajosa. Todas essas histórias descrevem a austríaca.

Apresentar Pfeiffer em seu contexto histórico, assim como o contexto do gênero de literatura de viagem, é mostrar as restrições com as quais o conhecimento era produzido, para usar uma expressão de Mills (1991). Pensar a *Bildung* como um conceito central para a cultura em que Pfeiffer estava inserida e percebê-lo em relação de proximidade com a produção da autora é entender os valores e objetivos que buscava. Pensar as características textuais é identificar como tudo isso se manifesta textualmente.

Tudo isso foi levado em consideração durante a tradução, o que resulta em um texto que é outro. Um texto que foi confrontado com teorias decoloniais de Mills e Pratt. Um texto que inescapavelmente é produzido 174 anos depois da versão original – e que leva em consideração o que aconteceu em quase dois séculos de história. Um texto consciente das mudanças linguísticas que se dão na língua por questões raciais. Um texto que é uma *Bildung* da própria obra.

O texto de Pfeiffer é uma contribuição para a formação e *Bildung* do imaginário sobre o Brasil na época que foi lançado. Traduzi-la e estudá-la são maneiras de promover uma *Bildung* no pensamento sobre ela. Mas, sobretudo, ler a obra dela hoje é propor uma *Bildung* para nós mesmos. As leis abolicionistas do Brasil entraram em vigor 42 anos depois da visita de Pfeiffer, mas a diferença racial nunca foi completamente superada. Várias das diferenças no país hoje já apareciam, de alguma forma, em seu texto – e algumas chegaram a ser criticadas.

Enquanto pesquisadora e tradutora, é impossível acessar um tema ou uma obra sem ser quem eu sou. Somos, assim como propus ler Pfeiffer, pessoas do nosso tempo, com todas as restrições que nos são impostas. Assim, o trabalho do tradutor é um trabalho de decisões sobre como transformar um texto – e, ao transformar um texto, permitir que ele também se (trans)forme.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma histórica única**. 2009. Disponível em <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>. Acesso em 31 de dezembro de 2019.
- AGASSIZ, Luís e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil**. 1865–1866. Brasília: Biblioteca do Senado, 2000. Disponível em <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1048/584305.pdf?sequence=4&isAllowed=y>>. Acesso em 03 de janeiro de 2020.
- AUGUSTAT, Claudia. A missão austríaca no Brasil de 1817 a 1835. In: **Olhares Cruzados: Áustria–Brasil**. 2016.
- BAVIERA, Teresa da. **Viagem pelo Espírito Santo: viagem pelos trópicos brasileiros**. Tradução de Júlia Bentivoglio. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.
- BERMAN, Antoine. Bildung et Bildungsroman. **Le temps de la réflexion**, v. 4, Paris, 1983.
- _____. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica**. Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- BINZER, Ina von. **Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**. Tradução de Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz&Terra, 2017.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. Lisboa: Glaciari, 2014.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CASTRO, Silvio. **A Carta de Pero Vaz de Caminha: O descobrimento do Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- COSTA, Maria de Fátima G.; DIENER, Pablo; STRAUSS, Dieter. **O Brasil de hoje no espelho do século XIX: artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DARWIN, Charles. **O diário do Beagle**. Tradução de Caetano Galindo. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- ETTE, Ottmar. **Literatura en movimiento: espacio y dinámica de una escritura transgresora de fronteras en Europa y América**. Tradução de Rosa María S. de Maihold. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.
- _____. **Alexander von Humboldt und die Globalisierung**. Frankfurt am Main und Leipzig: Insel Verlag, 2009.
- FISCHER, Monika. **Cultural Memory and Travel Writing: the case of Ida Pfeiffer**. In: International Journal of Arts and Humanities, Nova York, v. 2, n. 4, p. 64 - 74, ago. 2016.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org). **Mulheres viajantes no Brasil: antologia de textos de Jemima Kindersley, Elizabeth Macquarie, Rose Freycinet**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

- _____. **A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**: antologia de textos (1591–1808). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.
- FREYCINET, Jemima. Os diários de Rose Freycinet. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org). **Mulheres viajantes no Brasil**: antologia de textos de Jemima Kindersley, Elizabeth Macquarie, Rose Freycinet. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. Vols. 1 e 2.
- GRAHAM, Maria. **Journal of a Voyage to Brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823**. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green, 1824.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm**. 1854 Disponível em <http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=DWB&mode=Vernetzung&lemid=GB07250#XGB07250> Acesso em 06 de dezembro de 2019.
- GUARDIA, Sara Beatriz (org.). **Viajeras entre dos mundos**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.
- HABINGER, Gabriele. **Ida Pfeiffer: eine Forschungsreisende des Biedermeier**. Viena: Milena Verlag, 2004.
- _____. **Frauen reisen in die Fremde**. Viena: Promedia Verlag, 2006.
- _____. **Ida Pfeiffer „Wir leben nach Matrosenweise“** - Briefe einer Weltreisenden des 19. Jahrhunderts. Wien: ProMedia Verlag, 2008.
- _____. **Eine Wiener Biedermeierdame erobert die Welt**: Die Lebensgeschichte der Ida Pfeiffer. Viena: Promedia Verlag, 2014.
- HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs). **Wilhelm von Humboldt**: Linguagem, Literatura e Bildung. Florianópolis: UFSC, 2006.
- HODGSON, Barbara. **No place for a Lady**: Tales of Adventurous Women Travelers. Berkeley: Ten Speed Press, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.
- HUMBOLDT, Alexander von. **Zwei Briefe Alexanders von Humboldt an Frau Ida Pfeiffer**. Publicação Desconhecida. Fevereiro de 1856. Wienbibliothek im Rathaus, Handschriftensammlung.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KINDERSLEY, Jemima. As cartas de Jemima Kindersley. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org). **Mulheres viajantes no Brasil**: antologia de textos de Jemima Kindersley, Elizabeth Macquarie, Rose Freycinet. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- KONSTANTINJE, Maximiliano E. The Origin and Meaning of Tourism: Etymological Study. In: **e-Review of Tourism Research**. Vol. 5, Nr. 5, 2007. Pgs. 100 a 108. Disponível em https://www.academia.edu/353007/The_Origin_and_Meaning_of_Tourism_Etymological_Study Acesso em 27 de agosto de 2019.
- LERCHER, Marie-Christin. Humor als Bewältigungsstrategie von Fremde: Beobachtungen zu Ida Pfeiffers Reisebericht über Madagaskar. In: **Humor**: Grenzüberschreitende Spielarten eines kulturellen Phänomens. Göttingen: Universitätsverlag Göttingen, 2008.

LIFCHITZ MOREIRA LEITE, Miriam. **Livros de viagem** (1803-1900). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. Mulheres viajantes no século XIX. In: **Cadernos Pagu**, n.15, p. 129-143. Disponível em

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635570>>

LUBRICH, Oliver. Alexander von Humboldt: Revolucionando a Literatura de Viagem. In: **Floema**, v. 6, n. 6, p. 31-71, jan./jun. 2010. Disponível em: <

<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/499/538>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

MACQUARIE, Elizabeth. Impressões de viagem de Elizabeth Macquarie. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org). **Mulheres viajantes no Brasil**: antologia de textos de Jemima Kindersley, Elizabeth Macquarie, Rose Freycinet. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MARTINS, Luiz Renato. Introdução: Cena Originária. In: VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo**: Cartas de viagens e descobertas. Porto Alegre: L&PM, 1984.

MAZZARI, Marcus Vinícius. Apresentação. In: GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MILLS, Sara. **Discourses of Difference**: an analysis of women's travel writing and colonialism. London and New York: Routledge, 1991.

MONTEZ, Luiz Barros. Relatos de viagens como objetos de reflexão historiográfica e da prática tradutória. **Cadernos de Tradução**, [s.l.], p.277-298, 30 out. 2014.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v3nespp277>.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução: Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ODONAI, Jean Godin des. Carta do Sr. Godin de Odonais ao Sr. de La Condamine. In: CONDAMINE, Charles-Marie de la. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. Pgs. 177-200.

PFEIFFER, Ida. **Brief an Joseph Winter**. Oceano Pacífico, 29 de Junho de 1847. Wienbibliothek im Rathaus, Handschriftensammlung.

_____. **Eine Frauenfahrt um die Welt**: Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Ost-Indien, Persen und Kleinasien. Wien: Verlag von Carl Herold, 1850.

_____. **A woman's journey round the world**: From Vienna to Brazil Chili, Tahiti, China, Hindostan, Persia, and Asia Minor. Tradução anônima. London: Strand, 1851.

_____. **Eine Frau fährt um die Welt**. Die Reise 1846 nach Südamerika, China, Ostindien, Persien und Kleinasien. Viena: Promedia, 2005.

_____. **Ida Pfeiffer: Ausgewählte Werke**: Eine Frauenfahrt um die Welt + Meine Zweite Weltreise + Reise nach Madagaskar + Reise einer Wienerin in das Heilige Land ... den Kannibalen und mehr (German Edition) . Musaicum Books. Edição do Kindle.

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino**: quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PRATT, Mary-Louise. Scratches on the face of the country; or what Mr. Barrow saw in the land of the Bushmen. In: **Critical Inquiry**, vol 12, n.1, 1985. p. 119-143.

_____. **Imperial Eyes: travel writing and transculturation**. Nova York: Taylor & Francis, 2003.

SANTOS GOMES, Flávio dos. Quilombos/Remanescentes de quilombos. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; _____. **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre as imagens: entre a convenção e a ordem. In: _____; Santos Gomes, Flávio dos. **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SERRANO, Sónia. **Mulheres Viajantes**. Lisboa: Tinta da China, 2017.
- SILVA ROSA, Manuel da. **Portugal e o segredo de Colombo**. Loures: Alma dos Livros, 2019.
- SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- Strohmeyr, Armin. **Abenteuer reisender Frauen: 15 Porträts**. München: Piper, 2012.
- SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). **Kriterion** v.46 n.112 Belo Horizonte dez. 2005 Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2005000200005>>. Acesso em 05 de dez. de 2019.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TAYLOR, James. **A viagem do Beagle**: A extraordinária aventura de Darwin a bordo do famoso navio de pesquisa do capitão FitzRoy. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- Wiener Telegraph. "Eine gelehrte Reisende", Karikatur von Ida Pfeiffer, aus: Wiener Telegraph, 1855, nr. 215. In: HABINGER, Gabriele. **Ida Pfeiffer: eine Forschungsreisende des Biedermeier**. Viena: Milena Verlag, 2004.
- WULF, Andrea. **A invenção da natureza**. São Paulo: Planeta, 2016.

ANEXO

FIGURA 4: Ida Laura Reyer-Pfeiffer por Franz Hanfstaengl.



FONTE: Franz Hanfstaengl, 1856.